

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE
O FENÓMENO LITERÁRIO DO ANO



A PROFESSORA

Há regras que não se podem quebrar.

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER* MUNDIAL *A CRIADA*

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FREIDA McFADDEN

A PROFESSORA

Tradução de
Carla Ribeiro



info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

The Teacher © 2023 Freida McFadden
Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC.,
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.

Título: *A Professora*
Título original: *The Teacher*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Mariana Cunha
Paginação: Maria João Silveira
Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafiessa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 534844/24
1.^a edição: Agosto de 2024
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para a minha família

Prólogo

Cavar uma sepultura dá uma trabalhadeira. Dói-me o corpo todo. Músculos que nem sabia que tinha gritam de dor. De cada vez que ergo a pá e tiro mais um pouco de terra, é como se tivesse uma faca a cravar-se num músculo atrás da minha omoplata. Pensava que era só osso, mas é óbvio que estava enganada. Estou plenamente ciente de cada fibra muscular em todo o meu corpo, e dói-me cada uma delas. Tanto.

Paro por um momento, largando a pá, para dar um pouco de alívio às bolhas que brotam nas minhas palmas. Limpo o suor da testa com as costas do antebraço. Agora que o sol se pôs, a temperatura desceu para valores negativos, a julgar pelo gelo no chão. Deixei de sentir frio ao fim da primeira meia hora. Há quase uma hora que tirei o casaco.

Quanto mais fundo vou, mais fácil se torna cavar. A primeira camada de terra foi quase impossível de penetrar, mas, por outro lado, nessa altura, tinha outra pessoa a ajudar-me. Agora, sou só eu.

Bem, eu e o *cadáver*. Mas não me parece que esse me vá ajudar.

Semicerro os olhos ao negrume do buraco. Parece um abismo, mas não deve ter muito mais de sessenta centímetros, na verdade. Será que tenho de escavar muito mais? Sempre ouvi falar em sete palmos de terra, mas presumo que isso seja para sepulturas oficiais – não para as não identificadas no meio dos bosques. Mas se não quero que ninguém descubra o que está aqui enterrado, talvez seja melhor ir mais fundo.

Pergunto-me a que profundidade teria de enterrar o corpo para que os animais não o consigam cheirar.

Estremeço quando uma rajada de vento me arrefece a camada de suor na pele.

A cada minuto que passa, a temperatura desce mais. Tenho de voltar ao trabalho. Vou cavar um pouco mais, para jogar pelo seguro.

Ao pegar novamente na pá, todos os pontos doridos no meu corpo lutam para ser o centro das atenções. Neste momento, as minhas mãos são as vencedoras óbvias – doem mais do que tudo. O que não daria por um par de luvas de cabedal... Mas só tenho um par de luvas grandes e acolchoadas, e não consigo agarrar na pá normalmente. Portanto, terei de me desenrascar com as minhas mãos, sem luvas e com bolhas.

Quando o buraco ainda estava pouco profundo, conseguia escavar sem ter de ir lá para dentro, mas agora a única forma de poder continuar é ao entrar nele. Parece-me que estar dentro de uma sepultura é chamar o azar. Acabamos todos num destes buracos, mais cedo ou mais tarde, mas também não é preciso tentar o destino. Infelizmente, neste momento, é inevitável.

Quando vou a cravar a pá na terra seca e dura novamente, os meus ouvidos arrebitam. Está um silêncio profundo aqui nos bosques, à exceção do vento, mas tenho a certeza de que ouvi qualquer coisa.

Crás!

Lá está ele outra vez... Parece quase um ramo a partir-se ao meio, ainda que não consiga perceber se foi atrás de mim ou à minha frente. Endireito-me e semicerro os olhos à escuridão. Estará aqui alguém?

Se estiver, estou em grandes apuros.

– Olá? – chamo. A minha voz é um sussurro rouco.

Ninguém me responde.

Aperto a pá na mão direita, ouvindo o mais atentamente possível. Sustenho a respiração, silenciando o som do ar a entrar e a sair dos meus pulmões.

Crás!

É outro ramo a partir-se ao meio. Dessa vez, tenho a certeza. Além disso, o som está mais perto do que da última vez.

E agora oiço folhas a farfalhar.

Sinto um aperto no estômago. Nem pensar que consigo arranjar uma desculpa para me safar disto. Nem pensar que consigo fingir que é tudo um grande mal-entendido. Se alguém me vir, acabou-se. Estou feita, com algemas nos pulsos,

um carro da polícia com as sirenes no máximo, prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional – tudo isso.

Mas então, ao luar, capto o vislumbre de um esquilo a correr para a clareira. Ao passar por mim, outro galho estala sob o peso do seu pequeno corpo. Quando o esquilo desaparece na clareira, os bosques voltam a mergulhar num silêncio sepulcral.

Não era uma pessoa, afinal. Era só um animal selvagem. O som que me pareciam passos era apenas o de patinhas apressadas.

Solto um suspiro. O perigo imediato passou, mas isto ainda não acabou. Longe disso. Não tenho tempo para fazer nenhuma pausa. Tenho de continuar a cavar.

Afinal, tenho de enterrar este corpo antes que o sol nasça.

PRIMEIRA PARTE

TRÊS MESES ANTES

As pessoas passam a vida a dizer-me que tenho muita sorte. Dizem que tenho uma bela casa e uma carreira gratificante e sou constantemente elogiada pelos meus sapatos. Mas não tenho ilusões. Quando as pessoas me dizem que tenho sorte, não se referem à minha casa, à minha carreira nem sequer aos meus sapatos. Referem-se ao meu marido. Referem-se ao Nate.

O Nate trauteia para si mesmo enquanto escova os dentes. Precisei de quase um ano a escovar os dentes ao lado dele de manhã para me aperceber de que é sempre a mesma canção: *All Shook Up*, de Elvis Presley. Quando lhe perguntei por isso, ele riu-se e contou-me que a mãe lhe ensinou que a canção tem exatamente dois minutos, que é o tempo que é suposto passarmos a escovar os dentes.

Comecei a odiar a canção com cada fibra do meu ser.

A mesma canção maldita todas as manhãs durante oito anos de casamento. Provavelmente, podia resolver o problema se não escovássemos os dentes ao mesmo tempo todas as manhãs, mas fazemo-lo sempre. Tentamos maximizar a eficiência na casa de banho de manhã, uma vez que saímos ao mesmo tempo e vamos para o mesmo lugar.

O Nate cospe pasta de dentes para o lavatório e enxagua a boca. Eu já acabei de escovar os dentes, mas deixo-me ficar. Vejo-o agarrar no elixir bucal e gargarejar com o líquido azul cáustico.

– Não sei como aguentas isso – comento. – Sabe-me a ácido.

Volta a cuspir para o lavatório e sorri-me. Tem uns dentes perfeitos, retos e brancos, mas não ao ponto de se ter de desviar o olhar.

– É *refrescante*. A higiene é uma virtude, sabias?

– É horrível. – Estremeço. – Não me beijos depois de gargarejar com essa coisa.

O Nate ri-se. Suponho que tem graça porque ele raramente me beija, de qualquer forma. Um beijo superficial ao separarmo-nos de manhã, outro ao cumprimentarmo-nos à noite e depois mais um antes de nos deitarmos. Três beijos por dia. A nossa vida sexual é igualmente regrada: ao primeiro sábado de cada mês. Costumava ser todos os sábados, depois passou a sábado sim, sábado não, e agora, nos últimos dois anos, assentámos no padrão atual. Sinto-me tentada a programá-lo no nosso calendário partilhado do *iPhone* como compromisso periódico.

Pego no secador para eliminar a humidade residual do meu cabelo, enquanto o Nate passa uma mão pelos fios curtos do cabelo castanho, pegando em seguida numa lâmina para barbear o rosto. Ao ver-nos a ambos ao espelho, é difícil negar o simples facto de que o Nate é de longe o mais atraente dos dois. É incontestável.

O meu marido é incrivelmente bem-parecido. Se alguém fizesse um filme sobre a sua vida, teria de sondar as estrelas de Hollywood mais sensuais para o papel. Cabelo castanho-escuro, curto, mas denso, feições cinzeladas, um sorriso de esguelha adorável, e, agora que comprou aquele conjunto de pesos que temos na cave, um peito que se tem vindo a transformar em músculo maciço.

Eu, por outro lado, sou muito banal. Tive trinta anos para aceitar isso, e não tenho o menor problema com o facto de os meus olhos castanho-lama nunca terem o brilho brincalhão dos do Nate, de o meu cabelo castanho baço se limitar a pender sem jeito do meu couro cabeludo e de nenhum dos meus traços ter o tamanho certo para o meu rosto. Sou demasiado magra, com ângulos perigosamente acentuados e sem curvas dignas de menção. Se alguém fizesse um filme sobre a minha vida... Bem, nem adianta falar nisso, pois tal seria impossível. Não se fazem filmes sobre mulheres como eu.

Quando as pessoas dizem que tenho sorte, o que querem dizer é que o Nate é muita areia para a minha camioneta. Mas sou um pouco mais nova, portanto, pelo menos, tenho isso a meu favor.

Saio da casa de banho para acabar de me vestir, e o Nate segue-me para fazer o mesmo. Escolho uma blusa branca elegante, de abotoar até ao pescoço, e combino-a com uma saia bege. Na Nova Inglaterra, só temos três meses para usar saias – quatro, com sorte. Depois de vestir uns *collants*, enfio os pés nuns sapatos pretos de salto agulha *Jimmy Choo*. Só depois de os ter calçados é que me apercebo de que o Nate me está a observar, com a gravata castanha ainda por apertar pendurada ao pescoço.

– Eve – diz ele.

Já sei o que vai dizer e espero que não o faça.

– Hum?

– Esses sapatos são novos?

– Estes? – Não ergo o olhar. – Não. Já têm anos. Na verdade, acho que os usei no primeiro dia de aulas do ano passado.

– Oh. Está bem...

Não acredita em mim, mas olha para os seus próprios sapatos – uns *mocassins* de couro castanho que são bastante antigos – e não diz mais nada. Quando está perturbado, nunca grita. De vez em quando, repreende-me por coisas que não devia ter feito, mas até isso já é raro. O meu marido é admiravelmente sereno. E, nesse sentido, suponho que tenho *mesmo* sorte.

Enquanto aperta os botões dos punhos da camisa, o Nate olha para o relógio.

– Estás pronta para sair? Ou queres tomar o pequeno-almoço?

Tanto eu como o Nate trabalhamos na Escola Secundária de Caseham, e hoje é o primeiro dia de aulas. Eu dou aulas de Matemática e ele de Inglês. Ele deve ser o professor mais popular em toda a escola, especialmente agora que o Art Tuttle partiu. A Shelby, a minha amiga e colega, disse-me que o Nate ficou em primeiro lugar na lista que as finalistas fizeram dos cinco professores mais atraentes da Secundária de Caseham. Ganhou com uma esmagadora maioria.

Raramente vamos juntos para o trabalho de manhã. Parece excessivo levarmos dois carros diferentes para irmos para o mesmo sítio, mas ele fica sempre na

escola até mais tarde do que eu, por isso não quero ficar lá presa. Uma vez que hoje é o primeiro dia de aulas, porém, vamos fazer a viagem juntos.

– Vamos – digo. – Tomo café na escola.

O Nate assente. Nunca toma o pequeno-almoço – diz que lhe dá a volta ao estômago.

Os meus *Jimmy Choo* matraqueiam satisfatoriamente contra o soalho ao dirigir-me à porta da frente da nossa casa de dois andares. É uma casa pequena – tivemos de a pagar com dois salários de professores –, mas é nova e, em muitos aspetos, é a casa dos meus sonhos. Temos três quartos, e o Nate tem falado em encher os outros dois de filhos no futuro próximo, ainda que não saiba muito bem como vamos conseguir fazer isso com a nossa rotina atual de intimidade. Deixei de tomar a pílula há um ano, só para «ver o que acontece», e até agora tem sido um grande nada.

O Nate sobe para o lugar do condutor do seu *Honda Accord*. Sempre que vamos a algum lado juntos, levamos sempre o carro dele e é sempre ele a conduzir. Faz parte da nossa rotina: três beijos por dia, sexo uma vez por mês e é sempre o Nate que conduz.

Tenho tanta sorte. Tenho uma casa maravilhosa, uma carreira gratificante e um marido amável, meigo e incrivelmente bonito. Enquanto o Nate sai com o carro para a estrada e começa a conduzir em direção à escola, a única coisa em que consigo pensar é que espero que um camião passe um sinal vermelho, esbarre contra o *Honda* e nos mate instantaneamente aos dois.

Daria o que quer que fosse para não ter de sair deste carro. Cortava o meu cabelo todo. Lia *Guerra e Paz*. Que raio, até pegava fogo a mim mesma, só para não ter de entrar pelas portas da Escola Secundária de Caseham. Não me canso de o dizer. *Não quero ir para a escola*.

– Chegámos! – diz a minha mãe, alegremente. O que é extremamente desnecessário, pois consigo ver bem que estamos estacionadas à porta da escola. Não sou assim *tão* burra, apesar de tudo o que aconteceu no ano passado.

Trouxe-me à escola esta manhã no seu *Mazda* cinzento. Talvez porque sabia que, se viesse de bicicleta para a escola, como nos últimos dois anos, não havia hipótese de chegar mesmo à escola. Por isso, tirou o dia de folga do trabalho como enfermeira no hospital da zona, para servir de minha *babysitter* e garantir que eu aparecia no primeiro dia de aulas.

Pela janela do lado do passageiro, olho para o edifício de quatro andares em tijolo vermelho que se tornou uma parte tão importante da minha vida ao longo dos últimos dois anos. Esfrego os olhos, exausta, porque acordei a horas ridículas esta manhã para estar aqui a tempo. Lembro-me de como me sentia empolgada no primeiro dia do 10.º ano na Escola Secundária de Caseham. E gostava do secundário. É verdade que não era muito popular e que as minhas notas eram bastante medianas, mas não era mau de todo.

Até que passou a ser.

Passei o verão inteiro a tomar conta dos filhos dos meus vizinhos e a fazer campanha para não voltar para a escola no outono. Mas só há uma escola secundária pública em Caseham, e não temos possibilidade de pagar as escolas

privadas tão caras. Podíamos ter tentado uma escola noutra localidade, mas seria demasiado longe para eu ir de bicicleta, e não havia autocarro escolar para me ir buscar. A minha mãe explicou-me isto, com paciência decrescente, de cada vez que lhe implorava que reconsiderasse.

– Talvez... pudesse passar a ter aulas em casa? – pergunto, esperançosa.

– Addie, vá lá – suspira ela.

– Não compreendes. – Aperto a mochila contra o peito, mas não faço a menor menção de desapertar o cinto de segurança. – Vai toda a gente odiar-me.

– Não vão nada odiar-te. Ninguém se vai sequer lembrar.

Resfolego. Terá a minha mãe alguma vez *conhecido* um aluno do secundário?

– A sério – diz ela. Desliga o motor, apesar de estarmos paradas numa zona onde não é suposto estacionar. É bem provável que alguém comece a gritar connosco para nos mandar avançar a qualquer momento. – Os adolescentes só se interessam por si mesmos. Ninguém se vai lembrar do que aconteceu no ano passado. Ninguém quer saber.

Está tão enganada. Total e absolutamente enganada.

Como não poderia deixar de ser, alguém buzina. Primeiro, buzina apenas uma vez, depois umas quantas dispersas e de seguida parece que o condutor se sentou acidentalmente no volante, a carregar na buzina, e não faz tenção de se levantar nos próximos tempos.

– Posso parar noutro lado – sugere a minha mãe, impotente, voltando a ligar o motor.

De que adianta? Se pararmos, vai apenas fazer-me um discurso motivacional. Não preciso de um discurso motivacional. Preciso de uma escola nova. Já que isso não vai acontecer, isto não adianta nada.

– Esquece – murmuro.

A minha mãe chama-me quando me apresso a sair do carro, mas não paro nem me viro. A minha mãe é inútil. Diz todas as coisas certas, mas, em última instância, não é ela quem tem de lidar com isto. Não tem de lidar com as consequências do que aconteceu no ano passado. Do *que eu fiz*.

Mal saio do *Mazda*, quase consigo sentir os olhos de toda a gente a fitarem-me. Há muitas raparigas na secundária que se vestem para chamar a atenção,

mas eu nunca fui assim. Sempre quis desaparecer na multidão. Hoje, visto umas calças de ganga de corte reto desinteressantes e uma *T-shirt* cinzenta com uma camisola com capuz ainda mais cinzenta. Há uma regra na Escola Secundária de Caseham que diz que não podemos ter inscrições nas roupas no rabo (regra essa que indigna muitas, muitas raparigas). No meu caso, não só o meu rabo está livre de palavras brilhantes, como me assegurei de que não tenho inscrições em mais lado nenhum. Nada que possa chamar a atenção para mim.

E, no entanto, está toda a gente a observar-me.

O único lado positivo é que a minha mãe foi obrigada a ir-se embora, por isso não vê os olhares e os sussurros quando passo em direção às portas de metal da entrada, com a mochila pendurada de um dos ombros. Eu *sabia* que isto ia acontecer, raios. *Ninguém se vai lembrar do que aconteceu no ano passado.* Sim, pois. Em que planeta vive a minha mãe?

Já sei o que estão a dizer, por isso não paro para ouvir. Mantenho a cabeça baixa e o ombro descaído, tentando caminhar o mais rápido possível. Evito o contacto visual. Mas, mesmo assim, consigo ouvi-los murmurar: «*É ela. É a Addie Severson. Sabem o que ela fez, certo? Foi ela que...*»

Uf, é simplesmente demasiado horrível. É insuportável.

Quase consigo fazê-lo. Quase chego à escola sem incidentes. Já vejo a tinta vermelha a descascar da porta da frente, e ainda ninguém me disse nada de horrível na cara. Mas então vejo-a a *ela*.

Ela é a Kenzie Montgomery. Deve ser a rapariga mais popular do 11.º ano, mas é, sem dúvida nenhuma, a rapariga mais bonita do 11.º ano. É delegada de turma, capitã das chefes de claques – estão a ver o género. Está sentada nos degraus da escola, a usar uma saia minúscula – tenho quase a certeza de que viola a regra que diz que as nossas saias e calções têm de ser mais compridas do que as pontas dos nossos dedos, se estendermos os braços ao longo do corpo. Outras raparigas foram mandadas para casa por transgressões desse género, mas a Kenzie não. Podem contar com isso.

Está sentada com o grupinho de amigos. As raparigas que a rodeiam fazem todas parte da lista das miúdas mais populares da escola. Reparo numa cara nova, que não teria estado ao seu lado no ano passado. O Hudson Jankowski. O

novo *quarterback* estrela.

A Kenzie e os amigos estão praticamente a bloquear o caminho para a escola, mas há um pouco de espaço para passar por eles. Só que, quando estou mesmo a tentar espremer-me pelos trinta centímetros de espaço aberto entre a Kenzie e o corrimão das escadas, o olhar dela encontra o meu por uma fração de segundo e ela atira a mochila para a passagem, para me bloquear o caminho.

Au.

Deixou deliberadamente cerca de dez centímetros para eu tentar passar. Podia dar a volta pelo outro lado, mas isso envolveria descer todos os degraus que acabei de subir e ir por outras escadas, o que parece um pouco ridículo, tendo em conta que estou quase a chegar. E não é como se estivesse *alguém* ali sentado. É só o raio de uma mochila. Por isso, tento passar, sem que a Kenzie repare, enquanto ela conversa com os amigos.

– Olha lá!

A voz da Kenzie trava-me em pleno passo. Fita-me com os grandes olhos azuis rodeados por pestanas longas e escuras. Conheci a Kenzie na escola básica, quando andávamos na mesma turma de História. Na altura, lembro-me de pensar que ela era o ser humano mais perfeito que alguma vez tinha visto na vida real. Já tinha visto raparigas bonitas antes, mas a Kenzie é todo um outro nível. É alta, com uma figura esbelta e cabelos louro-dourados longos e sedosos. Cada um dos seus traços é mais atraente do que os meus todos juntos. A Kenzie é a prova viva de que a vida não é justa.

– Desculpa – balbucio. – Estava só a tentar passar.

As pestanas longas da Kenzie tremulam.

– Achas que podes não pisar a minha mochila?

Os amigos da Kenzie assistem à nossa interação, aos risinhos. A Kenzie podia desviar a mochila ou tirá-la dos degraus para eu poder passar. Mas não o vai fazer, e, por alguma razão, isso é simplesmente *tão* divertido para todos eles. Por um segundo, cruzo o olhar com o Hudson, que se apressa a desviar os olhos para as suas sapatilhas sujas. Há seis meses que tem vindo a fazer isso. A evitar-me. A fingir que não costumava ser o meu melhor amigo em todo o universo desde que andávamos na escola primária.

Por um segundo, fantasio com um universo em que seria capaz de fazer frente a uma rapariga como a Kenzie Montgomery. Em que poderia pisar-lhe a mochila estúpida com o pequeno pompom cor-de-rosa peludo pendurado e cuspir-lhe: «*O que vais fazer em relação a isso?*»

Nunca ninguém faz frente à Kenzie. Eu podia fazê-lo. Não é como se tivesse algo a perder.

Mas, em vez disso, murmuro um pedido de desculpa e volto a descer os degraus, para tentar encontrar outra forma de entrar na escola. Como todos os outros, cedo à Kenzie. Porque a verdade é que, por mais terrível que tudo seja agora, pode sempre ser pior.

Nem me apercebi do quanto a minha cabeça estava a latejar até beber o meu primeiro gole de café.

Tenho cerca de dez minutos antes de ter de ir para a sala de aula, por isso aproveito esse tempo na sala de professores para me sentar com a minha amiga mais chegada, a Shelby, e descomprimir. O Nate já foi para a sala. Levou o seu café e deu-me o primeiro dos meus três beijos diários na face.

– Então, como foi o verão? – pergunta-me a Shelby, como se não tivéssemos vindo a trocar mensagens incessantemente desde o Quatro de Julho.

– Não foi mau. – Passei a maior parte do tempo a dar aulas de verão. Imaginava que, quando me tornasse professora, seria excelente ter os verões de folga, mas não foi isso que aconteceu. – Então e o teu?

– Fantástico. – A Shelby suspira enquanto cruza as pernas. Usa os mesmos sapatos cinzentos da *Nine West* que trazia no último dia de aulas. Já sei que passou a maior parte do verão em Cape Cod com o marido, que é um génio das tecnologias, e o filho de três anos. A sua pele perfeitamente bronzada não deixa dúvidas de que aproveitou. – Estou tão triste por estar de volta. O Connor não parava de chorar quando o deixei no jardim de infância esta manhã.

– É bom para ele – comento. Mas o que sei eu?

A Shelby bebe um longo gole de café do copo de papel, deixando para trás uma marca do batom vermelho.

– O Nate está mais *atraente*. Passou o verão inteiro a fazer exercício?

– Provavelmente. – O Nate passou o verão a dar aulas num programa de teatro para miúdos do secundário. Não é licenciado em Teatro, mas teve aulas

na universidade e, além disso, tem um talento nato. Noutra vida, o Nate podia ter sido o próximo Brad Pitt. Nos dias em que não estava a trabalhar, ia para a cave levantar pesos. Suponho que não quer que nada comprometa as probabilidades de ser o professor mais atraente da Escola Secundária de Caseham pelo segundo ano consecutivo. – Faz muito exercício.

– Oxalá o Justin sentisse o mesmo – diz ela, rindo. – Só tem trinta e seis anos e já está a ganhar uma pança!

Pergunto-me quantas vezes o Justin beija a Shelby por dia. Se fazem sexo mais do que uma vez por mês. Pergunto-me se ela fica acordada ao lado dele na cama à noite, a desejar ter casado com outra pessoa ou não ter casado de todo. Oxalá pudesse perguntar-lhe. Nunca fui casada com mais ninguém a não ser com o Nate. Talvez estes sentimentos façam parte de todos os casamentos. Talvez seja normal.

– Tens visto o Art? – opto antes por perguntar.

O sorriso desaparece do rosto da Shelby.

– Não. Despediu-se, como é óbvio. Ouvi dizer que não conseguiu arranjar emprego como professor.

Até à primavera, o Arthur Tuttle era professor de matemática na Escola Secundária de Caseham e um dos professores mais estimados da escola. Quando comecei a trabalhar aqui, acabada de sair do mestrado, ele acolheu-me sob a sua proteção. Era o tipo de coisa que o Art fazia. Era a pessoa mais simpática e genuína que alguma vez conheci, sempre a postos com uma palavra de conforto ou um dos famosos *brownies* da mulher. Todos os anos, na festa de Natal do pessoal, o Art vestia-se de Pai Natal, pois, mesmo sem o fato vermelho, era a cara chapada dele.

E agora a sua vida está arruinada.

– Pergunto-me como estarão ele e a Marsha – murmuro.

– E os miúdos – acrescenta ela. – Dois deles foram para a universidade, não foi?

Estremeço ao pensar nos rapazes do Art. Parte de mim quer tentar ajudá-lo com algum dinheiro, mas ele jamais aceitaria. Seja como for, nem sequer ficamos com muito dinheiro depois de despachar as prestações avultadas do

nosso empréstimo. Além disso, o Nate quer poupar para o bebê que nunca iremos ter.

– É tão injusto – murmuro. – Ele não fez nada de errado, e ela...

A Shelby arqueia as sobrancelhas finas.

– Não temos a certeza disso.

Tento disfarçar a minha irritação bebendo outro gole do meu café. Não adianta descarregar na Shelby, muito menos a esta hora da manhã. Seja como for, foi por isto que o Art teve de se despedir. Não importa o que aconteceu ou não. Importa apenas que os pais andavam a ligar para a diretora e a dizer-lhe que não confiavam *naquele homem* perto dos filhos. O Art – a pessoa mais simpática que alguma vez existiu, que não tinha ponta de maldade no corpo – já não era de confiança.

– Tenho-a na minha turma, sabes? – digo à Shelby.

– Oh?

– É a sexta aula do dia.

Só tinha visto a foto da rapariga no livro de ponto, que foi uma tirada há cerca de um ano para o livro de curso. Nunca a vi na vida real, mas pareceu-me bastante banal na foto. Desinteressante. Não muito diferente de mim com a mesma idade.

– Tem cuidado. – Um sorriso brinca nos lábios da Shelby, mas, ao mesmo tempo, vejo uma expressão de aviso nos seus olhos. – É óbvio que essa rapariga é extremamente problemática.

Não precisa de mo dizer. Desde o momento em que vi o nome Adeline Severson no meu livro de ponto que fiquei com uma sensação horrível no estômago. Nos meus quase dez anos de ensino, nunca pedi para que um aluno fosse retirado da minha turma, mas estive quase a fazê-lo desta vez.

Tenho um pressentimento terrível acerca desta rapariga.

Corre tudo bem na escola até à hora do almoço. Quer dizer, não está a ser incrível nem nada. Não é propriamente o dia mais fantástico em toda a minha vida. Mas vai bem. Muitos miúdos socializam durante o dia de escola, mas não é como se *tivéssemos* de falar com os outros miúdos. Entramos numa sala de aula, sentamo-nos numa cadeira e ouvimos o professor falar durante quarenta minutos. Depois, vamos para a aula seguinte.

Não me importo, de todo, que ninguém fale comigo.

Mas o almoço é diferente. Porque estão todos sentados em grupos e a conversar uns com os outros. Se não estivermos com outros miúdos, é como se fôssemos algum tipo de falhado com quem ninguém quer socializar. Isso sou eu hoje.

Não que tivesse muitos amigos *antes*. Passei grande parte do meu percurso escolar só com o Hudson. Conspirávamos para ter o mesmo horário de almoço, para nos podermos sentar juntos, pois ele queria estar sozinho tanto quanto eu. Tem graça, porque, quando andávamos na escola primária, o Hudson era ainda mais um pária social do que eu. Tinha um caso fatal de piolhos.

Eu era só uma rapariga calada que tinha dificuldade em falar com miúdos que não conhecia, mas a maioria dos alunos atormentava o Hudson ativamente. Infernizavam-lhe a vida.

Ao passar pelas filas de bancos pegajosos com o meu tabuleiro – que contém um cachorro-quente, batatas fritas onduladas, *ketchup* e um pacote de leite com chocolate –, constato que não faço a mínima ideia de onde me vou sentar.

Estabeleço contacto visual com alguns miúdos com quem me costumava dar, mas eles desviam o olhar rapidamente.

Vejo o Hudson, claro. Plantou-se à mesa da Kenzie, com o cabelo claro despenteado, enquanto inclina a cabeça para ela, absorto na conversa. O Hudson é mesmo a conquista mais recente da Kenzie. Alcançou oficialmente a popularidade, mas não me levou com ele na viagem. Não o posso culpar.

Oxalá voltasse ao menos a falar comigo, ainda assim.

– Addie! Addie, aqui!

Viro a cabeça para ver quem me está a chamar. É a Ella Curtis, que só conheço por ser a rapariga mais magra do 11.º ano por uma diferença de pelo menos cinco quilos. A Ella e eu mal trocámos uma dúzia de palavras nos últimos dois anos, mas agora ela está sentada num dos bancos, a acenar-me vigorosamente. Não é o tipo de pessoa com quem comeria normalmente, mas fico muito feliz por me ter convidado a sentar-me com ela. Deixo-me cair na cadeira à sua frente, largando o tabuleiro na mesa. Esboço o primeiro sorriso genuíno do dia.

– Olá – digo. – Obrigada.

– Não faz mal. – Com um dedo esquelético, a Ella pega numa batata frita e lambe o *ketchup*, mas não a come. – Tive pena de ti, ali parada por ninguém se querer sentar contigo.

Não sei o que responder. Tem razão, mas parece-me estranho fazer um comentário desses. Mesmo assim, fico feliz por pelo menos uma pessoa ainda falar comigo. Talvez a minha mãe tenha razão. Talvez acabem todos simplesmente por esquecer o assunto e deixe de ter importância.

A Ella atira os cabelos castanhos longos e finos por cima do ombro, enquanto olha na direção da mesa da Kenzie. Viro a cabeça mesmo a tempo de ver a Kenzie deitar a cabeça loura no ombro do Hudson.

– Achas que eles namoram? – pergunta-me ela.

– Não sei – murmuro.

Dou uma dentada no meu cachorro-quente, que sabe a comida processada, mesmo para um cachorro. É basicamente borracha.

– O Hudson é tão giro. – Pousa a primeira batata frita, que acabou de lambe. Pega noutra batata e começa a lambê-la também. – Fazem um bom casal.

Resmoneio em resposta. Odeio admitir que concordo com ela. Ficam bem juntos. O cabelo louro-dourado da Kenzie até faz sobressair a cor do cabelo do Hudson, que também é louro, mas quase branco.

– Não andaste com ele no ano passado ou assim? – pressiona-me ela.

Abano a cabeça.

– Não.

Nunca foi assim entre nós os dois. O Hudson e eu tornámo-nos amigos na escola primária porque ambos tínhamos pais horríveis. No entanto, a situação dele era pior – pelo menos, vista de fora. O meu pai já morreu, mas, nesse tempo, costumava adormecer numa poça do próprio vômito na nossa sala de estar, bêbedo. Pelo menos, ninguém da escola o via. O pai do Hudson, por outro lado, era o auxiliar das limpezas da nossa escola primária. Era frequente vermo-lo a empurrar uma esfregona e um balde pelos corredores e a gritar palavrões zangados aos miúdos em polaco.

Criámos laços, nós os dois. Mesmo quando passámos para a escola básica, e o pai do Hudson deixou de estar por perto, a fazer espetáculo constante, continuámos a ser melhores amigos. Mesmo quando chegámos ao secundário, e o Hudson começou a ser o tipo de rapaz que fazia as raparigas virarem a cabeça quando passava nos corredores e quando começou a ganhar nome no campo de futebol, continuou a ser-me leal. Até que, um dia...

Enfim, não quero pensar nisso.

A Ella está a lamber uma terceira batata frita. Estou fascinada com isto. É como se o almoço dela fosse o *ketchup* e as batatas fritas fossem um mero utensílio para a verdadeira refeição. Em boa justiça, costumava fazer o mesmo quando a minha mãe me cortava pedaços de aipo com manteiga de amendoim. Mas que tipo de criança quer comer aipo? Mas batatas fritas são batatas fritas!

– Odeio o primeiro dia de aulas – diz a Ella. – A escola em geral, na verdade. É tão patético termos de vir aqui todos os dias e sermos obrigados a aprender coisas estúpidas que nunca mais voltarão a ter importância.

– Suponho que tens razão.

Não é a parte da aprendizagem que me incomoda na escola. Não é por isso que não queria vir à escola hoje.

– Como a trigonometria. – Franze o nariz sardento. – Tipo, a sério, quando é que isso vai ser *útil* na vida? É um desperdício *tão* grande do nosso tempo. Quem tens a Matemática?

– A professora Bennett.

Ela geme.

– É uma verdadeira cabra. Dá, tipo, montes de trabalhos de casa e faz testes super difíceis. Pelo menos, foi isso que ouvi dizer.

Fantástico. Matemática sempre foi a minha disciplina mais fraca. Este ano está a arrancar lindamente.

– Tenho o *professor* Bennett a Inglês.

Isso arranca-lhe uma risadinha.

– Bem, isso talvez compense. O professor Bennett é um *pão*. Há uma discrepância grave na escala de atratividade entre aqueles dois. Como é que alguém como ele acabou a casar com *ela*?

Não sei o que responder, pois mal me recordo do aspeto dos dois professores.

– Mas talvez ele não faça o teu género – diz-me a Ella, com um piscar de olho.

– Talvez prefiras alguém mais parecido com o professor Tuttle.

Cai-me o coração aos pés. É a última coisa de que me apetece falar.

– Nem por isso.

– A sério. – A Ella pousa a batata frita que estava a lamber e debruça-se sobre a mesa, de olhos arregalados. – Como foi estar com o professor Tuttle? Isto soou tão nojento.

Baixo os olhos, evitando o seu olhar curioso.

– Não aconteceu nada com o professor Tuttle – murmuro. – Eu nunca disse que tinha acontecido.

– Ahã. – A sua voz escorre sarcasmo. – Então, porque é que foi despedido?

– Não sei.

Forma-se um nó na minha garganta. Não quero falar sobre isto. Em vez disso, concentro-me no pacote de leite com chocolate. Tem uma piada escrita na parte de trás: «*O que usa uma nuvem por baixo da gabardina?*»

– Oh, vá lá – insiste a Ella, piscando-me o olho. – Podes admitir. Seja como for, toda a gente sabe.

Ergo o pacote de leite para ver a resposta à adivinha: «*Chuvecas.*»

– É tão *velho* – continua ela. A sua voz mordaz rasga o burburinho de atividade à nossa volta. – Tem de ter para aí cinquenta anos ou mais. Parece o Pai Natal! Não posso acreditar que o fizeste com ele. A sério, como foi?

É então que me apercebo. A Ella não quer ser minha amiga. Quer apenas ouvir os mexericos sobre mim, para poder dizer a toda a gente que foi nojento eu ter-me enrolado com o professor Tuttle e que sabe da história toda. Sabia que não queria ser amiga da Ella por uma boa razão.

– Com licença – digo.

Levanto-me da mesa, agarrando no tabuleiro do almoço. Mal toquei na minha comida, mas, seja como for, não tenho assim tanta fome. Não vou ficar aqui sentada enquanto a Ella me tenta extrair informações sobre algo *que nunca aconteceu*.

Deito o conteúdo do meu tabuleiro ao lixo, deixando a Ella à mesa. Nem sequer me tenta fazer ficar. Oiço-a rir para si mesma quando me afasto.

Ao sair da cantina, passo pela mesa da Kenzie. Está absorta na conversa com os amigos, mas apercebo-me de que o Hudson reparou em toda a interação. Por uma fração de segundo, os seus olhos azul-claros encontram os meus, mas depois ele desvia o olhar, como sempre por estes dias. Decidiu oficialmente que nunca mais voltaremos a falar. Se não o tivesse feito, talvez nada tivesse acontecido com o professor Tuttle. Talvez eu não fosse a pária da escola.

Seja como for, saio da cantina e vou sentar-me sozinha a uma mesa na biblioteca, à espera, em silêncio, que comece a sexta aula.

O meu marido está com outra mulher.

Estamos os dois na cantina do pessoal, mas em mesas diferentes, como sempre. Quando comecei a trabalhar aqui, costumávamos comer juntos todos os dias, mas o Nate fez uma piada sobre como nos íamos fartar um do outro, se passássemos tanto tempo juntos. Percebi a deixa. Por isso, hoje, sentei-me com a Shelby, a ouvir pela metade, enquanto ela fala mais sobre o seu verão maravilhoso em Cape Cod. Entretanto, o Nate está a duas mesas de distância, sentado com o Ed Rice, o professor de Educação Física, e uma nova professora que deve ter começado a trabalhar hoje.

A professora nova está nitidamente acabada de sair da universidade. Tem aquele ar fresco no rosto que oito anos a ensinar matemática a alunos do secundário esvaíram de mim. É bonita de uma forma jovem e vivaz. Se vestisse umas calças de ganga e uma *T-shirt*, poderia passar facilmente por aluna, mas, em vez disso, veste uma blusa cor-de-rosa e uma saia castanha, combinadas com uns sapatos de salto alto castanhos que vi na *Target* na semana passada por vinte e cinco dólares.

Dou uma cotovelada à Shelby, que vai a meio de uma frase, a falar efusivamente sobre um restaurante que servia o melhor camarão recheado que alguma vez comeu.

– Quem é aquela?

A Shelby olha para o outro lado da cantina, para a jovem a pôr-se confortável com o meu marido.

– Acho que se chama Hailey. É a nova... hã, professora de Francês?

Professora de Francês. É quase demasiado clichê.

A Shelby semicerra os olhos na minha direção.

– Não estás preocupada, pois não? Vá lá. O Nate é um bom homem.

Quero acreditar nisso. Quero acreditar que as noites longas do ano passado foram só por ele se deixar ficar na escola a corrigir trabalhos ou a supervisionar atividades extracurriculares. Quero acreditar que a nossa regrada única noite de sexo por mês se deve apenas ao facto de ele ter uma libido baixa.

– Sim – acabo por responder. – De certeza que tens razão.

Vejo a Hailey, a bonita professora de Francês, pôr-lhe uma mão no antebraço. Quero arrancar-lhe os olhos. O único lado positivo é que o Ed Rice, que é solteiro cronicamente, parece estar a fazer-se a ela – apesar de ser óbvio quem a Hailey escolheria de entre os dois. O Ed é vinte anos mais velho do que ela e está a ficar careca.

Felizmente, a campainha para a próxima aula toca antes que eu possa fazer algo de que me iria arrepender.

Geralmente, depois de o almoço acabar, eu e o Nate apressamo-nos a sair da cantina em direções diferentes. Desta vez, porém, marchoo decidida em direção a ele, com os meus tacões a matraquearem sonoramente contra o chão. Agarro-o pelo braço, no mesmo sítio em que a Hailey lhe estava a tocar momentos antes.

– Olá – digo. – Como está a correr o primeiro dia?

O Nate pestaneja, surpreendido por eu estar a falar com ele no recinto escolar. Mas de seguida sorri.

– Lindamente. E o teu, minha querida?

– Tudo bem até agora.

– Fantástico.

Arqueia uma sobrancelha, como se se estivesse a interrogar sobre porque o abordei. Não sei se a Hailey nos está a observar, mas, para o caso de estar, estendo a mão e agarro-lhe na gravata castanha, puxando-o para mim. Se fosse uma gata, teria urinado nele para marcar o meu território, mas, visto que sou humana, planto-lhe um beijo nos lábios – um beijo consideravelmente mais escaldante do que os nossos habituais três beijos por dia.

Ele parece surpreendido e é, como sempre, o primeiro a quebrar o beijo.

Depois, passa o indicador pelo lábio inferior.

– Bem – comenta. – Foi uma bela despedida.

Sorri-me. Já sou casada com ele há tempo suficiente para saber quando o seu sorriso não é verdadeiro. Ainda assim, a Hailey não sabe.

A minha sala de aula fica no terceiro andar. Chego lá dois minutos antes do próximo toque da campainha. Os novos alunos começam a entrar na sala, sentando-se onde querem. Vou ter de os reorganizar. Aprendi por experiência própria que, se não separar os adolescentes dos amigos, jamais conseguirei que se mantenham atentos.

Antes que possa entrar na sala, porém, uma rapariga põe-se à minha frente. Reconheço-a como a Jasmine Owens, que esteve na minha turma o ano passado. Dei-lhe um vinte em ambos os semestres. Combinou uma bonita blusa com umas calças de ganga azuis para o primeiro dia de aulas e trocou as sapatilhas habituais por umas sandálias fechadas com flores a decorar as pontas.

– Professora Bennett – diz ela. – Peço imensa desculpa por a incomodar, mas esperava apanhá-la antes de a sua aula começar.

– O que se passa, Jasmine?

Abre-me um sorriso nervoso.

– Estou a tentar organizar as minhas candidaturas à universidade e esperava que me pudesse escrever uma carta de recomendação. – Antes que possa responder, ela continua: – Foi a minha professora favorita, tipo, de *sempre*. Tenciono formar-me em educação e quero ser professora de matemática, como a senhora.

Sinto as faces corar de prazer e parte da raiva que senti na cantina esvair-se de mim. A Jasmine foi uma aluna incrível, por isso não me surpreende que já esteja a trabalhar nas candidaturas à universidade. Sabe bem saber que fiz a diferença na vida de uma aluna. Há dias em que sinto que estou só a ensinar aos miúdos uma disciplina que odeiam e que – sejamos realistas – quase de certeza nunca mais voltarão a usar. É difícil argumentar que os senos e cossenos terão utilidade na vida quotidiana.

– É claro – digo-lhe eu. – Envia-me um *e-mail*, por favor, e acertamos os pormenores. E diz-me se houver algo mais que possa fazer por ti.

Agora, as faces da Jasmine também ficam coradas.

– Obrigada, professora Bennett. Fico muito agradecida.

Obtenho um estímulo muito necessário da interação, que me ajuda a prosseguir, mesmo quando os alunos se lamuriam por terem de mudar de lugar. O Nate deixa que se sentem onde quiserem, mas, em abono da justiça, quando estão na aula dele, estão todos hipnotizados pelo seu encanto magnético. Eu não tenho esse dom específico, mas acredito que sou boa professora.

Quando chego ao fim do alfabeto, já quase me tinha esquecido do nome no meu livro de ponto que tinha vindo a recear desde que recebi as listas, há algumas semanas.

– Adeline Severson – chamo eu.

Uma rapariga de estatura média avança para ocupar o próximo lugar vazio na fila. A Adeline Severson é, sem dúvida, a rapariga menos notável que alguma vez vi. Poderia desaparecer facilmente em qualquer multidão. Tem o cabelo da cor de um saco de papel pardo, e os seus traços faciais são simétricos, mas banais. Podia ser bonita, se tentasse, mas não faz esse esforço, de todo. Vejo-a deslizar para a carteira e cruzar respeitosamente as mãos à frente. Se não se chamasse Adeline Severson, jamais imaginaria que esta rapariga me pudesse causar um só instante de sarilhos.

– Addie – diz-me ela. – Arqueio as sobrancelhas. – É assim que prefiro que me tratem – explica, roendo a unha do polegar. – Addie.

Tomo nota disso, embora esteja perfeitamente ciente de que as pessoas a tratam por Addie. Foi assim que o Art lhe chamou quando me falou sobre ela. *«Estava só a ser simpático para a Addie.*

A pobre rapariga perdeu o pai há poucos meses. Não fazia ideia...»

Não a queria na minha turma. O Art é a melhor pessoa que alguma vez tive a honra de conhecer. Um professor dedicado que se interessava verdadeiramente por cada um dos alunos. Se assim não fosse, não se teria metido em apuros em primeiro lugar. E agora, por causa desta rapariga, tem a vida arruinada.

Se tivesse pensado bem no assunto, saberia que não fazia a menor diferença se a Addie Severson estava ou não na minha turma.

Aquilo com que me devia ter realmente preocupado era com o facto de a

Addie também estar na turma do meu marido.

O primeiro dia de aulas não costuma ser muito mau. Quer dizer, pelo menos, em termos de trabalho. A maioria dos professores diz-nos só como vai ser o ano, se vão dar trabalhos de fim de semana ou não, se vão fazer um monte de pequenos testes ao longo do semestre ou um teste gigantesco no fim.

E depois, ao fim do dia, não temos assim tantos trabalhos de casa. Talvez apenas um par de trabalhos fáceis, como: «*Escreve quinhentas palavras em que me digas um pouco sobre ti.*» O tipo de trabalhos que consigo acabar no sofá da sala de estar, enquanto vejo televisão e enfio aperitivos de queijo na boca.

A minha última aula do dia é Inglês. É também a minha melhor disciplina. Não se riam, mas o meu emprego de sonho é tornar-me poetisa, embora saiba que não é um emprego real que a maioria das pessoas possam ter neste século e que provavelmente vou acabar por ser enfermeira, como a minha mãe. O meu professor este ano é o senhor Bennett, que toda a gente adora. Muitas raparigas gostam dele sobretudo por o acharem super giro, mas eu não me costumo interessar por esse tipo de coisa, apesar do que a Ella sugeriu.

Ao contrário da professora Bennett, que nos pôs a todos em lugares atribuídos com base nos nossos apelidos, na sala do professor Bennett não há restrições. A maioria dos miúdos tenta sentar-se junto aos amigos, mas, visto que aparentemente não tenho nenhuns, sento-me junto à janela, na segunda fila. Gosto de me sentar à janela nas aulas de Inglês. Inspira-me.

Um segundo depois de a campainha tocar, algo abana a minha cadeira. Tardo um segundo a perceber que alguém pontapeou uma das pernas. Ergo o olhar e deparo-me com a Kenzie e com uma das suas lacaias, a Bella, de pé, diante de

mim.

– Estás no meu lugar – informa-me a Kenzie.

Pestanejo.

– Oh. Mas... é o primeiro dia, e não estava ninguém aqui sentado, por isso...

Os olhos azuis vívidos da Kenzie, margeados a rímel preto, trespassam-me.

– É onde me sento *sempre*.

O quê? É o primeiro dia de aulas, e *acabámos literalmente de chegar*. Como pode ser aqui que ela se sinta sempre?

– Oh – volto a dizer. – Mas...

– És surda? – atira a Bella. – A Kenzie disse que estás no lugar dela. Levantate.

Olho para a sala. A maioria dos melhores lugares já está ocupada, ainda que o que está junto a mim continue vazio, visto que ninguém está disposto a sentar-se ao meu lado. Provavelmente, será onde a Bella se irá sentar se a Kenzie ficar com este lugar.

Dado tudo o que já me está a acontecer, a última coisa que quero é fazer a Kenzie Montgomery minha inimiga. Portanto, pego na minha mochila e arrasto-me para um dos lugares vazios que restam. É mesmo na fila da frente, praticamente sentada ao colo do professor Bennett. Fantástico.

Ele está atrás da secretária, a olhar para o livro de ponto. Reparo que tem um livro na secretária, por isso dou uma espreitadela à lombada. É um livro de poesia de Edgar Allan Poe, que é, sem dúvida nenhuma, o meu poeta favorito em todo o mundo. É basicamente a única coisa que me eleva o ânimo em todo o dia.

Depois de a campainha tocar para o início da aula, o professor Bennett ergue o olhar do livro de ponto. O seu rosto franze-se num sorriso, e, quando os cantos dos lábios se curvam para cima, sinto um ligeiro sobressalto. Já tinha visto o professor Bennett montes de vezes nos corredores, mas, ao vê-lo sorrir a uns sessenta centímetros de distância, apercebo-me de quão estupidamente giro é de facto. Nem sei dizer ao certo porquê, mas há algo na severidade das suas feições e no brilho dos seus olhos.

Há coisas piores do que ter de ficar na primeira fila durante as aulas de Inglêss.

Claro que é super velho. Anda em meados ou até finais da casa dos trinta, além de ser casado, claro, com a mulher que nos deu trabalhos de casa *no primeiro dia de aulas*. (Tão errado...) Mas não posso dizer que não é atraente. Esta aula *não* vai ser uma tortura.

O professor Tuttle não era bonito. Ninguém o descreveria como atraente. Era ainda mais velho do que o professor Bennett e tinha uma barriga grande que lhe pendia do cinto. Quando estava com ele, nunca tinha sido por causa disso.

– Ora viva. – O professor Bennett levanta-se da cadeira e contorna a secretária, empoleirando-se no tampo. – Bem-vindos à disciplina de Inglês do 11.º ano. Se não deviam estar nesta aula, sugiro que se retirem rapidamente antes que alguém repare.

Ninguém sai. Tenho um pressentimento de que, mesmo que um aluno desse por si no sítio errado, seria capaz de se deixar ficar.

– Excelente. – Tamborila com os dedos na coxa direita. – Deitemos mãos à obra, então. Este ano, vamos dar ênfase à poesia. Vão ler tantos poemas este ano, que até vão fazer rimas durante o sono.

O professor Bennett esfrega a mão sobre o joelho direito, e não posso deixar de notar que o tecido das suas calças está ligeiramente gasto sobre a rótula. Pergunto-me quanto ganha como professor. A roupa que usa não é nova nem cara.

Por outro lado, a professora Bennett estava a usar uns sapatos que tinham ar de ter custado uma fortuna. Não que eu saiba muito sobre sapatos... mas a minha mãe tem uns como aqueles e não me deixa usá-los porque diz que são demasiado caros e que eu os vou estragar. Provavelmente, tem razão.

– Bem... – diz ele. – Vou dar a volta à sala e quero que me digam qual é o vosso poema favorito. E digam-mo só se tiverem mesmo um. Não quero que inventem um só para me impressionar, porque *eu saberei*.

Erguem-se algumas mãos, porque, sinceramente, é óbvio que está toda a gente ansiosa por impressionar o professor Bennett. Sobretudo as *raparigas* da turma. E, quando ele lhes sorri, todas reagem com um risinho.

Depois de cerca de uma dúzia de alunos da turma ter mencionado os poemas favoritos, largando grandes nomes como Angelou, Dickinson ou Silverstein, o

professor Bennett volta a atenção para mim, apesar de eu não ter posto a mão no ar. Não o fiz nem uma vez hoje – este ano, estou a esforçar-me por ser invisível.

– Adeline? – pergunta ele.

De modo geral, odeio quando as pessoas me tratam pelo meu nome completo, pois lembra-me de estar em apuros.

– Addie – corrijo.

– Addie – repete ele, assentindo. – Então, e tu? Qual é o teu poema favorito?

– «Annabel Lee» – respondo, sem hesitar.

Sei que está no livro de poemas que ele tem na secretária, mas não foi por isso que o disse. Sempre adorei esse poema. É belo, inquietante e romântico, em simultâneo. Posso recitar cada palavra de cor.

– Ah, outra apreciadora do grande Poe! – Parece genuinamente satisfeito. – O meu favorito pessoal é «O Corvo», mas «Annabel Lee» contém alguns dos seus versos mais inquietantes. – Sorri-me, e as finas rugas em torno dos seus olhos franzem-se. – «E assim, por toda a noite, fico deitado ao lado da minha querida, minha querida, minha noiva e minha vida, no seu sepulcro junto ao mar, no seu túmulo junto ao sonante mar.»

Percorre-me um arrepio, tal como no poema.

Os seus olhos castanhos pousam diretamente no meu rosto, como se eu fosse a única pessoa na sala.

– Sabes sobre o que é, Addie?

– É sobre uma rapariga que ele amou na juventude – respondo. – Uma paixão de infância que morreu. Li que ninguém sabe ao certo quem o inspirou a escrever o poema.

– Discutiremos este poema mais ao pormenor este ano – diz ele. – Bem como o amor de Poe pela letra L. *Annabel Lee. Lenore. Eulalie.* – Pisca-me o olho. – *Adeline.*

Neste momento, não me importa que todos na escola me odeiem. Não me importa que ninguém se queira sentar comigo na cantina. Não me importa ter uma quantidade absurda de trabalhos de casa de matemática no primeiro dia de aulas. Porque o meu professor de Inglês adora Poe tanto como eu.

E piscou-me o olho.

Como sempre, o Nate ficou até tarde na escola hoje. É um dos supervisores do clube de jornal da escola, bem como daquela revista de poesia que lançam uma ou duas vezes por ano, por isso tem sempre algo por fazer. Tecnicamente, eu supervisiono a equipa de xadrez, mas fui informada de que não tenho de ficar para as reuniões, pelo que geralmente não o faço. A última coisa que me apetece fazer quando o dia de aulas termina e sinto a cabeça a latejar é ver um bando de adolescentes empurrar torres e cavalos num tabuleiro.

Visto que viajámos no mesmo carro esta manhã, peço à Shelby que me leve a casa. Quando me deixa à porta da frente, são apenas 15h30. Geralmente, seria por esta altura que me atiraria a uma pilha de cinco centímetros de trabalhos de casa, mas, visto ser o primeiro dia, dou por mim sem saber o que fazer. É demasiado cedo para o meu copo de vinho a transbordar da noite.

Subo para o meu *Kia*, sem saber para onde ir, mesmo enquanto desço a rua Washington. Todas as cidades no Massachusetts têm uma rua Washington, uma rua Liberty e, muitas vezes, uma rua Massachusetts. Quem quer que tenha dado nome às ruas do estado não era muito criativo.

Continuo a conduzir até chegar ao centro comercial na fronteira oeste de Caseham, reparando que o parque de estacionamento está atulhado de carros. Há muitos adolescentes aqui, a aproveitar a última tarde livre antes de as pilhas de trabalhos de casa se instalarem. Ver tantos miúdos a entrar pela porta da frente faz-me hesitar. Sempre que me cruzo com os meus alunos fora da escola, eles parecem absolutamente envergonhados por me verem. Não devia dar

importância a isso, mas é como se a humilhação se repercutisse em mim.

Por um momento, fico sentada no carro, com as mãos a apertar o volante. Pergunto-me o que estará o Nate a fazer neste momento. Sei que não ficaria stressado com a ideia de se cruzar com os alunos no centro comercial. Provavelmente, está a conversar com o novo editor principal do jornal da escola, um jovem brilhante chamado Bryce Evans. Tive o Bryce na minha turma o ano passado, e foi outro aluno de vintes. Nunca falhava os trabalhos de casa. Esse miúdo tem «Universidade de Ivy League» escrito na testa.

Conto até dez duas vezes em contagem decrescente. Depois de fazer isto três vezes, os meus ombros relaxam.

Saio do carro, apertando a mala azul-clara. É tão grande, que o Nate diz sempre que me vai deixar a coluna torta. No entanto, hoje está quase vazia, pelo que suponho que a minha coluna vai ficar bem.

Mal atravesso as portas deslizantes da entrada, o cheiro a açúcar e canela da banca de *pretzels* atinge-me em cheio no rosto. Adorava comprar um grande copo de bolas de *pretzel*. Se fosse aluna do secundário, seria precisamente isso que faria. Mas o meu metabolismo já não é o que era, portanto sustenho a respiração enquanto passo pela banca de *pretzels* e também pelos chocolates *Godiva*. Sim, adorava um morango coberto de chocolate, mas não está nos planos para hoje.

Continuo a andar até chegar a uma loja chamada Footsies.

Por um momento, deixo-me ficar simplesmente do lado de fora. Tem uma exposição de sapatos e botas *Christian Louboutin* a agraciar a montra, incluindo uns sapatos de salto alto em couro envernizado preto, com tacão dourado. Olho para os meus *Jimmy Choo*, que comprei há duas semanas. Não disse ao Nate. Vai descobrir quando vir a conta do cartão de crédito.

Adoro saltos altos. Sempre fui um pouco baixa, com um metro e cinquenta e sete, e odeio ser mais baixa do que os meus alunos. Uns saltos de oito centímetros dão-me um reforço que melhora a minha confiança. Prefiro não ter de inclinar tanto a cabeça para olhar para o meu marido, que tem um metro e setenta e oito.

E, de modo geral, com exceção destes sapatos, tenho-me portado bem. Tenho

sapatos nos carrinhos de compras de praticamente todos os *sites* na Internet, mas a questão é que não comprei nenhum deles. Limito-me a pôr os sapatos no carrinho de compras, mas nunca termino a encomenda. Por isso, porque não haveria de me mimar de vez em quando?

A Footsies é uma loja de luxo, mas é relativamente grande, e só tem uma rapariga a trabalhar na loja, sentada a um balcão ao fundo, junto à caixa registadora, a mexer no telemóvel. Apesar dos adolescentes que enchem o centro comercial, há poucos clientes aqui. Esta loja não vende as *Doc Martens* nem as sapatilhas que a maioria dos adolescentes compraria. Vende sapatos para «gente velha», como eu.

A rapariga ao balcão não faz qualquer tentativa de me ajudar, por isso exploro sozinha. Os *Christian Louboutin* estão num expositor dentro da loja. Ao espreitar para o interior dos sapatos, vejo que são do meu tamanho. Trinta e sete.

Tiro-os do expositor e procuro um banco na lateral para os experimentar. Descalço os sapatos que trouxe o dia inteiro e enfio os meus pés, dentro dos *collants*, nos sapatos novinhos em folha. Sinto-me como a Cinderela ao ver que me servem perfeitamente. Não me cortam o calcanhar nem me apertam os dedos. Podia usar estes sapatos o dia inteiro.

Na verdade, seria uma compra bastante sensata.

E porque não? Passei o verão inteiro a trabalhar. Mereço um mimo. Não sei porquê, mas sinto uma ligeira euforia sempre que compro um par de sapatos. Nem sei que parte é a minha favorita. Adoro a emoção de levá-los para o balcão e ver o funcionário a registá-los. A antecipação de saber que em breve serão meus. Ou quando os ponho no meu roupeiro, alinhados impecavelmente com todos os meus outros sapatos. E, claro, a primeira vez que tenho oportunidade de os usar fora de casa. Posso ser banal, sobretudo em comparação com o meu marido, mas sapatos como estes fazem-me sentir glamorosa. Como se pudesse de facto ser atraente o suficiente para ser casada com o deslumbrante Nathaniel Bennett.

Só que então viro um dos sapatos e vejo a etiqueta com o preço. Oh! Oh, uau! O Nate *não* vai aprovar isto.

A vaga de dopamina desaparece. Por mais que os queira, estes sapatos nunca

serão meus. Mesmo que não tivesse de enfrentar o meu marido quando a conta do cartão de crédito chegasse, jamais poderia justificar gastar tanto num par de sapatos. Olho para os meus pés, com uma vaga de tristeza a inundar-me. Quero estes sapatos.

Tanto.

Olho para a funcionária, ainda sentada ao balcão. Está uma mulher idosa a comprar uns sapatos, pelo que a sua atenção está ocupada. A mulher está a vasculhar a mala, em busca da carteira. Provavelmente, vai tentar pagar com um cheque ou assim. Não se vão despachar tão cedo.

E a minha mala gigantesca está bastante vazia.

Antes que me possa impedir, enfio os *Christian Louboutin* na mala azul-celeste. Cabem perfeitamente, como se tivessem sido feitos para lá estar. Quando corro o fecho, nem dá para perceber que estão lá dentro. A maioria dos sapatos não tem alarme que apite ao sair da loja. Não têm nenhuma etiqueta de segurança.

Começo a levantar-me, mas fraquejam-me as pernas, por isso volto a sentar-me. Vou mesmo fazer isto? Vou mesmo *roubar* estes sapatos? Nunca fiz nada assim.

Bem, pelo menos, não desde há muito tempo.

Não vou ser apanhada. A funcionária mal olhou para mim desde que aqui estou e, agora que a idosa acabou de pagar os sapatos, voltou para o telemóvel. Posso sair daqui, e ela nunca saberá. Não vi nenhuma câmara.

Vou mesmo fazer isto?

Parece que sim.

Desta vez, tenho mais sucesso a levantar-me; tremem-me as pernas, mas mantenho-me em pé. Com uma mão trémula, enfio uma madeixa do meu cabelo murcho castanho-lama atrás da orelha. A idosa vai a arrastar-se em direção à porta, apertando o saco de plástico com a caixa dos sapatos que comprou na mão direita nodosa. Sigo-a, dirigindo-me também à saída. Ao olhar para trás, vejo que a funcionária voltou a atenção para o telemóvel. Não me vai ver a sair com estes sapatos. Vou safar-me com isto, e o Nate não se poderá queixar da conta do cartão de crédito.

Mas, quando estou mesmo a felicitar-me, o alarme ecoa pela loja.

Vou para casa imediatamente depois das aulas, pois foi o que a minha mãe me disse para fazer.

Apanho boleia do autocarro escolar, porque não tenho a minha bicicleta e é longe demais para ir a pé, sobretudo com a minha mochila pesada. Os miúdos no autocarro escolar são quase todos mais novos, pois muitos dos alunos do 11.º e do 12.º anos vão de carro para a escola. Fiz dezasseis anos no verão e tirei a minha licença de aprendizagem, mas a minha mãe tomou a decisão executiva de que não estou pronta para ter aulas de condução, apesar de lhe ter implorado. Só consegui convencê-la a levar-me algumas vezes a dar umas voltas com o nosso carro num parque de estacionamento. É melhor do que nada.

O Hudson tem carro agora. Fez dezasseis anos há quase dez meses, quando ainda falávamos. Mal podia esperar para tirar a licença de aprendizagem e passar no exame de condução, para poder ter a carta, ainda que só fosse a limitada. Como habitual, incluía-me nos seus planos. «*Passo por tua casa e dou-te boleia para a escola todas as manhãs, Addie.*»

O carro que comprou parece um monstro construído a partir de peças do ferro-velho. Tenho a certeza de que foi ele mesmo que o pagou com o dinheiro dos empregos de verão ou de depois da escola. Não me pareceu que a namorada nova, a Kenzie, se importasse de entrar nele.

A minha mãe abre a porta da frente antes de eu poder sequer tirar a minha chave da mochila. É óbvio que estava a observar a frente da casa, à espera do meu regresso. Veste umas calças de ioga cinzentas, e o cabelo grisalho soltou-se em parte do rabo de cavalo.

- Como correu a escola? – pergunta-me ela, antes de eu sequer entrar em casa.
- Lindamente – digo. – Foi o melhor dia de escola de sempre.
- Não te armes em espertinha.

Largo a mochila no chão, junto à porta da frente. Devia levá-la para o quarto, uma vez que tenho trabalhos de casa. Tanto o professor Bennett como a professora Bennett passaram trabalhos de casa hoje. Mas, ao menos, estou entusiasmada com os de Inglês. O professor Bennett pediu-nos para escrevermos um poema sobre o nosso verão.

A minha mãe torce as mãos, a pairar sobre mim, apesar de saber que odeio quando faz isso.

- Fizeste amigos?

Solto um gemido.

- Não.

- Então e o Hudson?

Limito-me a abanar a cabeça.

– Não compreendo o que aconteceu entre vocês os dois. – Puxa as calças de ioga, que parecem demasiado justas. – É tão bom rapaz. Costumavam ser inseparáveis.

- Não sei.

- Queres que ligue à mãe dele?

Volto a gemer. *Não quero*, de todo, que ela ligue à senhora Jankowski, que fala um inglês ligeiramente melhor do que o marido, mas que é tão estranha como ele. Além disso, sei exatamente o porquê de o Hudson não falar comigo. Mas a minha mãe nunca pode descobrir.

- Deixa estar – digo. – Seja como for, ele está sempre ocupado com o futebol.

Felizmente, ela larga o assunto, o que é um grande feito. Há alguns anos, a minha mãe e eu tínhamos uma relação descontraída, ao passo que o meu pai era um barril de pólvora. Sempre zangado quando tinha estado a beber e pronto para explodir à mais pequena coisa. Agora que o meu pai morreu, a minha mãe tornou-se numa versão opressiva e preocupada. Mas ao menos acho que não anda a beber, como ele fazia.

Não, sei que não. Seria incapaz.

– O professor Tuttle estava lá? – pergunta a minha mãe, arqueando uma sobrancelha.

– Não. – Baixo os olhos. – Foi... quer dizer, foi despedido ou demitiu-se ou algo assim. Mas foi-se embora.

– Oh.

Consigo perceber que a minha mãe está aliviada. Como muitas pessoas, nunca acreditou realmente em mim quando lhe disse que nada se tinha passado entre mim e o meu professor de matemática. Talvez porque a minha história não parava de mudar apenas o suficiente para fazer com que as pessoas se interrogassem.

Parece querer voltar a perguntar-me. Se o fizer, juro por Deus que vou desatar aos gritos. Não quero falar mais no assunto. Disse-lhe a verdade. Disse a verdade à diretora. E disse à polícia tudo o que havia para dizer.

Bem, não tudo.

Quer dizer, não sou uma idiota chapada.

O alarme soa na sapataria, a estrondear por toda a loja. É difícil de acreditar que não possa ser ouvido por toda a gente que está no centro comercial.

Oh, meu Deus, nunca devia ter posto os sapatos na mala. Em que estava eu a pensar? Já tenho sapatos que cheguem. Ainda há duas semanas comprei um par. Fui gananciosa. Mas queria-os tanto...

O que se *passa* comigo? Estou *doente*. O Nate tem razão – tenho um problema.

Vem um segurança a correr na direção da loja. Não sei que política têm em termos de ação penal contra os autores de furtos, mas isto não é nada bom. Não sei que efeito terá no meu emprego se me acusarem de furto. Posso ser *despedida*.

O que irá o Nate dizer? Vai ficar tão desiludido comigo. Nem o consigo encarar depois desta situação.

Aperto a mala contra o peito, com o sangue a zunir-me nos ouvidos. A funcionária corre também em direção à saída, e só me apercebo vagamente de que passa por mim sem me lançar um segundo olhar.

É então que me apercebo de algo. Ainda não passei pela saída. A única a fazê-lo foi a velhota que acabou de comprar o par de sapatos.

– Peço imensa desculpa! – exclama a funcionária. – Esqueci-me completamente de tirar o alarme dos seus sapatos! – Lança um olhar apologetico ao segurança. – Foi erro meu. Os sapatos estão pagos.

A funcionária guia a idosa desconcertada de regresso à caixa registadora, para desarmar a fita de segurança, enquanto eu fico ao canto da loja, a tremer até ao âmago. Não me tinha apercebido de que havia uma fita de segurança nos sapatos. Se tivesse sido a primeira a passar pela saída, o alarme teria disparado, e

o segurança teria encontrado os sapatos roubados na minha mala.

Livre-me de boa.

Enquanto a funcionária está ocupada, tiro os sapatos da mala e volto a pô-los no sítio. Não posso acreditar que quase fiz isto. Quase dei cabo da minha vida por um raio de um par de sapatos. Como pude fazer algo tão arriscado?

Preciso de toda a minha concentração para regressar a casa sem cair para o lado. Todo o meu corpo parece vibrar, mas não de forma agradável. Nunca devia ter tentado fazer algo tão estúpido. Só prova que não mudei nada ao longo dos anos. Às vezes, tento iludir-me com a ideia de que sou adulta, mas como posso ser adulta quando ainda passo metade do tempo a sentir-me como se tivesse quinze anos?

Ao chegar a casa, fico aliviada por ver que o carro do Nate está no caminho de acesso. Não tenho de ficar sentada em casa a interrogar-me sobre quando irá voltar, para variar. Ao entrar em casa, sinto um aroma a molho de tomate vindo da cozinha. Até começou a fazer o jantar.

Penduro a mala no bengaleiro, como faço sempre, e dirijo-me à cozinha. O Nate está diante do fogão, com as mangas da camisa azul arregaçadas, enquanto mexe o conteúdo de uma panela ao lume. Imagino uma realidade alternativa em que tinha de lhe dizer que fui presa por furto numa loja. Graças a Deus que não fui avante com isso.

O Nate repara que estou na cozinha e ergue-me o olhar, com um sorriso. É incrivelmente bonito quando sorri. Mesmo ao fim de tanto tempo, continuo a achar isso. Quem não acharia?

– Comecei a adiantar o jantar – diz-me ele. – Espero que não te importes.

– É claro que não – respondo. – Ainda bem que o fizeste. És tão atencioso. – Sorrio-lhe também, embora reconheça que o meu sorriso não tem tanto impacto como o dele. – Tenho o melhor marido de sempre.

Ele ri-se e devolve a atenção à panela de molho de tomate.

– Fico feliz por pensares isso.

Algo se agita dentro de mim. Talvez seja da adrenalina de quase ter sido apanhada a roubar aqueles sapatos caros, mas, de repente, quero o Nate. Quero-o agora, apesar de não ser o primeiro sábado do mês.

Ponho-me atrás do meu marido, passando os braços em torno do seu peito firme. Baixo os lábios para a parte de trás do seu pescoço.

– Nate...

– Eve, o que estás a fazer? – Volta a rir-se. – Estou a tentar preparar-nos um festim.

– Passei o dia inteiro a pensar em ti. – As minhas mãos rumam a sul, mesmo enquanto o seu corpo se retesa. – Talvez possas fazer uma pausa de preparar o jantar...

Ele desenreda-se do meu abraço delicadamente. Sinto uma nítida pontada de *déjà vu*.

– Querida, estou esfomeado. Vamos jantar primeiro, está bem?

– Está bem. – Não tento voltar a abraçá-lo, mas mantenho-me perto, com a mão no seu ombro. – Depois do jantar, então?

– Logo a seguir a devorarmos um grande prato de *ziti*? Não me parece sensual.

Pois, claro. Mais uma desculpa. Já nem me surpreende, por esta altura.

Inclinando-se para mim, ele dá-me um beijo na cana do nariz.

– Mais logo. Prometo.

– Prometes?

Desta vez, o seu riso soa oco.

– Meu Deus, estás a dar a ideia de que não quero fazer amor com a minha própria mulher! Foi só um longo dia, e quero jantar e relaxar com um livro, sabes?

Usará essa desculpa mais tarde, quando eu o procurar na cama. «*Foi um longo dia e estou cansado. Amanhã, está bem, Eve?*» Talvez até mencione uma dor de cabeça. Há um ponto em que se torna humilhante pedir, e ele sabe. Está a contar com isso.

Em todos os meus anos na disciplina de Educação Física no terceiro ciclo e no secundário, devo ter suado umas cinco vezes.

As únicas vezes em que transpiro são quando nos mandam correr. Mas, sempre que praticamos alguma espécie de desporto, consigo evitar fazer grande esforço físico. É a minha melhor competência. O que posso dizer? Não sou grande atleta.

Hoje, estamos a jogar voleibol, que é um desporto excelente se quisermos apenas ficar parados sem fazer grande coisa. Tenho a certeza de que se fizesse qualquer tentativa de tocar na bola, ficaria suada. Mas é bastante fácil ficar ao canto e fingir que estou a tentar acertar na bola quando, na verdade, não estou.

Infelizmente, a nossa professora de Educação Física, a professora Cavanaugh, obriga-nos a tomar duche depois da aula, quer estejamos suados ou não. E essa é, de longe, a parte que menos me agrada nas aulas de Educação Física.

Se fosse a Kenzie Montgomery, que, por acaso, está na minha turma de Educação Física, talvez não me importasse de tomar duche em público. Mas, infelizmente, sou eu, pelo que o meu objetivo para o duche pós-aula é entrar e sair o mais rápido possível. Se pudesse entrar e sair do duche sem ter de me molhar, seria o ideal.

Infelizmente, mal dispo a roupa de ginástica junto aos cacifos, ouve-se uma explosão de risadinhas atrás de mim. Pego rapidamente na toalha e enrolo-a à volta do corpo, mas os risos continuam. Viro a cabeça e deparo-me com a Kenzie e uma das suas comparsas a olharem para mim.

Passaram cerca de duas semanas desde o início das aulas. Infelizmente, a

minha vida social não melhorou nem um bocadinho. Continuam todos a evitar-me em todos os momentos, exceto aparentemente para se rirem de mim quando estou nos balneários.

A Kenzie e a amiga não param de se rir enquanto olham fixamente para mim. Não sei o que é assim tão hilariante. Quer dizer, é verdade que, debaixo da toalha, praticamente não tenho mamas. Mas não sei se isso tem graça suficiente para que elas se *riam em voz alta*.

– Addie – diz a Kenzie. – Sabes que existem umas coisas chamadas *giletes*...

Bem, ao menos agora sei do que se está a rir. Olho para as minhas pernas, a espreitar por baixo da toalha. Estão bastante peludas. Mal chegou o mês de setembro, a temperatura desceu a pique no oeste do Massachusetts. Como não ando a usar calções (usei umas *leggings* na aula de Educação Física de hoje), não me dei ao trabalho de fazer a depilação. Talvez não a faça durante todo o inverno. Para quê? Não é como se tivesse um namorado que me vá olhar para as pernas.

Mas, ao que parece, tenho de me depilar para a Kenzie.

Tento ignorá-la enquanto marcho em direção aos chuveiros. Como habitual, mal me molho antes de voltar a sair e a embrulhar a toalha em torno do corpo – e das minhas pernas peludas. A única coisa que me mantém de pé por estes dias é a aula de Inglês com o professor Bennett. O facto de ser a última aula do dia faz-me ansiar ainda mais por ela.

Acho que o professor Bennett também gosta de mim. Na aula de Matemática, a professora Bennett parece perpetuamente desiludida comigo (o que é justo, uma vez que não entendo grande parte do que se passa nas aulas), mas o professor Bennett reage a todas as minhas respostas com acenos entusiásticos. Nem o professor Tuttle era tão encorajador como ele.

E, seja como for, é uma situação completamente diferente. Não vou pensar mais no professor Tuttle.

Quando chego à aula de Inglês, o professor Bennett está sentado à secretária, como sempre. Veste uma camisa azul-clara, combinada com uma gravata de um azul mais escuro. Nem todos os meus professores usam gravata, mas gosto que o professor Bennett o faça. Fica-lhe bem. Quando os alunos começam a entrar na

sala, ergue o olhar e abre um sorriso. É o tipo de professor que gosta genuinamente do que faz. Às vezes, os meus professores comportam-se como se a escola fosse o último lugar onde gostariam de estar.

Na verdade, consigo identificar-me com o sentimento, mas, por alguma razão, saber que ele quer estar aqui faz com que *eu* queira estar aqui.

Uma vez sentados os alunos, o professor Bennett contorna a secretária e senta-se nela, como sempre. E põe as mãos nos joelhos, também como sempre. Tem uns nós dos dedos grandes. Reparei nisso.

– Avaliei os poemas que escreveram – diz-nos ele. – Vou entregá-los depois da aula, mas quero dizer que, de modo geral, foi um bom trabalho. Quero reiterar uma coisa: os poemas não têm necessariamente de rimar. Mas... – Pousa o olhar no Austin Vargas, na terceira fila. – Para que conste, «grego» não rima com «peido», está bem?

Ouvem-se risos dispersos. Não me surpreende que o Austin tenha feito um poema com humor escatológico. Sinceramente, esperá-lo-ia de muitos dos meus colegas. Irrita-me que haja pessoas que não levam esta disciplina a sério. Não tenciono ser uma delas.

No final da aula, o professor Bennett desce os corredores e entrega os nossos poemas com comentários. Sinto borboletas no estômago, à espera de ver o que achou do que eu escrevi. Foi um poema muito pessoal, e passei horas a escrevê-lo, apesar de só ter uma página. Espero que ele veja o esforço que lhe dediquei.

Só que, ao chegar à minha carteira, o professor Bennett pega na folha em que escrevi o meu poema, deposita-a à minha frente, virada para baixo, e bate com o indicador nela.

Olho para a folha, confusa. Tem estado a entregar todos os poemas com o texto para cima. Só o meu foi pousado com o texto para baixo. Terá sido engano?

Lentamente, pego na folha e viro-a. Reconheço imediatamente a sua caligrafia no topo da página, a tinta vermelha. «*Vem falar comigo depois das aulas.*»

Isto não é bom.

Porque haveria ele de querer falar comigo depois da aula? Achará que *copiei* o poema? Não copiei. Seria incapaz. Extraí-o da minha própria *alma*.

Mas, seja por que motivo for, o meu poema pareceu-lhe preocupante. Quer falar comigo «depois das aulas». Não sei se quero ouvir o que ele tem para dizer.

Depois das aulas, estou no supermercado a apalpar abacates na secção de produtos frescos quando o avisto.

O Art Tuttle.

Usa uma camisola de gola alta, o que me parece estranhamente casual. O Nate vai sempre de camisa e gravata para a escola. Ainda que o Art não fosse nem de longe tão formal, usava sempre uma boa camisa. A camisola de gola alta parece deslocada. Além disso, é um pouco justa para a sua barriga de Pai Natal. E, ainda mais estranho, traz umas sandálias abertas, com, naturalmente, umas meias brancas de desporto. Tem um saco de plástico cheio de laranjas apertado na mão direita, o que também me parece estranho, pois não sei se alguma vez o vi comer uma laranja desde que o conheço. E partilhámos mesmo muitos almoços e até alguns jantares.

– Eve. – Consegue esboçar um sorriso sem mostrar os dentes, o que é peculiar, porque o Art costumava ter o sorriso mais aberto que alguma vez vi. – Olá. Como estás?

– Estou bem. – Sorrio, apesar de o sorriso me parecer torto no rosto, como se me tivesse esquecido de como se sorri. – Como estás *tu*, Art?

Prometi a mim mesma que, se me cruzasse com ele, não o diria desta forma. Com um inclinar de cabeça, como se fosse alguém que fui visitar a um hospital psiquiátrico. Como se tivesse pena dele.

Só que tenho *mesmo* pena dele.

A trapalhada começou toda em meados do segundo semestre do ano passado. Começou com aquela *rapariga*, a Addie Severson. Não sei a história toda, mas,

subitamente, andava toda a gente a sussurrar que o Art Tuttle andava enrolado com uma das alunas do 10.º ano. Da primeira vez que ouvi o rumor, foi como um murro no estômago. O Art era como uma figura paterna para mim, sobretudo porque eu e o meu pai mal nos falamos. Tinha ouvido histórias sobre outros professores que se tinham comportado de forma inapropriada com outras alunas, mas não esperava isso do Art. Nunca dele.

Ainda assim, as provas eram bastante suspeitas. A Addie estava com dificuldades a Matemática, o que não me surpreende, com base no que vi dela até agora, e ele dedicou várias horas do seu tempo livre a dar-lhe explicações, para a ajudar com a matéria, de graça. Convidou a rapariga para jantar em sua casa em mais do que uma ocasião. E levou-a a casa várias vezes.

Junta-se a isto o facto de a Addie ser uma rapariga perturbada, a filha de um alcoólico abusivo que se tinha finalmente deixado matar pela bebida durante o segundo semestre. Todos sentiram que era um alvo óbvio para um professor predatório.

E então...

Bem, aconteceu algo mais.

Tecnicamente, a Addie nunca acusou o Art de nada. Mas, quando tudo acabou, a reputação dele estava completamente destruída. Não podia continuar a ensinar na Escola Secundária de Caseham. Terá sorte se puder trabalhar *seja onde for*.

– Já estive melhor – diz-me o Art. Tosse para a palma, uma tosse estertorosa, como se tivesse algo entalado nos pulmões. – Tenho saudades da escola.

– Nós também temos saudades tuas. – Abandono a procura pelo abacate perfeito e redireciono a atenção para o Art. – É tão injusto o que te aconteceu. Tiveste de te despedir?

Ele solta um sibilo.

– Vá lá, Eve. Sabes que sim. Ninguém olhava para mim da mesma forma depois do que aconteceu. Não poderia ter ficado mesmo que os pais não tivessem armado um escândalo.

Tem razão, claro. Mas isso não o torna menos injusto.

– Arranjaste alguma coisa?

– Ainda não. – Suspira e esfrega o cabelo curto grisalho. – Mandei um monte de candidaturas, mas a situação não é lá muito boa. Se conseguir encontrar algo, poderei ter de me mudar, porque não vai ser por aqui. Já vou com sorte se for na Nova Inglaterra.

Quero perguntar-lhe se está bem de dinheiro, mas não quero envergonhá-lo. Tenho um pressentimento de que a resposta é não. Como pode estar bem se está desempregado e tem dois filhos na universidade?

– E como está a Marsha? – pergunto.

– Bem – responde ele.

A mulher dele, a Marsha, trabalha para uma organização sem fins lucrativos, o que significa que não ganha nem de longe o suficiente para os sustentar. Tanto quanto sei, acreditou nele, que nada tinha acontecido entre ele e a Addie, mas pergunto-me que tipo de impacto poderá algo assim ter tido no seu casamento. Eram um casal tão bom, mas este tipo de acusações é suficiente para abalar até o casamento mais saudável.

– Tenho-a na minha turma – digo, de repente.

O Art arqueia as sobrancelhas.

– O quê?

Retraio-me. Não era minha intenção falar nela, mas é difícil não abordar o elefante na sala. A rapariga que lhe arruinou a vida.

– A Addie Severson – explico. – Está numa das minhas turmas de Matemática deste ano.

– Ah – diz ele.

Estudo o seu rosto redondo, tentando ler-lhe a expressão. Estará curioso sobre como está ela? Será que quer perguntar por ela, mas teme que pareça estranho se o fizer? Enquanto os pensamentos me rodopiam na cabeça, apercebo-me de algo:

Tal como todas as outras pessoas no mundo, ainda não tenho a certeza absoluta de que Art Tuttle seja inocente.

Sei que tem bom coração e não é um velho porco, mas há algo em toda a situação que simplesmente não me cai bem. Afinal, como pôde ser tão estúpido? Como pôde estar sozinho com aquela rapariga na sala todos os dias depois das

aulas e não se aperceber de como ia parecer?

– Parece simpática – digo, por fim. – Não é muito boa aluna.

O Art franze as sobrancelhas brancas.

– Não, não é.

Por um momento, ficamos ali parados, ele com as laranjas, a camisola de gola alta e as sandálias com meias, e eu com o meu carrinho de compras, à procura de um ou dois abacates decentes. Nunca antes tivemos dificuldade em falar um com o outro, mas o confrangimento é quase sufocante. Quero convidá-lo e à mulher para um jantar em nossa casa, mas não me consigo obrigar a fazer o convite.

Seja como for, compreendo porque sentiu a necessidade de pedir a demissão.

– Enfim – digo. – Foi bom ver-te, Art.

– E a ti, Eve. – Aponta com a cabeça na direção dos abacates. – O truque é escolher um em que sintas a pele ceder um pouco com uma pressão suave, mas não demasiado, se lhe pressionares o dedo.

– Obrigada. – Mesmo agora, continua a tentar ensinar-me. – E... boa sorte. Com tudo.

Viro-lhe as costas, regressando ao monte de abacates. Escolho um da pilha que está castanho e parece ceder um pouco sob as pontas dos dedos. Quando estou prestes a testá-lo, sinto uma mão fechar-se sobre o meu braço. Tardo um segundo a perceber que o Art ainda está atrás de mim e me agarrou. Os seus dedos rechonchudos mordem-me a pele nua. A única coisa em que consigo pensar é que, se não estivéssemos no meio de um supermercado, gritaria.

– Eve, espera – silva a sua voz ao meu ouvido. – Tens de me ouvir. Agora.

V «*em falar comigo depois das aulas.*»
Algo de bom alguma vez começou com essas palavras? Diria que não. Não.

Felizmente, é a última aula do dia e está quase a terminar, por isso só tenho de me passar durante cerca de dez minutos até a campainha tocar. Todos os outros se levantam das cadeiras e saem da sala, mas eu fico colada ao lugar. Tal como o professor Bennett.

Arrisco um olhar rápido na sua direção. Será que parece desiludido comigo? Nem consigo perceber. «*Vem falar comigo depois das aulas*» é muito mau, mas há coisas piores. Durante toda aquela confusão com o professor Tuttle, não esperaram até depois das aulas. A diretora tirou-me da aula de Biologia e perguntou-me o que se passava.

– Addie?

Perdi-me de tal modo nos meus pensamentos, que nem me apercebi de que todos os outros alunos já saíram. Só estou eu e o professor Bennett. Fita-me de sobranceiras arqueadas, como se talvez achasse que se passa algo de errado comigo. Consigo esboçar-lhe um sorriso débil.

– Desculpe. Deixei-me distrair por um momento. – Levanto-me da cadeira, vacilante, e aproximo-me da secretária, apertando o papel com o meu poema. – Então, hã, qual é o problema?

– Problema? – repete ele. Agora que estou mais perto do professor Bennett, consigo ver as marcas minúsculas do que se tornaria uma barba, se ele não se barbeasse todos os dias. – Não há nenhum problema. Muito pelo contrário.

Olho para as letras vermelhas no meu poema.

– Como assim?

– Quero dizer... que o teu poema é espantoso.

O teu poema é espantoso. Essas cinco palavras são *tão* melhores do que «*Vem falar comigo depois das aulas*». Pela primeira vez desde o início deste ano letivo estúpido, sinto um ligeiro sobressalto de felicidade.

– A sério?

– Oh, sim. – Tira-mo da mão. – A imagética é incrível. «*Os seus punhos um vulcão, a jorrar lava dos lábios a cada golpe.*» Addie, fiquei tão comovido. É uma obra-prima lírica.

– Obrigada. – Baixo os olhos, tentando não pensar na minha inspiração: todas as noites em que o meu pai entrava em casa aos tropeções, bêbedo e zangado. – Fico muito grata.

– E acho que devias publicá-lo.

– O quê? – pergunto, levantando a cabeça bruscamente.

– A sério. – Um sorriso curva-lhe os lábios. – É muito bom, tens de o partilhar com o mundo. Sabes que sou o supervisor da equipa da revista de poesia da escola, certo?

Sei da revista de poesia, *Reflexos*. Sempre me quis juntar, mas tinha medo de que achassem os meus poemas parvos. Afinal, o que sei eu sobre escrever poesia? Limito-me a rabiscar poemas num caderno marmoreado no meu quarto. Mas, pela primeira vez, alguém que sabe realmente do que está a falar diz-me que posso ter talento.

– Talvez... se acha que sim – digo, cautelosamente.

Ele acena com a cabeça vigorosamente.

– Acho. Acho que ias gostar de trabalhar na revista. Também te podia ajudar a fazer amigos.

Oh, meu Deus. Saberá o professor Bennett da minha dificuldade em fazer amigos este ano? Isto é tão humilhante. Mas, por outro lado, é claro que sabe. Toda a gente sabe do escândalo entre mim e o professor Tuttle. Foi estúpido pensar que podia não saber.

– Refiro-me apenas... – apressa-se ele a acrescentar, ao ver a minha expressão.

– Penso que conhecerias outros alunos como tu, com interesses semelhantes.

O professor Bennett é amável. É, basicamente, a única pessoa a ser amável comigo este ano, incluindo os professores. Está a tentar não me fazer sentir uma falhada, o que agradeço – apesar de ser, de facto, uma falhada. De certeza que ele nunca teve este tipo de problemas no secundário. Quer dizer, olhem para o homem. Aposto que tinha um grupo de raparigas a segui-lo para toda a parte, a agarrar-se a cada palavra sua.

E então ocorre-me. Talvez ele não goste do meu poema, afinal. Talvez esteja só a dizer todas estas coisas simpáticas porque tem pena de mim. É bem possível que os miúdos com talento verdadeiro se riam de mim se lerem a minha poesia.

– Não sei se é boa ideia – acabo por dizer.

Ele franze o sobrolho.

– A sério? Acho mesmo que ias gostar.

– Eu... – Olho para o papel com o poema que tenho nas mãos, que ele alega ter adorado. – Não sei bem.

– Vem a uma reunião. – Os olhos do professor Bennett prendem os meus. Adoro o tom castanho-escuro, como uma barra de chocolate. – Não tens a obrigação de voltar. Mas acredito que o farás.

E, por alguma razão, dou por mim a concordar, apesar de uma voz incómoda ao fundo da minha cabeça não parar de me dizer que é má ideia.

Desta vez, quando me viro, o Art está muito perto de mim. Tão perto que consigo ver derrames vermelhos no branco dos seus olhos. Tão perto que deteto um laivo de uísque no seu hálito. Apercebo-me do quanto o que lhe aconteceu o destruiu.

– Eve. – A sua voz soa ligeiramente embargada. – Preciso de te dizer uma coisa.

– Art – murmuro.

Não sei se quero saber o que tem para me dizer.

– Escuta – diz. – Tens de ter cuidado com a Addie Severson.

Sinto a boca seca ao olhar-lhe para os olhos raiados de sangue.

– Art, precisas de boleia para casa?

– Não, não é isso que estou a tentar dizer! – Cerra os maxilares, frustrado. – Olha, mantive a boca calada para bem dela, mas aquela rapariga não está bem. Há... há coisas que não sabes.

– Art...

– Tens de ouvir isto, Eve. – Um músculo contrai-se sob o seu olho direito. Nunca o vi assim. Talvez tenha estado a beber... parece-me uma boa explicação.

– Tu és como eu e tentas ajudar os alunos que precisam. Mas tens de ter muito cuidado com ela. É... A Addie é uma rapariga perturbada.

– Vou ter – respondo, em voz baixa.

Finalmente, o Art larga-me o braço, e todo o seu corpo se parece esvaziar. Baixa os olhos e deixa descair os ombros. Estendo o braço e ponho-lhe a mão no ombro.

– Deixa-me dar-te boleia para casa, está bem? – digo.

De certeza que trouxe o carro, mas não creio que esteja em condições de conduzir neste momento.

– Está bem – responde ele, num tom baixo, derrotado.

Abandono a busca pelo abacate perfeito e guio o Art de volta ao parque de estacionamento. Levo-o a casa. Felizmente, a mulher está lá. Explico-lhe a situação, tentando evitar usar a palavra «bêbedo», apesar de ser difícil. A pior parte é que a Marsha não parece minimamente surpreendida. É óbvio que, desde toda a confusão com a Addie Severson, as suas vidas descarrilaram.

«A Addie é uma rapariga perturbada.»

Não tenho a menor dúvida de que o Art deve guardar graves ressentimentos em relação à Addie. Mas, ao mesmo tempo, ninguém me vai acusar *a mim* de ter um caso com ela. Está na minha turma, por isso vou simplesmente ensinar-lhe a matéria, como faço com todos os outros alunos. Nada mais.

Hoje – dois dias depois de o professor Bennett me ter convidado, deixando-me nas nuvens –, vou à primeira reunião da *Reflexos*, a revista de poesia da escola. É quase quanto basta para fazer com que tudo fique bem.

Quase.

Mas, apesar do muito que anseio pela reunião, não afasta por inteiro a ansiedade por ter almoçado sozinha todos os dias desde o início do ano letivo. Se me juntar a uma mesa de alunos que conheço, olham para mim de soslaio e fazem um esforço concertado por me ignorar, como se eu não existisse. É menos doloroso procurar uma mesa vazia.

Quando a minha mãe me pergunta como vão as coisas na escola, finjo que estão a melhorar e que começo a fazer alguns amigos, apesar de ser uma mentira descarada. Toda a gente adorava o professor Tuttle, e o sentimento geral é que o que quer que tenha acontecido entre nós foi culpa minha, além de ser super nojento. Portanto, continuam todos a evitar-me. Provavelmente, fá-lo-ão para sempre.

Ainda bem que estou sentada sozinha ao almoço hoje, pois dá-me a oportunidade de tentar perceber que raio estamos a dar na aula de Matemática. Tenho o manual de trigonometria à frente e estou a lê-lo, mas bem podia ser grego, dado o quanto o entendo. Na realidade, há partes que são mesmo em grego, como aquele símbolo do círculo com uma linha a atravessá-lo, seja lá *isso* o que for.

Sem o professor Tuttle a dar-me explicações, corro sérios riscos de chumbar.

Começo a sentir-me um caso perdido, apesar de só terem passado poucas semanas após o início do período. É bastante óbvio que a professora Bennett não vai fazer todos os esforços para me ajudar, como ele fazia.

Quando estou a tentar compreender o porquê de a representação gráfica de uma equação específica gerar uma linha irregular estranha, sinto algo a abanar-me o braço. Ergo o olhar e vejo nada menos que a Kenzie Montgomery de pé à minha frente, com um tabuleiro cheio de comida. Não há a menor hipótese de a Kenzie querer almoçar comigo, portanto já sei que isto vai ser mau.

– Ei – diz ela. – Não podes ocupar uma mesa vazia inteira. Tens de sair.

Olho para o meu tabuleiro de comida. Só dei umas cinco dentadas no hambúrguer, e ainda resta mais de metade.

– Mas eu...

– *Levanta-te.* – Agora é a Bella, a lacaia da Kenzie. Bem, uma das lacaías. Tem várias atrás dela. Um mini-exército. – Estás a ocupar uma mesa inteira sozinha. Isso é tão egoísta, Addie.

– Mas, hã... – Olho para a mesa vazia. – Podem só sentar-se nos lugares vazios.

– Sim, mas queremos falar de coisas privadas. – A Kenzie larga o tabuleiro na mesa, empurrando o meu para longe. – Por isso, tens de sair.

Abro a boca, apesar de não saber bem o que dizer. Antes que possa pensar em algo, porém, a Kenzie ergue o meu tabuleiro da mesa, enquanto a Bella agarra no meu manual. Fico a olhar para elas, em choque.

– Ei! – exclamo.

– Onde te queres sentar? – pergunta-me a Kenzie. Pegou no meu tabuleiro com tanta brusquidão, que o meu leite com chocolate tombou e está a entornar-se, ensopando os guardanapos em líquido castanho. – Decide, ou então deitamos só as tuas coisas ao lixo.

Sinto o coração a palpitar. Devia fazer-lhe frente, de alguma forma, mas como? Vou fazer o quê? Lutar com ela em plena cantina? Insultá-la? Não consigo pensar em nenhum insulto que pudesse lançar à Kenzie Montgomery que fosse verdade. Ela é literalmente perfeita.

– Ei – soa uma voz dolorosamente familiar, ao fundo do grupo da Kenzie. O

Hudson Jankowski abre caminho até à dianteira do grupo. – O que se passa?

A Kenzie faz uma careta.

– A Addie está a ocupar esta mesa inteira e não quer sair.

O Hudson olha para a mesa, e os seus claros olhos azuis afloram-me ao rosto. É como se já nem me reconhecesse, mas sinto um lampejo de esperança ao ouvi-lo perguntar:

– Porque é que ela tem de sair?

A Kenzie resfolega.

– Tu *queres* sentar-te com ela?

Mantenho-me à mesa, à espera de que o Hudson me defenda. *A Addie é a minha melhor amiga, e teria todo o gosto em sentar-me ao lado dela. Foi a minha única amiga quando mais ninguém se aproximava de mim.* Mas o que ele diz é outra coisa:

– Vá lá, Kenzie. Está outra mesa mesmo ali.

– Mas esta é mesmo ao lado das máquinas de venda automática – lamuria-se a Kenzie. – E porque haveríamos de ser *nós* a mudar-nos? Ela está aqui sozinha.

Não posso ouvir mais esta discussão. O Hudson pode estar a defender-me um pouco, mas não da forma que eu queria. Decidiu que já não somos amigos, e isso dói mais do que tudo.

Por isso, levanto-me da mesa e arranco o manual das mãos da Bella.

– Tudo bem – digo. – Fiquem com a mesa.

A Kenzie arqueia uma sobrancelha.

– Não queres o teu tabuleiro?

Quero dizer-lhe que perdi o apetite, mas sei que vou desatar a chorar se disser seja o que for. E todos sabemos que isso é o pior que se pode fazer. Em vez disso, saio da cantina de cabeça erguida. Quase me parece que oiço o Hudson a chamar o meu nome, mas devo estar a alucinar, pois duvido que o fizesse.

Quando vou a correr para a reunião da revista de poesia, encontro a Kenzie e o Hudson.

Na verdade, não é tanto encontrar-me com eles. Limito-me a vê-los. O Hudson tem treino de futebol, e é provável que a Kenzie tenha treino das chefes de claque, mas estão alguns minutos juntos antes de saírem, escondidos num dos recantos discretos do quarto andar, atrás de um conjunto de cacifos.

Ficam bem juntos, ambos com cabelos louros perfeitos a condizer. Se alguma vez acontecesse algo entre mim e o Hudson, não combinaríamos nem de longe tão bem. Não que alguma vez se tenha passado algo entre nós. Houve uma altura em que... Bem, digamos apenas que escrevi alguns poemas muito maus sobre o Hudson Jankowski. Passávamos tanto tempo juntos, e ele era o meu melhor amigo em todo o mundo, mas era com ele que fantasiava quando estava sozinha no quarto.

E agora está com a Kenzie. Não estão aos beijos, mas estão muito, muito juntos, a falar baixinho.

O mais estranho é que costumávamos gozar com a Kenzie e as suas lacaías. *«Têm de lhe fazer um altar nos quartos»*, gracejava o Hudson. *«E de lhe dar vinte por cento de todos os lucros.»*

«Mas ela é muito bonita», salientei-lhe eu uma vez. O Hudson fez sons de vômito. Claro que só tinha treze anos na altura.

Ao vê-lo olhá-la agora nos olhos, não tem ar de querer fazer sons de vômito.

Uf, estão prestes a desatar aos beijos. Nem posso ver.

Olho para as duas mochilas que foram abandonadas junto à parede; a do

Hudson é a preta de aspeto barato e a da Kenzie é debruada a cabedal, com montes de botões e ornamentos pendurados. Tem um porta-chaves com o nome *Kenzie* escrito em letras com brilhantes. Pergunto-me se foi feito por encomenda. Vejo também que o porta-chaves tem algumas chaves penduradas – as chaves de casa.

Arrisco um novo olhar à Kenzie e ao Hudson. Continuam a conversar, totalmente absortos um no outro. Nunca pensei que veria o dia em que o Hudson se tornaria um dos lacaios da Kenzie – pior ainda, *namorado*. Discretamente, solto o porta-chaves do fecho da mochila e meto-o ao bolso.

Ao afastar-me, espero ouvir a Kenzie gritar atrás de mim. Já me odeia, e seria a última gota se me visse a tirar-lhe as chaves. E se disser à diretora? Porque haveria de correr este tipo de risco e de me voltar a meter em sarilhos?

Mas ela não me apanha. Faço todo o trajeto até à escadaria e, ao chegar ao terceiro andar, apercebo-me de que saí impune.

O porta-chaves continua no meu bolso quando chego à reunião da revista de poesia. Surpreende-me que tenham aparecido tão poucos alunos. Dada a popularidade do professor Bennett, esperava que a sala estivesse cheia. Mas, por outro lado, ele também trabalha no jornal da escola. Talvez seja oportunidade suficiente para as raparigas namoriscarem com ele. Seja como for, fico feliz por não haver demasiados miúdos. É menos intimidante.

Quando entro na sala, o professor Bennett está a conversar com outra aluna, mas ergue o olhar, e aflora-lhe ao rosto um grande sorriso. Deixa a conversa com a outra aluna e apressa-se a vir falar comigo.

– Addie! – diz ele. – Estou tão feliz por teres vindo!

Fico tão assoberbada com o entusiasmo, que só consigo esboçar um aceno.

– Bem, entra – diz ele, pois ainda estou à porta. – Como vês, não temos muita gente, mas todos os que vêm são extremamente dedicados. Gostaria de te apresentar à nossa editora principal.

Conduz-me a uma rapariga que reconheço da turma dos finalistas. Estou bastante certa de que se chama Mary. Tem o cabelo preto-azeviche cortado rente ao pescoço, com madeixas compridas desgrenhadas no topo a cair-lhe para os olhos. Veste uma camisola com capuz apertada até ao pescoço e tem um caderno

de argolas aberto à frente, com uma página coberta de rabiscos negros furiosos e desenhos inacabados de esqueletos. Faz uma carranca ao ver-me.

– Olá, Mary – digo, esperando que fique impressionada por saber o seu nome.

A rapariga *não* parece satisfeita.

– É *Lotus*. Não Mary. Tenho cara de Mary?

Parece uma pergunta retórica, mas, mesmo assim, abano a cabeça em negação. Continuo bastante certa de que o seu nome verdadeiro é Mary, mas tratá-la-ei por Lotus, se é isso que ela quer.

– Lotus, gostaria que mostrasses à Addie como funcionam as coisas por aqui – diz-lhe o professor Bennett. – Além disso, a Addie tem um poema fenomenal que entregou na minha aula. – Pisca-me o olho. – Sinto que pode ser material para a primeira página.

Deve ter sido a coisa errada a dizer para me ajudar a cair nas boas graças da rapariga hostil, mas, ao mesmo tempo, o elogio faz os meus joelhos fraquejarem. Sempre fui uma aluna medíocre, por isso esta é capaz de ser a primeira vez na vida em que sinto que é possível ser boa a algo.

Até me consigo imaginar a dizer à minha mãe que quero ser poetisa. Teria uma apoplexia.

Sento-me na carteira ao lado da Lotus/Mary. Não parece encantada, mas, com relutância, vira-se para olhar para mim.

– Vejamos esse poema, então – diz ela.

Vasculho a mochila e tiro a capa de cinco centímetros que contém a maioria dos meus trabalhos da escola. Sempre fui organizada e adoro dividir o meu trabalho com separadores coloridos. Salto para a secção de Inglês e localizo o poema sobre o meu pai imediatamente. Não refiro que é o melhor de entre as dúzias de poemas zangados que escrevi sobre ele ao longo dos anos.

Estendo-o à Lotus, que estuda a página, de olhos semicerrados. Usa maquilhagem preta nos olhos, fazendo lembrar-me a Cleópatra.

– É muito sombrio – comenta ela, ao terminar.

Não sei se é um elogio ou não.

– Eu sei.

– É, tipo, real?

Lentamente, anuo.

A Lotus solta um suspiro baixo.

– Sim, bem, é bastante bom. Talvez precise de um pouco de edição. O professor Bennett ajudará com isso. Dá boas sugestões. E, sabes, também posso ajudar. Tipo, tens aqui uma espécie de esquema de cor, com o sangue a sair-lhe do rosto, mas podias forçá-lo ainda mais. Mais cores, sabes?

– Sim, claro. – Assinto vigorosamente.

Ela lança-me um olhar demorado.

– Não foste tu que andaste enrolada com o professor Tuttle?

Retraio-me.

– Não.

– Foste, pois. És a Addie Severson, certo?

– Certo, mas... – Roo a ponta da unha do polegar. – Não aconteceu nada. Foi tudo um mal-entendido.

– Bem, então porque é que o despediram?

Sinto uma pontada de culpa no peito. Foi tudo culpa minha, mas não havia nada que pudesse fazer em relação a isso. Nada que pudesse dizer para remediar as coisas.

– Não sei.

– É bastante nojento. – Começa a rabiscar apaticamente no caderno de argolas. Desenhou dois ossos cruzados e traça os contornos uma e outra vez. – Não sei como foste capaz de o fazer com *ele*. Tipo, *qualquer outra pessoa* seria melhor.

– Certo. Não fiz.

Ela encolhe os ombros, como se não acreditasse em mim. Por um momento, pensei que a Lotus talvez pudesse ser uma amiga, mas já não tenho tanta certeza. A minha reputação está demasiado manchada. Era mesmo por isto que estava tão desesperada por mudar de escola. Talvez não seja demasiado tarde. Talvez possa ir para uma escola diferente na primavera.

Mas então ergo o olhar e vejo o professor Bennett do outro lado da sala. Quando lhe prendo o olhar, ele ergue-me um polegar, entusiasmado. Imagino-me a dizer-lhe que vou deixar a Escola Secundária de Caseham e imagino a sua

desilusão.

Mas o que realmente me dá confiança para ficar são as chaves da Kenzie no meu bolso.

Ao chegar a casa do trabalho esta noite, o Nate vem de bom humor. Vem a assobiar quando entra pela porta, e, apesar de não ser um dos três momentos designados para um beijo, dirige-se ao sofá, onde estou sentada, e deposita-me um beijo na face. Sei por experiência própria que é melhor não ficar demasiado empolgada.

– Tiveste um bom dia? – pergunto-lhe eu.

– Fenomenal. – Hesita e depois prossegue. – A equipa da revista de poesia reuniu-se hoje. Temos lá muito talento. Os poemas de uma rapariga lembram-me um pouco os de Carol Ann Duffy.

Quem quer que essa seja. O Nate sempre se achou um poeta. Publicou um livro de poesia há vários anos, que os pais compraram, bem como uns cinco amigos. Estou bastante certa de que mais ninguém comprou. Talvez fosse diferente no tempo de Shakespeare, mas, hoje em dia, ninguém ganha dinheiro como poeta.

Ainda assim, era romântico quando começámos a namorar. Costumava escrever-me poemas. *Sobre* mim. E depois recitávamos, nalgum sítio absolutamente romântico como a vaguear num barco a remos, à deriva no lago. Fazia-me sentir como uma deusa – o tipo de mulher digna de que se compusessem poemas em sua honra.

Guardei alguns. Tenho-os numa caixa de sapatos no fundo do roupeiro. Costumava relê-los constantemente, mas há anos que não o faço. Deixa-me deprimida olhar para eles agora. Há muito tempo que o Nate não escreve um poema sobre mim. Começo a pensar que nunca mais o voltará a fazer.

– Então, o que queres para o jantar? – pergunta-me ele. – Posso fazer massa.

Olho para a pilha de trabalhos no meu colo. Já corriji mais de metade. Não verifico todas as respostas nos trabalhos de casa, a menos que tenha preocupações com o aluno. Verifiquei os trabalhos de casa da Addie Severson, por exemplo. Anda a rondar os cinquenta por cento, o que não augura nada de bom para o primeiro exame. Precisa desse retorno o mais rápido possível.

– Na verdade, vou jantar fora esta noite com a Shelby – digo.

A mentira escorre-me simplesmente da língua.

O Nate assente, impávido. Gosta quando saio à noite e, quando regresso a casa, pergunta como correu o jantar, não fazendo quaisquer perguntas de seguimento quando lhe digo que correu bem. Tenho a certeza de que nunca ligaria à Shelby para confirmar que estou com ela, o que é bom, porque ela não sabe que é suposto estarmos juntas.

– Tens planos para esta noite? – pergunto-lhe eu.

Ele encolhe os ombros.

– Nada de muito empolgante. Mas... sinto-me inspirado. Talvez possa escrever qualquer coisa.

– Vou deixar-te em paz, então. Não te quero incomodar se vais tentar escrever.

– Nunca me incomodas, minha querida.

O meu marido diz sempre as coisas certas.

Uma hora depois, acabei de corrigir todos os trabalhos e dirijo-me à porta. Apesar de ainda só estarmos em setembro, o tempo tornou-se um pouco fresco, por isso pego num casaco e enfio os pés nas botas *Manolo*, que têm uns saltos de oito centímetros. A minha filosofia é que, se os meus sapatos não me fizerem pelo menos oito centímetros mais alta, quase nem vale a pena usá-los. Mais valia calçar só umas meias.

Junto à porta da frente, hesito, perguntando-me se não devia dizer adeus ao Nate, mas ele está trancado no quarto e não o quero perturbar se estiver profundamente concentrado. Não ficará incomodado se sair sem me despedir.

São vinte minutos de viagem no meu *Kia* até à Simon's Shoes. Sei o caminho sem usar o GPS e percorro as ruas enquanto uma estação de rádio de música de dança soa no meu carro, os bancos a vibrar com os baixos. Não sei se é da

música ou se é o meu coração a palpar. Talvez seja um pouco de ambos.

O sol começou já a descer no céu quando chego à sapataria. Paro no parque de estacionamento, que serve tanto a sapataria como a pizaria ao lado. Ao sair do carro, o cheiro a molho de tomate gorduroso e queijo fundido invade-me as narinas e faz o meu estômago roncar. Ainda não jantei. Talvez pare para comer uma *pizza* mais tarde.

Paro à porta da Simon's Shoes e olho para o cartaz com o horário da loja. À terça-feira, fecha às 19 horas. O meu relógio de pulso diz que são 18h50.

Mesmo a tempo.

Abro a porta e quase vou contra uma mulher de meia-idade com demasiadas caixas de sapatos nas mãos. Devem ser pelo menos quatro. Quatro pares de sapatos novos. Não posso deixar de sentir uma pontada de inveja. Quando lhe sorrio, ela lança-me um olhar apologetico.

– Acho que fecham daqui a poucos minutos – diz-me ela.

– Não faz mal – respondo. – Serei rápida.

A loja está praticamente vazia – só resta uma cliente junto à caixa registadora. Vou direta aos sapatos de marca e, por estar tão familiarizada com a loja, encontro os sapatos do meu tamanho rapidamente. Têm uns *Christian Louboutin* muito parecidos com aqueles com que quase fui apanhada no centro comercial, mas não tão caros.

Talvez devesse comprá-los. Mereço um mimo – não compro um par de sapatos novo desde os que usei no primeiro dia de aulas. Talvez os possa pagar com um cartão de crédito diferente, para desviar as atenções do Nate.

Podia experimentá-los, ao menos. Não há mal nenhum nisso.

– Ficar-lhe-iam lindamente.

A voz pertence a um homem com uns *Rockport* castanho-escuros. Olho para o vendedor, que se ergue sobre mim, olhando apreciativamente para os sapatos que tenho na mão.

Acena na direção do armazém.

– São do seu tamanho ou precisa de outro par?

– Estes devem servir...

Tira-mos delicadamente das mãos.

– Posso?

Obedientemente, sento-me no banco de madeira oferecido para experimentar os sapatos. Antes que o possa fazer, o vendedor corre os fechos das minhas botas e tira-mas dos pés. Tem uns antebraços musculados e mãos que parecem fortes, e os seus dedos demoram-se por um instante a mais do que o necessário no arco do meu pé. Pega então num dos sapatos e calça-mo.

– Cinderela. – Abre-me um sorriso de esguelha. Tem um incisivo ligeiramente lascado do lado direito, mas os seus dentes são brancos e, de resto, bem cuidados. – Servem perfeitamente. Tem de os levar.

– Hum – digo. – Aposto que diz isso a todas as clientes.

– De modo algum.

Espreito-lhe por cima do ombro. Ao contrário de quando entrei, a loja está agora na penumbra. O letreiro da entrada foi virado para indicar que o estabelecimento está fechado, o que provavelmente quer dizer que trancou as portas connosco cá dentro.

A sua mão direita desce para o meu joelho, subindo-me depois pela coxa.

– O que me diz, então?

– Acho... – Prende-se-me a respiração na garganta. – Que talvez precise de ser convencida.

É então que ele me agarra.

E desce os lábios para os meus.

Céus, beija tão bem. Faz-me derreter. Costumava achar que o Nate era bom a beijar, mas estava errada. Este homem é muito melhor.

– Eve – murmura ele. – Não tinha a certeza de que virias.

– E perder isto? Nunca.

Um sorriso demora-se nos lábios do Jay, enquanto os seus olhos se enchem de desejo. Há muito tempo que não vejo o meu marido olhar assim para mim. Tenho de admitir, é emocionante. Emocionante o suficiente para me fazer voltar aqui todas as semanas nos últimos três meses. E nem sequer me sinto culpada.

Bem, sinto-me um *bocadinho* culpada. Mas não o faria se o meu marido não agisse como se tivesse medo de me tocar.

O Jay olha para a rua atrás dele. Qualquer pessoa que passasse podia ver-nos aos beijos. Estende uma mão para me ajudar a levantar. Descalço o sapato que restava e sigo-o para o armazém.

Fazemos amor entre as pilhas de sapatos. É um espaço pequeno, mas, por alguma razão, isso torna tudo ainda mais escaldante – ainda que, uma vez, tenha rebolado para cima de um salto agulha que quase me rasgou a pele. O Jay pediu desculpa por isso. Tenta sempre ser delicado, mas, depois de uma semana separados, estamos praticamente a rasgar a roupa um ao outro.

Dura sensivelmente tanto tempo quanto uma sessão de sexo no armazém de uma sapataria poderia durar. Estranhamente, depois de acabar, já não quero tanto aqueles sapatos. Por um minuto, ficamos os dois deitados no chão frio e duro, a recuperar o fôlego. O Jay arqueja, como se tivesse acabado de correr uma maratona, e, ao virar a cabeça para olhar para mim, vejo que tem a pele

brilhante e a reluzir de suor.

– Esta é a melhor parte da minha semana. – Agarra-me para me voltar a beijar. – Não consegui pensar em mais nada o dia inteiro. Não tinha a certeza de que virias.

Sento-me no chão e agarro no sutiã, que está pendurado de uma caixa de sapatos na segunda prateleira. Não quero dizer-lhe que também é a melhor parte da minha semana. E não só isso. Não quero dizer-lhe que, se não tivéssemos estas sessões juntos, me atirava do alto do edifício da escola.

Começou há cerca de quatro meses. De início, foi relativamente inocente. Tinha ido à Simon's para comprar um par de sapatos. Por alguma razão, penso sempre que os sapatos certos vão resolver tudo. Como se, se entrasse em casa com os sapatos perfeitos, o Nate me voltasse a achar atraente de súbito.

Estava indecisa entre dois pares de sapatos: umas sandálias com correias *Stuart Weitzman* e uns sapatos de cabedal preto *Cole Haan*. Só podia comprar um dos pares e não parava de olhar de um par para o outro, a tentar decidir-me. Passei lá mais de uma hora, incapaz de decidir qual dos dois pares de sapatos poderia fazer com que o Nate me voltasse a amar. Finalmente, o vendedor abordou-me.

Havia algo de familiar nele, apesar de não o ter conseguido situar, de início. Claro que era o tipo de pessoa em que qualquer mulher repararia. Tão atraente como o Nate, mas de uma forma diferente. Grande e forte, ao passo que o Nate é mais magro e esbelto. Ergueu-se sobre mim e, numa voz tão delicada que me senti devastada, disse: «*Vamos fechar dentro de poucos minutos. Posso registar a sua compra?*»

Foi demasiado para mim. Desatei a chorar.

O Jay fechou a loja e passámos as duas horas seguintes a conversar. Não lhe contei tudo, mas disse-lhe o suficiente. Ele disse-me que não entendia como era possível que o meu marido não me achasse atraente. Pensei que estivesse só a ser simpático – até que ele me beijou.

É bastante irónico ter ficado caidinha aos pés de um vendedor de sapatos.

O telemóvel do Jay começa a tocar, e ele estende o braço para o tirar do bolso das calças caqui, que estão amarrotadas no chão do armazém. Inspira fundo ao ver o nome no ecrã. Lança-me um olhar antes de atender a chamada. Apesar de

ter o telemóvel perto do ouvido, consigo ouvir a voz feminina do outro lado da linha, mas não consigo perceber o que diz.

– Desculpa – murmura o Jay para o aparelho. – Fiquei outra vez preso no trabalho a fazer inventário.

Não quer que o oiça mentir a outra mulher, mas é inevitável. Viro ao menos a cabeça para lhe dar uma ilusão de privacidade.

– Chego a casa daqui a mais ou menos meia hora. – Esfrega o cabelo despenteado. – Não deve haver muito trânsito, por isso... sim, não te preocupes com o jantar. Compro uma *pizza* na porta ao lado.

Se tanto o Jay como eu vamos comprar *pizza*, terei de ir ao restaurante depois dele. Ele é tão paranoico quanto isso. Não quer que lhe descubram as mentiras, e a verdade é que eu também não.

– Sim – diz ele para o telemóvel. – Assim farei. Sim... claro. Faço-o quando chegar a casa. – Hesita, lançando-me um olhar. – Também te amo. – Ao desligar, tem o pescoço vermelho-vivo. – Merda, desculpa por isto, Eve.

– Não peças desculpa – digo, apesar de a chamada ser uma lembrança amarga de ainda mais uma razão para nunca podermos ficar juntos.

Parte da euforia pós-sexo dissipa-se no rescaldo do telefonema. Tem graça como, em todos os meses desde que eu e o Jay andamos enrolados à socapa, nunca fui interrompida por uma chamada ou sequer uma mensagem de texto do Nate. Parece feliz por me ter fora de casa.

O Jay morde o canto inferior do lábio.

– Para a semana?

– Sem dúvida.

É a melhor parte da minha semana. Não a perderia por nada.

Enquanto nos vestimos entre as caixas de sapatos de todos os tamanhos, não posso deixar de pensar no quanto isto significa para mim. Não é só a melhor parte da minha semana – é *tudo* para mim. Não há um dia que passe em que não deseje que o Jay e eu pudéssemos fugir juntos.

Mas, no meu coração, sei que isto vai acabar de forma horrível.

Quando a reunião de hoje da *Reflexos* está quase a terminar, o professor Bennett curva um dedo na minha direção.

– Addie, posso falar contigo por um minuto?

Há já algumas semanas que tenho vindo a assistir às reuniões da revista de poesia e começo finalmente a sentir que faço parte de algo. Às vezes, a Lotus espera por mim depois de a reunião terminar e caminhamos juntas até às bicicletas, ainda que eu continue a não saber ao certo se ela gosta de mim ou não. Às vezes, acho que me despreza e que seria capaz de me assassinar durante o sono, se tivesse essa opção, mas outras vezes parece tolerar-me de bom grado. Seja como for, aceno-lhe para que vá andando sem mim, apesar de ver nos seus olhos que está curiosa acerca do que ele quer discutir comigo. A Lotus idolatra verdadeiramente o professor Bennett.

Deixo-me ficar na sala, enquanto o professor Bennett organiza alguns papéis na secretária. Espera até todos terem saído para baixar os papéis e me sorrir.

– Addie – diz ele. – Adivinha só.

Adoro a forma como os olhos do professor Bennett se franzem quando sorri. No mês que passou desde que estou na sua turma, reparei que tem dois tipos de sorrisos: o que usa nas aulas, quando está a tentar encorajar os alunos, que não é tão genuíno; e o outro, quando os seus olhos se franzem, e consigo perceber que está realmente feliz.

– Boas notícias? – pergunto.

– Então, há um concurso de poesia a nível estadual. – Esfrega as palmas das mãos. – Todos os anos, tenho oportunidade de submeter um poema de entre

todas as minhas turmas. Este ano, quero submeter o teu poema.

Fico de boca aberta. O professor Bennett dá aulas a várias turmas de inglês e, além disso, tem todos os miúdos da revista por onde escolher. A Lotus, por exemplo, é uma poetisa incrivelmente talentosa. Todos os seus poemas são melhores do que qualquer um dos meus. Terá ele *enlouquecido*? Achará que sou a Lotus, de alguma forma?

– O meu? – acabo por guinchar.

Ele sorri-me.

– Sim! Quero submeter o «Ele Estava Lá». Acho que é brilhante. Das coisas mais comoventes que já li.

É o poema sobre o meu pai. Estou a ter um momento grave de emoção. Aprendi a habituar-me aos seus elogios, mas não a tantos. Pode ser *demasiado*... tipo, estou capaz de explodir com a quantidade de aprovação que estou a receber neste momento. Como quando uma pessoa faminta recebe subitamente um monte de comida e depois morre por causa dela.

– Tem a certeza? – pergunto.

– Addie – diz ele, cruzando os braços sobre o peito. A dada altura, depois do último toque, desapertou os botões das mangas da camisa e arregaçou-as até aos antebraços. Consigo ver os pelos escuros do seu braço. Nenhum dos rapazes da minha turma tem tantos pelos nos braços. O Hudson tinha poucos e eram louro-claros, como o seu cabelo. – Addie, tens de acreditar um pouco em ti. Porque eu acredito com toda a certeza.

– Sim – murmuro.

– O teu poema é incrível. – Os seus olhos castanhos sustentam-me o olhar. – *Tu* és incrível, está bem? És uma mestra desta arte, mesmo aos dezasseis anos.

Se qualquer outra pessoa me tivesse dito isto, acharia que estava a ser condescendente. Mas, de algum modo, quando o professor Bennett me diz que sou incrível, sinto-me realmente assim. Como se pudesse haver algo em que sou boa, ainda que a poesia fosse uma carreira estúpida e ridícula para mim e devesse realmente tornar-me enfermeira, como a minha mãe me diz.

– Não sou incrível a matemática – digo, de repente.

Sinto-me parva por ter dito isso, mas, por alguma razão, faz o professor

Bennett rir-se. Atira a cabeça para trás e dá uma grande gargalhada. Consigo ver uma pequena obturação num dos seus dentes de trás.

– A minha mulher está a causar-te dificuldades?

Encolho um ombro.

– A culpa não é dela.

– Sei como ela é. É rigorosa, não é?

Cerro os lábios, relutante em dizer algo negativo sobre a sua mulher. Mas a verdade é que, enquanto o professor Bennett é um dos docentes mais populares da escola, só os melhores alunos a matemática é que são fãs da professora Bennett. É demasiado rigorosa e não tem paciência para os miúdos que não entendem a matéria de imediato.

Mas o pior que as pessoas dizem a seu respeito é que não entendem porque é que o professor Bennett casou com ela. É o docente mais atraente e amado da escola. Suponho que a professora Bennett seja bonita, mas não ao nível do marido. E claramente ninguém gosta *assim tanto* dela. Na verdade, é a modos que uma...

Bem, é uma cabra. Pronto, já disse.

– A minha mulher é muito concreta – diz ele. – Só lhe interessa a lógica e o raciocínio. Não é uma sonhadora, como nós. Para ela, as palavras servem apenas um propósito utilitário.

– Não faz mal – garanto-lhe eu. – Tenho só de estudar. – E também de rezar por um milagre.

– Se ela alguma vez for demasiado dura contigo, diz-me – responde ele. – A sério. *A sério que nunca lhe vou dizer.* – Compreendo perfeitamente – acrescenta o professor Bennett. – Também era péssimo a Matemática quando andava no secundário. E a Biologia.

– A sério?

Acertou em cheio nas duas disciplinas de que menos gosto.

Ele sorri-me, e os seus olhos franzem-se da forma que tenho vindo a adorar.

– Oh, sim. Recusei-me a dissecar um sapo porque achava que era errado. O professor ia chumbar-me, por isso tive de fazer um projeto para conseguir créditos extra só para me safar!

Não achava que fosse possível gostar mais do professor Bennett do que já gosto.

– Enfim... – Olha para o relógio e parece ficar surpreso com as horas. – Peço desculpa. Não me tinha apercebido de que era tão tarde. Desculpa ter-te retido. Precisas de boleia para casa?

Fico tão chocada com a oferta, que quase deixo cair a mochila. A sério que ele me está a oferecer boleia para casa? Não sabe o que aconteceu ao professor Tuttle? Nem pensar que vou aceitar boleia de mais um professor que está a fazer um esforço verdadeiro por se importar comigo. Não vou deixar que algo assim volte a acontecer.

– Não é preciso – apresso-me a responder. – Vim de bicicleta.

– Tens a certeza? Não é incómodo nenhum.

– Absoluta.

Ele encolhe os ombros.

– Está bem. Bem, até amanhã, então.

Parece tão despreocupado que quase me pergunto se a minha reação não terá sido exagerada, de algum modo. Afinal, é só uma boleia. Há outros miúdos que *apanham* boleia dos professores, de vez em quando, e esses professores não acabam despedidos e com a vida destruída. Talvez tenha dado demasiada importância a toda a situação.

Parece demasiado tarde para mudar de ideias, ainda assim, por isso pego na mochila e saio da sala. Vou quase diretamente contra a Lotus. Está encostada à parede, com a mochila ao pé das *Doc Martens* e uma expressão ligeiramente maníaca no rosto.

– Olá – digo. – Disse-te que não era preciso esperares por mim.

Ela esfrega o nariz com as costas da mão.

– Mana, o que foi *aquilo*?

– Oh. – Tenho de conter um sorriso. – Ele quer inscrever um dos meus poemas num concurso estadual. Por isso, enfim, tu sabes.

– Espera. – Oiço-a inspirar bruscamente. – O Concurso de Poesia do Massachusetts?

– Talvez?

A Lotus pragueja baixinho.

– Isso é uma treta, sabes?

Não, não sei.

– Como assim?

– Quer dizer... – Cerra os dentes. A Lotus tem muitos dentes, pequenos e afiados. – Esse concurso de poesia é muito importante, e ele só pode submeter um poema de toda a escola.

– Sim...

– E, tipo, tu és só uma principiante. – As suas pestanas carregadas de rímel tremulam. – Quer dizer, és boa para uma principiante, mas há pelo menos outros três miúdos na revista que são melhores do que tu. E eu sou finalista, e ele *nunca* escolheu um dos meus poemas.

Não sei o que dizer.

– Não é como se tivesse sido uma decisão minha.

– Sim, mas é uma *má* decisão. – Semicerra-me os olhos. – Devias dizer-lhe que é uma má decisão. Não devia escolher-te só por seres a queridinha do professor.

Já sugeri ao professor Bennett que talvez houvesse poemas melhores por aí, mas ele insistiu.

– O que queres que faça, Lotus?

– Quero que voltes a entrar naquela sala e lhe digas que devia escolher o poema de outra pessoa para submeter.

Não sei o que é mais chocante: o facto de o professor Bennett me ter dito que ia escolher o meu poema em primeiro lugar ou o que a Lotus acabou de me pedir.

– Não vou fazer isso – digo.

Ela cruza os braços sobre o peito.

– Então, queres que a nossa escola perca?

– Não, não quero, mas o professor Bennett escolheu o meu poema por alguma razão. Deve achar que é capaz de vencer.

Ela abre-me um sorriso escarninho.

– Oh, achas mesmo que foi por isso que escolheu o teu poema?

Fico de boca aberta.

– Sim...

– Quer dizer, não basta teres feito com que o professor Tuttle fosse despedido, agora tens de ir atrás do professor Bennett?

Sinto o rosto a arder. Pensava que talvez eu e a Lotus fôssemos amigas, mas é óbvio que estava enganada.

– Tenho de ir para casa – murmuro. – Até para a semana. *Mary*.

Ao afastar-me da Lotus, aperto as alças da mochila. Os meus pensamentos não param de correr. Odeio que ela tenha chamado a atenção para todos os meus receios mais sombrios. O professor Bennett tinha muitos poemas por onde escolher. Porque escolheu o meu? Objetivamente, não acho que o meu poema fosse o melhor. Havia tantas outras opções incríveis – incluindo os que a Lotus escreveu.

Porquê eu, então?

Será possível que ela tenha razão? Será possível que o professor Bennett tenha tido algum tipo de segundas intenções ao escolher um poema inferior para inscrever no concurso? Terá mesmo sido apenas favoritismo da sua parte? Ou algo ainda maior do que favoritismo?

A pior parte de tudo, porém, é o arrepio de excitação que me percorre ante a possibilidade de a Lotus poder estar certa.

Hoje é o meu aniversário.

Faço trinta anos, o que parece uma espécie de marco, apesar de a minha vida não ter mudado muito nos últimos oito anos, mais ou menos, desde que comecei a dar aulas na Escola Secundária de Caseham. Parece que o tempo passou tão depressa. Num piscar de olhos, passei do meu primeiro dia como professora a ter esta profissão há quase uma década.

Os meus vintes acabaram. Mais um piscar de olhos, e terei quarenta, e também os meus trintas terão passado. Então, um dia, estarei deitada nesta cama, com noventa anos, a perguntar-me para onde foi toda a minha vida.

Olho para o roupeiro, tentando decidir que calçado quero usar no meu aniversário. Vou trabalhar, por isso não posso usar sandálias – não que o fosse fazer a meio de outubro. Perscruto as filas de sapatos que preenchem o fundo do roupeiro; em seguida, hesito. O Nate ainda está na casa de banho, a fazer a barba – ficará lá pelo menos mais alguns minutos.

Aproveito a oportunidade para agarrar na grande mala enfiada na lateral do roupeiro. Puxo-a para fora e, com mais um relance rápido à porta da casa de banho, abro o fecho. Solto um suspiro ao olhar para o conteúdo.

Tenho dúzias de sapatos nessa mala.

O Nate não sabe deste esconderijo específico. Acha que o número de sapatos que tenho no fundo do roupeiro já é suficientemente mau. Já anda a monitorizar a fatura do cartão de crédito, em busca de compras de sapatos, e insinuou que tenho um problema. Se soubesse desta mala, seria capaz de me mandar internar.

O que significa que não tenho muito tempo.

Tiro os meus *Louis Vuitton* favoritos. Na verdade, é o meu único par de *Louis Vuitton*, pois custam uma pequena fortuna. São feitos de pele bovina envernizada preta, com linhas elegantes e salto agulha. O Nate jamais aprovaria que os comprasse, por isso fui poupando dinheiro até ter suficiente. Mantenho-os escondidos e só os uso em ocasiões especiais.

Rapidamente, calço os sapatos e volto a enfiar a mala no roupeiro, no preciso momento em que o Nate sai da casa de banho, de rosto barbeado. Tem uma toalha branca enrolada à cintura. Apesar de não ser tão musculado como o Jay, é incrivelmente bonito. Apesar de tudo, continuo a sentir-me intensamente atraída pelo meu marido.

O único problema é que ele não parece sentir o mesmo.

Estou apenas de sutiã e *collants* e aproveito a oportunidade para me dirigir a ele nos meus sapatos *Louis Vuitton*. Com os sapatos a somarem centímetros à minha altura e ele descalço, fico muito mais perto dele. Ergo o rosto para ele, e ele deposita-me um beijo nos lábios.

Desço um dedo pelo seu peito.

– Que tal um pequeno presente de aniversário?

Ele retesa-se.

– *Agora?*

– Sim. Só uma rapidinha.

– Eve. – Revira os olhos. – Não podes estar a falar a sério.

Certo. Porque haveria de ser estúpida o suficiente para pensar que o meu marido queria fazer sexo comigo no dia do meu aniversário?

Como sempre que ele me rejeita, sinto uma pontada de vergonha no peito. Pelo menos, há por aí um homem que me quer. Talvez o problema não seja eu, mas ele. Talvez seja assexual. Não é uma possibilidade?

Claro que ele não agiu de todo como alguém assexual quando começámos a namorar. Nesse tempo, não se fartava de mim.

– É só que acabei de tomar duche. – Apressa-se o Nate a acrescentar, ao ver a expressão no meu rosto. – E temos de ir para a escola em breve. Seja como for, vou levar-te a jantar fora esta noite.

Não mencionou qualquer tipo de presente. Começo a achar que não me

comprou nenhum. Há alguns anos, o Nate disse qualquer coisa sobre como os presentes não faziam sentido quando partilhávamos contas bancárias. De facto, não me comprou um único presente nos últimos três anos. Suponho que o jantar seja o meu presente.

– Vamos divertir-nos imenso esta noite. – Põe-me as mãos nos ombros e concede-me um segundo beijo, encostando firmemente os lábios aos meus, mas sem fazer qualquer tentativa de enfiar a língua. – Onde quer que queiras ir.

– Fantástico – digo. Acho que me consigo sair bastante bem a não o dizer de forma sarcástica.

Enquanto o Nate se veste, o meu telemóvel emite uma vibração, quando entra uma mensagem de texto. Recolho-o da mesa e reparo que tenho uma mensagem no *Snapflash*. Descarreguei a aplicação há cerca de quatro meses – soube que os miúdos da escola a utilizavam porque as mensagens de texto e imagens desaparecem exatamente sessenta segundos após serem abertas. É a forma ideal de os miúdos comunicarem sem que os pais descubram o que andam a tramar.

É também uma excelente forma de comunicar com o vendedor de sapatos atraente com quem me tenho vindo a encontrar há vários meses.

Sustenho a respiração enquanto abro a aplicação. Disse ao Jay para não me enviar mensagens a menos que fosse importante, mas não posso deixar de sorrir ao ler:

Jay: Feliz aniversário! Gostaria que pudéssemos passá-lo juntos.

Olho para a mensagem durante os sessenta segundos que leva a desaparecer do ecrã. O meu primeiro sorriso desde que acordei esta manhã alastra-me pelo rosto. Apesar de ser perigoso enviar-me mensagens, é sempre a melhor parte do meu dia. Respondo-lhe:

Eu: Também eu.

Fico mais alguns segundos a olhar para o ecrã e, como seria de prever, surge outra mensagem:

Jay: Tenho uma coisa para ti.

– Eve?

Quase deixo cair o telemóvel. O Nate está vestido e a olhar curiosamente para mim. Suponho que é justo, tendo em conta que ainda estou só em sutiã e

collants.

– Sim? – digo.

– Temos de ir andando. – Bate no relógio. – Vais chegar atrasada.

Puxo um vestido do roupeiro e enfio-o o mais rápido possível, enquanto o Nate lança olhares contundentes ao relógio. Quando volto a pegar no telemóvel, a mensagem do Jay desapareceu. E não há mais nada no ecrã.

Por uma vez, fiquei transpirada na aula de Educação Física. Estive a dar voltas ao pavilhão, que é o que menos gosto de fazer. Passámos a aula inteira a correr, com a exigência de dar cinquenta voltas. Tenho quase a certeza de que a Kenzie só fez metade, mas, quando disse à senhora Cavanaugh que tinha acabado, a professora limitou-se a acenar-lhe para que se fosse sentar nas bancadas. Mas, quando eu tentei dizer o mesmo à senhora Cavanaugh ao fim de quarenta e oito voltas, ela abanou-me a cabeça e mandou-me continuar a correr.

Hoje sinto-me grata por tomar um duche depois de a aula acabar. Não posso acreditar que ainda me faltam três aulas para poder ir para casa. A pior parte é que nem sequer posso passar o resto da tarde simplesmente a vegetar no sofá. A minha mãe tem o dia de folga e disse que, quando eu chegar a casa, quer visitar o cemitério e ver a campa do meu pai. «*Já não vamos lá há dois meses*», lembrou-me ela. Como se ele estivesse deitado naquele túmulo a olhar para o calendário do relógio e a perguntar-se porque é que não aparecemos há tanto tempo.

Tanto faz. Quando fizer dezoito anos, nunca mais volto a visitar a campa.

Tomo um duche rápido. Tenho vindo a tentar depilar as pernas mais vezes, para as raparigas não terem razões para gozar comigo, mas, ao mesmo tempo, parece parvo fazer a depilação só para a aula de Educação Física. Sobretudo porque gozam comigo quer a pele das minhas pernas esteja ou não lisa como a de um bebé. Hoje, infelizmente, as minhas pernas estão mais para o lado peludo, por isso tento ser o mais rápida possível.

Arrasto-me de volta ao cacifo para vestir as calças de ganga e a camisola larga.

Só que, quando chego lá, o cadeado está aberto.

Abro o cacifo, com o coração a cair-me aos pés. Vejo imediatamente que a minha mochila continua lá, o que é bom. Os meus calções de ginástica, a minha roupa interior e a minha *T-shirt* suada também ainda estão em cima da mochila. Mas nada mais. A roupa que trouxe para a escola desapareceu.

É então que vejo a Kenzie e as amigas no outro extremo do corredor, a observar-me, aos risinhos.

Endireito os ombros e viro-me para as fitar.

– Podem devolver-me a roupa, por favor?

A Kenzie pisca-me os seus grandes olhos azuis. Já está vestida e pronta para sair para a próxima aula.

– Qual é o problema? Tens roupas aí dentro. Não foi isso que usaste o dia todo?

Cerro os dentes.

– Não, não foi. Olha, preciso que me devolvas a roupa, está bem?

– Tenho uma ideia – diz ela. – Porque não escreves um *poema* sobre isso? Não é nisso que és boa? – Bate com uma das unhas arrançadas no queixo. – Pobre de mim, a minha roupa não está e os meus joelhos peludos toda a gente verá.

As amigas da Kenzie desatam a rir e dirigem-se à saída. Por um momento, invade-me o impulso quase irrefreável de correr atrás da Kenzie, agarrar num punhado dos seus cabelos louros e arrancar-lhos do crânio. Aposto que parava de rir se fizesse isso. E, como bónus, provavelmente seria expulsa.

Sinceramente, a única coisa que me impede de o fazer é pensar em como o professor Bennett ficaria desiludido.

Olho para o cacifo, contemplando as minhas opções. Não quero mesmo nada voltar a vestir a roupa de ginástica suadas. Mas o que posso fazer? Ir às aulas embrulhada numa toalha? Todas as outras alunas já foram para a aula seguinte, e, daqui a nada, o próximo grupo começará a entrar.

Decido dar uma volta pelo balneário, calculando que a Kenzie não deverá ter deitado a minha roupa fora. Verifico todos os corredores, mas não vejo nem rasto das minhas calças de ganga nem da minha camisola. Só ao chegar aos duches é que avisto uma pequena bola de roupa ao canto. Corro lá para dentro e

vejo que é mesmo a minha roupa, que usei de manhã. Só que agora está absolutamente encharcada do duche.

Bem, as minhas opções acabam de ficar um pouco mais limitadas.

O próximo grupo de alunas já está a entrar no balneário. Nem pensar que vou vestir a roupa ensopada, por isso não tenho alternativa a não ser voltar a vestir os calções de ginástica e a *T-shirt* suada. A *T-shirt* cheira pessimamente, mas o que posso fazer?

E a pior parte? A minha próxima aula é Matemática com a professora Bennett.

Os corredores estão vazios quando me arrasto até ao terceiro andar para a aula de Matemática. O suor na minha *T-shirt* ainda não está bem seco, e é desconfortável contra a minha pele. Além disso, não sabia o que fazer às calças de ganga e à camisola ensopadas, por isso enfiei-as na mochila, que agora pesa, tipo, quinhentos quilos.

Do lado de fora da porta, vejo que a professora Bennett já vai a meio da aula. Está a escrever no quadro e vira-se para se dirigir à turma. *Uf*, isto vai ser horrível. Quase penso em faltar, mas ela disse-nos de forma inequívoca no início do semestre que uma falta injustificada tiraria dez pontos à nossa nota (o que deixaria a minha nota em dez pontos negativos). Por isso, abro a porta da sala de aula, com a minha *T-shirt* e os calções de ginástica suados.

A professora Bennett vira a cabeça para olhar para mim. *Não* parece satisfeita. Quer dizer, nunca está, mas parece ainda menos do que o habitual neste momento. Cruza os braços sobre o peito e fulmina-me com o olhar. Não parece impressionada com as minhas roupas de ginástica e as minhas pernas peludas.

– Que simpático da tua parte juntares-te a nós, Addie – atira-me ela.

– Peço desculpa – murmuro. Deixo-me cair no meu lugar discretamente.

Espero que a professora Bennett recomece a dar a aula, mas, em vez disso, ela continua a fitar-me, de mãos sobre o peito. Não sei o que quer de mim. Sim, estou atrasada, mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso agora, a menos que ela queira que, de algum modo, faça o tempo voltar para trás... Querá que comece a voar à volta da Terra ao contrário até conseguir recuar dez minutos e chegar a tempo à aula? É isso que espera de mim?

– Os teus trabalhos de casa, Addie – diz ela, impaciente.

Oh.

Vasculho a mochila até encontrar os trabalhos de casa numa folha solta. Mas, ao tirá-la, apercebo-me de que cometi um erro terrível. A folha não estava na minha capa, por ter estado a trabalhar nela ao almoço, e, uma vez que pus a minha roupa encharcada na mochila, a água obliterou por completo toda a escrita. Está completamente ilegível, mas não tenho alternativa a não ser entregá-la.

– A sério, Addie? – diz a professora Bennett, olhando para a folha com os trabalhos de casa empapados.

– Molhou-se – digo, pateticamente.

– Bem vejo. – Amarrota-a na mão e atira-a para o caixote do lixo. – Bem, visto que não posso avaliar isto, porque não me entregas outra cópia amanhã?

Preciso de todo o meu autodomínio para não gemer em voz alta. Já foi tortura que chegasse fazer os trabalhos da primeira vez. Agora tenho de os fazer *novamente*? E a somar, desta vez, aos trabalhos de casa impossíveis de hoje? Mas o que posso fazer? Não me posso dar ao luxo de ter um incompleto nos trabalhos de casa. Preciso de todos os pontos que conseguir.

– Sim, senhora – respondo.

A professora Bennett lança-me um olhar e retoma a aula. Diria que me odeia mais do que a qualquer outra pessoa, mas a verdade é que não parece gostar de *nenhum* dos alunos. Parece apenas uma pessoa deplorável. Sinceramente, às vezes, tenho pena do professor Bennett.

Até agora, o meu aniversário não tem estado a ser particularmente maravilhoso.

O meu marido rejeitou abertamente os meus avanços esta manhã, uma das minhas meias tem uma malha e a Addie Severson acaba de me tratar por «senhora». A única parte boa do dia foi aquela mensagem do Jay. E o presente que ele me garantiu que vou receber.

Durante a minha hora livre, devolvo uma chamada aos meus pais. Há séculos que não falamos. Se tivesse de arriscar um palpite, diria que o nosso último telefonema foi no Dia do Pai. Tornámo--nos o tipo de família que se contacta nas grandes ocasiões e nada mais. Portanto, imagino que a próxima vez que falarei com eles depois disto será no Natal.

Não me lembro da última vez que os vi. Foi há três anos, acho eu.

– Eve – diz a minha mãe, ao atender o telefone. A julgar pelo eco, parece estar em alta-voz. – Eu e o pai ligámos para te desejar um feliz aniversário.

– Obrigada – respondo, rigidamente.

– Olá, Evie – intervém o meu pai. – Feliz aniversário, querida.

– Obrigada.

Somos tão acanhados e educados uns com os outros. Nunca imaginei que fosse ser assim. Sempre fui chegada à minha família quando era mais nova.

– Vais fazer algo de especial esta noite? – pergunta a minha mãe.

– O Nate vai levar-me a jantar fora.

– Como está o Nate?

Imagino a minha mãe a franzir o rosto de repugnância ao fazer a pergunta.

– Está bem.

– Alguma... novidade?

A minha mãe quer saber se estou grávida. Não é claro se quer que esteja ou não. Gostaria de ter netos, mas, dada a forma como a nossa relação tem sido, quem sabe se alguma vez os veria? Também tenho a certeza de que não lhe agrada a ideia de eu ter filhos com o Nate.

– Nada de novidades – digo.

– Oh! – Solta um suspiro. Está aliviada. – Bem, fico feliz por estares bem. Achas que podes vir a Nova Jérсия no Natal?

– Talvez. – Nos dois últimos Natais, visitámos a família do Nate. Tecnicamente, devia ser a vez dos meus pais, mas não me entusiasma a ideia de os ver e de os ter a julgar-me. – Depois digo-vos.

O silêncio fica a pairar entre nós. Há tantas coisas por dizer entre mim e os meus pais. Mas a maior de todas é a que mais relutante me sinto em dizer:

Tinham razão. Nunca devia ter casado com ele.

Oh, meu Deus, se tiver de passar mais um minuto nestas roupas estúpidas de ginástica, vou atirar-me de uma janela.

Já não estão suadas, pelo menos. Mas, agora que secaram, parecem um pouco encardidas. Além disso, tresandam. Apesar de ter tomado duche, a minha roupa cheira mal, e as pessoas torcem-me o nariz. Não era suficientemente mau ser a rapariga que dormiu com o professor Tuttle; agora também sou a rapariga malcheirosa que dormiu com o professor Tuttle.

E a minha roupa molhada está a estragar-me completamente a mochila e tudo o que tenho lá dentro. Antes de ir para a última aula, faço uma tentativa de a torcer no lavatório da casa de banho. Não resulta, e fico apenas com a *T-shirt* toda molhada. Acabo por voltar a enfiar a roupa na mochila e ir a correr para a aula, antes que chegue outra vez atrasada.

Chego à sala de aula do professor Bennett segundos depois de a campainha tocar. Está mesmo a levantar-se da secretária para fechar a porta da sala, quando eu apareço à entrada. Os seus olhos castanhos percorrem-me, e, ao arregalarem-se de choque, a minha humilhação fica completa. O professor Bennett, o meu professor preferido em todo o mundo, viu-me com a minha roupa de ginástica fedorenta e suja e as pernas por depilar.

Por mais horrível que tenha sido quando a professora Bennett gritou comigo na aula de Matemática, isto é muito pior. Sinto-me morrer um pouco por dentro.

– Addie? – diz ele, franzindo as sobrancelhas. – Estás bem?

– Ótima.

Engulo em seco. Só quero ir para o meu lugar e desaparecer durante o resto da aula. Mais quarenta minutos, e este dia estúpido chegará ao fim.

O professor Bennett esfrega o queixo, como se ponderasse se aceita ou não a resposta. Finalmente, dirige-se à secretária, rabisca qualquer coisa num papel. Depois, estende-mo.

– Vai para casa mais cedo – murmura, baixo o suficiente para os alunos a sussurrar atrás de nós não o ouvirem. – Tens aqui uma nota para o caso de alguém levantar problemas.

– O quê? – pergunto, de repente.

– Pareces estar a ter um dia difícil – reconhece ele. – Por isso, estou a dar-te autorização para faltares a esta aula. Não vou mandar trabalhos de casa hoje. Relaxa.

– Mas... – Não consigo entender isto, mas, ao mesmo tempo, não quero ficar aqui a discutir com ele. *Quero* ir para casa. Estou suja e suada e começo a sentir as têmporas a latejar. – Está bem. Hã, obrigada.

Ele pisca-me o olho.

– Sem problema.

Sempre que o professor Bennett me pisca o olho, o meu coração tremula um bocadinho. Faz-me sentir ainda pior por ele me estar a ver na minha roupa de ginástica repugnante.

Seja como for, pego na autorização rabiscada que ele escreveu e meto-a ao bolso. Não vou precisar dela. Saio mais cedo, salto para a bicicleta e pedalo o mais rápido que posso, para chegar a casa e poder mudar de roupa.

Só que não vou propriamente para casa.

Sei onde vive a Kenzie Montgomery. Depois de lhe ter levado as chaves de casa «emprestadas», procurei, numa lista com os endereços de todos os alunos, a morada da sua casa. Fica a caminho de minha casa. Fiz questão de verificar bem a localização. Não há mal nenhum em ver.

E hoje decido dar outra olhadela.

Pois claro que a casa da Kenzie é muito maior do que a minha. É praticamente uma mansão.

Estou bastante certa de que cabiam duas ou talvez até três casas do tamanho da minha dentro da da Kenzie. Até o relvado parece mais bonito do que o nosso – verde e luxuriante, apesar de todos os outros relvados parecerem estar a murchar com o avanço do outono. Terá relva falsa no relvado? Isso existe?

Fico a rondar junto ao passeio da casa, ainda montada na bicicleta. As janelas da casa estão às escuras. Os pais têm ambos empregos importantes, como advogados ou diretores-executivos. Ouvi-a gabar-se de que nunca estão em casa quando ela planeia festas a que só a sua lista exclusiva de convidados e amigos pode ir. Só a elite da escola esteve em casa da Kenzie. Eu e o Hudson costumávamos gozar com essas festas. Agora, ele deve ser o convidado de honra ou assim.

Tiro a mochila. Vasculho o bolso pequeno e tiro as chaves de casa que deixei na mochila desde que lhas surripiei. O que estou a contemplar é arriscado. Os pais da Kenzie podem não estar em casa, mas isso não quer dizer que não tenham algum tipo de sistema de alarme sofisticado – ou talvez um *pit bull* que me saltará para cima assim que atravessar a porta. Parece o tipo de sorte que tenho normalmente.

Não. Não vale a pena. A minha vida não ficará melhor se for trucidada por um *pit bull*.

Sigo antes caminho até casa. Ao chegar, encontro a minha mãe sentada no

sofá, a ler. Adora ler. Era algo que dava com o meu pai em doido. «*Gostas mais de passar tempo com os teus livros do que comigo.*» Não acho que fosse verdade, mas, se fosse, alguém a poderia culpar?

– Addie. – Ergue os olhos ao ver-me e enfia um marcador no livro. Eu dobro sempre as páginas, mas ela odeia fazer isso. Trata os livros com tanta delicadeza.

– Vieste cedo para casa. Estás pronta para ir visitar o teu pai?

De algum modo, quase me tinha esquecido do plano de ir hoje ao cemitério visitar a campa daquele imbecil. Este dia não para de piorar. Especialmente quando a minha mãe se ergue do sofá e me olha de cima a baixo.

– A sério que foste assim vestida para a escola hoje? – pergunta ela.

– Sim – respondo, porque não lhe quero contar a história do que me aconteceu. Já foi suficientemente embaraçoso vivê-lo. Não quero partilhá-lo com mais ninguém, nem mesmo com a minha mãe.

Ela revira os olhos.

– Não podes ir assim vestida ao cemitério. Porque não vais mudar de roupa?

Largo a mochila no chão.

– Não. Não vou mudar.

– Bem, não podes ir assim.

– Tudo bem, então não vou.

– Adeline! – exclama ela. – Que coisa terrível de se dizer!

– Estou a falar a sério. – Puxo a bainha da *T-shirt* de ginástica suada. – Estava sempre bêbedo e batia-te. Não merece que o visitemos.

O meu pai era terrível. Passou a maior parte da minha infância bêbedo. Ainda que as pessoas gozassem com o Hudson por causa do pai, eu não hesitaria em escolher o seu pai embaraçoso em vez do meu, mesmo apesar dos palavrões em polaco. O meu pai não conseguia sequer manter um emprego – nem mesmo como auxiliar de limpeza de uma escola. Sempre que alguém lhe dava uma oportunidade, aparecia bêbedo para trabalhar e era despedido. Foi a minha mãe quem nos sustentou durante toda a minha infância.

Estava em casa do Hudson a estudar, quando recebi a chamada da minha mãe a dizer que tinham encontrado o meu pai ao fundo das escadas, sem respirar. Não senti sequer a menor tristeza.

– Addie – diz ela, baixinho, com as rugas no rosto a aprofundarem-se. – Não deixava de ser o teu pai.

Não me movo da minha posição na sala de estar. Não vou mudar de roupa. Não por ele. Se ela me obrigar, talvez vá ao cemitério, mas, assim que fizer dezoito anos, será a última vez.

– Tudo bem. – Os ombros da minha mãe descaem. – Não temos de ir.

Fico chocada. A minha mãe é muito teimosa. Pensava que de certeza que íamos passar a próxima hora a discutir sobre isto. Não acredito que ela o deixou simplesmente passar desta maneira.

– A sério?

– A sério. Mas, por favor, vai mudar de roupa. Cheiras pessimamente.

– Está bem...

Ela esboça-me um sorriso.

– E vamos jantar fora esta noite. Fazia-nos bem uma saída.

Não posso discordar desse sentimento.

Para o jantar de aniversário, calço os meus sapatos *Louis Vuitton* e enfio um vestido vermelho justo ao meu corpo. Posso não ser a mulher com mais curvas do mundo, mas mantive-me em forma, e este vestido realça a minha figura. O Jay ia gostar muito dele. Mas, ao entrar na sala de estar, onde o Nate está a ver televisão, o meu marido mal olha para mim.

– Pronta para ir? – pergunta ele.

Não trocou a camisa e as calças que levou para o trabalho, mas, em sua defesa, está sempre incrivelmente bonito.

– Estou pronta. – Recolho a mala de onde a deixei, na mesa junto à porta da frente. – Pensei que podíamos ir ao Maggiano's esta noite.

O Nate fita-me como se tivesse acabado de sugerir que déssemos um salto a Itália para o jantar desta noite.

– Ao Maggiano's? Fica um pouco longe, não fica? E é caro.

– É o meu aniversário. – Começo a salientar, mas não me apetece discutir. A verdade é que também não me empolga a ideia de passar os próximos quarenta e cinco minutos num carro com ele. – Tudo bem. Queres ir ao Piazza?

O Piazza é um restaurante italiano popular a cerca de dez minutos daqui. É barato e rápido. Não é propriamente o tipo de local a que sonho ir numa ocasião especial, mas tenho um pressentimento de que nada nesta noite vai ser especial. Mais vale completar o retrato.

– Claro – diz ele.

Como sempre, é o Nate a conduzir. Põe a estação de música clássica a um volume alto o suficiente para não termos de falar um com o outro. Quando

casámos, pensei em como seriam os futuros aniversários com este homem. Era tão afetuoso, que costumava pensar que, mesmo aos trinta, quarenta ou até oitenta anos, não conseguiríamos tirar as mãos um do outro. Nunca imaginei que iríamos a caminho de um jantar de aniversário num restaurante italiano barato, com dificuldade em encontrar algo para dizer.

– Temos alguns bons talentos este ano na revista de poesia – diz ele.

– Oh, isso é ótimo – respondo, apesar de literalmente não me poder interessar menos.

– Aquelas emoções em bruto são tão intensas. Só um adolescente seria capaz de escrever algo tão envolvente.

Assinto.

– Todas aquelas hormonas. Nem me consigo lembrar de como era sentir algo com tanta força. Mas sei que sentia.

O meu marido fica então em silêncio, perdido em pensamentos. Parece estar sempre a milhões de quilómetros, hoje em dia. Temos o mesmo emprego, por isso parece que devia ser fácil pensar em algo para dizermos um ao outro, mas não conseguimos. Tornámo--nos estranhos um para o outro.

Talvez a culpa seja minha. Talvez precise de me esforçar mais por me ligar a ele. Quando começámos a namorar, costumávamos sentar-nos juntos no parque, enroscados debaixo de uma árvore, e ele lia-me poesia. Se sugerisse tal coisa agora, eu revirar-lhe-ia os olhos. Gostava dos poemas que ele me escrevia porque vinham do coração, mas nunca apreciei a poesia em geral. Parecia tudo tão tolo – sobretudo os poemas que nem rimam. Quer dizer, sou professora de Matemática. Mais facilmente me sentaria no parque com ele a resolver equações de segundo grau.

Talvez devesse fazer a sugestão. Talvez este fim de semana possamos ir ao parque e partilhar alguma poesia. E talvez tenha de esfriar as coisas com o Jay. Por mais que esse caso tenha significado para mim, se tenho algum interesse em salvar o meu casamento, enrolar-me com outro homem não é a melhor forma de o fazer.

Já decidi. Amanhã, no segundo dia da minha terceira década de vida, vou remediar as coisas. Vou passar mais tempo com o Nate e vou dizer ao Jay que

acabou.

Ao chegarmos ao Piazza, o Nate ocupa um lugar ao fundo do parque de estacionamento, o mais longe possível do restaurante. Faz sempre isso. Há muitos lugares de estacionamento mesmo junto à porta, mas ele para a oitocentos metros.

– Podes estacionar um pouco mais perto? – digo.

Ele põe o carro em ponto morto e franze-me o sobrolho.

– Estás a falar de quê? Já estacionei.

– Certo, mas há lugares mais perto.

– Queres mesmo que tire o carro do sítio e o mude para um lugar diferente a uns, tipo, três metros de distância?

– Não são três metros. E tu não estás com uns tacões de dez centímetros.

Os seus olhos esvoaçam para os meus sapatos *Louis Vuitton*.

– Bem, quem te mandou usá-los, afinal? – Semicerra os olhos. – São novos? Parecem caros.

– Já os tenho há séculos. Usei-os no meu aniversário no ano passado.

Não posso evitar pensar para comigo que o *Jay* reconheceria estes sapatos.

– Sim, pois – murmura o Nate, em surdina.

Sai do carro, e eu apresso-me a segui-lo, apesar de ser difícil acompanhá-lo nestes sapatos. São absolutamente deslumbrantes, mas ninguém dirá que são confortáveis.

– O que quer isso dizer?

Ele não abranda para me dar hipótese de o acompanhar.

– Quer dizer que veremos quão novos são quando recebermos a fatura do cartão de crédito, não é verdade?

Quero dizer-lhe o quanto isso é injusto, mas a verdade é que o esperam algumas surpresas na fatura do cartão de crédito. Odeio que seja sempre ele a pagá-lo. É um hábito que adquirimos há anos. Quando casámos, juntámos todo o dinheiro. Não posso fazer nada nem comprar nada sem que ele saiba.

Dizer-lhe que quero o meu próprio cartão de crédito e a minha própria conta bancária talvez não seja um passo na direção certa para o nosso casamento. Por outro lado, ele não parece importar-se tanto com estas coisas como costumava.

Quando saía sem ele, costumava fazer-me imensas perguntas sobre onde ia e o que ia fazer, mas agora parece não se importar de todo. Fica simplesmente feliz por eu não estar em casa.

O Nate abre-me ao menos a porta ao chegarmos ao restaurante. Já decidi que vou pedir a sobremesa mais sumptuosa do menu. Mereço um mimo hoje, tendo em conta que o único presente que recebi em todo o meu dia de aniversário foi um porta-chaves da Shelby que ela comprou em Cape Cod.

– Mesa para dois – diz o Nate à anfitriã. É uma loura peituda na casa dos vinte e alegro-me ao menos por ver que ele não lhe está a olhar para os seios.

– É o meu aniversário – acrescento, de repente.

Não sei porque disse isso. O Nate parece ligeiramente envergonhado, mas só me restam algumas horas neste dia e quero apenas que alguém reconheça que é especial para mim. Mas não é assim tão gratificante quando a anfitriã me esboça um sorriso rápido, diz feliz aniversário e nos conduz à mesma mesa manhosa onde nos íamos sentar de qualquer modo. Não nos leva a uma mesa especial de aniversário coberta de decorações – não que estivesse à espera de algo do género.

Quando nos estamos a instalar nos lugares, o Nate retesa-se. Olha para algo do outro lado da sala de jantar, arregalando os olhos castanhos.

– O que se passa? – pergunto-lhe eu. – Para onde estás a olhar?

– O quê? Para nada.

Estava decididamente a olhar para qualquer coisa, mas não me quer dizer para quê. Terá visto um dos funcionários sair da casa de banho sem lavar as mãos? Terá avistado um par de sapatos que comprei sem o seu consentimento?

– É uma das minhas alunas. – Acaba por dizer. – A Addie Severson. Deve estar a jantar com a mãe.

Agora, é a minha vez de ficar rígida como uma tábua.

– Não me tinha apercebido de que a Addie estava na tua turma.

– Sim. À última hora.

Não sei porque me deixa inquieta a ideia de a Addie estar na turma do Nate. Não posso deixar de pensar no aviso do Art Tuttle quando estávamos no supermercado. «*Aquela rapariga não está bem.*»

– É muito talentosa – diz ele. – Pode ser uma grande poetisa um dia.

– Não é uma carreira muito prática.

O rosto do Nate esmorece. Parece magoado com o comentário, mas estava à espera de quê? Ser poeta *não* é uma aspiração profissional prática.

– Acho só que é algo de que poderia gostar – diz ele. – Tem uma mente lírica. E Poe também é o poeta favorito dela, embora tenha uma predileção por «Annabel Lee».

Algo que sei sobre o meu marido é que o seu poeta favorito é Edgar Allan Poe e que adora «O Corvo». Se me pusesse a fazer uma lista de cinco factos importantes sobre o Nathaniel Bennett, esses ocupariam o topo da lista.

Dou-me conta de que ainda nem pedimos o jantar, e já estou ansiosa que esta refeição acabe.

– Escuta – digo. – Devias ter cuidado com a Addie. Viste o que aconteceu ao Art Tuttle. Estava só a tentar ser simpático para ela, e olha o que se passou.

Os olhos do Nate ensombram-se.

– Se achas que o Art Tuttle não é um tarado, é porque és cega.

Sinto um rasgo de irritação devido ao seu comentário. O Art *não* é um tarado. Quando comecei a trabalhar na escola, foi a primeira pessoa a ajudar-me. Nunca disse nem fez nada de inapropriado. Era simplesmente um bom amigo para mim. Sabia que ele andava a dar explicações à Addie e até os vi entrar juntos no carro depois da escola, mas nunca dei grande importância a isso. Ninguém dava.

Tudo isso mudou quando um vizinho viu a Addie a rondar as traseiras da casa do Art e chamou a polícia. Um professor de meia-idade não fica nada bem-visto quando uma aluna sua de quinze anos é encontrada à porta de sua casa a altas horas da noite.

No fim de contas, porém, ninguém pôde provar qualquer transgressão da sua parte. Por mais tolo que soe, a única culpa do Art foi importar-se demasiado. Sabia que a Addie não tinha dinheiro para explicações, por isso tentou ajudá-la por sua conta com as aulas de matemática. Deu-lhe boleia para casa algumas vezes, quando estava a chover ou a nevar, e não queria que ela tivesse de ir de bicicleta para casa com esse tempo. Os jantares eram do mais inocente que podia haver. Convidava a Addie e a mãe para jantar com ele e com a mulher.

Quanto ao facto de a Addie ter sido encontrada à porta de sua casa, isso o Art não soube explicar. Quando eu e ele falámos sobre isso, baixou a cabeça. *«Estava a tentar ser simpático para ela, porque tinha perdido o pai há pouco tempo, e acho que simplesmente se apegou demasiado. Tornou-se obcecada por mim.»*

Não duvidei dele. É exatamente o tipo de coisa passível de acontecer a uma adolescente perturbada.

– Estou só a dizer que a rapariga é problemática – murmuro ao Nate. – Perdeu o pai há pouco tempo e apegar-se-á a qualquer pessoa que se aproxime demasiado.

– Portanto, estás basicamente a sugerir mantê-la isolada, nesse caso?

– Não é de todo isso que estou a dizer!

Vejo-me obrigada a fazer uma pausa na arenga, quando a empregada de mesa nos interrompe para trazer os copos de água. É jovem e atraente, como todas as empregadas aqui. Passa o que parece ser meia hora a falar-nos dos pratos especiais e, de cada vez que o Nate faz uma pergunta, põe-lhe a mão no ombro. Devo dizer que começo a ficar farta de ter mulheres a atirarem-se ao meu marido mesmo na minha cara.

– Estou só a dizer que a rapariga precisa de amigos da própria idade – continuo, depois de a empregada voltar finalmente a deixar-nos a sós. – Não de um professor a chegar aos quarenta. Tem cuidado, só isso.

– Fica registado – responde o Nate, entredentes.

Consigo ver-lhe no rosto que a disposição azedou. Não sei porque está tão perturbado. Estou só a dar o meu melhor para o proteger de acabar como o Art Tuttle.

Depois de o professor Bennett entrar no Piazza, não consigo pensar em mais nada.

Estou tão distraída, que o Lil Nas X podia estar a dar um concerto ao canto da sala, e eu nem repararia. A minha mãe começa a ficar irritada. Não para de tentar falar comigo, mas eu só me limito a responder «O quê?».

– Addie! – atira-me ela.

– O quê? – volto a perguntar.

Solta um longo suspiro.

– Mal tocaste na comida.

Olho para o prato à minha frente. Pedi uma *pizza* de massa fina com tomate e *pesto*, mas não é muito boa. Geralmente, ainda assim, já a teria devorado por esta altura. Em vez disso, comi apenas uma fatia minúscula.

– Não tenho fome – acabo por responder.

Acho que o professor Bennett pediu *raviolis*, mas não consigo perceber o que são daqui, e também não é como se pudesse ir lá perguntar. Estou curiosa. Serão *raviolis* simples com queijo ou com cogumelos? Será que o professor Bennett gosta de cogumelos? Ou achará estranho que as pessoas comam fungos, como eu acho?

Tento não chamar atenção para o facto de que tenho estado a refeição inteira a observá-lo, desde o momento em que entrou. Mas é difícil não o fazer. Quer dizer, é tão giro, que tenho a certeza de que não sou a única pessoa a observá-lo. A empregada de mesa está sem dúvida a tentar namoriscar com ele, porque, a dada altura, lhe pôs a mão no ombro. Pareceu-me que ele ficou irritado, mas

não tenho a certeza. Fiquei feliz por ver que não se deixou encantar pela empregada mamalhuda.

A outra coisa em que não posso deixar de reparar é que não se está a divertir muito com a professora Bennett. Não é a minha pessoa favorita, quanto mais não seja porque Matemática é a minha disciplina mais fraca e ela não facilita as coisas, mas parti do pressuposto de que ele gostasse dela. Quer dizer, são *casados*. Além disso, ela está irritantemente bonita esta noite, com maquilhagem esfumada a margear-lhe os olhos grandes e um vestido vermelho que realça a sua figura esbelta e elegante. Seria de esperar que ele gostasse dela, mas estão sentados há pelo menos vinte minutos e mal disseram uma palavra um ao outro.

Se o professor Bennett e eu estivéssemos a jantar juntos, teríamos muito de que falar. Eu traria um livro de poesia – talvez de Poe – e adoraria ouvir os seus pensamentos sobre cada poema. Apesar de ser isso que fazemos todos os dias nas aulas, nunca me fartaria. Nem em mil milhões de anos.

Será que a professora Bennett não percebe o quanto o marido é incrível? Hoje, quando ela me obrigou a ficar na aula de Matemática, mesmo com a minha roupa toda encharcada, e até me disse que tinha de voltar a fazer os trabalhos de casa, foi como se não se importasse. Ou pior, como se achasse que eu *merecia* sofrer. Ele foi o único a reparar no quanto eu estava desconfortável e a mandar-me para casa. A professora Bennett não gosta de estar casada com alguém tão amável e atencioso porque é o oposto.

– Bem, se só vais comer isso, mais vale pedir a conta – diz a minha mãe.

Não quero sair do restaurante. Enquanto estou aqui sentada, é quase como se estivesse a jantar com o professor Bennett, apesar de isso ser a modos que parvo, pois ele está do outro lado da sala de jantar e nem sabe que estou aqui. Estamos basicamente o mais longe possível de um jantar juntos, mas, mesmo assim, não quero sair.

– Espera – digo. – Deixa-me ir à casa de banho primeiro e depois como um pouco mais.

A minha mãe parece não acreditar em mim, mas o que há de me dizer? Que não posso ir à casa de banho? Sigo os sinais até ao corredor escondido para a única casa de banho das mulheres, onde, naturalmente, há uma fila. Mas não faz

mal, pois isso só fará com que demore mais tempo. Sobretudo porque não preciso mesmo de lá ir.

– Addie? – Uma voz familiar sobressalta-me enquanto estou a mexer no meu telemóvel.

Fico totalmente surpreendida ao ver o professor Bennett atrás de mim. Também devia precisar de ir à casa de banho. Eu *sabia* que estávamos na mesma onda.

– Olá – digo, desajeitadamente.

Desde que o vi pela última vez, tomei um duche e vesti umas calças de ganga lavadas. Até enfiei uma bonita blusa cor-de-rosa que a minha mãe diz que realça o meu tom de pele, apesar de eu não concordar.

– Vi-te no restaurante – diz ele. – É a tua mãe, certo?

Sinto um ligeiro estremecimento face à ideia de o professor Bennett ter reparado em mim, mesmo na sala de jantar cheia.

– Ahã.

Pergunto-me se não faz mal falar com ele neste espaço isolado. Se alguém nos visse aqui juntos, podia ficar com a ideia errada. A última coisa que quero é que o professor Bennett acabe como o professor Tuttle.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Estás bem? Pareceu-me que estavas a ter um dia bastante mau hoje.

É um eufemismo enorme, mas, sinceramente, não me quero queixar da Kenzie e das amigas neste momento. Não quero que ele me veja como uma falhada que anda a ser importunada pelas miúdas populares.

– Mais ou menos.

– O que aconteceu?

– Não foi nada de especial. – Tento rir-me para demonstrar o quanto não estou perturbada com o que aconteceu, apesar de ser falso. – Na aula de Educação Física, algumas miúdas atiraram a minha roupa para o duche, por isso ficou tudo ensopado.

O professor Bennett retrai-se.

– Credo, isso é horrível. Quem te fez isso?

Abano a cabeça.

– Não sei.

– Podes dizer-me. – Ao ver que eu não digo nada, ele arqueia uma sobancelha. – Pode ficar entre nós.

Não posso dizer-lhe, apesar de gostar da ideia de eu e o professor Bennett partilharmos um segredo. Diga ele o que disser, não deixa de ser um professor e poderia falar com a Kenzie se eu lhe dissesse. Sei que será pior se a denunciar. A última coisa que quero é que a Kenzie me odeie ainda mais. É melhor aguentar os maus-tratos.

– Não sei – repito.

Por um momento, os seus olhos castanhos sustentam os meus, fazendo com que um ligeiro arrepio me percorra. Não sei bem porquê. Talvez saiba apenas bem ter outra vez um professor do meu lado. Ou *seja quem for* do meu lado. Desde a situação com o professor Tuttle, parece que todos me odeiam.

– Fazemos assim – diz ele. – O resto da turma tem outros trabalhos de casa para hoje, a análise de um poema que discutimos na aula. Mas quero que tu faças um trabalho de casa especial.

Se a professora Bennett – ou qualquer outro professor, na verdade – me dissesse isso, ficaria horrorizada. Mas, neste momento, estou intrigada.

– Certo...

– Quero que escrevas uma carta zangada à pessoa que te roubou a roupa – diz ele. Começo a protestar, mas ele continua. – Não um poema, mas uma carta. Não tens de escrever o nome da pessoa, mas quero que descarregues essa raiva. Deixa a tua raiva fluir para a página. Diz-me o que queres fazer a essa pessoa.

– O que quero fazer?

Ele abana a cabeça em confirmação.

– Exato. Escreve uma carta de vingança. Diz-me o que farias se tivesses cinco minutos a sós com essa pessoa e nunca ninguém fosse descobrir.

Não faz ideia de que tenho as chaves de casa da Kenzie na mochila. Imagino o que teria acontecido se me tivesse esgueirado para o seu quarto e esperado por ela escondida no seu roupeiro. Nesse caso, podia ter passado uns bons cinco minutos a sós com ela; e, deixem que vos diga, esses cinco minutos teriam envolvido sérias represálias.

Um sorriso torce-me os lábios.

– Está bem.

Consigo já imaginar o que vou escrever:

Tens tudo no mundo. E tens uma relação com o rapaz mais incrível que alguma vez conheci. Mas não mereces nada disso. O que mereces é que te arranquem os olhos. Não, isso é demasiado bom para ti.

– Enfim – diz ele. – Pareces estar a ter uma boa refeição com a tua mãe.

– Sim. – Esfrego a parte de trás do cotovelo. – E, enfim, espero que esteja a ter uma noite agradável com a professora Bennett.

Por um momento, os seus olhos toldam-se.

– São os anos dela.

Não sei muito bem o que significa isso ao certo.

– Oh!

– Portanto, sim. – Encolhe os ombros. – Está a ser bom. A comida aqui é boa.

Oh, caramba. Eu tinha *razão*.

O professor Bennett não se está a divertir com a mulher. A minha impressão dela nas aulas está mais certa do que eu julgava. Não chega a casa e não se transforma imediatamente numa pessoa super simpática, o oposto da pessoa que é no trabalho. É mesmo uma pessoa horrível. O professor Bennett gosta tanto de ser casado com ela como eu gosto de a ter como professora.

Foi por isso que, em vez de usar a casa de banho dos homens, que está vazia, e de se apressar a voltar para junto dela à mesa, passou os últimos cinco minutos a conversar comigo no corredor.

Nesse momento, a pessoa que estava à minha frente sai da casa de banho das senhoras. É a minha vez. Mas preferia ficar aqui fora a conversar com o professor Bennett. Talvez possa deixar a pessoa atrás de mim passar à frente.

Mas, antes que possa sugerir a ideia, o professor Bennett sorri-me.

– Não quero reter-te, Addie. Vemo-nos amanhã na aula. E não te esqueças da carta.

Sinto uma pontada de pesar ao ver o professor Bennett desaparecer na casa de banho dos homens. Ocorre-me então que, por mais zangada que esteja com a Kenzie, estou ainda mais zangada com a professora Bennett por o fazer tão

infeliz.

O Nate parecia ainda mais distraído do que o habitual durante a refeição e depois na viagem de regresso a casa. E, assim que entramos pela porta da garagem, solta um bocejo exagerado.

– Oh, céus – diz ele. – Estou exausto, Eve.

As suas tentativas de escapar ao sexo têm vindo a tornar-se cada vez menos criativas. Da próxima vez, dir-me-á que tem uma enxaqueca.

– Tudo bem – digo. – Vai para a cama. Estás dispensado.

– Dispensado? – repete ele, arqueando as sobrancelhas.

– Sim, não temos de fazer sexo esta noite.

O Nate parece surpreendido.

– Se queres fazer sexo...

A última coisa que quero é entrar numa discussão enorme e melodramática com o meu marido no dia do meu aniversário. Portanto, limito-me a abanar a cabeça.

– Também estou cansada. Vou ter contigo lá acima.

E é isso que farei no primeiro dia dos meus trinta anos. Deitar-me às nove e meia da noite. Nunca antes visto.

Enquanto o Nate sobe, oiço uma vibração vinda do interior da minha mala. Ao tirar o telemóvel lá de dentro, vejo uma nova mensagem no *Snapflash*. Só há um homem que me envia mensagens via *Snapflash*. Tinha prometido, ao início da noite, acabar tudo com ele.

Jay: Deixei-te um presente à porta.

Sorrio ao ler a mensagem durante os sessenta segundos que tarda a

desaparecer. Olho para as escadas para garantir que o Nate desapareceu no quarto. Em seguida, esgueiro-me até à porta da frente e entreabro-a.

Vejo uma caixa de sapatos.

Recolho a caixa do alpendre da frente antes que alguém a veja. O Jay deve ter-se esgueirado para cá para a deixar enquanto estávamos a jantar, porque tenho a certeza de que a caixa não estava aqui quando saímos.

Ao abrir a tampa, não consigo conter um arquejo.

São uns sapatos de fivela *Sam Edelman* de um tom lustroso de vermelho. Tinha estado a admirá-los na loja há poucas semanas e fiquei desiludida quando o último par desaparecera, pois estavam mesmo no limiar do meu intervalo de preços.

Agora percebo para onde desaparecera. Apesar de não ter muito dinheiro, o Jay comprou-me um presente de aniversário que sabia que ia adorar.

Outra mensagem surge no meu telemóvel:

Jay: Recebeste-o?

Eu: Adoro-os. Muito obrigada.

Jay: Sabia que ias adorar.

Os meus olhos marejam-se. A vida é tão incrivelmente injusta. Estou presa no que cada vez mais compreendo ser um casamento sem amor, sem hipóteses de estar com o homem que realmente amo.

Estou prestes a experimentar o meu novo par de sapatos quando oiço um barulho do lado de fora da porta. O meu coração dá um salto. Nem quero saber se os vizinhos veem – quero mais do que tudo que o Jay esteja à minha porta.

Abro a porta da frente, pronta para o receber com um beijo grande e lambuzado. Só, que ao olhar pela porta, não vejo ninguém. Com exceção das luzes do alpendre, está tudo às escuras.

– Olá? – chamo.

Ninguém me responde.

– Jay? – digo, em voz mais baixa.

Não obtenho resposta.

Que estranho. Tinha a certeza de ter ouvido um barulho mesmo do lado de fora da porta. Choca-me que não esteja lá ninguém. Deve ter sido imaginação

minha.

Afinal, não está ninguém lá fora.

Ao chegar ao meu cacifo ao fim do dia, encontro o cadeado aberto. Por um momento, fico a olhar para ele, de olhos esbugalhados. O cadeado ainda está exatamente onde estava da última vez que vim ao meu cacifo, mas a barra de metal foi cortada com um alicate. Ouvi dizer que os auxiliares às vezes fazem isso se acharem que temos droga no cacifo, mas não sei porque haveria alguém de pensar isso sobre mim.

Mas então, ao abri-lo, soube exatamente quem fez isto.

O meu cacifo está completamente cheio de creme depilatório.

Arquejo ante a enorme quantidade de creme depilatório que enche o cacifo. Tenho livros e papéis lá dentro, assim como o meu casaco, mas, neste momento, parece basicamente um cacifo de creme depilatório. Se precisar de algo do cacifo, vou ter de enfiar as mãos lá dentro e vasculhar por entre o que parecem ser uns doze litros de espuma.

Vários alunos assistiram a este espetáculo, e, a julgar pelas risadinhas, parece ser hilariante. Não tenho de adivinhar porque me fizeram isto. A Kenzie fez comentários maliciosos que chegassem nas aulas de Educação Física sobre eu precisar de depilar as pernas. Até comecei a passar diligentemente uma gilete duas vezes por semana.

– Oh, uau! – Não preciso de me virar para perceber a quem pertence a voz atrás de mim. – Aposto que todo esse creme depilatório vai dar jeito. Alguém te fez um grande favor.

Pestanejo para afastar as lágrimas dos olhos antes de me virar para olhar para a Kenzie. Ela e a Bella observam-me junto ao meu cacifo, chegando-se mais perto

do que qualquer outro aluno se atreve. Há quanto tempo estarão aqui, à espera de assistirem a este desastre? Devia sentir pena delas por terem vidas tão pequenas, mas não sinto. Só sinto basicamente pena de mim mesma.

Porque me está a Kenzie a fazer isto? Terá ciúmes porque acha que o Hudson gosta mais de mim do que dela? Nitidamente, não é verdade. Ele anda com *ela*. Se ele tiver sequer algum sentimento persistente por mim, mesmo como amigo, ficaria muito surpreendida. Nem sequer me *fala*.

Reuniu-se uma multidão à minha volta. Estão todos à espera para ver o que farei a seguir. Na verdade, estão todos a ver e a sentir-se gratos por não terem o cacifo cheio de creme depilatório. Ninguém quer estar na lista negra da Kenzie Montgomery. E, no entanto, acabei por ir lá parar, e nem sei o que fiz para o merecer.

– Com licença! – clama uma voz adulta na periferia da multidão. Oh, graças a Deus! – Façam o favor de me deixar passar imediatamente!

O meu alívio momentâneo por haver finalmente um adulto capaz de me ajudar a lidar com a situação desvanece-se, ao ver quem abriu caminho pela multidão. É a professora Bennett – a pior pessoa possível. Quando olha para o meu cacifo, parece irritada. Por outro lado, nunca a vi *não* parecer irritada, por isso é difícil dizer a diferença.

– Addie! – diz ela, bruscamente. – O que se passa aqui?

A Kenzie não se mexeu. Poder-se-ia pensar que tem muito atrevimento, mas a verdade é que sabe que não a vou denunciar. Seria um suicídio social, sobretudo se o fizesse à frente de toda a gente. Qualquer hipótese que tenha de recuperar de algo assim desaparecerá se a denunciar. E, seja como for, ela limitar-se-á a negar, e todos acreditarão nela em vez de em mim.

Além disso, tenho as chaves de casa dela. Posso vingar-me.

A professora Bennett cruza os braços sobre o peito, à espera da minha resposta.

– Addie...

– Não sei – digo finalmente. – Acho que alguém pôs creme depilatório no meu cacifo.

– Quem? – interroga-me ela.

Encolho os ombros.

– A sério? – diz ela, inclinando a cabeça. – Não fazes a menor ideia de quem pode ter arrombado e enchido o teu cacifo de creme depilatório?

Lentamente, abano a cabeça.

A professora Bennett olha para a multidão de miúdos que se tornou uma plateia para a minha humilhação.

– Vão para casa. Todos. – Os seus olhos redondos e brilhantes voltam a focar-se em mim, num vincado contraste com os olhos castanhos amáveis do marido.
– E *tu*. Limpa isto, Addie.

A sério, qual é o problema dela? É tão *dura*. É casada com o raio de um poeta, o professor mais simpático em toda a escola. Porque é ela assim? Porque é sempre tão má?

Pelo menos, faz com que os miúdos parem de olhar para mim, o que já é alguma coisa, ainda que a Kenzie e as amigas se deixem ficar ao fundo da fila de cacifos, a observar. Oiço-as aos risinhos enquanto contemplo a minha situação. O que posso fazer agora, com o cacifo cheio de creme depilatório? Nem sei como começar a limpar tudo isto – para não mencionar que os meus livros estão estragados.

Talvez possa recolhê-lo aos poucos. Oxalá pudesse usar uma mangueira para lavar tudo. Não tenho sequer nada com que o limpar. Se estivesse em casa, seria mais fácil, mas como é que posso limpar um monte de creme depilatório no meio do corredor da minha escola secundária?

– Estás à espera de quê? – grita a Kenzie. – Precisas que te vamos buscar uma gilete?

A Bella ri-se disso.

– Não lhe podes dar uma lâmina. Provavelmente, usava-a para cortar os pulsos!

A Kenzie diz qualquer coisa à Bella que não consigo perceber, mas soa a algo como «E então?».

Sempre que penso ter vivido o meu pior dia, surge um novo vencedor.

Só para completar a minha humilhação, o Hudson aparece para se juntar ao grupinho. Veste o equipamento de futebol, mas ainda não está coberto de terra,

o que significa que vai para o treino. De certeza que quis ver a minha expressão ao deparar-me com o cacifo cheio de creme depilatório. Que raio, tanto quanto sei, foi ele quem cortou o cadeado. Duvido que a Kenzie o tenha feito.

– O que se passa? – pergunta ele. Para variar, tem os olhos azuis-claros voltados diretamente para mim.

A Kenzie dá uma risadinha.

– A Addie está a ter alguns *problemas*. Enfim, é melhor irmos para o treino.

O Hudson olha na minha direção com uma expressão carregada. Durante grande parte da escola primária, foi bastante gozado. Lembro-me de uma vez, no recreio, em que, depois de uma manhã de chuva, o chão estava todo enlameado e alguns miúdos o empurraram, fazendo-o cair de cara na lama. Mas ele não ripostou. Limitou-se a aguentar, como sempre. Nessa altura, fui eu que o ajudei a levantar-se e levei-o à casa de banho para se limpar.

Para minha surpresa, em vez de se juntar à Kenzie, o Hudson dirige-se ao sítio onde eu estou, diante do meu cacifo cheio de creme depilatório. Por um momento, sinto o impulso de enroscar os braços nos seus ombros almofadados, no abraço que ele me teria dado antes de toda a nossa amizade colapsar.

– Addie? O que se passa?

– Nada – murmuro eu. – Tenho só de limpar isto.

Os seus olhos percorrem o creme depilatório no meu cacifo.

– Jesus.

– Pois.

Lança um olhar à Kenzie e as amigas, voltando depois a olhar para mim.

– Deixa-me ajudar-te a limpar isto.

É literalmente o maior número de palavras que o Hudson me dirigiu em meses. Tem boas intenções, mas tem de perceber que não me pode ajudar a limpar o meu cacifo. A Kenzie não o permitirá.

Com efeito, a voz da Kenzie faz-se ouvir.

– Hudson! Temos de ir para o treino!

– Devias ir – digo-lhe eu. – A tua namorada vai zangar-se contigo.

Os seus olhos ensombram-se.

– Ela não manda em mim. Vou ajudar-te.

– Hudson! – A Kenzie não se aproxima de nós, mas a sua voz incisiva enche o corredor. – Vamos chegar atrasados se não vieres imediatamente!

– Que se lixe – murmura ele, baixinho. – Vá lá. Podemos fazer isto depressa.

Olho para a Kenzie, que parece nada menos que furiosa. Arrombou e vandalizou o meu cacifo, e eu nem sequer lhe fiz nada para o merecer. Nem consigo imaginar o inferno que lançará sobre mim por lhe tirar o namorado.

– Escuta – digo eu. – Tens treino. Devias ir.

– Não – responde ele, com firmeza. – Vou ajudar-te. Quero ajudar.

– Só estás a piorar a situação.

Ele abana a cabeça. Estava a tentar ser um bom rapaz e ajudar uma velha amiga, mas tem de perceber que tenho razão. A Kenzie fica mais zangada a cada segundo que passa. Se eu o deixar ajudar-me, haverá represálias. Por mais doloroso que seja limpar tudo isto sozinha, é melhor assim.

– Addie... – diz ele.

– A sério. Vai para o treino. Já fizeste o suficiente.

O Hudson não parece feliz, mas vira-se obedientemente para se juntar à Kenzie. Antes de desaparecer pelo corredor, vira-se para me lançar um último olhar. E parece tão triste.

Surpreende-me. Quer dizer, o Hudson passou a ser um dos miúdos mais populares da escola. Tem uma vida infinitamente melhor do que quando éramos só dois falhados a passar tempo juntos. Mas, por um momento, pergunto-me se sente a falta de quando éramos só nós os dois. Pergunto-me se tem tantas saudades minhas como eu dele.

Mas jamais poderemos voltar a ser amigos. As coisas nunca mais serão como costumavam ser entre nós os dois.

Não desde que o Hudson me ajudou a matar o meu pai.

A cabo por ir buscar um monte de toalhetes de papel. O melhor seria se eu conseguisse descobrir como ir buscar uma mangueira e lavar o cacifo inteiro. Tirei a maioria dos meus livros do fundo do cacifo e formei uma pequena pilha no chão. Felizmente, parecem ter sobrevivido quase todos ao creme depilatório.

Teria sido mais fácil se o Hudson me estivesse a ajudar. É claro que sim. Quase me matou ter de o mandar embora, sobretudo quando foi a primeira vez que tentou fazer as pazes comigo desde que tudo aconteceu, há quase um ano.

Nunca esquecerei esse dia. O melhor e o pior dia da minha vida.

Enquanto limpo o creme depilatório do meu cacifo, fecho os olhos e lembro-me da noite em que o meu pai entrou em casa, bêbedo e aos tropeções, pela milésima vez. Nem era assim tão tarde, mas, claro, isso não importava. O meu pai podia estar bêbedo às duas da tarde.

O Hudson estava em minha casa a estudar. Era frequente estudarmos juntos, apesar de ele agora ter treinos de futebol e, a juntar a isso, um *part-time*, mas, sempre que podia, aparecia. A melhor disciplina do Hudson era Matemática e a mais fraca Inglês, o contrário das minhas, por isso tentávamos ajudar-nos um ao outro.

Pareceu alarmado quando ouvimos o meu pai gritar no andar de baixo. Lembro-me de lhe dizer: «*Ignora-o só. Provavelmente vai desmaiar em breve.*»

Mas não foi isso que aconteceu.

O meu pai subiu os degraus de nossa casa, aos gritos e brados. Ao encontrar o Hudson no meu quarto com a porta fechada, ficou furioso. Apesar de saber que

éramos amigos, de estarmos nitidamente a estudar e de o Hudson ir lá a casa desde que éramos pequenos, começou a gritar que eu era uma vadia e que o Hudson estava a aproveitar-se da filha dele. E simplesmente não *parava*.

Foi o Hudson quem finalmente lhe fez frente. Tinha começado a fazer mais exercício por causa do futebol, há quase um ano e meio, e tinha crescido durante o verão, sendo agora mais alto do que o meu pai. Ergueu-se sobre ele e, num rosnido grave, disse:

– Não pode falar assim com a Addie.

Qualquer pessoa de bom senso teria recuado nesse momento, mas não um homem que tinha recentemente despachado uma garrafa de uísque. O Hudson só o estava a deixar mais zangado.

Os dois não paravam de gritar um com o outro no corredor. Foi o meu pai o primeiro a empurrar o Hudson, mesmo no peito. Não sei o que teria o Hudson feito a seguir. Não sei se seria capaz de dar um murro na cara ao meu pai, apesar de a sua mão se estar já a cerrar num punho.

Na realidade, porém, fui eu que empurrei o meu pai para trás.

Nem me apercebi de como estávamos perto da escadaria. Fiquei tão surpreendida como qualquer pessoa ficaria ao vê-lo cambalear violentamente para trás e depois cair das escadas. O Hudson e eu retraímos-nos ao ouvir o baque doentio ao fundo dos degraus. Descemo-los a correr e encontrámos o meu pai caído num monte amassado, com o pescoço torcido num ângulo anormal.

O Hudson estava a passar-se. Vi-o resistir a anos de *bullying* sem nunca verter uma lágrima, mas, pela primeira vez, parecia à beira de chorar.

– Está morto, Addie! Matámo-lo!

Não tinha a certeza absoluta de que estivesse morto, mas não ia aproximar-se o suficiente para descobrir. E não ia arcar com as consequências de lhe ter dado exatamente o que merecia.

– Temos de sair daqui – disse eu ao Hudson.

Ele olhou para mim, piscando os olhos aquosos.

– Estás a falar de quê? Temos de chamar a polícia. Ou... ou uma ambulância...

– Queres ir para a prisão?

Tive de arrastar o Hudson pela porta das traseiras. Seguimos pelo atalho entre a minha casa e a porta das traseiras da sua casa e, dez minutos depois, estávamos trancados na segurança do seu quarto. Dei o meu melhor por manter a calma, mas o Hudson continuou a passar-se.

– Isto não está certo – disse ele. – Temos de dizer a alguém o que aconteceu. Temos de chamar a polícia, Addie.

Claro que, apenas uma hora depois, a minha mãe chegou a casa do turno no hospital e encontrou o meu pai morto ao fundo das escadas. Não havia indícios de crime, e os seus níveis de álcool no sangue deixavam claro que tinha perdido o equilíbrio ao cimo das escadas e sofrido uma trágica queda. E, tanto quanto todos sabiam, o Hudson e eu tínhamos passado a noite toda juntos, a estudar no seu quarto. Pelo que nunca ninguém descobriu os nossos papéis na morte do meu pai.

Mas o Hudson nunca me perdoou.

Sáímos impunes, mas, no dia seguinte, na escola, o Hudson mal conseguia olhar para mim. Estava sempre a tentar falar com ele, e ele limitava-se a dizer: «*Não posso, não posso.*» Não sei como, mas não me apercebi do quanto ficou transtornado. Não me apercebi de que era o tipo de coisa que jamais conseguiria superar.

Sem o Hudson, tornei-me um desastre a Matemática no semestre seguinte. E tornei-me um desastre ainda maior sem a sua amizade. A única outra pessoa com quem podia falar era a minha mãe, e ela também estava de luto. Não tinha ninguém. Por isso, quando o professor Tuttle foi simpático para mim, o que havia eu de fazer? Rejeitá-lo?

Estava só a tentar ser simpático. Apesar de ninguém acreditar em mim, nunca fez nada de inapropriado. Se tivesse tido um pai como ele, talvez não fosse tão avariada. Mata-me que a sua vida tenha sido arruinada por minha causa.

Demoro mais de uma hora, mas consigo limpar a maior parte do cacifo. Os meus livros estão um pouco húmidos, mas terei simplesmente de os deixar a secar durante a noite. Não há mais nada que possa fazer.

Quando estou mesmo a fazer uma última visita à casa de banho para ir buscar toalhetes de papel, olho por uma das janelas do corredor. Está a chover

torrencialmente – claro. Lembro-me de ter visto na previsão meteorológica que ia chover mais tarde, mas achei que podia vencer o tempo. Agora, tenho de ir de bicicleta para casa enquanto chove a potes.

Dou uma última limpeza ao cacifo e, quando estou mesmo a terminar, vejo o professor Bennett no corredor. Pestanejo, surpreendida pela visão, mas lembro-me de que é frequente ele ficar cá até tarde, pois é o supervisor da equipa do jornal da escola.

– Olá, Addie – diz ele. Olha para o meu cacifo, que ainda tem um pouco de creme depilatório agarrado aos cantos a que não consegui chegar bem. – O que estás a fazer?

O meu instinto diz-me que devia mentir, mas, em vez disso, a verdade sai-me de rompante.

– Alguém me encheu o cacifo de creme depilatório.

Ele estremece.

– Au. Quem foi?

Limito-me a abanar a cabeça, e ele arqueia as sobrancelhas. Nem pensar que lhe vou dizer.

– Tudo bem. – Lança um olhar ao meu cacifo. – Precisas de ajuda a limpar?

A reação do professor Bennett contrasta tão vivamente com a forma como a mulher dele me falou há pouco.

– Por acaso, talvez consiga chegar àquele canto além.

– Entendido.

O professor Bennett acaba por me ajudar a limpar o resto do creme depilatório e engendramos uma forma de voltar a pôr os livros no cacifo de modo a otimizar a secagem. Parece-se tudo com um problema de geometria que não sei como resolver, mas vai correr tudo bem. Seja como for, fiz o melhor que podia.

– Obrigada – digo eu ao professor Bennett, ao fecharmos o meu cacifo. Tenho de tirar o cadeado partido e de o substituir pelo do meu cacifo do ginásio. – Essa parte teria sido difícil.

– Sem problemas. – Arqueia uma sobrancelha. – Precisas de boleia para casa?

Retraio-me. O professor Tuttle levou-me a casa algumas vezes, o que foi um

dos exemplos de «comportamento inapropriado» que a diretora citou.

– Não, obrigada.

– Mas está a chover a potes – salienta ele. – E não tens carro, pois não?

Resfolego.

– Nem tenho carta de condução. Só uma licença estúpida.

– Bem, então talvez não devesse rejeitar uma boleia perfeitamente boa.

Não sei o que dizer. É óbvio que preferia apanhar boleia no carro confortável e seco do professor Bennett a ir de bicicleta ou, pior, a pé para casa à chuva. A minha mãe ainda está no turno no hospital, por isso não há hipóteses de ela me vir buscar, pelo menos nas próximas horas.

– Não quero arranjar-lhe sarilhos – acabo por dizer.

Ele assente sobriamente.

– Agradeço. Mas, a sério, não haverá problema nenhum. Já levei outros alunos a casa e ainda não perdi o emprego.

Dito dessa forma, não parece nada de especial. É só uma boleia de um ser humano a outro. Não me pode dar boleia para casa só porque é meu professor? Parece ridículo.

– Está bem – digo, por fim.

Não é nada de especial. Não vai acontecer nada de mau.

O professor Bennett tem o carro estacionado junto à entrada das traseiras da escola, mas insiste em puxar de um guarda-chuva, e eu aproximo-me dele para evitar molhar-me. Mas não demasiado, obviamente.

O seu carro é um *Honda Accord* cinzento. É estranho porque estava à espera de algo mais ostentoso, como um descapotável vermelho-vivo ou assim, o que é estranho, porque não é como se o professor Bennett fosse ostentoso. É só que o carro parece tão *adulto*, mas o professor Bennett parece um dos miúdos.

Além disso, o interior cheira a ele. Não sei exatamente a que cheira, talvez a água-de-colónia, *aftershave* ou algo do género, mas reparei que tem um aroma agradável. Não o sinto quando ele está sentado à secretária, mas quando a contorna, quando estou no meu lugar na primeira fila, sinto um sopro do aroma.

– Desculpa a desarrumação – diz-me ele, tirando alguns papéis do banco do passageiro. Não está assim tão desarrumado, sobretudo em comparação com o carro da minha mãe. Desde que me lembro de entrar nesse carro, nunca o vi sem batatas fritas de alguma cadeia de restaurantes de *fast food* no chão.

Entro para o banco do passageiro e aperto o cinto de segurança. Parece-me tudo ainda mais estranho ao ver o professor Bennett no lugar do condutor. É como se já não fôssemos professor e aluna, mas dois amigos a irem juntos para casa. A única pessoa com quem ando assim no carro é a minha mãe, que é muito mais velha do que o professor Bennett. Tipo, pelo menos dez anos, talvez mais.

E ele não é como os outros adultos que conheço. Andei no carro com o professor Tuttle, mas ele era velho, com idade para ser meu pai – ou até quase

meu avô. Mas o professor Bennett não é assim. É muito giro – mais giro do que basicamente todos os rapazes da escola –, e é difícil não reparar nisso.

Claro que, se fôssemos amigos, eu não o trataria por professor Bennett. O primeiro nome dele é Nathaniel. Nathaniel Bennett. Faz-me pensar em Nathaniel Hawthorne, o autor de *A Letra Escarlate*, que tive de ler em Inglês no ano passado. Há algo de poético no nome Nathaniel.

Nathaniel e Adeline. Parecemos um casal de há centenas de anos.

Ouvi outros professores referirem-se a ele como Nate. Se fôssemos amigos, seria provavelmente assim que o trataria. Mas, como não somos mesmo amigos, continuarei a tratá-lo por professor Bennett.

– Mais uma vez, obrigada – digo-lhe eu, enquanto ele liga o motor.

– Sem problemas. – Sai do lugar de estacionamento, com os limpa-para-brisas a oscilar furiosamente para a frente e para trás. – Não te podia deixar ir a pé para casa neste caos. Não tenho pressa. A Eve vai sair com uma amiga esta noite.

Limito-me a ficar quieta enquanto ele sai para a estrada. Disse--lhe a minha morada e ele parece saber como lá chegar sem GPS. Por isso, vou apenas sentada, a brincar com um fio solto da bainha das calças de ganga. Tento pensar em algo para dizer como tema de conversa, mas só me lembro de coisas absolutamente patéticas. Quer dizer, tenho dezasseis anos. Não acho que tenha nada de interessante para lhe dizer. Geralmente, quando conversamos, é sobre poesia, mas parece estranho falarmos disso neste momento.

– Então – diz ele, por fim. – A pessoa que pôs creme depilatório no teu cacifo foi a mesma que te molhou as roupas?

Hesito por um momento antes de assentir. Enderecei a carta que ele mandou como trabalho de casa à Kenzie, apesar de, para ser sincera, parte dos pensamentos zangados ser também dirigida à professora Bennett. O professor Bennett nunca a avaliou nem ma devolveu, mas, quando lha entreguei, disse-me: «*Aposto que soube bem escrever isso.*»

Soube mesmo.

Mas não tão bem como saberia *fazer* todas essas coisas.

– Lamento que isso te esteja a acontecer – diz ele. – Não mereces ser tratada

dessa forma. Ninguém merece. Espero que saibas que não há nada de errado em defenderes-te.

– É difícil defender-me quando a outra pessoa tem o seu próprio clube de fãs.

Preparo-me, à espera de algum tipo de discurso motivacional como os que recebo de todos os adultos, mas, em vez disso, o professor Bennett limita-se a assentir.

– Não vou mentir. Às vezes, o secundário é uma treta.

– De certeza que para si não foi.

– Hum. Acho que não te dás conta do como era ser um rapaz de dezasseis anos que gostava de escrever poesia.

Apesar de tudo, tenho de rir. É difícil imaginar o professor Bennett com dezasseis anos, como eu. Ainda que haja alturas em que parece muito jovem. Quase o consigo imaginar como adolescente, sentado debaixo daquela árvore à porta da escola, a escrever poemas.

– Qual foi o primeiro poema que escreveu? – pergunto-lhe eu.

Sinto um ligeiro ardor no rosto, perguntando-me se lhe terei feito uma pergunta estúpida, mas, pela sua atitude, ele não parece achá-lo. Franze os lábios, como se estivesse a pensar na resposta. Permito-me olhar para ele e noto um pequeno corte a sarar no seu queixo, que deve ter feito ao fazer a barba esta manhã. Muitos dos rapazes da minha turma ainda não se barbeiam e têm apenas pelos nojentos e desgrehados dispersos no queixo.

– Escrevi um poema quando tinha seis anos – diz ele. – Para a minha mãe, no Dia da Mãe. Pendurou-o no frigorífico e estive lá durante anos, por isso ainda me lembro. Deixa-me pensar. *«Amo a minha mãe e porquê vou dizer. Faz-me comida para eu não morrer.»*

– Isso é, tipo, a coisa mais fofa de sempre – guincho.

– Eu sei. Era adorável. – Sorri-me. – Então e tu?

– Acho que nunca escrevi nada assim tão giro. Seja como for, só me tornei uma poetisa a sério depois de entrar para o secundário. – Sinto que tenho o rosto em chamas. – Não queria dizer que sou uma poetisa ou assim. Não sou. Queria só dizer que só comecei a escrever poesia a sério nessa altura. Mais ou menos a sério.

– Mas és uma poetisa. – O sorriso desaparece-lhe do rosto. – Não digas que não, porque não há dúvidas de que és. Mais do que muitos adultos que alegam sê-lo.

Aperto as mãos entre os joelhos. Às vezes, os adultos dizem coisas paternalistas, mas não parece ser esse o caso. Parece estar a falar a sério.

Quase me sinto triste ao avistar a minha casa. Sinto que podia passar mais uma ou duas horas a conversar com o professor Bennett no carro. Geralmente, quando estou no carro com a minha mãe, ligo o rádio, pois a conversa pode tornar-se desconfortável, mas não sinto de todo essa necessidade com o professor Bennett.

– Obrigada pela boleia – digo eu, quando ele estaciona.

– O prazer foi todo meu.

Quando ele põe o carro em ponto morto, por uma fração de segundo, quase parece que tivemos um encontro e que ele me veio deixar a casa ao fim da noite. É tão absurdo, mas, ao mesmo tempo, é essa a sensação. E, por um momento, quase sinto que devia inclinar-me para ele para lhe dar um beijo de boa noite.

Mas isso é ridículo.

– Mais uma vez, obrigada. – Recolho a mochila do chão e abro a porta do carro. – A sério.

– Sempre às ordens, Addie.

Ao correr do *Honda* até à minha porta da frente, tentando evitar as gotas de chuva que caem sobre mim, dou por mim a sorrir como uma idiota.

O –ra estes servem-te perfeitamente.

O Jay está ajoelhado ao meu lado, numa das filas de trás da Simon's Shoes, depois de me enfiar uns sapatos *Calvin Klein* verdes nos pés. Às vezes, fazemos isto depois da nossa sessão no armazém, se *ela* não lhe tiver ligado para ir para casa. Saímos para a parte principal da loja, e ele ajuda-me a experimentar sapatos. Tenho meia dúzia de caixas no chão ao meu lado.

– Não posso pagar estes sapatos – lembro-lhe eu, apesar de ser certo que me ficam lindamente.

– Oxalá pudesse comprar-tos. – Os seus olhos procuram os meus. – Oxalá pudesse comprar-te todos estes sapatos.

– E oxalá eu não tivesse de ir para casa ter com *ele*.

Disse-o sem pensar, mas, mal as palavras me saem da boca, apercebo-me de como são verdade. No meu aniversário, pensava em recomprometer-me com o meu casamento, mas apercebo-me agora de que o Nate e eu jamais poderemos voltar um para o outro. O abismo entre nós cresce a cada dia que passa.

– Porque não o deixas? – pergunta o Jay.

Resfolego enquanto tiro os sapatos. Gosto *demasiado* deles, o que é frustrante.

– E o que fazemos depois? Fugimos juntos?

Apesar de o dizer em tom sarcástico, a verdade é que sonho com um final feliz para mim e para o Jay. Nunca irá acontecer – temos demasiadas ligações. Mas se ao menos pudéssemos... Em última instância, porém, seria incapaz de fazer isso ao Nate. Seria incapaz de o humilhar dessa forma.

Às vezes, penso que ele mal daria pela minha falta, ainda assim. Esta noite,

chegou a casa encharcado e disse-me que tinha ido dar um passeio à chuva para se inspirar. Em seguida, subiu ao seu escritório no segundo andar e fechou a porta. Bati para lhe dizer que estava de saída, mas ele mal me respondeu.

Como que em resposta à deixa, o telemóvel do Jay começa a tocar. Desta vez, enquanto ele fala, oiço um bebé a chorar em pano de fundo. Apoio o queixo nas mãos, tentando repelir a culpa que me apunhala o peito. Aconteça o que acontecer com o Nate, tenho de acabar tudo com o Jay. E em breve.

– Tens de ir – digo eu, assim que o Jay desliga a chamada.

– Ela quer-me em casa. – Suspira. – O bebé está... Enfim. Na próxima semana?

Enquanto ele ainda está agachado ao meu lado, estendo a mão e passo os dedos por uma velha cicatriz recortada logo abaixo da linha do seu cabelo. Disse-me que a fez quando era pequeno, ao tentar passar por baixo de uma vedação. Uma semana destas será a última vez que estarei com ele. Mas espero que não seja nesta nem na próxima semana.

Será em breve, ainda assim.

– Sim – digo. – Vemo-nos na próxima semana.

O Jay olha para as caixas de sapatos espalhadas aos meus pés.

– É melhor guardar tudo isto. Não quero meter-me em apuros.

As caixas vieram todas do armazém, por isso agarramos numas quantas cada um e levamo-las de novo para lá. Quase como os cães de Pavlov, começo a ficar excitada mal nos aproximamos do armazém. Não importa que já o tenhamos feito duas vezes esta noite. Continuo a querê-lo. E, a julgar pela expressão no seu rosto ao olhar-me de relance, ele sente o mesmo.

– Na próxima semana... – Di-lo tanto para si mesmo como para mim. – Mal posso esperar.

Sáímos da loja juntos. Ele tranca-a e, como sempre, acompanha-me primeiro ao meu carro, que está estacionado no parque minúsculo. Fico sempre um pouco ansiosa quando eu e o Jay estamos juntos em público, mas costuma ser apenas fugazmente, ao dirigirmo-nos aos nossos carros. Ainda assim, hoje tenho uma sensação de inquietação, como se estivesse alguém a observar-nos.

Ao aproximarmo-nos do meu *Kia*, o Jay agarra-me no braço e inclina-se para

me voltar a beijar. Em seguida, afasta-se em direção ao seu carro, para regressar a casa, onde tem o bebé a chorar.

Eu entro no meu *Kia* e volto para o meu marido, que não me ama.

Tenho um teste intercalar de Matemática hoje e estou tão lixada. Não percebo nada da matéria. Costumo ter dificuldades mesmo nas melhores circunstâncias. O Hudson costumava sentar-se comigo e explicar-me pacientemente a matéria, quando ainda falava comigo, antes de eu o obrigar a encobrir o homicídio (involuntário) do meu pai. Depois, o professor Tuttle fez o mesmo. Mas pareço ter afastado sistematicamente todas as pessoas que me costumavam oferecer ajuda.

Devia pedir à minha mãe para ir a um explicador. A professora Bennett não vai abrandar o ritmo por mim. Mas sinto-me hesitante em fazê-lo porque o dinheiro é escasso. A minha mãe tem feito turnos extra no hospital e ouvi-a ter uma conversa assustadora com o banco sobre os pagamentos do nosso empréstimo. Por isso, a última coisa que quero é pedir-lhe para estourar mais dinheiro em mim só porque sou demasiado estúpida para entender a trigonometria.

E, mesmo que arranjasse um explicador, isso não me ia ajudar neste preciso momento, enquanto a professora Bennett distribui as cópias do exame. Nada me pode ajudar agora.

Verifico a primeira pergunta, na esperança de que o teste seja miraculosamente muito mais fácil do que o esperado. Talvez esteja mais preparada do que penso – bem, já aconteceram coisas mais loucas.

«Um nadador tem de recuperar um objeto a 5 metros da parede da piscina. Se o ângulo de depressão do objeto em relação à plataforma da piscina for de 30 graus, calcule a distância vertical que o nadador tem de percorrer para recolher o objeto.»

Isto não é difícil. Eu consigo.

Concentra-te, Addie!

Enquanto olho para a folha de teste à minha frente, não posso deixar de reparar que tenho uma vista perfeita para a folha do Kyle Lewis. Está sentado mesmo à minha frente e à esquerda, uma vez que é esquerdino. Consigo ver praticamente todo o teste. E o Kyle tem sempre vinte a Matemática.

Claro que isso seria *copiar*. Não há outra forma encarar as coisas: olhar para a folha de teste de outro aluno seria gravemente errado. Apesar de ter feito muitas coisas más na minha vida, sempre me vi como o tipo de pessoa que jamais faria isso.

Só que, se não o fizer, vou, sem dúvida nenhuma, chumbar.

Raios.

Muito bem, e se eu vir só as respostas a algumas das perguntas? Não preciso de copiar todas, só as suficientes para passar. Quer dizer, não é como se a trigonometria tivesse alguma utilidade no meu futuro. Não é como se estivesse a perder alguma competência extremamente importante para a vida. Até a poesia deve ser mais útil do que a trigonometria, o que é dizer muito.

Antes que me possa impedir, dou por mim a copiar as respostas do Kyle. Felizmente, as perguntas são de escolha múltipla e não é obrigatório mostrar o cálculo, embora tente rabiscar algumas coisas porque não quero que pareça... Bem, não quero que pareça que copiei as respostas do tipo sentado à minha frente.

Depois de a professora Bennett anunciar o fim do tempo, passo o meu teste para a frente com os do resto da turma. Apesar de a maioria das minhas respostas estar certa, para variar, tenho uma sensação doentia na boca do estômago.

Copiei. Nunca tinha feito nada assim antes.

Talvez, no fundo, seja tão má como o meu pai.

Mas tenho de ver o lado positivo. Estava em vias de chumbar neste exame e, apesar de não ter copiado todas as respostas do Kyle, o que seria demasiado suspeito, estou bastante certa de que acertei o suficiente para conseguir um dezasseis.

Quando estou a guardar os meus pertences, uma sombra abate-se sobre mim. Ergo a cabeça e vejo a Kenzie a fitar-me. Senta-se dois lugares atrás de mim, do lado esquerdo. Quase me tinha esquecido de que ela estava lá, exceto pelo facto de me dar sempre um pontapé na mochila ao passar por mim. Mas agora não está a passar por mim. Está mesmo à minha frente.

– Então, Addie – diz ela. – Conseguieste ver bem o teste do Kyle?

Todo o sangue se esvai do meu rosto.

– O quê?

– Foste *tão* óbvia, rapariga. – Revira os olhos. – De certeza que até a professora Bennett te viu a olhar para o teste dele. Mas, caso não tenha visto...

Compreendo onde quer chegar. A Kenzie viu-me a olhar para a folha de teste do Kyle e vai denunciar-me. Se eu lhe fizesse algo assim, seria atormentada por isso. Mas a Kenzie consegue safar-se com tudo.

– Por favor, não faças isso. – Odeio implorar-lhe, mas não posso ter outro escândalo na escola. *Não posso*. – Eu não estava... quer dizer, talvez só uma ou duas respostas, mais nada.

– Sei o que vi, Addie – responde ela, com um encolher de ombros.

Sai da sala, movendo-se muito mais depressa do que eu, com as suas pernas longas e esbeltas. É tão perfeita fisicamente que chega a ser detestável. Nem posso culpar o Hudson por gostar dela. Apesar de eu a odiar.

– Kenzie... – Fico ofegante ao acompanhá-la enquanto desce o corredor, em sentido oposto ao da minha próxima aula. Prova-velmente, vou acabar por chegar atrasada, mas tenho de definir prioridades. – Por favor, não digas à professora Bennett. Por favor. Faço tudo o que quiseses.

A Kenzie para bruscamente. Vira-se para olhar para mim, com os seus olhos azuis a fulgurar.

– Tudo?

– Sim! Tudo.

– Muito bem. – Bate com um dedo nos dentes. Tem as unhas pintadas de azul-gelo. – Quando chegarmos à aula de Inglês de hoje, quero que te ponhas de quatro e lambas o chão.

Fico de boca aberta.

– Lamber o *chão*?

– Durante sessenta segundos – confirma ela, assentindo com a cabeça.

Nem sei o que dizer. Se fosse qualquer outra aula... Bem, não sei se o faria, porque, quer dizer, é nojento. Mas não vou lamber o chão diante do professor Bennett. Meu Deus, o que pensaria ele de mim?

– Não vou fazer isso – digo.

– Nesse caso... – Os seus olhos brilham. – Parece que eu e a professora Bennett vamos ter uma conversinha.

– Por favor, Kenzie – choramingo. – Cometi um erro terrível. Nunca tinha feito nada assim. *Não* sou má pessoa.

– Pois... – retorque a Kenzie. – Isso é discutível.

Dito isto, vira-me as costas, atirando-me os longos cabelos louros. Porque me odeia tanto a Kenzie? Nunca lhe fiz nada. Não me parece que ela fosse fazer isto por causa do professor Tuttle. Deve ter que ver com o Hudson.

Será possível que o Hudson lhe tenha contado o nosso segredo?

Se isso for verdade, tenho problemas ainda piores do que a professora Bennett descobrir que copiei no teste intercalar de Matemática.

Enquanto estou sentada na aula de Inglês (*não* a lamber o chão, apesar de a Kenzie não parar de me lançar olhares contundentes), uma aluna entra na sala com um papel dobrado na mão, interrompendo o professor Bennett em plena discussão de um poema de Robert Frost.

– Tenho um comunicado – anuncia a aluna, ao vê-lo arquear as sobrancelhas.
– Para a Adeline Severson.

O professor Bennett recebe o papel. Abre-o e lê o conteúdo, e vejo os seus lábios curvarem-se para baixo. Por um momento, os seus olhos castanhos encontram os meus.

– Obrigado – diz ele à aluna. – Assegurar-me-ei de que ela o recebe.

Nunca antes tinha desejado ter superpoderes, mas, neste momento, daria tudo por uma visão de raio-X que me permitisse ler o papel. O professor Bennett pousa-o na secretária e retoma a discussão de Robert Frost. Como se me conseguisse concentrar no poema neste momento.

Mal a campainha toca, o professor Bennett curva o dedo na minha direção. Arrasto-me até à sua secretária, e ele estende-me o bilhete. Não consigo evitar que as minhas mãos tremam ligeiramente ao ler o conteúdo:

Adeline,

Por favor, vem à minha sala imediatamente a seguir à tua última aula.

Eve Bennett

Oh, não. Não posso acreditar que a Kenzie lhe disse tão depressa.

– O que se passa? – pergunta-me o professor Bennett. O seu tom é suave, mas tem uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

– Não faço ideia – minto.

O professor Bennett não parece acreditar em mim, mas não me pressiona mais.

– Se tiveres algum problema, sabes que podes dizer-me, certo?

É uma oferta tão simpática, que quase desato a chorar. A pior parte é que sei o quanto ficaria desiludido comigo, se soubesse o que fiz – que copiei por outro aluno. É o suficiente para não lhe querer pedir ajuda. Por outro lado, a professora Bennett é casada com ele. Não há confidencialidade. Se ela achar que fiz algo de errado, vai contar-lhe tudo. Contará a *toda a gente*.

– Estou bem – digo. É outra mentira, mas que importa?

Sinto os olhos do professor Bennett nas minhas costas ao sair da sala. Tento dizer a mim mesma que isto pode ter que ver com outra coisa. O bilhete não quer necessariamente dizer que a professora Bennett sabe que eu copiei pelo teste do Kyle. Talvez queira apenas ajudar-me com algumas sugestões de explicadores. Mas, nesse caso, porque pediria para ir ter com ela «imediatamente» e enviaria um comunicado por outra aluna?

Quando chego à sala da professora Bennett, vejo-a sentada à secretária, parecendo estar a corrigir alguns dos exames. Segura na caneta vermelha e tem o sobrolho franzido de concentração. Ao observá-la, não consigo perceber verdadeiramente o que viu o professor Bennett nela. É relativamente atraente, mas tem uma carranca permanente gravada no rosto. Como consegue ele aguentar?

– Professora Bennett? – Bato suavemente à porta da sala, apesar de já estar aberta. – Queria ver-me?

– Sim. – Os lábios traçam-lhe uma linha reta no rosto, quase como se tivessem desaparecido dentro da boca. – Senta-te, Adeline.

O facto de ela me estar a tratar pelo meu nome completo deixa-me nervosa. A minha mãe também faz isso quando acha que me portei mal. Mas faço o que ela diz, sentando-me na carteira diretamente em frente à sua secretária.

– Então... – A professora Bennett foca a sua atenção em mim. Tem os olhos demasiado pequenos e semelhantes a contas. – Há algo que me queiras dizer?

Fito-a sem dizer nada. O que quer que a Kenzie lhe tenha dito, não há provas.

Quando se torna óbvio que não vou confirmar nem negar nada, ela tira dois testes do fundo da pilha em cima da secretária e põe-nos à sua frente.

– Copiaste pelo teste do Kyle. Estás sentada mesmo atrás dele, estavas a olhar-lhe para a folha de teste e copiaste as respostas.

Abro a boca para dizer qualquer coisa, mas é como se tivesse algo preso na garganta. Não consigo dizer nada. Não posso acreditar que isto está a acontecer. Nunca copiei em toda a minha vida e, da primeira vez que o faço, sou apanhada nem uma hora depois. Tenho a pior das sortes.

Em abono da justiça, pelo menos, não fui apanhada por matar o meu pai.

– Então? – insiste ela, arqueando as sobrancelhas. – Tens algo a dizer em tua defesa?

Continuo em silêncio. O que posso dizer? É verdade que copiei. Não quero mentir para juntar ao que já fiz.

– Peço imensa desculpa – acabo por dizer, num guincho.

A professora Bennett parece totalmente imperturbável, o que não é de admirar. Faz-me lembrar a bruxa malvada de um daqueles filmes da Disney. Só lhe falta uma capa.

– Copiar é extremamente grave. Amanhã de manhã, vou discutir isto com a diretora.

A diretora Higgins já não gosta de mim. Costumava gostar. Bem, durante o primeiro ano e meio que passei na Escola Secundária de Caseham, nem sabia quem eu era, o que é provavelmente a melhor situação possível. Da primeira vez que fui falar com ela, foi tão simpática para mim. Agora acha que sou uma arruaceira por causa do que fiz ao professor Tuttle.

O que irá fazer quando descobrir que andei a copiar, além de tudo o resto?

– Podes ir – diz-me a professora Bennett.

Ponho-me de pé, com as pernas a tremer, e, de alguma forma, consigo sair da sala sem desabar. Não sei o que vai acontecer amanhã, mas vai ser horrível. A diretora vai descobrir que copiei pelo Kyle. Provavelmente, vão ter de chamar a minha mãe e terei de ver aquela horrível expressão de decepção no seu rosto.

O pior de tudo talvez seja que o professor Bennett também vai descobrir.

Estou tão furiosa com a Kenzie. Não tinha de falar disto à professora Bennett.

Podia ter mantido a boca fechada. Nem sequer compreendo porque me odeia tanto.

Vou deixar de ser tratada como um capacho. Não vou deixar que a Kenzie saia impune disto.

Ao chegar a casa hoje depois das aulas, fico surpreendida por o Nate já estar à minha espera.

Sou quase sempre a primeira a chegar a casa. Costuma ficar até tão tarde na escola, mas não consigo perceber o que faz por lá. Hoje, no entanto, ao chegar a casa, encontro-o sentado no sofá. Ao ver-me entrar na sala de estar, levanta-se para me cumprimentar. Até me dá um beijo.

– Como correu o teu dia? – pergunta ele.

– Bem. – Lanço um olhar à cozinha, para ver se já começou a cozinhar. – O que gostarias de jantar hoje?

– Por acaso... – responde ele. – Pensei que podíamos mandar vir qualquer coisa. De onde quiseses.

Normalmente, o Nate acha que os restaurantes com entrega ao domicílio são demasiado caros. Prefere comer esparguete diretamente da caixa a mandar vir comida de um restaurante italiano.

– Parece-me ótimo.

Dança-lhe um sorriso nos lábios. Os seus olhos descem-me pelo corpo, vejo no seu rosto uma expressão que já não via há muito tempo.

– Estás bonita hoje, Eve.

Estou? Estou a usar uma blusa branca com umas calças bege e calcei os meus *Manolo Blahnik*. Não costumo usá-los, mas hoje precisava de um incentivo.

– Obrigada.

E então beija-me outra vez. Desta vez, o beijo é longo, vagaroso. Sinto nele uma urgência. Passado um segundo, abre o botão de cima da minha blusa.

– Nate – arquejo.

– Vamos lá para cima – murmura-me ele ao ouvido. – Está bem?

Não vou dizer que não.

Meia hora depois, estamos os dois ofegantes na nossa cama. O Nate estava tão decidido a seduzir-me, que tirei os meus *Manolo* com um pontapé em vez de os descalçar com cuidado e os devolver afetuosamente ao roupeiro. O resto da nossa roupa está espalhada pelo quarto. Quando olho para o Nate, vejo que tem uma camada de suor a cobrir-lhe o corpo. Ao olhar para mim, sorri.

– Ufa – diz ele. – Isto foi...

Aceno em concordância. Não sei o que mudou hoje, mas talvez haja um caminho de volta para a salvação do nosso casamento. Não que não goste profundamente do Jay, mas ele e eu não temos um futuro juntos. O Nate é o futuro, para o bem ou para o mal.

– Ainda bem que vamos mandar vir comida – digo eu. – Estou demasiado cansada para cozinhar.

O Nate ri-se.

– Eu sei.

– Devíamos, enfim... – Os meus olhos fixam-se nos dele. – Devíamos fazer isto mais vezes.

– Sem dúvida.

Aninho-me junto ao meu marido, e ele rodeia-me com o braço. Deito a cabeça nos músculos do seu ombro, sentindo-me satisfeita com ele pela primeira vez em muito tempo. É certo que fazemos sexo uma vez por mês, mas nunca é assim. Costuma ser muito regrado, como se estivéssemos a escovar os dentes.

Isto é como nos velhos tempos, quando começámos a namorar.

– A propósito – murmura o Nate contra os meus cabelos. – Recebi um comunicado estranho hoje. Dizia que precisavas de falar com a Addie Severson com urgência. Está tudo bem?

A Addie Severson é a última pessoa de quem quero falar enquanto saboreamos a nossa paz pós-coito, mas parece indelicado não lhe responder. Além disso, quero que ele saiba o que aquela rapariga fez. Tem de saber do que ela é capaz.

– Não propriamente – digo-lhe eu. – Copiou no exame intercalar.

Por um momento, ele fica calado.

– Copiou como?

– Estava a olhar para o teste de outro aluno. Além de a ter apanhado enquanto o fazia, reparei que as respostas eram quase idênticas quando verifiquei os dois testes logo a seguir. O outro miúdo é um aluno brilhante, por isso é impossível ela ter acertado tantas respostas sozinha.

– Uau. O que vais fazer em relação a isso?

– Vou falar com a diretora. – Terei de esperar até amanhã de manhã, mas é esse o protocolo para quando um aluno é apanhado a copiar. – Vou informar a Higgins do que aconteceu e será ela a lidar com isso.

– A diretora. – O Nate abana a cabeça. – Uau. Isso é duro. Tens mesmo de levar a situação à diretora?

– Tenho, sim. São essas as regras.

– Bem... – diz ele, pensativamente, apertando o meu corpo contra o seu. – Não é como se ela tivesse cometido um crime. Não engendrou nenhum esquema para copiar com antecedência para ter acesso às respostas. Sentou-se lá, durante o exame, e não sabia como resolver os problemas, o que consigo entender, por isso entrou em pânico.

– Ela *copiou*, Nate.

– Mas nem sequer tens provas, pois não? – Franze o sobrolho. – Disseste que a viste copiar por outro teste, mas talvez não o tenha feito. Talvez tenha mesmo estudado. Ela admitiu?

Tecnicamente, a Addie não admitiu ter copiado. Mas eu *vi-a* a olhar para o teste do Kyle. Ao fim de tantos anos a ensinar, foi bastante óbvio. Além disso, sei que não era capaz de tirar uma nota assim sozinha. E vi bem a expressão que fez quando a confrontei.

– Não propriamente.

– Ela está a passar por dificuldades. – Aperta-me mais contra o seu corpo quente. – Já nos aconteceu a todos, Eve. Não tiveste problemas nas aulas de Inglês no secundário e precisaste de um explicador?

Não sei o que responder. Tecnicamente, é verdade.

– Então podia ter arranjado um explicador. Não tinha de copiar.

– Nem todos os alunos podem pagar um explicador. Acho que estamos ambos de acordo em que a Addie passou por *muito* no último ano.

Em quaisquer outras circunstâncias, esta conversa deixar-me-ia furiosa. Copiar é errado, e o facto de o meu marido defender uma aluna que copiou é ridículo. Sobretudo porque ele parece ter feito da Addie o seu projetozinho de estimação, apesar de eu o ter avisado acerca dela. Mas não consigo invocar grande raiva ou sequer indignação assim enroscada nele. O Nate preocupa-se profundamente com os alunos. Não o posso culpar por isso. Foi uma das qualidades que levaram a que me apaixonasse por ele.

– O que sugeres, então? – pergunto.

– Bem... – diz ele. – É óbvio que não a podes deixar manter a nota, mas, se lhe deres um zero e um aviso severo, duvido que volte a tentar algo do género. Talvez seja o murro no estômago de que precisa para se pôr na linha.

– Achas que sim? – Por vezes, a Addie parece completamente irremediável.

– Acho, pois. – Dá-me um beijo na testa. – Sei que, no fundo, queres que ela e todos os teus outros alunos se saiam bem. Acho que é o melhor para ela. Não lhe queres destruir a vida, pois não? Mesmo que ainda estejas zangada com o que aconteceu ao Art. Sabes que isso não foi culpa dela, certo?

Sei? Talvez tenha razão. A Addie Severson passou por muito no último ano, e a verdade é que fui dura com ela, provavelmente por estar zangada por o meu próprio mentor ter perdido o emprego por causa dela.

– Tudo bem – concordo. – Não vou falar com a diretora. Vou falar com ela sobre isto depois das aulas e dizer-lhe que vai ter um zero, mas não a vou denunciar.

– Estás a agir da forma certa, Eve.

Dá-me mais um beijo na testa e sai da cama em direção à casa de banho. Passado um segundo, quando o duche começa a correr, o meu telemóvel vibra na mesa de cabeceira, onde o deixei. Pegó-lhe e vejo uma mensagem à minha espera no *Snapflash*.

Jay: Vejo-te amanhã à noite?

Olho para a porta da casa de banho, onde o duche continua a correr com força.

Há muito tempo que procurava este tipo de paixão da parte do Nate. Em muitos aspetos, foi absolutamente perfeito, tal como queria, e espero que haja mais vezes assim no futuro.

Mas há algo que me incomoda em toda a situação.

Talvez o facto de ele ter começado a falar sobre a Addie mal acabámos, e depois ter ido diretamente para o duche.

Mas, no fim de contas, não é ele que está em causa. É o homem do outro lado desta conversa. O Jay juntou dinheiro suficiente para me comprar um belo par de sapatos no meu aniversário quando o meu próprio marido não me deu nada. Nunca tive de me interrogar sobre se o Jay tinha segundas intenções. Vejo no seu rosto o quanto me quer. Por isso, só hesito um minuto antes de digitar uma resposta:

Eu: Lá estarei.

A Kenzie tem treino das chefes de claque até pelo menos às cinco horas, talvez mais tarde. Os pais, com os seus empregos importantes, também só regressarão a casa tarde.

Eu, por outro lado, não tenho absolutamente nada para fazer, enquanto espero para saber se a diretora Higgins me vai expulsar da escola amanhã.

Estaciono a bicicleta ao fundo do quarteirão da casa da Kenzie, prendendo-a a um candeeiro de rua. Levo a mochila comigo ao subir a rua até à sua grande casa, com o peso dos meus livros a cravar-me as alças da mochila nos ombros. Caminho com determinação, como se fosse suposto eu estar aqui. Como se fosse uma amiga da Kenzie que a veio visitar.

Apesar de isso não estar mais longe da verdade.

Toco à campainha, à espera do som de passos. Toco uma segunda vez, só para ter a certeza, mas só o silêncio me responde. Tal como suspeitava, não está cá ninguém. A casa está completamente vazia.

Olho para as casas vizinhas, que parecem tão escuras e silenciosas como a da família Montgomery. Quando tenho a certeza de que não está ninguém a observar-me, contorno a lateral da casa, pisando o relvado luxuriante do jardim das traseiras.

Ao chegar à porta das traseiras, vasculho o bolso da mochila e tiro as chaves do interior. Livrei-me do porta-chaves com brilhantes a dizer *Kenzie*, mas guardei as chaves. Claro que é perfeitamente possível que tenham decidido mudar as fechaduras da porta quando a Kenzie as perdeu. Mas, por outro lado, ela vive num bairro seguro. Talvez os pais tenham partido do princípio de que

deixou cair as chaves algures e decidido que não valia a pena o *stress* de mudar as fechaduras.

Bem, seja como for, estamos prestes a descobrir.

Há três chaves no anel, mas uma é maior e a que mais se parece com uma chave de casa. Respiro fundo e introduzo a chave na fechadura. Conto mentalmente até dez e tento rodá-la.

A chave roda.

Paro por um momento, à escuta do som de um cão a ladrar. Não oiço nada. Por isso, acabo de rodar a chave na porta, rodo o puxador e entro na cozinha da família Montgomery.

A primeira coisa que faço uma vez no interior é olhar em volta, para ver se há um sistema de alarme. Já os vi nas casas de outras pessoas. Se não o desligar, ou me arrisco a que um alarme comece a soar ou então a que a polícia seja alertada discretamente. Em qualquer dos casos, não quero que isso aconteça. Mas não vejo nenhum teclado nem sinais de que a casa tenha um alarme.

O que é estúpido da parte deles. Esta casa *precisa* de alarme. Ao entrar em casa da família Montgomery, fico espantada. Tem um plano aberto, pelo que, da cozinha nova reluzente, consigo ver a enorme extensão de espaço e de mobília cara da sala de estar. A minha casa foi construída há mais de cem anos, e duvido que o interior tenha mudado muito desde então. Tivemos o mesmo frigorífico durante toda a minha vida. É capaz de se aguentar até depois da minha morte e de todos os meus familiares.

Deixo as sapatilhas junto à porta das traseiras, porque a alcatifa é muito clara e já deixei algumas pegadas na cozinha com o calçado sujo. Sorrateiramente, atravesso a sala de estar até às escadas alcatifadas e começo a subi-las.

Não posso acreditar que estou a fazer isto. Já foi suficientemente mau ter copiado num exame pela primeira vez na vida (e ter sido apanhada). E agora aqui estou eu, poucas horas depois, a invadir uma casa, por amor de Deus. Mas isto é tudo culpa da Kenzie. Não tinha de me denunciar à professora Bennett nem tinha de fazer nenhuma das coisas que passou o semestre a fazer. *Merece* o que a espera.

Ao chegar ao piso de cima, a primeira divisão que encontro é uma casa de

banho. Entro, admirando as peças brancas reluzentes e as escovas de dentes multicoloridas alinhadas na bancada do lavatório. Oh, meu Deus, têm mesmo um aquecedor de tampo na sanita? Seria estranho experimentá-lo?

Sim, provavelmente seria.

Por um momento, olho para o meu reflexo no espelho do lavatório. É o mesmo espelho que a Kenzie usa para se ver todos os dias. Só que, ao olhar para este espelho, o seu reflexo mostra-lhe maçãs do rosto perfeitas, uns olhos azuis-claros e um cabelo louro sedoso, ao invés das minhas feições desinteressantes, com olhos e cabelo cor de lama.

Com o indicador, abro o armário dos medicamentos. Não me surpreende que esteja cheio de vários cremes para a pele e produtos para o cabelo. Vejo alguns frascos laranja com comprimidos na prateleira de cima e pego no primeiro, em cujo rótulo leio:

«Ondansetrona. Tomar um comprimido três vezes por dia consoante o necessário para as náuseas.»

Antes que me possa perguntar porque precisa a Kenzie de tomar comprimidos para as náuseas, viro o frasco e vejo que a receita é para o irmão mais velho. Claro que a Kenzie não tem náuseas. Provavelmente, nunca vomitou em toda a vida.

Não tardo a encontrar o quarto da Kenzie. Há vários quartos no piso de cima. Um é claramente o quarto principal, o outro parece pertencer a um adolescente – o irmão da Kenzie, presumo – e o dela é o que tem uma cama com dossel e um grande guarda-joias cor-de-rosa na secretária. É o melhor quarto de adolescente que alguma vez vi.

Sento-me à secretária branca, afundando-me na cadeira de cabedal. A Kenzie senta-se neste preciso lugar a fazer os trabalhos de casa e, provavelmente, toma como garantida a sorte que tem.

Abro a gaveta de cima da secretária. Está uma folha rasgada de um caderno enfiada lá dentro, com uma mensagem rabiscada: «*Não consigo parar de pensar em ti. Mal posso esperar para te ver esta noite.*» Uf, era mesmo o que eu queria encontrar – um bilhete de amor do Hudson. Ainda não posso acreditar que ele namora com ela.

Era tudo tão estranho entre mim e o Hudson. Quando éramos mais novos, adorava-o e achava que era giro de modo geral, com o sorriso sôfrego e o cabelo louro-claro desgrenhado, mas não tinha um fraquinho por ele nem nada do género. Brincávamos juntos como quaisquer dois miúdos fariam, a jogar na *Nintendo* ou a fazer os trabalhos de casa juntos. No verão, atirávamos umas bolas no seu jardim das traseiras, íamos a pé até à loja mais próxima comprar doces ou passávamos por baixo da vedação para entrar no jardim do vizinho e usar a piscina dele.

Mas depois, ao chegarmos ao secundário, a altura do Hudson disparou ao ponto de ele ficar finalmente mais alto do que eu – *muito* mais alto –, e subitamente comecei a pensar nele de forma diferente. Comecei a fantasiar sobre como seria beijá-lo. E dava-me a impressão de que ele pensava em mim da mesma forma.

Não que tenha sido culpa da Kenzie que o meu melhor amigo me tenha deixado de falar. Foi tudo por causa do que aconteceu ao meu pai e do que eu obriguei o Hudson a fazer. Mas não se torna menos doloroso vê-los juntos.

Olho para uma figura de cerâmica em cima da secretária. É uma ave, pintada de azul-claro e violeta. Ao pegar-lhe, vejo as iniciais KM gravadas no fundo, o que significa que foi ela que a fez nas aulas de Cerâmica, apesar de parecer profissional. A Kenzie até na *cerâmica* é incrível. Por impulso, atiro a ave ao chão, estilhaçando-a em cinco pedaços.

Pensava que partir algo no seu quarto me faria sentir melhor, mas não faz. De *tudo*. E, estranhamente, já não me sinto tão perturbada por ela estar com o Hudson. Continuo a sentir a falta do Hudson como amigo, mas, ao fantasiar com um homem com quem gostaria de estar, já não é nele que penso.

É no Nathaniel Bennett.

Não que algo possa alguma vez acontecer entre mim e o professor Bennett. Isso é só para lá de estúpido. Mas penso nele o tempo todo. À noite, quando estou a adormecer, imagino-o a sorrir-me, os seus olhos a franzirem-se da forma como sempre fazem. É humilhante pensar que ele pode descobrir que eu copieiei. Não há nada mais importante para mim do que o que ele pensa a meu respeito.

Levanto-me da cadeira de cabedal e dirijo-me ao roupeiro da Kenzie. Tem um

enorme quarto de vestir – porque é claro que tem. Vasculho todas as roupas de marca incríveis que ela enfiou lá dentro. Além de ser bonita e popular, é também muito mais rica do que a maioria dos miúdos da escola. Às vezes, parece simplesmente que a vida não é justa, sabem?

Tiro uma camisola cor-de-rosa do roupeiro. O tecido é suave, e consigo perceber que me serviria no peito em todos os sítios certos. Também é mais ou menos do tamanho certo. Se a levasse, ela nunca saberia sequer. Quer dizer, tem para aí uns cinco milhões de camisolas neste roupeiro. Não deve usar esta há anos. Estaria a fazer-lhe um favor, na verdade, a ajudá-la a *destralhar*. Na verdade, podia destralar ainda *mais*.

E então, enquanto estou a vasculhar-lhe as camisolas, oiço um estrondo vindo do andar de baixo.

Está alguém em casa.
Oh, meu Deus, isto é horrível. Pensava que estava em apuros quando fui apanhada a copiar, mas isto é muito pior. O pior que podia acontecer por copiar na escola seria ser expulsa, e até isso era improvável.

Mas isto é invasão de propriedade. Posso ir para a prisão, ou para o reformatório ou coisa parecida. É um crime grave.

Porque fiz isto? Tinha esta ideia desvairada de me vingar da Kenzie, mas tudo o que fiz foi partir uma estúpida ave de cerâmica e vasculhar-lhe o roupeiro. Não tenho coragem para me vingar da Kenzie pelas coisas que me fez.

Paraliso, sem saber qual deve ser o meu próximo passo. Tenho a certeza de que o barulho veio lá de baixo, por isso estou relutante em descer e dar de caras com um dos membros da família Montgomery. Mas o que mais posso fazer?

Podia esconder-me. O roupeiro da Kenzie é suficientemente grande para eu caber juntamente com metade da equipa de futebol. Podia fechar-me lá dentro, esperar que seja quem for que está lá em baixo fosse embora e depois escapulir-me. Mas e se for a Kenzie? Então, ficarei presa no roupeiro e será apenas uma questão de tempo até ser descoberta.

Ser descoberta em casa da Kenzie já é mau. Ser encontrada escondida no seu roupeiro seria um pesadelo.

Não, tenho de sair daqui.

Atiro as chaves para dentro do roupeiro e esgueiro-me para fora do quarto da Kenzie, perguntando-me se me conseguirei escapulir rapidamente pela porta das traseiras. Se for a Kenzie, estou lixada. Mas, se forem os pais ou o irmão,

posso fingir que foi ela que me mandou cá. Não é como se eu parecesse minimamente assustadora.

O meu coração palpita-me dentro do peito enquanto desço as escadas lentamente. A cada poucos passos, paro e ponho-me à escuta. Não oiço nenhuma voz, mas ouvi um estrondo claro e forte o suficiente para não ter sido só o vento ou algo parecido.

Será possível que algum assaltante tenha decidido entrar na casa no preciso momento em que eu o fiz?

Não, não é muito provável.

Chego ao fundo das escadas. Continuo a não ver nem ouvir ninguém na casa. Parece estar vazia, apesar de eu ter ouvido aquele barulho. Por detrás das escadas, esgueiro-me até à cozinha para regressar à porta dos fundos.

E é então que o vejo.

Está um gato branco de pelo comprido no meio da cozinha, ao lado de um jarro de água que devia estar em cima da bancada, mas que está agora no chão. O gato olha para mim e solta um impenitente *miau*.

Foi o *gato*.

O meu corpo fraqueja de alívio. Não vou ser apanhada por invasão de propriedade e acabar num reformatório. Não está ninguém em casa. Só um gato presunçoso.

Ainda assim, não vou correr riscos. Agarro nas sapatilhas e esgueiro-me pela porta das traseiras o mais silenciosamente possível, fechando-a depois atrás de mim. Deixei as chaves no roupeiro para não ter a tentação de voltar.

No dia seguinte, a Addie entra na minha sala de aula como se a estivessem a levar para a cadeira elétrica.

Não posso deixar de sentir uma pontada de compaixão pela rapariga. Sei que tem tido dificuldades nas minhas aulas. Talvez a culpa seja minha por não ter tentado fazer mais por ela. No passado, quando tive outros alunos com as mesmas dificuldades que ela, ofereci-lhes sugestões de reforço. Por isso, preparei uma lista de estudantes explicadores que a poderão ajudar ela por um preço razoável.

Mal a campainha toca para o fim da aula, faço sinal à Addie para vir à minha secretária. Tem ar de quem preferia saltar da janela, mas obedece.

– Addie – digo.

Ela ergue os olhos, que parecem aguados.

– Decidi não levar este assunto à diretora – continuo.

Os seus olhos arregalam-se.

– Vai...

– Vou dar-te um zero no teste intercalar – anuncio. É um golpe que fará com que lhe seja quase impossível passar à disciplina, por isso, se tenho coração, preciso de o suavizar. – E fiz-te uma lista de alunos que dão explicações. Se subires significativamente as tuas notas até ao exame final, deixo passar a nota do teste intercalar.

Estendo a lista de explicadores à Addie, que lhe pega com uma mão trémula.

– *Muito* obrigada, professora Bennett. Fico realmente agradecida.

Resmoneio, ciente de que, se o Nate não tivesse sido tão persuasivo ontem à noite, estaria agora a levá-la ao gabinete da Higgins. Mas ele tinha razão. A Addie fez o que fez porque estava desesperada. Não planeou copiar com antecedência. Posso deixar isto passar, por uma vez.

– Se alguma vez voltar a acontecer...

– Não voltará. – Parece estar a uns cinco segundos de se pôr de joelhos e beijar-me os pés. – Juro. Vou virar a página.

– Ótimo.

Estou disposta a perdoar este erro de discernimento, mas não me vou tornar amiga da rapariga. Tem sorte que o Nate veja algo nela, pois sabe Deus que eu não vejo.

Devo ter engolido uns quantos *Lucky Charms* em forma de ferradura a mais, pois estou a ter uma sorte incrível.

Primeiro, safei-me da invasão à casa da Kenzie.

Depois, a professora Bennett decidiu que não me ia denunciar à diretora. Nem pensei que fosse possível, mas até foi simpática para mim. Não sorriu, claro – isso seria esperar demasiado –, mas recomendou-me alguns explicadores baratos a quem talvez consiga pagar e disse-me que deixava passar o zero se eu recuperasse até ao fim do semestre.

Agora, estou na reunião da revista de poesia, e o professor Bennett acha que o novo poema em que passei as duas últimas semanas a trabalhar é digno de sair neste número. Tinha tanto medo de que a professora Bennett lhe contasse o que fiz e ele ficasse a pensar mal de mim, mas parece que ela não o fez, porque ele me olha da mesma maneira de sempre.

– Adoro este verso – diz-me ele. – «*O sangue esvai-se do meu coração a cada batimento.*» Que imagem poderosa.

Olho para a Lotus para ver se ela está a ouvir, mas está a olhar para outro lado. Ficou tão zangada por o professor Bennett inscrever o meu poema naquele concurso em vez do dela que já nem fala comigo. Não parece interessada em ser minha amiga, o que é dizer muito, porque a Lotus é capaz de ser a única rapariga na escola menos popular do que eu.

A reunião da *Reflexos* termina oficialmente às quatro e meia, mas os membros mais dedicados da revista costumam ficar até às cinco, a discutir poemas para a revista e apenas coisas em geral que lemos e de que gostamos. A Lotus é a

última a sair, pondo a mochila ao ombro e abandonando a sala sem sequer se despedir. Estou prestes a segui-la quando o professor Bennett me chama.

– Addie – diz ele. – Espera.

Paraliso, curiosa por ouvir o que ele tem a dizer. Fico ainda mais curiosa quando se aproxima e fecha a porta da sala de aula. Uma vez a sós, arqueia-me as sobrancelhas.

– Então, o que aconteceu? O que te disse a Eve?

É estranho como ele lhe chama Eve em vez de professora Bennett. Quer dizer, é óbvio que não ia tratar a mulher por senhora Bennett, mas parece-me que devia fazê-lo à minha frente. Mas isso agora não é importante. Estou mais preocupada que ele saiba o que aconteceu. Ela deve ter-lhe contado o que fiz.

Céus, isto é *tão* embaraçoso.

– Hã – digo eu. – Correu... tudo bem.

– Foi branda contigo, certo? – pergunta ele, baixando um pouco a voz. – Não vai envolver a diretora?

Mudamente, abano a cabeça.

Ele assente, satisfeito. Puxa a gravata, afrouxando-a à volta do pescoço, e vejo alguns dos seus pelos do peito a espreitar.

– Disse-lhe que passaste por um período difícil no ano passado. Disse-lhe para te dar outra oportunidade.

Tudo faz sentido finalmente. Perguntava-me porque tinha a professora Bennett decidido subitamente apiedar-se de mim. Foi por causa *dele*. Foi ele que lhe *disse* para não contar à diretora.

– Ajudou-me – digo, de repente.

– É claro que ajudei, Addie. – Sorri-me, franzindo os olhos. – Não ia deixar que a minha aluna favorita fosse expulsa da escola. Tive de te defender.

Sinto a cabeça a andar à roda. O professor Bennett sabe o que fiz e não me odeia. Não só isso como também sou a sua *aluna favorita*. Quase me apetece desatar a chorar de felicidade.

– Obrigada – consigo dizer. – Muito obrigada.

– É claro – responde ele. – Só fiz o que estava certo.

A vaga de emoções que sinto é quase avassaladora. Antes que me possa

impedir, rodeio o professor Bennett com os braços num abraço enorme. Tenho os olhos marejados de lágrimas quando me agarro a ele. Nunca abracei o meu pai, desde que era pequena, nem abracei sequer o professor Tuttle. Mas nunca me senti tão grata a ninguém. Ele acreditou em mim. Lutou por mim.

O professor Bennett abraça-me de volta, não me repelindo nem quando me agarro a ele. O abraço dura muito mais do que pretendia, mas não o quero largar, e ele também não se parece importar. Mas então sinto algo firme pressionar-me a perna. Como um rolo de papel higiênico.

Oh, meu Deus. Será...?

De um salto, afasto-me do meu professor, horrorizada. Esperava que talvez estivesse enganada, mas, ao baixar os olhos, vejo a protuberância reveladora nas calças dele. A julgar pela sua expressão, entende exatamente o que aconteceu e parece bastante envergonhado.

– Peço imensa desculpa, Addie! – exclama ele. Vira-me as costas, tentando disfarçar, mas é demasiado tarde para isso. – É completamente... É inaceitável. Peço imensa desculpa.

– Sim – digo, em voz baixa.

– Não serve de desculpa – continua ele, também em tom baixo. – Mas a minha mulher... Já não temos nada em comum. Não sinto nada por ela. Quando te conheci, foi como se... finalmente me tivesse ligado a alguém, pela primeira vez na minha vida. – Arrisca um olhar na minha direção, com o rosto vermelho-vivo. Mesmo alvoroçado, é tão bonito. – Mas isso não é desculpa. *Não* é desculpa. Lamento tanto.

Oxalá ele se calasse e parasse de pedir desculpa.

– Certo.

– É melhor ires – diz-me ele.

Faço o que me pede. Agarro na mochila e saio silenciosamente da sala de aula. Sinto a cabeça ainda mais à roda do que antes. Ao descer o corredor escuro, tento dar sentido a tudo.

Ele é o professor mais atraente em toda a escola. Toda a gente sabe disso. E é casado com uma mulher adulta, com a qual presumo que faça sexo. Mas, por alguma razão, ficou excitado enquanto eu o abraçava. Por *minha causa*. E depois

disse-me que nunca se tinha ligado a ninguém como a mim.

A parte estranha é que eu estava a pensar exatamente o mesmo.

Paro a meio do corredor. Não sei o que fazer a seguir, mas não posso ir embora agora. Tenho de perceber o que acabou de acontecer lá dentro. Devo-o a ambos.

Dou meia-volta e regresso à sala de aula. Já não está ninguém na escola. As reuniões dos clubes já acabaram, ainda que algumas das equipas ainda estejam no campo, lá fora. O professor Bennett está sentado à secretária. Ao erguer os seus olhos castanhos suaves para mim, é como se fôssemos as únicas pessoas em toda a escola. Em todo o *mundo*.

– Olá – digo.

– Addie. – Franze o sobrolho. – Acho que não devíamos falar mais sobre isto. Como disse, lamento imenso.

– Mas eu *quero* falar sobre isto.

O professor Bennett levanta-se. Não consegue esconder que ainda está excitado. Fita-me do outro lado da sala.

– Fecha a porta – diz-me.

Faço o que ele manda.

Atravesso a sala até ficar mesmo à sua frente. É cerca de um palmo mais alto do que eu, por isso tenho de inclinar a cabeça para trás para o fitar. Os seus lábios parecem húmidos. Lembro-me de sentir uma agitação dentro de mim por vezes com o Hudson, mas nada que se parecesse com isto. Isto é todo outro nível.

– Estou a tentar resistir-te – murmura ele. – Não fazes ideia do quanto estou a tentar.

– Não tem de o fazer.

Pensava que teria de ser eu a dar o primeiro passo, por isso surpreende-me quando é o professor Bennett a baixar os lábios para os meus. É a primeira vez que beijo um rapaz – bem, um *homem*. De início, são só os seus lábios nos meus. Mas então, passados alguns segundos, ele introduz a língua na minha boca. Sempre soube, na minha cabeça, que as pessoas beijavam com a língua, mas nunca imaginei qual seria a sensação. De início, parece super esquisito, como um objeto estranho a abrir caminho para dentro de mim, e não tenho a certeza

de gostar. Quase quero afastar-me, mas ele abraça-me com força, junto ao seu corpo. Seria patético afastar-me. Ele ia ficar tão desiludido.

E então, passados mais alguns segundos, o meu corpo começa a formigar. E é... incrível. Todo o meu corpo parece estar em chamas, como numa explosão. Não quero que pare, nunca, mas então ele afasta-se.

– Isto é errado – declara.

Isso deixa-me zangada. Sim, é meu professor e é muito mais velho do que eu. E é casado. Está bem, parece mau. Mas, ao mesmo tempo, temos uma ligação. Quando duas pessoas se ligam ao nível a que nós nos ligámos, não têm a *responsabilidade* de fazer algo a esse respeito, independentemente das circunstâncias?

– Não acho que seja errado – digo eu.

– É – responde ele, franzindo as sobrancelhas. – Mas não te consigo resistir. Estou indefeso.

Não te consigo resistir. Estou indefeso.

O meu único receio é que possamos ser apanhados. Veja-se o que aconteceu ao professor Tuttle, e nunca se passou sequer nada assim com ele. Mas talvez seja essa a diferença. O professor Tuttle e eu não estávamos a fazer nada de errado, por isso não tivemos cuidado. Mas eu e o professor Bennett teremos.

Como se me lesse os pensamentos, ele olha ansiosamente para a porta.

– Não devíamos fazer isto aqui.

– Sei de um sítio.

Parece surpreendido, mas segue-me obedientemente pela porta da sala de aula. Há um sítio na escola que mais ninguém conhece onde podemos ficar a sós. No ano passado, tive Fotografia como disciplina opcional, e as aulas foram todas remotas, mas antes não costumavam ser. Há uma câmara escura junto à sala de aula, que os miúdos costumavam usar para revelar fotos, mas que é agora apenas uma pequena sala vazia com um grande lavatório e químicos velhos. Talvez um dia seja readaptada para algo, mas agora é um refúgio de privacidade.

Fecho a porta atrás de nós.

– És realmente qualquer coisa, Addie – murmura ele.

Quando afrouxa a gravata e desaperta o primeiro botão do colarinho, o meu

coração falha um batimento. Não vai tirar a camisa, pois não? A ideia deixa-me inquieta, mas, felizmente, ele para após o primeiro botão.

– Ainda bem que gosta da sala, professor Bennett – digo eu.

Ele sorri-me.

– Não tens de me tratar por professor Bennett quando estivermos aqui dentro.

– Oh. – Sinto-me estúpida. Obviamente, se vamos andar aos amassos na câmara escura, não o devia tratar por professor Bennett. – Nathaniel, então? – Parece tão estranho dizer o seu primeiro nome. Mesmo depois de o beijar, dizer «professor Bennett» parece-me mais normal.

Volta a sorrir-me.

– A maioria das pessoas trata-me por Nate. Mas a escolha é tua.

– Gosto de Nathaniel – digo, pensativa.

– Está bem – assente ele. – Então, e tu? Preferes Adeline? – O seu sorriso expande-se. – Doce Adeline...

Sempre odiei o nome Adeline, mas gosto da forma como soa nos seus lábios.
Doce Adeline...

Só que não é mesmo verdade, pois não? Não há nada de doce no que estamos a fazer nesta câmara escura.

– Prefiro Addie.

– Certo. – Inclina a cabeça na minha direção. – Lá, na sala de aula, aquele foi... foi o teu primeiro beijo?

Sinto o rosto a arder. Odeio que ele me veja como inexperiente, mas não lhe quero mentir. Tenho a sensação de que ele sabe quando estou a dizer a verdade.

– É só que pareceste desconfortável, de início – apressa-se ele a acrescentar.

A sério? *Não* era isso que queria ouvir, apesar de tecnicamente ser verdade.

– Fui má?

– Não. *Não*. Foste incrível. – Abana a cabeça. – E não importa se foi ou não o teu primeiro beijo. Esquece que perguntei. É só... sinto-me mal. Não quero que faças nada que não queiras.

Ergo o queixo para ele.

– Eu quero fazer isto.

Ele hesita por mais uma fração de segundo, contemplando a minha resposta.

Em seguida, empurra-me contra a mesa utilizada para depositar as fotos reveladas e volta a beijar-me.

Passamos os quarenta minutos seguintes na câmara escura, e a seguir o professor Bennett – quer dizer, o Nathaniel – leva-me a casa. É um pouco arriscado, mas, se ele não me levar a casa, vou chegar tarde, e a minha mãe vai passar-se por completo se regressar do turno e eu não estiver lá. Portanto, é um risco que temos de correr.

A caminho de casa, não consigo parar de pensar no que aconteceu naquela câmara escura. Na forma como o professor Bennett – quer dizer, o *Nathaniel* – me tocou. A sensação dos seus lábios nos meus pegou fogo a cada nervo do meu corpo. E a verdade é que tudo o que fizemos foi beijarmo-nos. Nem sequer tentou fazer mais do que isso. Disse-me que não o ia fazer. É tudo o que sonhava fazer com ele.

É tão querido. Não se importa se só nos beijarmos. Só quer estar comigo porque temos esta ligação.

Ao pararmos num sinal vermelho, ele estende o braço e pega-me na mão. Lança-me um olhar nervoso.

– Posso? – pergunta.

Aperto-lhe a mão para lhe mostrar que sim.

– Sim.

Os seus ombros relaxam.

– Desculpa, isto é... É novo para mim. Sinceramente, sinto-me uma má pessoa. Sou teu professor...

– Fui eu a dar o primeiro passo – saliento. – Tu mandaste-me embora.

Solta um longo suspiro, desviando fugazmente os olhos da estrada para me

fitar.

– Casei com a Eve porque era esperado que eu assentasse. Nunca tinha conhecido ninguém genuinamente especial. E agora tenho trinta e oito anos e encontrei pela primeira vez a minha alma gémea, mas ela só tem dezasseis. – Faz um esgar. – Não é cruel este universo?

Acabou de dizer que sou a sua alma gémea. É de loucos, pois sinto exatamente o mesmo, mas teria pensado que era imaginação minha se ele não o tivesse dito.

– Não podemos escolher com quem criamos ligações. Certo?

– Acredita, quem me dera que todos o vissem da mesma forma que tu. Mas não vão entender.

Tem razão. Se se soubesse disto, ele seria despedido. E tenho a certeza de que a minha vida também se tornaria muito pior.

– Não vou dizer a ninguém.

– Não fazes ideia do quanto a tua presença na minha vida me mudou – diz ele. – Antes de apareceres, estava completamente bloqueado. E agora voltei a escrever poesia! Pela primeira vez em muito tempo.

Isso é incrível, especialmente porque tudo o que quero fazer é escrever poemas sobre o Nathaniel Bennett. Quero encher um caderno inteiro com versos sobre a forma como as rugas em torno dos seus olhos se franzem.

– Mostras-me um dos teus poemas?

– É tudo o que quero. – Sorri. – A Eve... não tem interesse na minha poesia. Nunca teve. Com ela, tudo tem de ser prático. Ela acha que a poesia é um desperdício.

Nunca gostei da professora Bennett, mas agora quase a odeio. O Nathaniel adora poesia – que tipo de mulher não apoiaria isso?

Encosta o carro ao passeio a um quarteirão inteiro de distância de minha casa.

– Acho que é melhor não estacionar mais perto.

Anuo, ciente de que ele tem razão. Odeio que tenhamos de nos esconder, mas também é empolgante.

– Tudo bem.

– Addie... – Estende a mão para me tocar no rosto, mas afasta-a no último segundo. – Não podes falar a ninguém sobre isto. Ninguém. Nem à tua mãe,

nem aos teus amigos... a ninguém.

– Não falarei.

– A sério. – Fita-me nas sombras do seu carro. – A minha carreira está nas tuas mãos. Conto contigo.

Tinha afastado a mão durante a viagem, mas estendo o braço para pegar na sua.

– Podes confiar em mim.

Consigo perceber o quanto ele me quer beijar, mas ambos entendemos a sabedoria de não o fazermos num carro no meio da rua, mesmo na escuridão. Podemos roubar momentos na câmara escura, mas nada mais. Qualquer outra coisa seria um risco demasiado grande.

Mas talvez nem sempre seja assim. Talvez possamos estar juntos um momento, no futuro.

Estou a corrigir testes no sofá da sala de estar quando o Nate chega a casa. Oiço a porta da frente bate, e, passado um segundo, ele está à minha frente no meio da sala de estar.

– Olá – diz ele.

– Olá. – Abro-lhe um sorriso breve e continuo a corrigir os testes. Vou sair para me encontrar com o Jay daqui a uma hora e espero conseguir despachar uma boa parte dos exames intercalares. – Não te esqueças de que vou sair esta noite.

O Nate deixa-se cair ao meu lado no sofá. Sorri-me – fica deslumbrantemente bonito quando sorri.

– O que estás a fazer?

– A corrigir os testes intercalares.

Ele puxa-me a pilha de papéis das mãos.

– Apetece-te fazer uma pausa?

– O quê?

Não percebo o que quer dizer até ver o seu rosto. Atira os meus exames para a mesa de centro e agarra-me, puxando-me para baixo no sofá. Os seus lábios descem sobre os meus, quando me beija abruptamente.

– Ei! – Luto para sair de baixo dele. – Nate, estou a meio de uma coisa!

– E então? – Cala o meu protesto com outro beijo. – Podes fazer isso mais tarde.

É tão absurdo. Geralmente, fazemos sexo uma dúzia de vezes por ano e agora, de repente, ele quer-me dois dias seguidos. O comportamento é estranho. Quase

parece que tem *fome* de mim, como se estivesse pronto para me arrancar as roupas, o que é invulgar. Há muitos anos que não via este tipo de paixão da sua parte.

Não sei o que se passa. Terá um tumor no cérebro? É a única coisa de que me consigo lembrar capaz de explicar isto.

Provavelmente, iria para a cama com ele se não tivesse planos para esta noite, mas a verdade é que estou expectante por ver o Jay. Não quero cancelar, apesar de nunca ter tido um dilema destes antes.

– Nate. – Empurro-o vigorosamente de cima de mim. – Talvez... possamos fazer isto noutra altura? Quero despachar estes testes antes de sair...

– A sério?

– Sim!

O Nate fita-me com incredulidade, deixando-me desenredar-me do seu abraço.

– Não te compreendo, Eve. Estás sempre a queixar-te de que não fazemos sexo, e agora que quero, tu afastas-me de ti.

– Nate...

– Não, esquece. – Sai de cima de mim, com uma cara amuada. – Eu trato do assunto.

Salto do sofá, chamando o seu nome, enquanto ele sai disparado. A porta do quarto bate no andar de cima. Agora sou eu quem fica a olhar, incrédula.

Que raio foi aquilo?

As reuniões da *Reflexos* costumavam ser a melhor parte do meu dia, mas agora só quero que acabem para me poder escapar com o Nathaniel para a câmara escura.

– O poema é todo... – diz-me a Lotus. – É demasiado... piegas.

– Piegas? – repito.

Escrevi o poema que ela está a ler enquanto pensava no Nathaniel. É um poema de amor, mas não achei que fosse piegas.

Os teus olhos são castanhos

como folhas de outono

acabadas de cair

Anseio pelo teu abraço

na noite enevoada

Vejo-te todos os dias,

mas, quando não posso estar contigo,

anseio por estar nos teus braços

O meu amor por ti é como

um buraco negro

É tão profundo

e não consigo parar de cair

– Sim – diz ela, torcendo o nariz. – Quer dizer, olha para isto. «O meu amor por ti é como um buraco negro.» A sério, Addie? Parece que foi escrito por uma adolescente perdida de amores. Não costumas escrever merdas destas.

Arranco-lhe o poema da mão, com o rosto em chamas. Estava a pensar em

mostrar o poema ao Nathaniel hoje, mas agora já não tenho assim tanta certeza. Não achava que fosse piegas. Não achava que me fizesse parecer uma adolescente perdida de amores. Mas, por outro lado, a Lotus sabe do que fala.

– Estou só a tentar ajudar – diz ela. – Tens de ser dura se queres ser escritora. As pessoas vão dizer-te bem pior do que isso.

– Sim... – Olho para o outro lado da sala, onde o Nathaniel está a conversar com outro aluno. Vê-me a observá-lo e esboça-me um sorriso subtil. – Acho que tens razão.

A Lotus olha para o relógio, vendo que já são quatro e meia. A reunião está mesmo a terminar. Graças a Deus.

– Ei – diz ela. – Queres ir comer uma *pizza*?

É a primeira vez que a Lotus se tenta aproximar de mim. Só que eu não quero. Fazer amizade com a Lotus dificultaria os encontros com o Nathaniel, e nenhuma amizade vale esse risco.

– Tenho de estar em casa à hora de jantar – digo-lhe eu.

– Oh. Está bem. – Parece desiludida, o que me surpreende. Pensava que a Lotus me odiava. – Bem, vamos lá, então.

Pega na mochila, põe-na ao ombro e espera por mim. Só que eu não posso sair com a Lotus. Não vou perder a minha oportunidade de estar com o Nathaniel.

– Preciso de falar com o professor Bennett sobre uma coisa rápida – digo eu. – Talvez te apanhe mais tarde.

A Lotus lança-me um olhar estranho, mas não insiste mais. Não tem realmente interesse em ser minha amiga.

Deixo-a sair primeiro, mas não espero pelo Nathaniel. Saio da sala e vou direta à câmara escura. Afinal, pareceria suspeito se nos continuássemos a esgueirar juntos lá para dentro.

Enquanto espero por ele, aliso os vincos da minha camisola e passo os dedos pelo cabelo. Da última vez que aqui estivemos, a terceira que estivemos juntos, tirei a camisola, mas senti-me um pouco envergonhada pelo meu sutiã. Era um sutiã de desporto bege – basicamente o oposto de sensual. Oxalá pudesse tirar a camisola e ter algo giro e rendado por baixo, mas não tenho nada assim, e não posso propriamente dizer à minha mãe para me comprar um sutiã sensual. Se o

fizesse, o mais provável é que me pusesse de castigo de imediato.

Temos passado a maior parte do tempo apenas a beijarmo-nos e com ele a pôr-me as mãos nos seios. Outras vezes, limitamo-nos a conversar, e, de vez em quando, ele recita-me poesia. Sabe tantos poemas de cor, incluindo o seu favorito, «O Corvo».

É super paciente comigo e está sempre a dizer-me que não temos de fazer nada que eu não queira. Só quer estar comigo. Disse-me que não fazia mal se nunca fizéssemos sexo. Acho que provavelmente faremos, um dia, mas adoro o facto de ele ser tão paciente.

Enquanto espero, o meu telemóvel vibra no bolso das calças de ganga. Tiro-o e vejo uma mensagem à minha espera no *Snapflash*. Muitos miúdos utilizam o *Snapflash* para os pais não invadirem a sua privacidade e lhes lerem as mensagens, mas eu só o uso para comunicar com uma pessoa: o Nathaniel. Foi ideia dele.

As mensagens desaparecem ao fim de sessenta segundos, por isso é a forma mais segura de comunicar.

Leio a mensagem que ele me enviou:

Nathaniel: Estou mesmo a acabar. Mais dois minutos e estou aí.

Olho para a mensagem até desaparecer do ecrã. Adoro as mensagens que ele me envia. Sempre que recebo uma, leio-a e releio-a durante os sessenta segundos inteiros.

Depois de a mensagem desaparecer, tiro o poema que escrevi para o Nathaniel e leio-o uma última vez. A Lotus disse que era piegas, mas não me parece que seja. Sinto mesmo que o meu amor pelo Nathaniel é um buraco negro infinito. A Lotus só não compreende porque nunca esteve apaixonada. Tenho pena dela, na verdade.

A porta da câmara escura entreabre-se, e eu sinto o sobressalto de excitação que me percorre quase sempre que vejo o Nathaniel. É ainda mais forte aqui dentro, pois sei que ele me vai tocar. Adoro a forma como o seu rosto se ilumina ao ver-me.

– Addie – murmura ele. – Minha doce Adeline.

– Olá. – Sinto-me sempre estranhamente tímida quando ele entra aqui.

Demoro alguns minutos a aquecer. – Como estás?

– Muito bem, agora que aqui estou. – Atravessa o pequeno espaço e não perde tempo antes de me beijar. Ainda bem que *ele* não fica tímido. – E há algo que te quero mostrar.

– O quê?

À luz ténue, as suas faces coram.

– Escrevi um poema... para ti.

Fico completamente sem fôlego. Escreveu um poema para mim? Como é possível? Não sou o tipo de pessoa para quem os homens escrevem poemas. E, no entanto, ele fê-lo. O Nathaniel Bennett escreveu-me um poema.

Vou desmaiar de felicidade.

– Queres ouvi-lo? – pergunta ele, também tímido.

Assinto.

– Muito.

Tira uma folha de um caderno do bolso. Reconheço a sua caligrafia e consigo ver os rabiscos na página. Palavras que ele escreveu só para mim. Oiço com a máxima atenção enquanto ele recita os versos:

A vida quase me passou ao lado

Mas ela então jovem e viva

Com mãos suaves e faces rosadas

Mostrou-me o meu ser

Cortou-me a respiração

Com lábios de cereja

Devolveu-me a vida

Quando acaba de ler o último verso, mal consigo respirar. É um poema tão bonito. Nunca ninguém tinha escrito nada assim para mim. O Hudson era meu amigo, mas não era nenhum poeta. Mesmo que tivesse acontecido algo entre nós, jamais teria escrito desta forma para mim.

– Adoro – sussurro. – Tanto.

– É verdade – diz ele, baixinho. – Devolveste-me a vida. Não fazes ideia de como o meu mundo era sombrio antes de apareceres.

Entrelaça os dedos nos meus, e, por um momento, ficamos simplesmente

assim, a olhar um para o outro. Nem suporto a ideia de lhe mostrar o que escrevi para ele depois de ouvir os seus belos versos. Parece tão estúpido e imaturo em comparação. Terei de continuar a trabalhar. Até escrever algo digno dele.

– Estou sempre a pensar em ti. – Estende o braço para me enfiar uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Pensas em mim?

– A cada momento do dia – respondo, com sinceridade.

Volta a beijar-me e começa a tirar-me a camisola. Fez isto da última vez, por isso já estava à espera. O que não esperava é que me tentasse desabotoar as calças de ganga. Dou um passo atrás e abro um sorriso apologetico, mas ele não capta o meu olhar – está inteiramente concentrado em abrir-me as calças. Recuo outro passo, desta vez chocando contra a mesa atrás de mim. Não tenho para onde fugir. O Nathaniel abre o botão e baixa o fecho, enquanto eu inspiro fundo.

Ergue os olhos para me fitar.

– És a rapariga mais bonita que alguma vez conheci, Addie.

Sustenho a respiração, enquanto ele me baixa as calças e depois as cuecas. Mas não lhe digo para parar, porque... bem, como posso fazê-lo? Sim, disse-me que não se importava com o sexo, mas sei que, a certo nível, isso não podia ser verdade. Não sou completamente estúpida.

Nessa tarde, perco a virgindade com o Nathaniel na câmara escura e passo o tempo todo a recitar o seu poema na minha cabeça, escrito só para mim.

A vida quase me passou ao lado

Mas ela então jovem e viva

Com mãos suaves e faces rosadas

Mostrou-me o meu ser

Cortou-me a respiração

Com lábios de cereja

Devolveu-me a vida

A pesar de Inglês ser a minha disciplina favorita, é cada vez mais difícil prestar atenção.

Quando olho para o Nathaniel – a quem tenho de tratar por *professor Bennett* quando estamos nas aulas –, a única coisa em que consigo pensar é na sensação de quando ele me toca. Estou a contar os segundos que faltam para podermos estar juntos na câmara escura.

Antes, durante as aulas, o Nathaniel costumava sorrir-me ou piscar-me o olho e fazia-me sentir que me achava especial, mas agora tem o cuidado de não fazer isso. Apesar de compreender porquê, não deixa de dar comigo em doida quando ele pisca o olho ou sorri a outras raparigas. Já não comunicamos de todo durante as horas letivas, a não ser de forma mais profissional. Se me quiser de dizer algo, envia-me uma mensagem via *Snapflash*, que desaparece ao fim de sessenta segundos.

Mal posso esperar para ficarmos a sós. Passaram mais de três semanas desde que nos começámos a esgueirar para a câmara escura – quase todos os dias. Nos dias em que ele trabalha no jornal da escola, vou para a biblioteca e faço os trabalhos de casa enquanto espero que ele termine. Sugeri juntar-me ao jornal, mas o Nathaniel disse que era má ideia. Disse que, quanto mais tempo passarmos juntos diante de outras pessoas, mais provável é que estas percebam.

Desde aquela primeira vez em que fizemos amor na câmara escura, repetimo-lo todas as vezes. Basicamente, a primeira coisa que ele faz ao entrarmos na sala é começar a beijar-me e puxar-me as calças para baixo, às vezes antes mesmo de termos trocado uma palavra. Foi estúpido pensar que tudo o que faríamos seria

beijarmo-nos. Fá-lo tão feliz. Eu também gosto, mas o que mais me empolga é o quanto lhe agrada. Diz que ele e a professora Bennett já não fazem sexo – há já muito tempo.

Enquanto estou na aula de Inglês, a tentar concentrar-me na lição, soa um anúncio pelo altifalante. Reconheço a voz da diretora Higgins.

– Atenção! – diz ela. – Quero dar os maiores parabéns à vencedora do prémio de poesia do Massachusetts, da nossa Escola Secundária de Caseham...

Endireito-me na cadeira, de coração a palpar. É o concurso de poesia em que o Nathaniel me inscreveu, aquele para o qual escolheu o meu poema em vez de todos os outros. Só podia escolher um, pelo que, se a vencedora é da nossa escola, quer dizer que ganhei. Ganhei mesmo um prestigiado concurso estadual de poesia!

– Gostaríamos de felicitar... – prossegue a diretora. – A Mary Pickering!

O quê?

A Mary Pickering? Essa é a *Lotus*. Mas ele não inscreveu a Lotus no concurso – foi por isso que ela ficou tão perturbada. Não compreendo. Como pode ela ter ganhado se ele nem sequer a inscreveu?

Olho para o Nathaniel, mas ele está a olhar para outro lado, como se se recusasse a enfrentar o meu olhar.

Se antes não me conseguia concentrar, agora é mil vezes pior. Não compreendo o que aconteceu. Ele *disse-me* que me tinha inscrito naquele concurso. Estaria a mentir?

Não, o Nathaniel jamais me mentiria. Conhecemo-nos demasiado bem para isso. Só que não consigo encontrar outra explicação.

Tento apanhá-lo quando a campainha toca, mas ele sai como um relâmpago, deixando-me para trás, com a cabeça ainda a andar à roda. É suposto encontrarmo-nos depois de ele acabar a reunião no jornal da escola, mas não posso esperar esse tempo todo. Por isso, pego no telemóvel e envio-lhe uma mensagem via *Snapflash*:

Eu: O que aconteceu? Pensava que me tinhas inscrito a mim naquele concurso?

Felizmente, a resposta surge pouco depois:

Nathaniel: Prometo que explico tudo quando nos encontrarmos.

Fico a olhar fixamente para as palavras no ecrã, que não explicam nada. Ao menos, admitiu que tem explicações a dar.

Como se não bastasse, chega vinte minutos atrasado ao nosso encontro na câmara escura. Fico à espera dele, cada vez mais irritada, e quando a porta finalmente se abre, tenho os nervos em franja.

– Addie. – Pega-me nas mãos para me tentar puxar para ele. – Estou tão feliz por te ver. Foi um dia longo.

Quando ele me toca, costumo derreter-me no seu abraço, mas desta vez resisto-lhe. Estou zangada com ele, caramba. Deve-me uma explicação.

– O que aconteceu com o concurso de poesia, Nathaniel? Disseste-me que tinhas inscrito o meu poema.

– Eu sei, e peço imensa desculpa. – Baixa a cabeça. – Eras a minha primeira opção. Adorei o teu poema e acho que terias ganhado facilmente. Mas a Lotus foi ter com a diretora e queixou-se de que eu tinha escolhido um poema escrito por uma aluna do 11.º ano, quando é tradição serem os finalistas a serem inscritos no concurso. Queria lutar por ti, mas, dados os meus sentimentos, temi que fosse um conflito de interesses. Tens a oportunidade de entrar no concurso do ano que vem, mas esta era a última hipótese da Lotus.

Passei grande parte das últimas duas horas furiosa com o Nathaniel, mas apercebo-me agora de que essa fúria estava mal orientada. Foi a Lotus quem se foi queixar à diretora. É *tão* baixo, sobretudo tendo em conta as recentes tentativas de ser minha amiga.

– Lamento imenso. – Põe-me as mãos nas faces, puxando-me o rosto para o seu. – Devia ter lutado por ti, mas tive medo de que a diretora percebesse tudo e soubesse o quanto me importo profundamente contigo, assim que lhe dissesse o teu nome.

Apesar de tudo, as suas palavras aquecem-me o coração. Ele importa-se – *profundamente* – comigo.

– Tudo bem – acabo por dizer. – A culpa não é tua. Compreendo a posição em que estavas.

– Oh, graças a Deus. – Os seus ombros descaem. – Pensava que estavas zangada comigo e que nunca me perdoarias. Estava a dar comigo em doido, a

pensar que, quando chegasse, podias não estar cá.

– Eu não faria isso.

Encosta os lábios aos meus e faz cada parte de mim faiscar de eletricidade. Nunca imaginei que beijar alguém pudesse ser assim. Aposto que o Nathaniel também não sabia. Fala muito em como é difícil estar casado com alguém com quem nunca sentiu qualquer ligação e em como estar comigo é diferente de tudo o que alguma vez experienciou.

– Tornaste-te tão importante para mim, Addie – murmura, quando os seus lábios se separam dos meus. – Amamos com um amor que é mais do que amor. Com um amor cobijado pelos serafins alados do céu.

«Annabel Lee» é o meu poema favorito há muitos anos, mas nunca tinha sentido as palavras tão profundamente. Afinal, não penso em mais nada a não ser em amá-lo e ser amada por ele. Quase me assusta o quanto estou de cabeça perdida pelo Nathaniel. Já é o meu primeiro pensamento ao acordar de manhã e a última coisa em que penso ao adormecer. Quando escrevo poesia, é sempre sobre ele. Estou tão apaixonada por este homem.

– Só gostaria de te poder ter conhecido quando tinha dezasseis anos – murmura ele. – Não é injusto o universo? Encontro finalmente a minha carametade, mas sou duas décadas mais velho do que tu.

– Pelo menos, encontrámo-nos agora – saliento. – É mais do que muitas pessoas têm.

– Isso é verdade.

Não temos muito tempo antes de termos ambos de ir para casa, e há sempre o medo de sermos descobertos, por isso costumamos ir diretos ao assunto. Não dura muito, e o Nathaniel diz que é normal quando se gosta tanto de alguém como ele gosta de mim. Penso em como tenho vindo a fazê-lo feliz e no facto de ele ser tão infeliz em casa, com a mulher. Ela não o pode fazer feliz como eu. Está sempre a importuná-lo para ir para casa, pelo que não podemos ficar a conversar, como ambos gostaríamos.

Não que as coisas passassem a ser super fáceis se eles não fossem casados. A minha mãe ficaria na mesma desconfiada se eu chegasse tarde a casa. Além disso, é óbvio que ninguém na escola poderia descobrir. Mas se ele não fosse

casado com a professora Bennett, eu podia ir a casa dele e podíamos fazer sexo numa cama a sério, em vez de nesta câmara escura desconfortável. A ideia de fazer sexo com o Nathaniel numa cama parece tão excitante e adulta.

Vou acabar por terminar o secundário, mais cedo ou mais tarde, e depois posso namorar com quem quiser. Mas se o Nathaniel ainda estiver com a mulher, ficará preso.

Se ao menos a professora Bennett não existisse. Seria muito melhor.

Estou sentada na cantina, completamente sozinha, como habitual, quando a Kenzie atira o meu almoço todo para o chão.

Se não se prestasse atenção, podia parecer um acidente: ao passar pela minha mesa, ela bate no meu tabuleiro, que cai ao chão. Mas não é isso que acontece. Quando passa por mim, a Kenzie agarra no meu tabuleiro, puxa-o até se projetar da mesa e depois deixa-o cair ao chão.

A pior parte é que o almoço de hoje é chili. Já teria sido mau o suficiente se fossem batatas fritas e cachorros-quentes, mas agora terei de limpar o grande monte de carne picada e feijão empapados no chão. Tenho a certeza absoluta de que ninguém me vai ajudar.

– Oh, céus – diz a Kenzie, enquanto as amigas se riem. – Desculpa lá isso! Mas, Addie, tens mesmo de ter um pouco mais de cuidado. Não podes pôr o tabuleiro tão perto da beira da mesa.

Fulmino-a com o olhar, levantando-me da cadeira, e apanho o tabuleiro do chão. Tenho alguns guardanapos na mesa, mas é óbvio que não vão chegar.

Enquanto estou agachada no chão, a Kenzie pega no caderno que tinha em cima da mesa. Está a ler o papel em cima do caderno, e cai-me o coração aos pés. É o papel com o poema que o Nathaniel escreveu só para mim. Tive uma manhã difícil e sabia que não o ia ver hoje. A professora Bennett vai obrigá-lo a ir para casa mais cedo para um jantar estúpido, por isso faz-me sentir bem ter uma parte dele comigo. Estava a lê-lo uma e outra e outra vez, até me parecer que os meus olhos iam começar a sangrar.

– O que é *isto*? – pergunta a Kenzie, de repente.

Sacode o papel com violência suficiente para o amarrotar.

– Nada. – Arranco-lhe o poema das mãos antes que ela cause danos graves. – É só um poema.

– Quem o escreveu?

Adoraria dizer-lhe que o Nathaniel Bennett é o autor do poema e que o escreveu para mim porque fui a primeira pessoa a inspirá-lo em muitos anos. Mas, como é evidente, não lhe posso dizer isso.

– Não sei – digo apenas, ao invés. – Copiei-o de um livro.

Ela semicerra os olhos na minha direção.

– Devias limpar essa trapalhada. E, como disse, da próxima vez, tem mais cuidado.

Enquanto a Kenzie e as amigas se afastam, a rir entre si, olho para a folha de caderno na minha mão. Estremeço ao ver uma mancha de chili ao canto da página. Ter-me-ia matado se ela me tivesse estragado o poema. Leio-o pelo menos quatro ou cinco vezes por dia, apesar de já o saber de cor, por esta altura.

A vida quase me passou ao lado

Mas ela então jovem e viva

Com mãos suaves e faces rosadas

Mostrou-me o meu ser

Cortou-me a respiração

Com lábios de cereja

Devolveu-me a vida

Imagino-o a escrever estas palavras na página e a pensar em mim. Leio-o tantas vezes, que o papel começou a rasgar-se, e agora também tem uma mancha de chili, mas não será a mesma coisa se o fotocopiar. Não será o mesmo papel onde ele mesmo escreveu enquanto pensava em mim.

Depois de usar um monte de toalhetes de papel para limpar a trapalhada no chão, volto para a fila para uma segunda tentativa de almoçar. Não tenho tempo para lidar com outro prato de chili, mas posso comprar uma sanduíche e comê-la no corredor a caminho da aula de Matemática. Não comi quase nada do chili antes de a Kenzie o entornar e não tomei o pequeno-almoço esta manhã. Portanto, tenho de comer qualquer coisa.

Ao menos, as filas dissiparam-se, pois faltam menos de dez minutos para o fim da hora de almoço. Pego numa das sanduíches de peru embrulhadas. Não gosto muito, mas, por esta altura, as opções são limitadas. Levo-a para a caixa registadora, e a senhora do refeitório diz-me que custa dois dólares.

Levo a mão ao bolso das calças de ganga e tiro a carteira. Tenho exatamente uma nota de um dólar.

– Só tenho um dólar – digo à senhora do refeitório.

Ela parece absolutamente insensível.

– Lamento, mas a sanduíche custa dois dólares.

– Posso pagar-lhe amanhã?

– Temo que não.

Fantástico. Comi exatamente duas colheradas de chili o dia todo, e é suposto ir para uma aula de Matemática aprender alguma coisa assim. A pior parte é que não vou ver o Nathaniel mais logo. Podia lidar com tudo se soubesse que podia vê-lo. Parecia tão infeliz como eu quando me disse que tinha de ir para casa mais cedo para ajudar a mulher com o jantar. Ao que parece, vão receber uns amigos. Ele ainda acrescentou: «São amigos *dela*, na verdade.»

Olho para a sanduíche de peru nostalgicamente, com os olhos a inundarem-se de lágrimas. Não posso acreditar que estou quase a chorar por uma sanduíche de peru. Sinto-me ligeiramente ridícula, mas tenho mesmo *muita* fome.

– Aqui está o dólar, Vera.

Um braço roça contra mim ao passar, estendendo uma nota de um dólar. Ergo o olhar e vejo o Hudson, com o cabelo louro-claro tão despenteado como sempre. Fico de boca aberta.

– Oh! – digo. – Hã, não tens de...

– Tenho, sim – responde ele, naquele tom que me diz que não posso discutir com ele. – Tens de almoçar.

A Vera aceita o dólar, e a sanduíche é toda minha.

– Vou devolver-te o dinheiro – prometo.

– É um dólar.

Só que um dólar não é só um dólar para ele, nem mesmo agora, provavelmente. A família do Hudson sempre teve o dinheiro contado. Se queria

uma mesada, tinha de a ir ganhar em *part-times*. Mesmo na escola primária, o Hudson passava a vida a limpar neve, a juntar folhas e a cortar a relva aos vizinhos.

Ainda assim, não adianta discutir com ele.

– Obrigada – digo. Não posso deixar de acrescentar um comentário: – É melhor não fales disto à Kenzie.

Ele não responde.

– Estás bem, Addie? – opta antes por perguntar.

– Estou – respondo. Está mais perto da verdade do que alguma vez estive no passado. O Hudson era o meu melhor amigo, e estou desejosa de lhe contar que, pela primeira vez na vida, estou apaixonada, mas não posso fazer isso. Não posso contar este segredo a ninguém. – E tu?

– Estou bem – responde ele. Há uma quebra na sua voz que me faz interrogar sobre se não será mentira.

Antes que possa dizer mais uma palavra, porém, a campainha toca. A hora de almoço chegou oficialmente ao fim, portanto esta sanduíche vai ser para levar.

– Até depois, Hudson – digo. – Obrigada pela sanduíche.

Ele abre a boca, como que para dizer mais qualquer coisa, mas, antes que o possa fazer, saio disparada em direção à aula de Matemática. Espero chegar com pelo menos alguns minutos para comer a sanduíche antes do início da aula.

Por algum milagre, chego ao meu lugar mesmo antes do próximo toque. O meu estômago solta um ligeiro ronco, e pouso a sanduíche na carteira e desembrulho-a. Restam-me sensivelmente dois minutos e meio para devorar isto.

– Addie! – A voz brusca da professora Bennett interrompe-me antes que possa dar uma dentada. – Nada de comida na sala de aula. Guarda isso.

– Preciso só de acabar a sanduíche – explico.

Ouvem-se risinhos dispersos, mas a professora Bennett não parece divertida. Não que eu estivesse a tentar ter graça. Só quero comer a minha maldita sanduíche.

– Guarda *isso*, Addie.

– Mas não almocei!

— E de quem é a culpa? — Solta um forte suspiro. — A campainha vai tocar a qualquer instante. Guarda a sanduíche.

Analiso as minhas opções, tentando perceber se vale a pena devorar a sanduíche mesmo com ela a gritar-me para não o fazer. Se o fizer depois de ela me ter repreendido, é provável que me mande à diretora, e já estou numa situação complicada com a professora Bennett. Por causa daquele zero no exame intercalar, tem todo o direito a chumbar-me. Apesar de eu andar a ter explicações, não vai acontecer aqui nenhum milagre. Se passar à disciplina, vai ser mesmo à rasca.

A professora Bennett é mesmo uma pessoa terrível, e não digo isto só por causa da minha relação com o Nathaniel, apesar de ele me ter dito muitas coisas a seu respeito que me fizeram gostar ainda menos dela.

É uma cozinheira terrível.

Quase nunca lhe sorri nem diz nada simpático.

É obcecada por sapatos. Segundo me diz, está sempre a comprar sapatos caros, apesar de não os poderem pagar. Mesmo que ele se divorciasse dela um dia, não lhe restaria dinheiro nenhum, porque ela o gastou todo em sapatos. O mais estranho é que os sapatos dela nem são assim tão bonitos! São só sapatos normais.

E agora não me deixa almoçar.

A campainha ainda nem tocou. Se ela me tivesse deixado comer, a sanduíche de peru já estaria neste momento no meu estômago. Em vez disso, as minhas entranhas estão completamente vazias. Não sei como me vou concentrar. Mas ela não quis saber disso — não que eu esperasse outra coisa.

Uma vez, perguntei ao Nathaniel se ponderaria deixá-la. Respondeu que seria difícil, que seria muito improvável que ela o deixasse ir e que acha que é capaz de estar preso a ela para o resto das vidas de ambos.

«Quem me dera que não tivesse de ser assim, acredita», disse-me ele. «Oxalá pudesse estar contigo o tempo todo, em vez de com ela.»

Não é justo. Não é justo que uma mulher tão terrível seja casada com o melhor homem que alguma vez conheci e nem o aprecie. E, no entanto, nunca o deixará ir.

Sinceramente, odeio a professora Bennett.

Jantar com a Shelby e o marido parecia uma boa ideia quando o planeámos, mas foi miserável.

Quando comecei a trabalhar na escola secundária, eu e a Shelby éramos próximas. Mas, entretanto, ela casou com um marido rico, um génio das tecnologias, e agora tem um filho de três anos. É a única coisa de que é capaz de falar. Durante a refeição, o Justin não conseguia tirar as mãos da Shelby, o que chamou mais a atenção para o facto de o Nate não parecer querer sequer tocar-me. O único lado positivo é que ao menos o Nate não está a ficar careca, como o Justin, ainda que, na verdade, eu ache as cabeças calvas um tanto atraentes.

Por isso, fico incrivelmente feliz quando a Shelby diz que tem de ir para casa por causa da *babysitter* e que não quer sobremesa. O Nate também parece aliviado, embora estivesse a sair-se muito bem a manter o seu lado da conversa. Algo em que ambos parecemos estar de acordo é que odiamos socializar.

Acompanho a Shelby e o marido à porta e deixamo-nos ficar as duas no alpendre a fazer as nossas despedidas privadas, enquanto o Justin se adianta para ir pôr o carro a trabalhar. A Shelby estende os braços para me abraçar, apesar de eu não estar com disposição para abraços neste momento. Estou só à espera de que ela se vá embora.

– Foi tão divertido – diz a Shelby efusivamente. – A sério. Devíamos repetir isto em breve.

– Sem dúvida – minto.

– É melhor ir andando – acrescenta ela, com um olhar ao relógio. – A *babysitter* arma tanto alvoroço se nos atrasarmos. Tens tanta sorte em não ter de

lidar com isso. Ainda que aposte que em breve terás! – Dá uma risadinha. – Como vai isso, afinal?

Oxalá nunca tivesse dito à Shelby que ia deixar de tomar a pílula no ano passado. (Eu e o Jay usamos preservativo. Nem quero contemplar *essa* situação.) Pensei que provavelmente não tardaria muito a engravidar, mas é um testemunho de quão pouco sexo fazemos que ainda não tenhamos um filho. Ou talvez o meu útero esteja apenas mirrado e ressequido. Quem sabe?

A nossa vida sexual não parece estar a melhorar. Senti uma centelha de esperança quando o Nate teve vontade dois dias seguidos, mas, desde então, atravessamos a nossa pior seca de sempre. Chegou o primeiro sábado do mês, e o Nate queixou-se de que andava com dores nas costas. Começo a perguntar-me se alguma vez voltaremos a fazer sexo.

– Ainda não tivemos sorte – digo eu à Shelby.

Ela franze os lábios.

– Talvez devessem ir a um médico? Àqueles especialistas em infertilidade?

Não preciso de um médico com montes de diplomas finos para me dizer que é necessário ter relações sexuais para conceber um filho.

– Sim, talvez façamos isso.

A Shelby dá-me um último abraço e apressa-se a dirigir-se ao carro que a levará de volta à vida perfeita. E eu fico a vê-la partir.

Mal os faróis do *Mercedes* desaparecem ao longe, toda a tensão se esvai do meu corpo. Graças a Deus que foi embora. Apesar de toda a conversa sobre jantares futuros, odeia deixar o filho à noite, por isso estou safa pelo menos nos próximos seis meses.

Amanhã é dia da recolha do lixo, por isso volto a entrar em casa para despejar os resíduos da refeição desta noite e agarro nos caixotes do lixo para os levar para a berma. É um final perfeito para a minha noite glamorosa.

Quando estou a chegar à berma, tenho uma sensação estranha. Um formigueiro na parte de trás do pescoço, como se estivesse alguém a observar-me. Viro-me e olho para a janela do nosso quarto, para ver se o Nate está lá em cima, mas não o vejo.

E então oiço um baque forte.

Dou um passo atrás, perscrutando o relvado da frente, de coração a palpitar. Não vejo ninguém, mas tenho a certeza de que ouvi um barulho. Poderá ter sido um animal selvagem? Já vi coelhos a saltitar pelo jardim, mas foi um som demasiado alto para um coelho.

– Olá? – chamo.

Estou de vestido, o que significa que não tenho bolsos. O meu telemóvel está em casa, e não há nada que me possa servir de arma nas imediações. A única coisa que poderia usar são os meus saltos agulha, mas preferia deixar que um assaltante me matasse a estragar os sapatos. É certo que fiz um curso de defesa pessoal, em tempos, ainda que às vezes receie que só tenha servido para me dar uma sensação falsa de confiança. Se alguém me atacasse, facilmente me poderia dominar.

Olho para a porta de minha casa. Está a menos de seis metros de onde estou. Podia correr.

Mas então vejo o rumorejar nos arbustos.

Está ali qualquer coisa. Não é nenhum animal – vejo claramente a sombra de uma pessoa. Está alguém à espreita nos nossos arbustos, e aqui estou eu, parada, na berma do nosso beco tranquilo, sem mais nada a não ser um vestido minúsculo – um alvo fácil.

Penso em gritar, mas ocorre-me que, se o fizer, posso agravar a situação. Talvez o intruso sinta a necessidade de me atacar para me silenciar. Olho para trás, para a casa mais próxima – tem as luzes apagadas. Se gritar, alguém reparará antes que me ataque?

Não posso correr esse risco.

Mentalmente, conto até cinco. Ao chegar ao cinco, desato a correr em direção à minha porta da frente. O salto do meu sapato direito quase fica preso nos degraus da frente, mas, por milagre, consigo endireitar-me. O rumorejar torna-se mais alto, e eu estendo uma mão trémula para o puxador. Que não roda.

Não.

Não tranquei a porta, pois não? Nem tenho as chaves. A menos que tenha sido o Nate a trancá-la quando saí de casa. Mas porque haveria ele de fazer isso?

Porque haveria o meu próprio marido de me trancar fora de casa?

Torço-o com mais força, e, desta vez, o puxador roda. Graças a Deus – estava apenas preso. Entro em casa e, antes de fechar a porta com força, capto um vislumbre de uma figura a correr pelo meu relvado da frente. Por um momento, consigo ver-lhe o rosto num raio de luar.

É a Addie Severson.

Nunca senti tanto pânico em toda a minha vida. Até tirei os saltos agulha para poder deambular devidamente pelo quarto. Devo ir na vigésima volta, mas não me sinto de todo melhor.

– Tens a certeza de que era ela? – pergunta-me o Nate.

Mal voltei a entrar em casa, corri para o quarto e contei ao Nate o que tinha visto na rua. Ele não está preocupado o suficiente para andar de um lado para o outro. Nem sequer saiu da cama. Não está minimamente perturbado por a minha aluna estar agachada nos arbustos à porta de nossa casa. Acha que foi tudo imaginação minha.

– Sei o que vi, Nate. – Paro de deambular para me virar e lhe lançar um olhar fulminante. – A Addie estava nos arbustos. Estava a observar-me. A *perseguir-me*.

– Porque haveria ela de fazer isso?

Cerro os punhos. Admito que o Nate não tem o mesmo tipo de relação contenciosa que eu tenho com aquela rapariga, mas começo a ficar terrivelmente farta de que ele a defenda. Devia ter seguido o instinto e tê-la arrastado ao gabinete da diretora quando descobri que tinha copiado no exame intercalar. Devia ter cortado o mal pela raiz.

– Ela odeia-me – digo eu.

Ele ri-se.

– Vá lá. Porque haveria de te odiar?

– Vejo-lho nos olhos. – Vi o lampejo de raiva hoje mesmo, quando obriguei a Addie a guardar aquela sanduíche. Estava transtornada, mas o que podia eu fazer? Deixar os alunos transformarem a minha sala de aula na cantina? Não

posso competir com o som de batatas fritas crocantes. – É uma adolescente e tem as hormonas aos saltos. Já a apanhei a copiar, e nunca está preparada para a minha aula. Sempre que a chamo, faz-me uma carranca.

– Faz-te uma *carranca*? – O Nate arqueia uma sobrancelha. – É essa a tua prova?

Deixo-me cair na beira da cama.

– Escuta, Nate. Sabemos que aquela rapariga andava a rondar a casa do Art Tuttle. Isto não é propriamente rebuscado. Não me interessa se acreditas em mim ou não. Sei o que vi.

Desta vez, a convicção na minha voz é suficiente, de algum modo, para apagar o sorriso provocador do seu rosto. Senta-se mais direito na cama.

– Muito bem, digamos então que era ela. O que vais fazer?

– Tenho de ir falar com a diretora.

– A diretora? Parece-me extremo.

– Nate – digo eu, entredentes. – A rapariga estava *nos arbustos à porta de nossa casa*. O Art já perdeu o emprego por causa dela. Não estou a brincar.

Por um momento, ele fica em silêncio, a contemplar a situação. Não compreendo em que está a pensar, ainda assim. É uma situação extremamente delicada e tem de ser abordada da forma certa. Envolver a diretora é o mais correto a fazer.

– Só não quero causar mais problemas à Addie – diz ele. – Sabes que os outros miúdos a ostracizaram por causa da situação do ano passado.

– Talvez precise de terapia – digo. É o mais amável que consigo dizer. Odiaria dizer que a Addie é simplesmente má rês e que jamais poderá ser redimida.

– Terapia? – Torce o rosto, como se tivesse acabado de comer algo azedo. – Agora vais fazer com que mandem a rapariga a um psiquiatra?

Não compreendo porque está o Nate a discutir comigo sobre isto. Se a Addie é problemática, a terapia pode ajudá-la. Se deseja tanto defendê-la, porque não haveria de querer que ela recebesse a ajuda de que precisa? Já não há nenhum estigma em fazer terapia.

– Vou falar com a Higgins – digo eu. – Ponto final.

O Nate sai da cama e senta-se ao meu lado na beira. Não sei muito bem o que

vai dizer, mas acaba por não dizer nada. Limita-se a estender os braços, pôr uma mão em cada um dos meus ombros e começa a massajar.

– O que estás a fazer? – pergunto eu.

– Foi uma noite longa – responde ele. – Pareces tão tensa nos últimos tempos, Eve, e sinto-me mal. Sinto que a culpa é minha.

– A culpa não é tua – digo. Só é mentira em parte.

O Nate crava mais os dedos na minha carne.

– Isto ajuda alguma coisa?

Quero dizer-lhe que não tenho o menor interesse numa massagem neste momento, mas a verdade é que sabe bastante bem. Não me tinha apercebido da tensão que tinha nos ombros até ele os começar a esfregar. Tinha-me esquecido de como o Nate é bom a fazer massagens.

– Deita-te – ordena ele.

Obedientemente, deito-me na cama, de barriga para baixo e com a cabeça na almofada. O Nate sobe para a cama ao meu lado, e os seus dedos trabalham os músculos dos meus ombros e costas. Toda a tensão a que me tinha vindo a agarrar esvai-se de mim. Involuntariamente, solto um ligeiro suspiro de felicidade.

– Além disso – acrescenta o Nate –, ouvir toda aquela conversa sobre bebés esta noite fez-me pensar que precisamos de nos esforçar um pouco mais a tentar. – Chega-se tão perto de mim, que sinto o seu hálito quente no meu pescoço. – Sabes?

Parecia tão completamente desinteressado em sexo nos últimos tempos, que me choca ouvi-lo. Mas, quando abre o fecho nas costas do meu vestido, não tenho a menor dúvida das suas intenções.

Foi um erro ir a casa do Nathaniel ontem à noite. Não o devia ter feito. Nunca tinha feito nada assim. Bem, isso é mentira. Não foi de todo a primeira vez que fui a casa de um professor sem que ele soubesse. Foi isso que causou tantos problemas ao professor Tuttle.

Uf, ainda me sinto terrível por ter feito isso. Não sei o que estava a fazer à porta de casa do professor Tuttle nessa noite. Nunca lá devia ter ido. Mas estava a ter uma noite má, e a minha mãe estava a chorar por causa do meu pai, o que era ridículo, pois era o pior pai do mundo e um marido ainda pior. Não sei porque ainda o ama. Ainda tem todas as suas roupas no roupeiro e recusa-se a vender o carro dele, que está na nossa garagem.

Só queria estar perto de um adulto que fosse amável para mim, mas, quando cheguei a sua casa, ao olhar pela janela, vi-o a partilhar uma boa refeição com a mulher e achei que não queria falar comigo. Mas depois decidi que talvez pudesse esperar até terem acabado de comer. Quando cheguei à conclusão de que provavelmente devia ir embora, já alguém tinha chamado a polícia.

Pensei que estava em graves apuros, mas afinal quem se viu em apuros foi o professor Tuttle. A diretora Higgins começou a fazer-me um monte de perguntas sobre ele e a nossa «relação». Não sabia do que estava ela a falar, de início, mas depois começou a perguntar-me se o professor Tuttle alguma vez me tinha tocado, e foi então que soube o que ela queria dizer. Estava a perguntar se ele alguma vez me tinha tocado de forma inapropriada, o que nunca fez. Mas *tocava-me*. Tipo, uma vez, quando estávamos a estudar depois das aulas, pus-me a falar sobre o meu pai e como era difícil quando ele chegava a casa bêbedo e

desatei a chorar, e o professor Tuttle tocou-me no ombro. Por isso, sim, *tocava-me*. Mas não assim – nem de longe.

Ainda assim, ela viu a minha hesitação ao responder às perguntas e agarrou-se a isso. Quando dei por mim, todos na escola pensavam que andava a ter um caso com o professor Tuttle. Ou não pensavam e achavam que era uma mentirosa a tentar chamar a atenção.

Mas a pior parte foi o que aconteceu ao professor Tuttle. Estava só a tentar ajudar-me. Tinha pena de mim por causa do meu pai e por eu não ter amigos e estar em risco de chumbar a Matemática. Tentei dizer a toda a gente que ele estava só a ser simpático, mais nada, mas então os pais começaram a exigir que ele se demitisse. Não teve opção.

E agora voltei a fazê-lo. Pior ainda, não foi a primeira vez. Já por duas vezes tinha ido a casa do Nathaniel sem ele saber.

Não sei muito bem em que estava a pensar, além de ter saudades de ver o Nathaniel depois das aulas, como habitualmente. E comecei a ficar curiosa sobre que aspeto teria um jantar em sua casa. Eram apenas cinco minutos de bicicleta a partir de minha casa, pelo que, quando a minha mãe subiu para o quarto à noite, me escapuli pela porta das traseiras e fui até lá.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Foi deprimente ver o Nathaniel ter um alegre jantar de casais com a mulher, a senhora Maddox e o marido. O único lado positivo que posso apontar é que o marido da senhora Maddox foi muito afetuoso com ela, ao passo que o Nathaniel mal tocou na professora Bennett – e, acreditem, eu estava a ver bem de perto.

Enfim, tenho imensa sorte em não ter sido apanhada. Houve um momento em que a professora Bennett foi pôr o lixo na rua e tive pavor de que me tivesse visto, mas depois não se passou nada. Pareceu-lhe ter visto algo, mas estava demasiado escuro. Não sabia quem eu era.

Pelo menos, pensava eu que não sabia. Até receber uma mensagem do Nathaniel via *Snapflash* durante a segunda aula:

Nathaniel: Estiveste em minha casa ontem à noite. Foi um grande erro.

Olho para as palavras no ecrã até desaparecerem. Nem foi uma pergunta. Sabe

que lá estive. Ou me viu pela janela ou então a professora Bennett disse-lhe que eu estava lá. Respondo-lhe:

Eu: Desculpa.

Temo que o professor de História me apanhe ao telemóvel e o confisque, por isso volto a enfiá-lo no bolso, apesar de me matar não ver o que o Nathaniel me está a responder. De certeza que está zangado comigo. Mas quão zangado? Não pode estar chateado comigo ao ponto de acabar com tudo.

Pois não?

Não, não acredito nisso. Mas a ideia causa-me uma sensação doentia no estômago. A nossa relação é arriscada por tantas razões. Ele avisou-me de que, se alguém descobrisse, teríamos de deixar de nos ver imediatamente. A ideia de nunca mais voltar a estar perto dele é fisicamente dolorosa.

Preferia ser sepultada num túmulo no mar.

Mal a campainha toca, quase arranco o telemóvel do bolso. Tenho, de facto, uma mensagem à minha espera. Toco para a abrir:

Nathaniel: A diretora vai falar contigo. Fiz o que podia para o evitar. Nega tudo.

E vejo uma segunda mensagem:

Nathaniel: A minha vida está nas tuas mãos.

Assim que acabo de chegar à terceira aula, oiço um anúncio através do altifalante que me manda ir ao gabinete da diretora. Tremem-me as pernas enquanto desço ao rés do chão, passando pela secretária principal onde a rececionista, a Annie, está sentada com um balde de laranjas. O sorriso da Annie é tenso ao cumprimentar-me, e não me surpreende ver a professora Bennett à espera ao entrar no gabinete da diretora Higgins. Esperava que o Nathaniel também lá estivesse. Não sei o que significa que não esteja.

– Adeline. – A diretora fita-me pelos óculos em meia-lua e aponta para uma das cadeiras de plástico diante da sua secretária. – Senta-te, por favor. E fecha a porta.

Fecha a porta. Até aqui, isto não parece nada bom, sobretudo porque vejo que a professora Bennett tem aquela expressão irritada característica. Os seus lábios já finos desapareceram por completo.

Enquanto me sento na cadeira de plástico rangente, tento manter uma

expressão neutra. Lembro-me do que o Nathaniel me disse. «*Nega tudo.*» Deve querer dizer que a professora Bennett não está inteiramente segura de me ter visto.

– Addie. – A diretora Higgins não parece mais satisfeita comigo do que a professora Bennett. Lembro-me de que, da primeira vez que me chamou ao seu gabinete por causa do professor Tuttle, foi muito doce e delicada comigo, mas isso mudou quando descobriu que eu o andava a perseguir (ligeiramente). Agora, parece apenas estar farta de mim. – A professora Bennett diz que te viu nos arbustos à porta de sua casa ontem à noite. Isto é verdade?

«*Nega tudo.*»

– Não, é claro que não. Passei a noite toda de ontem em casa com a minha mãe.

A professora Bennett solta um resfôlego zangado.

– Eu *vi-te*, Addie. Estavas nos arbustos e depois atravessaste o meu relvado a correr.

«*Nega tudo.*»

– Eu... não sei o que lhe dizer. Estive a noite toda em casa. Como disse, a minha mãe estava lá comigo. Podem perguntar-lhe.

Se perguntarem à minha mãe, ela confirmará que passei a noite inteira em casa. É tão fácil escapulir-me sem ela saber.

Um laivo de dúvida cruza o rosto da professora Bennett. Ainda bem que o Nathaniel me enviou uma mensagem a avisar, pois, se não o tivesse feito, teria provavelmente confessado tudo. Mas, quanto mais penso nisso, mais me apercebo de que negar é o mais certo a fazer. Estava escuro ontem à noite. Ela não sabe o que viu.

A diretora Higgins continua a parecer cética.

– A professora Bennett disse-me que tens tido alguns conflitos com ela. Que tens dificuldades nas aulas, não te esforças e que até te apanhou a tentar olhar para a folha de teste de outro aluno durante um exame.

– Eu... dei uma espreitadela – admito eu, baixando a cabeça, envergonhada. – Mas a professora Bennett foi simpática e até me ajudou a procurar um explicador.

Arrisco um olhar à professora Bennett e esboço-lhe um sorriso. Ela não o retribui.

– Lamento que tenha achado que eu seria capaz de ir a sua casa – digo eu. – Jamais o faria. – Compreendo o quanto as minhas palavras devem soar fracas, visto que fui literalmente apanhada pela polícia à porta da casa de outro professor, por isso apresso-me a prosseguir: – Aprendi a lição depois da última vez.

A diretora Higgins lança um olhar à professora Bennett. Nenhuma delas parece encantada comigo, mas não é como se ela tivesse provas.

«*Nega tudo.*»

– Muito bem, Addie. – A diretora recosta-se na cadeira. – O que quer que tenha acontecido ontem à noite, espero que não se repita. Podes voltar para as aulas agora.

Levanto-me da cadeira de plástico, espantada por nada mais ter resultado disto, e, mais importante, por não me terem perguntado nada sobre o Nathaniel. Tinha tanta certeza de que ia ser como da última vez, quando a diretora Higgins me interrogou sobre mim e o professor Tuttle. Esperava perguntas sobre se o Nathaniel alguma vez me tinha tocado e estava já ansiosa quanto a tentar responder-lhes, pois achava que iam ver a verdade na minha cara.

Mas a professora Bennett partiu do princípio de que eu estava lá apenas por causa dela. Porque sabe que a desprezo. Que desejo mais do que tudo que não estivesse na minha vida.

E, nesse sentido, está certa.

Depois do encontro com a diretora, o Nathaniel não responde a nenhuma das minhas mensagens.

Quando chega a hora de almoço, estou quase histérica com o receio de que ele me odeie. Mas tentou proteger-me. Disse-me para negar tudo, e a estratégia resultou. Ainda assim, transformei-me numa grande bola de *stress*.

Enquanto estou na cantina, a tentar engolir um *cheeseburger* que sabe como se tivesse três dias, a Lotus senta-se à minha frente com o seu tabuleiro, que tem um hambúrguer vegetariano. Não me entusiasma falar com ela depois da forma como me traiu, sobretudo hoje. O meu poema podia ter vencido aquele concurso se ela não tivesse interferido.

– Olá, Addie – diz ela.

– Olá – murmuro, sem erguer o olhar do hambúrguer.

– Estás bem?

– Estou ótima. – Arrasto uma batata frita pelo *ketchup* que deitei no tabuleiro.

– Só não estou interessada em ser amiga de alguém que tem duas caras.

A Lotus fica de queixo caído.

– Desculpa? Porque é que tenho duas caras?

Não tenho por hábito dar voz ao que sinto, mas estou a ter um dia difícil. Quero que a Lotus saiba que sei que me traiu. É gratificante ver como parece alvoroçada.

– O Nath... o professor Bennett ia inscrever-me naquele concurso de poesia, mas depois foste falar com a diretora e fizeste-o inscrever-te a ti.

Por um momento, ela fica a olhar para mim com uma expressão de espanto. Não fazia ideia de que eu sabia o que ela fez.

– Estás a falar a sério? – Espeta o lábio inferior. – Não foi *de todo* isso que aconteceu.

– Sim, pois.

– Não foi! – insiste ela. – Eu nunca disse nada. O professor Bennett chamou-me à parte uma semana depois de tu me teres dito do concurso e disse-me que tinha decidido optar antes pelo meu poema.

Não posso acreditar que ela me está a mentir na cara. Levanto-me da cadeira, agarrando no tabuleiro ainda quase cheio de comida. Não tenho apetite, mesmo que este hambúrguer fosse comestível. Estranhamente, as batatas fritas estão cruas e, ao mesmo tempo, empapadas.

– Como queiras – digo.

– Addie!

Chama-me, mas não me segue nem tenta convencer das suas mentiras. Ainda bem, pois nem pensar que ia acreditar nela. O Nathaniel disse-me exatamente o que se passou.

O Nathaniel. Tenho de o ver.

Sei que tem uma hora livre. No passado, sugeri esgueirarmo-nos juntos, pois também não tenho aulas à mesma hora, mas ele insistiu que era demasiado arriscado encontrarmo-nos durante as horas letivas. Estou a enlouquecer, porém, e não creio que consiga aguentar o dia sem o ver. Por isso, percorro os corredores vazios até chegar à sua sala de aula, esperando encontrá-lo lá em vez de na sala de professores.

De facto, o Nathaniel está sentado à secretária, a ver uns papéis enquanto come uma sanduíche. Por um momento, fico a observá-lo, como fiz ontem à noite e todos os dias nas aulas. É tão bonito. Adoro as curvas do seu rosto, o seu cabelo escuro basto, a forma como as gravatas castanhas combinam com os seus olhos. E, quando me sorri, faz-me sentir um calor maravilhoso.

«Esta donzela não tem outro pensamento a não ser amá-lo e ser por ele amada.»

Mas, ao erguer o olhar, ele não sorri.

– Addie – silva-me. – O que fazes aqui?

Entro na sala, fechando a porta atrás de mim.

– Desculpa. É só que... estou a passar-me...

– Bem, vires aqui não vai fazer com que isso melhore. – Levanta-se da cadeira, com os lábios franzidos numa expressão severa. – Não devias ter ido a minha casa ontem à noite. Foi um erro enorme.

Mordo o lábio inferior.

– Eu sei...

– Puseste-te no radar. Puseste-*nos* no radar. – Abana a cabeça. – Não posso acreditar que tenhas sido capaz de fazer algo tão estúpido.

As lágrimas que me faziam arder os olhos desde que fui ao gabinete da diretora ameaçam agora cair. Foge-me uma do olho direito, e eu apresso-me a limpá-la.

– Desculpa. Peço imensa desculpa. Sinto-me tão estúpida.

O Nathaniel repara nas minhas lágrimas, o que lhe tira parte da irritação. Olha pela pequena janela da porta da sala, para confirmar que o corredor continua vazio, e contorna a secretária.

– Addie, não chores.

– Eu só... – Limpo o nariz às costas da mão, antes que acabe com uma bolha de ranho. Se ele vir uma bolha de ranho sair de mim, estará tudo acabado, de certeza. Não, não devia dizer isso. Ele não seria tão superficial. – Não quero que me odeies. Cometi um erro parvo.

– Addie...

Os seus olhos suavizam-se, e, após um último olhar à porta, pega-me nas mãos. Fui estúpida em preocupar-me. Eu e o Nathaniel somos almas gémeas. Não vai deitar fora o que temos por causa de um erro estúpido que cometi. Somos demasiado importantes um para o outro.

– Jamais te poderia odiar – diz ele. – Tornaste-te todo o meu mundo. És a minha *alma gémea*. Mas temos de ser um pouco mais cuidadosos agora. Só por algum tempo. Não quero que a Eve fique desconfiada.

– Então... não nos podemos encontrar hoje?

Espero que ele diga que sim. É sexta-feira, e a minha mãe deixa-me ficar até mais tarde às sextas, porque não tenho aulas no dia seguinte.

Ele hesita, abanando depois a cabeça.

– É melhor não. Talvez para a semana.

Oh, meu Deus, vou *morrer* até lá.

– Para a *semana*?

Ele abre-me um sorriso de esguelha.

– Eu sei. Vou dar em doido.

A ideia de não o poder tocar nem beijar durante uma semana inteira é quanto basta para me dar vontade de gritar. Impulsivamente, estendo o braço e agarro-lhe na gravata castanha. Puxo-o para mim, e, embora consiga perceber que está nervoso por estarmos na sala de aula, ele deixa-me fazê-lo. Se não podemos ir à câmara escura durante uma semana inteira, preciso de algo para me aguentar.

Ele deve sentir o mesmo, pois inclina-se e beija-me mais apaixonadamente do que nunca. Entrelaça os dedos no meu cabelo, esmagando os lábios contra os meus. O beijo parece durar uma eternidade, e é doloroso separar-me dele.

Podia escrever um poema sobre este beijo, e aposto que ganharia aquele estúpido concurso.

– Não podemos voltar a fazer isto – diz o Nathaniel, em tom severo. – Não por algum tempo. Aviso-te quando for seguro.

– Podemos continuar a trocar mensagens?

Ele fica a pensar por um momento.

– Algumas. Uma ou duas vezes por dia. E, obviamente, só no *Snapflash*.

Anuo, tentando engolir o nó na minha garganta. O que vou eu fazer durante uma semana sem ele? O Nathaniel não é só a melhor coisa na minha vida – é *tudo*.

Isto é tudo culpa da Eve Bennett.

– É melhor ires – diz-me ele.

Aperta-me a mão uma última vez, no preciso momento em que a campainha toca. Endireito os ombros, viro-me e saio da sala. Vou ultrapassar isto. E, um dia, vamos ficar juntos. Foi o que ele me prometeu.

Sinto-me completamente insatisfeita depois da reunião com a Higgins. A Addie Severson esteve à porta de minha casa ontem à noite, nos arbustos. Nunca tive tanta certeza de nada em toda a minha vida. Para já, eu *vi-a*, e, além disso, ela tem muitas razões para me odiar.

Naquele dia em que estávamos no supermercado, o Art Tuttle avisou-me sobre ela. Tinha motivos para isso. Quer estivesse ou não a tentar fazê-lo, destruiu-lhe a vida.

E hoje ela mentiu-me na cara.

Mal a Addie saiu, virei-me para a Debra Higgins.

— Está a mentir — declarei.

A Debra abanou a cabeça.

— Concordo contigo, Eve. Mas o que podemos fazer? É a tua palavra contra a dela. E disse que estava em casa com a mãe.

Que monte de tretas. Quando era adolescente, fiz imensas coisas enquanto a minha mãe pensava que estava escondida na segurança do meu quarto. No meu entender, não seria um álibi nem que a mãe dela confirmasse a história, o que não fez.

Mal saí do gabinete da diretora, enviei uma mensagem ao Nate:

Eu: Ela negou tudo.

Estávamos entre aulas, por isso não tardou a responder:

Nate: Talvez não fosse ela?

Foi uma resposta tão exasperante, que me deu vontade de atirar o telemóvel.

Não tarda, serão horas da aula de Matemática da sexta hora e voltarei a ver-me

frente a frente com a Addie, algo para o qual não estou pronta. A Debra disse-me que, no segundo semestre, tenciona passar a Addie para outro professor, mas ainda faltam dois meses para o fim do período. Dois meses a ter de lidar com aquela rapariga.

– Era ela, não tenho dúvidas – digo eu à Shelby, no refeitório dos professores. Trouxe uma salada para o almoço dentro de um *Tupperware*, mas mal lhe toquei.
– Como pôde mentir daquela maneira?

A Shelby encolhe os ombros.

– É uma adolescente. É assim que eles são. Para eles, é como respirar.

– Odeia-me. – Estremeço ligeiramente ao pensar no olhar venenoso que me lançou ontem na aula. – Odeia-me mesmo. E agora anda a perseguir-me.

– Mas porquê? – pergunta a Shelby, dando uma dentada num dos palitos de cenoura. – Quer dizer, andava a seguir o Art porque ele era *simpático* para ela.

– Sim, e então?

– Então, tu não és simpática para ela. Porque haveria de ir a tua casa? – Bebe um gole da *Coca-Cola Zero*. – Quer dizer, não é perigosa. Achas mesmo que te ia perseguir por não a teres deixado comer uma sanduíche na aula? É um pouco radical, mesmo para uma adolescente.

– Talvez...

– Se andasse a perseguir o Nate... nisso eu acreditava. – Pisca-me o olho. – Quer dizer, as alunas têm todas um fraquinho enorme por ele. Disseste que se juntou à revistinha de poesia dele, não foi? Consigo perfeitamente vê-la a ficar um pouco obcecada.

Paraliso, com uma folha de alface a cair-me da boca. Não sei como não pensei nisso antes. Talvez por me ter parecido que ela me estava a observar a mim especificamente, na berma de minha casa. De algum modo, não me ocorreu que pudesse estar lá em casa para ver outra pessoa.

Oh, meu Deus! Anda a perseguir o *Nate*.

Faz muito mais sentido. Avisei-o para não ser demasiado simpático com ela. Está a fazer-lhe o mesmo que fez ao Art Tuttle. Se ele não tiver cuidado e não lidar bem com a situação, vai acabar exatamente como o Art.

Tenho de o avisar. Tem de lidar com isto imediatamente.

Quando me retiro da mesa, penso que a Shelby deve ficar feliz por poder discutir algo mais além da Addie Severson. Ainda faltam cerca de dez minutos para o fim da hora, e o Nate está quase de certeza na sala de aula. Não teremos muito tempo para conversar, mas posso ao menos avisá-lo antes da aula dele com ela.

Os corredores estão maioritariamente vazios, uma vez que estamos a meio da quinta aula. Os saltos das minhas botas de camurça *Givenchy* parecem tiros ao ecoar pelo espaço vazio. Passo por uma rapariga com demasiada maquilhagem preta nos olhos – está longe de ser o pior que estas adolescentes fazem. Ao chegar à sala do Nate, vejo que a porta está fechada, o que me parece um pouco estranho. Espreito pela janela da porta. O Nate está lá dentro, mas não está sozinho.

Está com a Addie Severson.

Ergo a mão para bater à porta, mas, antes que o possa fazer, algo me impede. Dou um passo atrás, desviando-me ligeiramente do alcance da vista. Se o Nate olhasse com atenção, ver-me-ia, mas não com um relance rápido.

O Nate e a Addie estão embrenhados numa conversa. Não sei o que estão a dizer um ao outro, mas ela parece estar a chorar. O que lhe estará ele a dizer para a fazer chorar? Por outro lado, não é preciso muito para fazer uma adolescente soluçar. Tirar-lhes o telemóvel costuma bastar, na minha experiência.

Mas depois o Nate estende o braço e pega-lhe na mão.

Bem, isto não é necessariamente suspeito. Ela está a chorar, e ele está a consolá-la. É certo que não é a forma mais apropriada de consolar uma aluna, mas não é o pior que já vi. Ele não lhe está a dar palmadinhas na mão. Parece mais estar a apertá-la. Passaram pelo menos sessenta segundos, e continuam de mãos dadas. Porque continua ele a tocar-lhe na mão? Isto atingiu o limite máximo do que é apropriado.

Nesse momento, acontece algo que me faz esquecer por completo as mãos dadas. Algo que faz com que dar as mãos pareça... bem, dar as mãos. Algo que me faz querer vomitar as poucas folhas de alface que consegui engolir.

Ele beija-a.

Não, não se limita a beijá-la. Parece estar a tentar descobrir a que sabia o seu almoço. Aquele beijo... não é um primeiro beijo. É um beijo entre duas pessoas que já se beijaram muitas vezes e provavelmente fizeram muitas outras coisas.

E agora tudo faz sentido.

Compreendo porque me odeia tanto a Addie. Compreendo porque andava a rondar os arbustos ao lado de minha casa. Compreendo porque é que o Nate a defende, de cada vez que lhe tento contar algo que ela fez. Compreendo o porquê de o meu marido não ter o menor interesse em fazer sexo comigo menos quando quer que faça algo para *a* ajudar.

O sacana anda a trair-me. Com *ela*.

Não sei se alguma vez me senti tão zangada em toda a minha vida. Parte de mim quer irromper na sala e expô-los ali mesmo, diante dos alunos e professores que não tardarão a sair das salas. É o que ele merece, afinal. Imagino o choque no seu rosto a transformar-se em humilhação ao ver todos descobrirem o que ele fez.

Mas não o faço.

Reconheço que, se expuser o Nate aqui e agora, estarei a arruinar três vidas: a dele, a minha e a da Addie. Ele merece ficar com a vida arruinada, mas eu não. Se armar uma cena e o expuser desta forma, jamais poderei continuar a trabalhar na escola. Será demasiado humilhante. E a sua vergonha macular-me-á também a mim.

Quando à Addie, a verdade é que ela também não merece. Independentemente do que mais possa dizer sobre ela, tem apenas dezasseis anos. É uma *criança*. Não tem culpa de se ter apaixonado pelo professor de Inglês atraente. Era sobre o Nate que caía a responsabilidade de evitar que isto acontecesse.

É por isso que não os exponho aos dois diante de todos. Mas faço outra coisa: tiro uma foto.

A idade de consentimento neste estado é dezasseis anos, pelo que o Nate não irá para a prisão por isto. Não é violação de menor. Mas a carreira no ensino estará acabada. O meu marido cairá em desgraça, e todos irão descobrir.

A minha vida, tal como a conheço, acabou.

Regresso à minha sala num estado de torpor. Não sei como vou dar uma aula

de Matemática daqui a cinco minutos. Terei de dar alguns problemas aos miúdos para que passem a maior parte da aula a trabalhar neles. Todos os meus planos de aula foram pelo cano abaixo.

Chego à porta da sala mesmo a tempo de encarar de frente com a Addie Severson. Tem um sorrisinho a dançar-lhe nos lábios – recentemente pisados por beijar o meu marido –, mas desaparece-lhe imediatamente do rosto ao ver-me. Quer tanto estar nesta aula como eu a quero ter aqui. Baixa a cabeça e dirige-se silenciosamente ao lugar, largando a mochila no chão.

Tenho de voltar a lembrar-me de que ela não tem culpa disto. O Nate aproveitou-se da sua vulnerabilidade. Já sou professora há tempo suficiente para saber que algumas raparigas são mais impressionáveis do que outras. Algumas têm mais probabilidade de sucumbir a uma paixoneta pelo professor favorito.

Não é culpa dela. Não é.

– Gostaria que pegassem todos nos manuais e trabalhassem nos problemas da página 137 – digo eu à turma. – Em silêncio.

Dou demasiados problemas para fazerem, ciente de que ficarão a trabalhar neles até ao toque da campainha. Outros professores de Matemática fazem isto com uma frequência alarmante, mas eu nunca tinha recorrido a esta tática – estou desesperada. Baixo-me atrás da secretária e a primeira coisa que faço é pegar no telemóvel. Após uma breve hesitação, envio uma mensagem ao Jay:

Eu: Preciso de estar contigo esta noite.

Sento-me à secretária, sustendo a respiração, à espera da sua resposta, sem saber se ele me poderá enviar mensagens a meio do dia. Felizmente, o telemóvel vibra passados poucos minutos:

Jay: Não vou fechar a loja esta noite, por isso não nos podemos encontrar lá.

Eu: Não interessa. Podemos ir a algum lado.

Jay: Tens a certeza, Eve?

Eu: Por favor.

Combinamos um sítio fora do caminho para nos encontrarmos. O Jay é a única pessoa com quem posso falar sobre isto. Se disser a mais alguém, o segredo será revelado. Mas confio no Jay para ser discreto. Sei demasiados dos seus próprios segredos.

O Jay ajudar-me-á a decidir o que fazer. Pode não saber nada de política escolar, mas tem bom senso e é boa pessoa. Seja de que maneira for, ainda assim, não vou deixar o Nate safar-se com isto.

Depois do fim das aulas, eu e o Jay encontramos-nos no parque de estacionamento de um *McDonald's* não muito longe da sapataria.

Estacionamos em extremos opostos do parque, e eu dirijo-me ao seu carro e entro para o banco do passageiro. De seguida, ele arranca. Noutras circunstâncias, poderia achar o secretismo empolgante, mas, neste momento, tudo o que vejo é a boca do meu marido nos lábios daquela menina.

– Obrigada por vires – digo-lhe eu, cravando os saltos das botas no tapete. Não estou inteiramente certa de que planos furou por mim, mas fico-lhe grata.

– O que se passa, então? – pergunta-me o Jay.

Abro a boca para lhe contar a história toda, mas, antes que consiga dizer uma só palavra, desato a chorar. O Jay lança-me um olhar, com uma expressão de pânico ligeiro no rosto. Continua a conduzir até encontrar uma rua tranquila sem casas com vista para nós. Encosta e estaciona o carro.

– Eve. – Estende os braços para me envolver num abraço. – O que aconteceu? Fala comigo.

Soluço nos seus braços grandes e fortes, enquanto ele me afaga o cabelo para me acalmar. Demoro vários minutos a recuperar suficientemente o controlo para lhe contar a história toda. Sabe da primeira parte, dos problemas que tenho tido com o Nate e de como ele tem andado distante, mas o seu corpo retesa-se quando chego à parte de ter encontrado o Nate e a Addie aos beijos na sala de aula hoje. Afasta-se, de olhos arregalados.

– Estás a gozar – diz ele. – Viste mesmo isso?

Lentamente, anuo.

– Esse canalha. – Faz estalar os nós dos dedos da mão direita. Parece furioso. Parte de mim teme que o Jay possa dirigir-se ao Nate e dar-lhe um murro no rosto. Parte de mim quer que ele o faça. – É inacreditável.

– Eu sei. – Fecho os olhos, mas, ao fazê-lo, a imagem de ambos aos beijos não desaparece. Duvido que alguma vez me consiga esquecer. – Não sei o que fazer.

– Talvez devesse matá-lo.

Olho para o rosto do Jay. Não está a sorrir, mas não o diz a sério. Ainda que, neste momento, a ideia seja tentadora.

– A sério. O que achas que devo fazer? Falar com a diretora?

Ele abana a cabeça.

– Se fores à diretora, o mundo inteiro vai saber disto. É isso que queres?

Falar com a diretora é o protocolo correto, mas ele tem razão. É impossível que isto seja abordado com discrição, por mais que tentem. A situação com o Art Tuttle é testemunho disso, e sei bem que ele nunca fez nada de errado.

– Não, não quero.

– Nesse caso, tens de lhe fazer um ultimato – diz ele. – Tens de fazer tudo o que puderes para garantir que isto para de imediato e nunca mais volta a acontecer. E, além disso... – Pega-me na mão. – Tens de deixar esse casamento.

Quanto a essa parte, tem razão. Tenho de deixar o Nate. Não é negociável. Ergo a cabeça, olhando para os olhos do Jay e perguntando-me pela primeira vez se haverá alguma hipótese de futuro para nós os dois. Sei que não, mas há momentos em que gosto de fantasiar que é possível.

Mas não importa. Possa ou não estar com o Jay, não posso continuar com o Nate.

– Tu consegues. – Aperta-me a mão. – Não tenhas medo dele. Tu *consegues*.

Tem confiança em mim, mas o problema é que não conhece o meu marido como eu conheço.

Quando o Nate chega a casa, estou mais do que um pouco ébria. Só chega quase três horas depois do fim das aulas, o que suscita a questão do que estive a fazer durante todo esse tempo. Não sei se estive com ela ou a tratar de problemas relacionados com a escola. Se não for um idiota, deve saber que se tem de manter longe da Addie Severson, já que ela foi vista à porta de nossa casa. Mas duvido que esteja a pensar com plena clareza, se a beijou dentro da própria sala de aula.

Quanto a mim, depois de o Jay me ter levado de volta ao *McDonald's* para ir buscar o meu carro, andei algum tempo às voltas, mas acabei por regressar a casa.

Tentei corrigir alguns trabalhos, mas foi um exercício fútil. Pouco depois, procurei uma garrafa de vinho. Infelizmente, só nos restava cerca de um quarto de uma garrafa de *cabernet*. Mas encontrei meia garrafa de vodka.

Quando oiço a porta da frente abrir-se, estou em processo de experimentar todos os meus sapatos. Sim, todos. Não sei porquê, mas há algo de reconfortante num desfile de moda para os meus pés. Sempre que me sinto mal com alguma coisa, vou direta aos meus sapatos. É algo que o Nate jamais compreenderia, mas o Jay compreende.

O Nate não me chama ao entrar. Nunca o faz. Talvez espere que eu não esteja em casa para se poder masturbar a pensar nela. Não quero saber que pensamentos lhe passam pela cabeça. Só o quero fora da minha vida.

Volto a atirar todos os sapatos para dentro do roupeiro, exceto os *Louis Vuitton* que usei no meu aniversário. Enfio-os nos pés e desço.

O Nate está na sala de estar, a despir o casaco preto. Tira o gorro do cabelo e passa rapidamente uma mão pelas densas madeixas, para as alisar. Ao descer as escadas, não posso deixar de pensar na primeira vez que pus os olhos no meu marido e em como o achei bonito. Foi amor à primeira vista, pensava eu. Sempre acreditei que ficaríamos juntos para sempre.

Fui tão estúpida.

– Olá. – Só depois de a palavra sair é que me apercebo de que o meu discurso me sai ligeiramente arrastado. Não devia ter bebido aquele último *shot* de vodca. Preciso da cabeça limpa para isto. – Chegaste.

– Hã, sim. – Pendura o casaco no armário do saguão. – Começaste a fazer o jantar?

– Não. – Agarro-me ao corrimão para me impedir de cambalear. – Preciso de falar contigo.

– Está bem – diz ele, afrouxando a gravata à volta do pescoço e semicerrando os olhos na minha direção. – Estiveste a beber?

Não era exatamente assim que queria que a conversa corresse, mas não importa. Não vou esperar nem mais um minuto para discutir isto com ele. Tem de acabar esta noite. Dirijo-me a ele, agarrando-me agora ao sofá para me equilibrar. Não sei como iniciar esta conversa, mas vou em frente na mesma.

– Sei de ti e da Addie Severson – digo, bruscamente.

As mãos do Nate paralisam no laço da gravata.

– Desculpa?

– Eu sei – repito. Tenho de me concentrar para me impedir de arrastar as palavras, mas ele tem de saber que estou mesmo a falar a sério. – Sei o que andas a fazer com ela. Sei que é por isso que ela estava à porta de nossa casa na outra noite.

– Isso é... é absurdo! – diz ele, rindo. – Vá lá, Eve. Achas mesmo que eu faria uma coisa dessas? Com a *Addie*? – Abana a cabeça. – Onde foste buscar uma ideia tão tola? Acho que bebeste um pouco a mais. Queres que te faça uma chávena de café?

Oh, ele é bom. O meu marido tem muita lábia. Se fosse apenas um rumor que eu tivesse ouvido, estaria provavelmente a descartá-lo neste momento. Por outro

lado, sempre soube que ele era um mentiroso.

– Eu *vi-te* – cuspo-lhe eu. – Vi-te a beijá-la. Na tua sala durante a quinta aula.

– Oh! – O sorriso descontraído desaparece-lhe do rosto. – Compreendo.

– O que tens a dizer em tua defesa?

O Nate puxa a gravata até se soltar e deixa-a cair ao chão. Baixa a cabeça.

– Não sei o que posso dizer. Cometi um erro enorme. A Addie tem um fraquinho por mim e pensei que podia lidar com isso; mas hoje ela beijou-me. Deixei-o continuar por um segundo a mais. Sei que sim. Foi estúpido, mas não deixarei que volte a acontecer. Vou deixar muito claro o quanto foi inapropriado.

Cerro os punhos. Quero bater-lhe com eles no peito até ficar pisado e a sangrar.

– Não, eu vi. Foste *tu* que a beijaste *a ela*.

– Não estavas lá. Não sabes o que aconteceu.

– Eu vi!

Pulsa-me uma veia na têmpora. Parece-me que existe a possibilidade bem real de a veia rebentar e me matar antes de terminarmos esta conversa, antes de o meu marido admitir que fez o que eu o vi fazer. Parte de mim gostaria que isso acontecesse.

Mas outra parte quer que ele sofra.

– Disseste à Higgins? – pergunta, finalmente, o Nate.

– Ainda não.

– Disseste a mais alguém?

– Não.

Disse ao Jay, mas não vou referir isso ao meu marido.

– Compreendo. – Franze o sobrolho. Vejo todo o seu rosto a desmoronar. – Vais dizer?

– Ainda não sei bem. – Recosto-me contra o braço do sofá, pois sinto as pernas a fraquejar. – Ainda não decidi.

– Há... – Dá um passo na minha direção, com um dos braços parcialmente estendido. – Há algo que possa fazer para te convencer a não dizeres?

Olho-lhe para o braço, sentindo como se me estivesse a oferecer veneno.

– Se me voltas a tocar, arranco-te os olhos.

– Certo, desculpa. – Volta a recuar. – Está bem, pronto. Vamos falar sobre isto, então. O que queres de mim?

– Quero o divórcio.

Ele nem hesita.

– Feito.

Uau, isso foi um golpe. Por mais que queira que ele desapareça e saia da minha vida, por alguma razão, achei, ou talvez tenha até esperado, que poderia lutar um pouco mais pelo nosso casamento.

– Além disso... – acrescento. – Fico com a casa.

– Mas esta casa...

– *A casa é minha.*

O Nate cerra os dentes.

– Tudo bem. Fica com a casa.

– Tens ainda de pôr termo à relação com a Addie *imediatamente* – continuo. – Esta noite ou amanhã. Termina tudo com jeitinho, mas deixa bem claro que nunca mais a vais voltar a ver. Tem de acontecer já. Não esperes pelas aulas de segunda-feira.

Tinha de estar à espera disto.

– Tudo bem – diz ele. – É tudo?

Tenho uma última exigência que me ocorreu depois de falar com o Jay. Vai ser a mais difícil para ele, mas não é negociável.

– Tens de te despedir da Escola Secundária de Caseham – declaro. – Nunca mais podes voltar a trabalhar como professor do secundário.

O Nate inspira fundo.

– O quê? Não podes estar a falar a sério. É o meu sustento, Eve.

– Podes na mesma ensinar. Podes dar aulas no ensino para adultos, mas não a crianças. Nunca mais.

– Vá lá, Eve. – A voz sai-lhe embargada. – Não posso concordar com isso. Tudo o resto... está bem. Mas não vou deixar de dar aulas no secundário.

– Tudo bem. Nesse caso, podemos ir à diretora e deixar que seja ela a decidir.

O Nate passa por mim e dirige-se ao sofá, onde se afunda nas almofadas.

Inclina-se para a frente e aperta as pontas dos dedos contra as têmporas.

– Por favor, não faça isto. Sê razoável. Tens de ser razoável.

– Isto é do mais razoável que há. Na verdade, devias estar na prisão.

– Ela tem dezasseis anos. É uma adulta no Massachusetts.

– Sim, de certeza que é assim que a vês. Como uma *adulta*. – Abano a cabeça, enojada. – Tens de decidir. Se não te despedires, vou falar com a diretora sobre isto.

Ele ergue o rosto para me fitar.

– E tens a certeza de que ela vai acreditar em ti?

– Porque não haveria de acreditar?

Com um resfôlego, ele levanta-se do sofá.

– Todos na escola sabem que estás um verdadeiro caos, Eve. Não és propriamente de confiança.

– *Desculpa?* O que quer *isso* dizer?

– Para começar, estás bêbeda às seis da tarde. – Começa a contar pelos dedos.

– Além disso, acumulas sapatos. É de loucos. Se alguém desse uma olhadela ao nosso roupeiro, internava-te.

Sinto o rosto a arder. Decidiu jogar sujo, afinal. Não devia ter esperado outra coisa.

– Só tenho para aí uns doze pares no roupeiro. Muitas mulheres têm esse número de sapatos.

– Hum, achas que não sei de todos os sapatos que guardas naquela mala enorme?

Não pensei que soubesse, mas faz sentido. Imagino que tenha ido ao roupeiro um dia, em busca de uma mala para uma viagem, e descoberto o meu esconderijo. A ideia de ele saber do meu segredo faz-me arder de humilhação, mas não muda nada.

– É a tua palavra contra a minha, na verdade – diz ele. – Bem, contra a minha e a da Addie. Ela nunca admitirá nada.

– Certo, bem... – Encolho um ombro. – Nesse caso, ainda bem que tirei uma foto de vocês os dois aos beijos.

O que eu gostava *mesmo* de ter é uma foto do rosto do Nate no momento em

que largo a pequena bomba. A cor esvai-se-lhe da pele e o seu corpo parece fraquejar. Sim, tenho uma foto dele a beijar a aluna de dezasseis anos. Não tem qualquer poder sobre mim.

– Tudo bem – rosna ele, baixinho. – Ganhaste, Eve. Eu despeço-me.

Com as palavras satisfatórias, vira-me as costas e marcha escadas acima. Não faço ideia para onde vai, por isso, sigo-o, subindo os degraus dois a dois. Encontro-o no nosso quarto. Tirou uma mala de viagem do roupeiro e está a atirar roupa lá para dentro ao acaso.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– As malas. – Olha para mim como se eu fosse completamente estúpida. – Estás a pôr-me na rua, não estás? Deixas-me levar alguma roupa comigo ou só posso ficar com a camisa que estou a usar?

– Podes fazer as malas.

– Muito generoso da tua parte. – O Nate vasculha uma gaveta da cómoda e puxa a sua camisola com capuz favorita, a que tem um buraco no bolso, atirando-a para o saco. – Sempre fui bom para ti, sabes? Nunca perdi a calma. Nunca me queixei quando compravas cinco mil milhões de pares de sapatos. – Dá um pontapé na mala que contém todos os meus sapatos secretos. – Vinha para casa todas as noites. O que mais querias de mim?

Ergue o olhar para mim e compreendo que não é uma pergunta retórica. Acredita realmente que todas essas coisas eram suficientes para fazer dele um bom marido. Que se podem preencher todos os campos certos, e, mesmo que não se ame a própria mulher, está tudo bem. Mesmo ao traí-la com uma miudinha.

Não adianta tentar explicar-lhe o porquê de o que fez estar tão errado. Em vez disso, volto para baixo e deixo-o fazer as malas em paz. A partir de hoje, não voltará a ser problema meu.

Estou a meio dos trabalhos de casa de História quando recebo a mensagem no *Snapflash*.

Fico surpreendida ao vê-la. O Nathaniel é o único que me envia mensagens por lá e disse-me mais cedo que íamos abrandar por uns tempos. Por isso, não compreendo porque tenho uma nova mensagem à minha espera. Mas, claro, não é como se eu pudesse resistir. Sobretudo quando a alternativa é aprender sobre o feudalismo.

Abro a aplicação e encontro a mensagem à minha espera. É curta e direta:

Nathaniel: A Eve sabe.

Uma sensação de frio desce-me pela espinha. «*A Eve sabe.*» É a catástrofe que ambos sabíamos que tinha de ser evitada a qualquer custo. A professora Bennett sabe de nós os dois. O que significa...

Nathaniel: Lamento, Addie. Nunca mais te posso voltar a ver.

Se alguém fosse buscar uma faca à cozinha e me apunhalasse em cheio no peito, seria mais ou menos igualmente doloroso. Não compreendo como pode tudo ter acabado de forma assim tão simples. Sim, compreendo que é mau que a mulher dele saiba de nós. Mas eu e o Nathaniel somos almas gémeas. Não parece possível que ela possa estalar os dedos e fazer com que tudo acabe, assim sem mais nem menos.

As palavras do Nathaniel desaparecem do ecrã. É quase como se as tivesse imaginado. Mas não imaginei. Com mãos trémulas, digito uma pergunta:

Eu: Ela disse à diretora Higgins?

Nathaniel: Não. Não disse, mas diz que o fará se eu não fizer tudo o que ela diz.

Eu: O que quer ela que faças?

Não me responde durante tempo suficiente para me perguntar se ele abandonou a conversa. Mas, finalmente, a resposta surge no ecrã:

Nathaniel: Disse que tenho de acabar tudo contigo imediatamente e de me despedir.

A primeira parte já é suficientemente horrível, mas a segunda deixa-me devastada. *Despedir-se?* O Nathaniel é um professor incrível. Foi o único professor que acreditou verdadeiramente em mim e é, sem dúvida, o melhor poeta em toda a escola. Talvez seja o *único* poeta em toda a escola. Como pode a professora Bennett obrigá-lo a despedir-se?

É maléfica. E não apenas no sentido vulgar. Maléfica como uma *vilã dos desenhos animados*.

Aparece outra mensagem do Nathaniel no ecrã:

Nathaniel: Também me expulsou de casa. Espero que o teto lhe caia em cima e a mate.

Respondo-lhe:

Eu: Também eu.

Nathaniel: Se ela estivesse morta, podia manter o meu emprego e podíamos continuar juntos.

Olho para as palavras no ecrã. «*Se ela estivesse morta, podia manter o meu emprego e podíamos continuar juntos.*» Leio-as cinco vezes antes de desaparecerem e fico a interrogar-me uma vez mais sobre o que ele queria realmente dizer.

«*Se ela estivesse morta, podia manter o meu emprego e podíamos continuar juntos.*»

Bem, é verdade. Se a professora Bennett é a única a saber sobre nós os dois, se ela não existisse...

– Addie?

A voz da minha mãe faz-se ouvir do outro lado da porta fechada do meu quarto. Bate uma vez e, ao não obter resposta, entra imediatamente. É como se não pudesse conceber que eu possa estar a fazer algo aqui dentro que exija privacidade. Não faz ideia de que já não sou virgem.

Nem me importava se voltasse a ser virgem, agora que já não posso estar com o Nathaniel. Não há mais ninguém com quem queira estar. Talvez a virgindade volte a crescer.

A minha mãe faz o mesmo de sempre ao entrar no meu quarto. Olha para cada um dos quatro cantos, como se temesse poder encontrar droga algures.

Cruza os braços sobre o peito. Pensava que ficasse mais feliz depois de o meu pai morrer, mas não. Não compreendo como pode uma pessoa inteligente como a minha mãe ter amado alguém tão horrível.

– Addie – diz ela. – Queria só lembrar-te de que vou sair agora.

– Sair? – repito.

A minha mãe diz sempre que suspiro demasiado, mas fá-lo muito mais do que eu.

– Tenho um turno da noite hoje no hospital. Falei-te sobre isso.

– Oh. Certo.

Franze o sobrolho.

– De certeza que ficas bem? Há algum amigo com quem possas passar a noite?

Não, não há. Claro que o Nathaniel podia passar a noite comigo. Até é um adulto. Mas algo me diz que a minha mãe não aceitaria. Embora não precisasse necessariamente de saber...

– Estou bem, mãe – digo. – Vai lá ser enfermeira. Cuidar de doentes. Eu fico bem.

É apenas a segunda vez que ela me deixa sozinha durante um turno da noite. Geralmente, no passado, o meu pai estava em casa, apesar de isso ser pior do que estar sozinha.

– Está bem... – Os dedos da minha mãe demoram-se no puxador. – Mas terei o telemóvel comigo, por isso, se precisares de alguma coisa...

Como se ela pudesse deixar simplesmente o turno a meio só porque eu me sinto sozinha. Se a oferta a faz sentir-se melhor, tudo bem.

A minha mãe insiste em entrar no quarto e plantar-me um beijo na testa, o que é super irritante. Fico basicamente a suster a respiração até ela sair do quarto. Assim que o faz, pego no telemóvel e envio uma mensagem:

Eu: A minha mãe acabou de sair. Queres vir cá?

Olho para o telemóvel, à espera da sua resposta. Chega passado um minuto:

Nathaniel: Já te disse que não posso. A Eve não está a brincar. Destruir-me-á se te voltar a ver.

Eu: Como vai sequer descobrir?

Nathaniel: Não posso correr esse risco. Seja como for, não estou com disposição.

Eu: Por favor? Preciso de te ver.

Olho para o telemóvel, à espera de uma resposta, mas nunca chega. Ele acabou com a nossa conversa.

Frustrada, atiro o aparelho para cima da cama, com lágrimas a marejar-me os olhos. Consigo conter-me até o carro da minha mãe arrancar e depois solto-me, com soluços feios e ruidosos que devem fazer tremer os próprios alicerces da casa.

Amo o Nathaniel. Amo-o tanto que é quase doloroso, caramba. Há muitas pessoas no mundo que namoram ou são casadas, mas estou bastante certa de que ele e eu nos amamos mais do que qualquer uma dessas pessoas. Não têm a ligação que nós temos. Sim, ele é muito mais velho do que eu, mas isso não importa. O que temos ultrapassa a idade.

Nunca teve essa ligação com a mulher. Só casou com ela porque sentiu que era isso que era suposto fazer na vida. E agora é ela que o controla. Que nos controla a nós.

É tão injusto que me apetece gritar.

S abemos que as coisas estão mesmo más quando nem gelado ajuda. Passada uma hora, estou sentada na cozinha, com uma embalagem vazia de gelado de chocolate e frutos secos, e não me sinto nem um bocadinho melhor. Na verdade, sinto-me pior, porque agora me dói o estômago. Comecei a sentir o arrependimento a instalar-se quando a embalagem estava três quartos vazia, mas continuei.

A dor de saber que nunca mais poderei voltar a estar com o Nathaniel fere-me em cheio na alma. Dói mais do que tudo o que alguma vez experienciei. Mais do que quando o meu pai morreu, isso é certo.

Bem, mais do que quando o matei, quero eu dizer.

Foi um *acidente*, ainda assim. Um acidente que arruinou a minha amizade com o Hudson, o que foi uma treta, mas que, ao menos, me pôs no caminho para o Nathaniel. E, apesar de a minha mãe não admitir, estamos muito melhor agora que ele se foi. A morte do meu pai resolveu tudo.

Se a professora Bennett morresse, também resolveria tudo.

Apesar da agitação no meu estômago, lambo o resto do gelado da colher. Alegro-me com o desconforto do frio. Quero sentir algo além da dor no meu peito. No entanto, a perda do amor da minha vida não é a única emoção que sinto neste momento. Há outra que quase esmaga a tristeza:

Ódio.

Odeio a professora Bennett. Pensava que a odiava antes, mas nem sabia o significado da palavra. É a pior pessoa que alguma vez conheci. Está a arruinar-nos a vida aos dois, e é como se nem se importasse.

«Se ela estivesse morta, podia manter o meu emprego e podíamos continuar juntos.»

Seria incapaz de lhe fazer mal, contudo. Quer dizer, sim, fui responsável pela morte do meu pai, mas isso foi um *acidente*. Eu nunca...

Seria incapaz de...

Não. Nem pensar. Está fora de questão.

Mas podia tentar chamá-la à razão. Provavelmente, pensa que o Nathaniel se anda a aproveitar de mim, mas isso não é de todo verdade. Talvez lhe pudesse explicar. Se compreender o quanto ele e eu significamos um para o outro, talvez perceba finalmente. Não é como se ela ainda o quisesse, se o expulsou de casa.

Tenho de acreditar que a professora Bennett é uma pessoa minimamente decente. Afinal, tentou ajudar-me nas aulas de Matemática. Não me denunciou por ter copiado e ajudou-me a arranjar um explicador.

Talvez oiça a razão.

Afinal, tenho de tentar. É a minha única esperança.

Todo este dia parece surreal.

Apanhei o meu marido a beijar uma das alunas de dezasseis anos.

Andava a *fazer sexo* com ela. Agora, pu-lo na rua e, assim que puder, vou pedir o divórcio. Não preciso de um advogado. Ele vai dar-me tudo o que quero – tudo o que mereço.

Senão...

Ainda assim, não posso celebrar o fim do meu casamento. Não janto e acabo por ir buscar um pouco de gelado napolitano para absorver o álcool que bebi. Ponho um filme na *Netflix* e, três horas depois, sinto-me muito mais sóbria, para o bem ou para o mal.

Achava que havia uma probabilidade razoável de passar a noite inteira acordada, mas a combinação de álcool com laticínios deixa-me extremamente cansada. As minhas pálpebras parecem ter chumbos presos, e, quase contra a minha vontade, dou por mim a adormecer no sofá.

Até ser acordada por um estrondo.

Salto do sofá, atirando a embalagem de gelado para o lado. Só comi cerca de metade, e o resto transformou-se em sopa de gelado. Mas esse é o menor dos meus problemas.

Que barulho foi aquele?

Nunca dei valor a como era bom ter um homem em casa quando ouvia algum barulho durante a noite. E isto foi mais do que um mero barulho. Foi um estrondo. E parecia vir da cozinha.

Olho na direção da porta da cozinha. Terei imaginado o som? Estava quase a

adormecer e, além disso, a ver televisão. O barulho pode ter sido da série a que estava a assistir, apesar de parecer que vinha da cozinha.

Mas não oiço mais nada.

Deixo-me cair de novo no sofá, com o coração ainda a palpitar. Muito bem, a primeira coisa que vou fazer na segunda-feira é comprar um sistema de alarme para esta casa. Um daqueles em que, se não introduzirmos o código cinco segundos depois de entrarmos, a Guarda Nacional nos aparece à porta. Não preciso do Nate.

Na verdade, a única pessoa que gostaria que estivesse aqui é o Jay. Sentir-me-ia *muito* protegida de intrusos se ele estivesse comigo na sala de estar. Ninguém se meteria com o Jay. Mas viver com ele está tão longe de ser uma possibilidade que é quase cómico.

Quando estou à procura do meu telemóvel para pesquisar empresas que instalem sistemas de segurança, oiço um som estridente.

Desta vez, não imaginei. Tenho a certeza de que veio da cozinha. E agora oiço algo diferente.

Passos.

Oh, meu Deus! Está mesmo alguém em minha casa.

Perscruto a mesa de centro em busca do telemóvel. Não o vejo em lado nenhum. É provável que o tenha deixado na cozinha quando fui buscar o gelado. E não temos telefone fixo, o que significa que não há maneira de ligar para o 112 sem ir à cozinha.

Devia sair de casa. É isso que dizem nos filmes de terror, certo? Que a estúpida da vítima corre sempre na direção do intruso em vez de para a porta da frente, como uma pessoa normal e racional faria. E, no entanto, sinto-me relutante em partir. É a *minha* casa. A última coisa que quero é deixá-la desprotegida enquanto fujo sem ter sequer o telemóvel.

Mas também não me quero aproximar da cozinha.

Acabo por me decidir. Pego na mala, irritada por ter deixado os sapatos lá em cima. Tudo o que tenho junto à porta é um par de sapatilhas sujas, que não quero mesmo nada calçar. Só as uso para tratar do relvado. Não quero deixar a casa para trás com todos os meus sapatos lindos no andar de cima. E se alguém

me rouba os *Christian Louboutin*? Se vou fugir, posso levar os meus sapatos comigo?

Oh, meu Deus, como posso estar a pensar obsessivamente em *sapatos* quando está um assaltante dentro de casa? Talvez precise mesmo de ajuda.

Enquanto contemplo o que fazer a seguir, oiço outro som vindo da cozinha. Desta vez, oiço nitidamente uma rapariga a praguejar.

A Addie?

A Addie Severson está na minha cozinha.

Tenho a certeza de que é ela. Não há mais nenhuma adolescente que se fosse esgueirar para a minha cozinha às nove da noite. Já o fez uma vez. Talvez ache que o Nate ainda cá está e queira vê-lo. Não faço ideia se ele a informou de que a relação terminou, mas não me surpreenderia se não o tivesse feito.

Chegada a este ponto, abandono a tentativa de calçar as sapatilhas. Não quero chamar a polícia por causa da Addie. Já passou por isso uma vez e não tem culpa de nada. A culpa é do Nate por a ter iludido. Por não lhe ter dito que um homem de trinta e oito anos não tem nada que beijar uma rapariga de dezasseis.

Não tenho sido simpática com a Addie este semestre e agora sinto um lampejo de culpa. Passou o semestre inteiro com dificuldades nas minhas aulas, e eu podia ter feito mais para a ajudar. *Devia* ter feito mais para a ajudar. Guardava-lhe rancor por ter destruído a reputação do homem que mais admirava na escola, mas, em última instância, não teve culpa.

A rapariga passou o ano inteiro a gritar por ajuda, e eu podia tê-la ajudado. O meu marido aproveitou-se simplesmente dela.

Vou resolver isto.

Dirijo-me à cozinha, os meus passos silenciosos no soalho de madeira sob os meus pés descalços. Cautelosamente, abro a porta, não querendo sobressaltá-la. De facto, ali está ela, agachada no chão da minha cozinha. Parece ter derrubado a frigideira que tinha no fogão, com os restos do jantar de ontem à noite. Não a devo ter lavado, com toda a agitação de encontrar a Addie escondida nos arbustos.

Ao ouvir a porta fechar-se atrás de mim, ergue o olhar bruscamente. Levanta-se a toda a pressa, pestanejando, furiosa. A Addie é alguns centímetros mais alta do que eu, com uma constituição robusta. Tem ar de quem podia ser atleta, mas não entrou para nenhuma equipa. Desde que a conheço, nunca a vi usar outra coisa que não camisolas largas e calças de ganga um tamanho acima do que devia, com o rosto limpo de qualquer maquilhagem. É bonita, mas de uma forma modesta. Não parece o tipo de rapariga que imagináramos a ter um caso com o professor.

E, no entanto, vi-o com os meus próprios olhos.

– Professora Bennett – arqueja ela. Apanha a frigideira do chão e pousa-a na bancada da cozinha. – Eu...

Ergo uma mão.

– Está tudo bem. Sei porque estás aqui.

– Sabe?

Anuo.

– Sei sobre ti e o Nate.

Aperta as mãos, sem me olhar diretamente nos olhos.

– Estamos apaixonados, professora Bennett. Lamento.

– Addie... – Esta rapariga está tão perdida. Talvez devesse mesmo falar com a Higgins, afinal. Talvez seja a única forma de fazer com que isto pare, mas quero tentar poupá-la a isso. – Tens de compreender que o Nate é muito mais velho do que tu. *Muito* mais velho. E é teu professor. É tão inapropriado teres uma relação com ele, e, sinceramente... ele está a aproveitar-se de ti.

Não gosta de ouvir isto, o que não me surpreende.

– Não está a aproveitar-se de mim. Juro. É só que... Não compreende. Talvez nunca tenha vivido nada como o que nós temos, mas, se tivesse, entenderia.

Oh, meu Deus! Não acredito na lavagem cerebral que ele lhe fez.

– Eu compreendo – digo, delicadamente. – Sei como te deves sentir, mas simplesmente não é saudável. Devias ter um namorado da tua idade.

– Não se trata de ter um namorado. – As suas faces redondas coram. – Não compreende. Eu e o Nathaniel temos uma *ligação*. Sei que é mais velho do que eu, mas compreendo-o como não sei se a senhora alguma vez compreenderá.

Lamento, mas é verdade. E... é cruel da sua parte manter-nos separados.

– Pensas que sim, mas...

– É *verdade* – diz ela, entredentes. – Lamento que seja o tipo de pessoa que não consegue entender o amor que temos um pelo outro, mas isso não é culpa minha. Não tem de nos separar. Se se importar minimamente com o Nathaniel, deixar-nos-á ter isto.

É como falar com alguém programado por um culto. Pensava que talvez a pudesse fazer ver a razão, mas já não tenho a certeza. Talvez seja melhor ser direta.

– O Nate tem estado a mentir-te, Addie. A dizer-te o que queres ouvir. Um homem da idade dele não pode ter sentimentos adultos normais por uma adolescente, e muito menos por uma das alunas. Está a manipular-te.

– *Não, não está!* – O rosa das suas faces transformou-se num vermelho intenso.

– Não faz ideia do que está a dizer!

– Addie, já vivi muito mais tempo do que tu e conheço o Nate há muito mais tempo do que tu. E estou a dizer-te que ele...

– Não! – grita-me ela. – Não o conhece de todo!

Oh, céus!

Respiro fundo. Não me posso permitir perder a calma, porque a Addie está a ficar histérica. Precisa de saber que esta «relação» tem de acabar.

– Addie. – Volto a tentar. – Acho que o melhor a fazer seria falar com a diretora Higgins na segunda-feira. Queria evitá-lo, mas julgo que será o melhor.

Não queria fazer-lhe isso, mas vejo agora que é a única maneira. A mãe e a diretora têm de saber o que se tem vindo a passar, pois é evidente que ela precisa de ajuda. Queria poupá-la à vergonha, mas não há outra forma.

O rosto da Addie está agora púrpura.

– Não pode fazer isso! Não pode dizer à diretora!

– Tenho de o fazer – respondo, baixinho.

A Addie solta um grito dilacerante. O som gela-me até aos ossos. Soa quase animalesco. Dou um passo em direção a ela, estendendo uma mão para tentar consolá-la, embora reconheça que sou a última pessoa que ela quer por perto.

Mas, antes que lhe possa tocar, ela ergue a frigideira da bancada.

É tudo tão rápido, que não poderia reagir mesmo se quisesse. Com toda a força que consegue reunir no seu jovem corpo de adolescente, a Addie brande a frigideira contra a minha cabeça. Colide com o meu crânio com um impacto de rebentar os tímpanos. Passada uma fração de segundo, fica tudo negro.

A Eve Bennett cai assim que a atinjo com a frigideira.

É pesada, e eu dei-lhe uma boa pancada. Fraqueja e desaba no chão, revirando os olhos na cabeça. Mesmo depois de lhe bater, continuo a sentir a raiva a percorrer-me as pontas dos dedos. Por isso bato-lhe outra vez.

E outra.

Após o terceiro impacto, fica muito quieta no chão. Olho para a base da frigideira, ainda coberta com os restos de uma refeição cozinhada na noite anterior. Agora, tem também sangue a cobrir a parte de baixo. Escorre da cabeça da professora Bennett para o chão da cozinha.

Oh, não!

Não era minha intenção fazer isto. Não vim a esta casa com a intenção de dar com uma frigideira na cabeça da minha professora de Matemática. Só queria *falar* com ela, mas depois ela começou a dizer todas aquelas coisas horríveis sobre o Nathaniel andar a mentir-me e a aproveitar-se de mim. Como foi capaz de dizer algo assim? Não fazia ideia do que estava a falar.

Uma coisa ficou clara: jamais me iria deixar ficar com o Nathaniel. Quer quisesse ou não, não queria que eu estivesse com ele.

Agacho-me junto à professora Bennett no chão. Não se mexe de todo. Olho-lhe para o rosto, tentando perceber se respira. Não me parece.

Oh, meu Deus! Não está a respirar.

Será que a matei?

Não queria matá-la. Juro que não. Sei que o Nathaniel disse que, se ela estivesse morta, poderíamos estar juntos e todos os nossos problemas se

resolveriam. Talvez, por uma fração de segundo, tenha pensado... Mas não realmente. A sério, nunca pensei em fazer-lhe mal. Mas estava a ter um momento de fúria. Precisava apenas que ela parasse de falar.

É como um *déjà vu* do que aconteceu com o meu pai. Só que isto é muito pior. Além disso, nessa altura, tinha o Hudson comigo para me ajudar. Agora, estou sozinha. Se descobrirem o que fiz, vou para a prisão – e não para a dos miúdos. Para uma prisão verdadeira para *adultos*, talvez para o resto da vida.

Só uma pessoa me pode ajudar.

Não tenho o número de telefone do Nathaniel. Ele não mo quis dar. Mesmo que o tivesse, provavelmente seria má ideia ligar-lhe do meu telemóvel. Nesse caso, a chamada ficaria registada, e a minha mãe tem acesso aos meus registos telefónicos. O telemóvel da professora Bennett está mesmo em cima da bancada da cozinha. Podia usar esse telemóvel para lhe ligar.

Recolho o telemóvel da bancada, mas, claro, está bloqueado. Parece desbloquear através da impressão digital, pelo que ergo delicadamente o dedo da professora Bennett para o sensor. Por milagre, o aparelho desbloqueia-se. Agora, tenho acesso a todo o seu telemóvel, incluindo a lista de contactos. O nome do Nathaniel está listado como um dos favoritos, o que me causa uma ligeira pontada no peito, mas não há tempo para isso. Primo-o sem hesitar.

Toca durante muito tempo, e começo a temer que ele não vá atender. Afinal, ela pô-lo na rua. Provavelmente, está zangado com ela. Mas então, quando tenho a certeza de que a chamada irá parar ao correio de voz, oiço a sua voz zangada.

– O que foi, Eve?

– Nathaniel? É a Addie.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Addie? Porque estás a ligar do telemóvel da Eve?

– Aconteceu uma coisa. – Engulo a bola de medo na base da minha garganta. O que fiz é inacreditavelmente horrível. Preciso que o Nathaniel me ajude a resolvê-lo. – Tens de vir para casa. Eu... acho que ela não está a respirar.

– Addie – arqueja ele. – Estás a falar de quê? O que aconteceu?

– Não foi culpa minha – digo eu, embargada. – Por favor, tens de vir...

Mais uma vez, faz-se um longo silêncio do outro lado da linha. Tenho a certeza de que ele me vai dizer que vai chamar a polícia, e não o culparia. Talvez precisemos de ligar ao 112. Não consigo perceber se ela está viva ou não, mas, seja como for, está gravemente ferida.

– Está bem – diz ele, por fim. – Vou já para aí.

Não sei onde é que ele estava, mas, menos de vinte minutos depois, ouço a fechadura da porta da frente a rodar. Passei o tempo todo sentada ao canto da cozinha, a apertar os joelhos contra o peito. De onde estou sentada, não consigo ver o rosto da professora Bennett, mas vejo os seus pés descalços. Não se mexeu desde que a atingi com aquela frigideira. Temo que esteja morta e temo ainda mais que, se deixar a divisão, ela possa ressuscitar como morta-viva.

Não posso acreditar que posso ter matado a professora Bennett. É muito pior do que o que aconteceu com o meu pai, porque isso foi um acidente, mas isto... bati-lhe com uma frigideira na cabeça três vezes. Isso não é nenhum acidente, e nenhum júri o entenderia como tal.

Além disso, enquanto o meu pai era um bêbedo imprestável, é-me mais difícil argumentar que a professora Bennett merecia isto. Não acho que fosse uma pessoa maravilhosa, mas, ao mesmo tempo, tinha as suas qualidades. Apesar de ter dificuldades em aprender a matéria nas aulas, conseguia perceber que era apaixonada pelo ensino.

E agora está morta.

Oh, meu Deus, está morta!

– Addie? – chama o Nathaniel.

– Aqui! – A minha voz sai num tom estrangulado. – Na cozinha...

A porta da cozinha abre-se, e o Nathaniel irrompe na divisão. Parece diferente de quando está na escola. Tirou a gravata, e tem os primeiros três botões da camisa desapertados e o cabelo desgrehado. Apesar de tudo, não posso deixar

de pensar em como parece sensual.

– Addie? – Olha para mim, enroscada numa bola no chão, a baloiçar ligeiramente. – O que...?

– Está além.

Atravessa a cozinha até onde o corpo da professora Bennett está caído. Levanto-me e sigo-o, mantendo-me a uma distância segura, mais atrás. Vejo o seu rosto ao avistá-la.

– Eve... – murmura. – Jesus! – exclama. – O que aconteceu?

– Eu... a modos que... – Não adianta mentir. Não a ele. – Bati-lhe na cabeça com uma frigideira.

As sobrancelhas do Nathaniel disparam-lhe até à linha do cabelo.

– Tu o *quê*?

– Estava a ameaçar dizer à diretora! – Limpo uma lágrima prestes a cair-me do olho direito. – Eu só... Não queria magoá-la, mas tinha de fazer alguma coisa.

Ajoelhando-se junto ao corpo, o Nathaniel põe-lhe uma mão no peito para ver se respira. Esperava que parecesse triste ou em pânico ou *qualquer coisa*, mas o seu rosto está completamente impávido.

– Não lhe sinto movimento no peito – diz ele.

Não me surpreende, mas, mesmo assim, cai-me o coração aos pés. Se estivesse apenas ferida, podíamos levá-la ao hospital. Talvez ficasse bem. Mas se não respira...

– Onde está o telemóvel dela? – pergunta ele.

Passei o tempo todo com ele na mão. Estendo-lho, com o ecrã ainda desbloqueado. Utilizei o reconhecimento de rosto para desativar o ecrã de bloqueio.

O Nathaniel arranca-me o telemóvel da mão e começa imediatamente a mexer-lhe. Os seus olhos fitam o ecrã atentamente.

– O que estás a fazer? – pergunto eu.

– Ela disse que tinha fotos. – Os seus dedos param, e um ligeiro sorriso ilumina-lhe o rosto. Espeta o dedo no ecrã. – Mas já não tem.

Aparentemente, o Nathaniel livrou-se de quaisquer fotos incriminatórias de

nós. Ainda assim, ter um caso com o meu professor não é nada em comparação com o crime muito maior de matar a minha professora. Olho para a professora Bennett, com o pânico a crescer-me no peito.

– O que vamos fazer? – murmuro.

– Vai correr tudo bem – diz ele, com firmeza. Ao ouvi-lo dizê-lo, começo a pensar que talvez seja verdade. – Mas temos de cobrir o nosso rasto.

– Cobrir o nosso rasto?

Os seus olhos castanhos continuam fixos no corpo da mulher.

– Vou comprar um bilhete para Nova Iorque usando o telemóvel dela. A família vive em Nova Jérсия, por isso vou dizer que tencionava visitá-los. Levamos o carro dela até à estação dos comboios suburbanos e deixamo-lo lá.

– Mas... – Não consigo olhar para a professora Bennett. É demasiado horrível. – Então, e *ela*?

– Enterramo-la onde ninguém a encontre.

Há uma frieza na sua voz que me surpreende. É a mulher dele, por amor de Deus. A dada altura, amou-a o suficiente para casar com ela, mas agora está a falar de enterrar o seu cadáver.

– Eu... não sei – gaguejo.

Lança-me um olhar contundente.

– Porque não?

– Porque... não... Não está certo...

– Tudo bem, certo. – Passa as mãos pelo cabelo já desgrelhado. – Vamos chamar a polícia e contar o que fizeste e porquê. Depois, vemo-nos daqui a vinte e cinco anos a perpétua.

Tem razão. A verdade é mais condenatória do que qualquer outra coisa.

O Nathaniel não espera que responda.

– Preciso que vás lá acima – diz ele. – No armário da roupa de cama, encontrarás alguns lençóis lavados. Traz um deles para a embrulharmos.

Não quero fazê-lo. Não quero tomar parte nisto. Mas ele está a fazer isto para me ajudar, para me manter fora da prisão, de modo a podermos ficar juntos, como sempre quisemos.

Farei tudo o que ele disser.

Acordo a sentir-me absolutamente confusa. Em primeiro lugar, não estou na minha cama, como habitualmente ao acordar. Estou esparramada numa superfície dura que não tardo a reconhecer como o chão da minha cozinha.

A próxima coisa de que tomo consciência é de uma dor latejante do lado direito da minha cabeça. É como se alguém me tivesse batido na cabeça com um tijolo. Várias vezes. Levo a mão ao couro cabeludo e sinto o cabelo molhado e viscoso. Ao retirar os dedos, vejo sangue.

Finalmente, apercebo-me da presença do meu marido. Estou deitada no chão, e ele ergue-se sobre mim. Tem o meu telemóvel na mão direita e está a mexer no ecrã.

O que está ele a fazer? Porque estou estendida no chão?

E o que faz o Nate com o meu telemóvel?

Tento sentar-me, mas sinto a cabeça à roda. Por um momento, parece que vou vomitar, mas a sensação passa. O chão está tão frio por baixo de mim. Oxalá estivesse na minha cama. O que se passa?

– Nate? – crocito.

As pestanas do meu marido tremulam de surpresa. Deve ter voltado para vir buscar qualquer coisa e encontrou-me inconsciente no chão da cozinha.

– Eve?

– O que...? – Tenho a garganta ressequida. Mais uma vez, sinto uma vaga de tonturas avassaladora. – O que aconteceu?

O Nate não responde nem me tenta ajudar a levantar. Limita-se a fitar-me.

O que se passa aqui? Porque haveria ele de...?

Esperem.

Surge-me um lampejo de uma conversa que tive com o Nate ao início da noite. «*Quero o divórcio.*» Disse-lhe estas palavras. Disse ao meu marido que queria que ele saísse de casa. Porque haveria de dizer tal coisa?

E então, enquanto estou estendida no chão frio da cozinha, começo a lembrar-me. A reunião com a Higgins, encontrar a Addie e o Nate aos beijos na sala de aula, o ultimato, seguido da saída do Nate de casa e, por último, a Addie a invadir a minha casa. Fui tentar fazê-la ver a razão, e então...

Ela acertou-me! A rapariga deu-me com uma frigideira em cheio na cabeça!

E agora estou confusa. Disse ao Nate para sair de casa, e ele saiu. Mas, neste momento, está em cima de mim, com o meu telemóvel na mão. Há quanto tempo estou caída no chão da cozinha? Tenho a certeza de que não o convidei a regressar.

– Dá-me o meu telemóvel – crocito.

Mais uma vez, ele não me responde. Continua apenas a fitar-me com uma expressão sombria no rosto.

– Eu... preciso que tu... – A minha cabeça lateja a cada palavra. Meu Deus, a Addie atingiu-me com muita força. – Liga para o 112.

Ele semicerra os olhos.

– Lembras-te do que aconteceu?

Volto a tentar sentar-me, mas, desta vez, uma pontada incisiva de dor na têmpora prega-me ao chão.

– A Addie... ela... bateu-me com uma frigideira.

– Tens a certeza?

– Sim. – A minha cabeça desanuvia um pouco. Faço outra tentativa de me sentar, desta vez com sucesso. – Nate, essa... essa rapariga é *muito* perturbada. Temos de falar com a Higgins sobre ela.

– Fácil para ti dizer isso. – Esboça-me um sorriso escarninho. Por um momento, é difícil lembrar-me do porquê de alguma vez o ter amado. – Não destruirá a *tua* vida falar com ela.

Dói-me demasiado a cabeça para ter esta discussão com ele.

– Lamento.

– Céus, és impiedosa. – Abana a cabeça. – O que tenho de fazer, Eve? Queres que te implore? – Põe-se de joelhos junto ao sítio no chão onde estou sentada. – Por favor, Eve. *Imploro-te*. Não fales disto à Higgins.

– Nate – gemo.

– Por favor. Não faças isso.

– Não tenho opção, Nate. É o mais correto a fazer.

– Não tens opção. – A sua voz é trocista, e as suas belas feições torcem-se de raiva. – É claro que tens opção. *Gostas* da ideia de me destruir. Aposto que te excita.

É como se tivesse um picador de gelo a apunhalar-me a cabeça. Não posso ter esta conversa agora.

– Podemos falar sobre isto mais tarde? – Agarro-me à lateral da cabeça, apertando o couro cabeludo dorido. – Tens de chamar uma ambulância. Ela bateu-me mesmo com força.

Os olhos do Nate estão vidrados. Olha para o chão, com uma expressão aturdida no rosto.

– Não.

– Não? O que quer isso dizer?

– Quer dizer... – Ergue os olhos para me fitar. – Quer dizer que não vou deixar que destruas a minha vida.

Não entendo o que quer dizer com isso; pelo menos, não até as suas mãos se fecharem à volta do meu pescoço.

– Não vais falar a ninguém sobre isto, Eve – rosna ele. – Não vou deixar.

O seu aperto intensifica-se à volta do meu pescoço, e deixo de conseguir respirar. É como se os meus olhos me estivessem a saltar das órbitas, e vejo pontos negros dançar na minha visão. Arranho-lhe as mãos desesperadamente, mas o Nate é muito mais forte do que eu, sobretudo porque ainda agora estive inconsciente.

Os cinco segundos seguintes parecem durar uma eternidade, enquanto me apercebo de que o meu marido tem toda a intenção de me estrangular. Fará tudo para me impedir de arruinar a sua reputação – até isto.

A minha visão esmorece aos poucos. Estou a morrer. Este homem está a matar-me, aqui e agora. Não posso sequer sorver um último fôlego antes da morte, pois está a esmagar-me a traqueia. Enquanto morro, pergunto-me quem se importará por eu ter partido. Os meus pais, que já mal me falam sem ser nas festas, não o farão. O Jay talvez se importe, ainda que, a um certo nível, também fique aliviado.

O meu marido, que é quem me está a tirar a vida, de certeza que não. É dele o último rosto que vejo antes de morrer.

E scolho um lençol azul-marinho para embrulhar a mulher que matei. Têm maioritariamente lençóis brancos e creme, por isso tenho de procurar um de uma cor mais escura. O cabelo dela está coberto de sangue, que atravessará os lençóis brancos, portanto azul-marinho é uma aposta mais segura.

Enquanto desço os degraus com o lençol azul-marinho pendurado do braço, sinto uma vertigem. Não posso crer que tudo isto está a acontecer. Não posso acreditar que a professora Bennett está morta na cozinha, e é tudo culpa minha. De cada vez que penso nisso, o meu corpo começa a tremer.

Graças a Deus que o Nathaniel é calmo o suficiente para saber o que fazer. É óbvio que tem razão. Chamar a polícia não ia correr bem para o meu lado.

Entro na cozinha, esperando encontrar tudo tal como deixei. Só que, em vez de a professora Bennett estar no chão com o Nathaniel a erguer-se sobre ela, ele está agachado ao seu lado e tem os ombros a tremer.

– Nathaniel? – digo. – Estás bem?

Por um segundo, é como se ele nem me ouvisse. Então, vira-se e vejo que tem os olhos ligeiramente húmidos. Terá estado a chorar? Parece mais abalado do que quando saí da divisão, mas suponho que faz sentido. Provavelmente, só agora percebeu que a mulher está morta. E, mesmo depois de tudo o que ela fez, devia importar-se com ela, a algum nível.

Após o que parece um silêncio interminável, volta a pôr-se de pé.

– Estou bem. Vamos a isto.

Ótimo.

O passo seguinte é embrulhar a professora Bennett no lençol, o que significa que tenho de me aproximar do cadáver, mas que quase me dá vontade de vomitar. Tenho de fazer isto. Se não o fizer, passarei o resto da minha vida na prisão. Além disso, dizer a verdade não a vai trazer de volta à vida.

Por isso, inspiro longamente e junto-me ao Nathaniel ao lado do corpo da mulher. O mais estranho é que parece estar num local ligeiramente diferente de onde estava antes. Pensava que estava mais perto da ilha da cozinha.

– Mudaste-a de sítio? – pergunto.

Ele assente.

– Pensei que seria mais fácil embrulhá-la aqui.

Pensou em tudo.

Agacho-me junto à professora Bennett, com o coração a palpitar. As suas feições estão frouxas, e os seus lábios tingidos de azul. Tem sangue empastado no cabelo castanho e a sua volta, a manchar o chão da cozinha. Reparo noutra coisa:

Tem marcas vermelho-escuras no pescoço.

Por um momento, fico a olhar para elas. Cheguei-me bem perto da professora Bennett quando estava a ver se estava viva e tenho quase a certeza de que aquelas marcas não estavam ali antes. Teria reparado, tenho a certeza.

– O que é aquilo no pescoço dela? – pergunto, de repente.

O Nathaniel baixa os olhos enquanto estuda as marcas vermelhas. Franze o cenho.

– Sei lá, quem sabe?

– Não estavam lá antes, pois não?

Ele arranca-me os lençóis das mãos e começa a desdobrá-los.

– Estavam, sim.

Estavam? Mordo o lábio inferior, incapaz de desviar os olhos das marcas vermelhas furiosas. Quase parecem ter a forma de... dedos.

Que estranho.

– Ei – grita-me o Nathaniel. Tem o lençol desdobrado e alinhado junto ao cadáver da professora Bennett. – Vais ajudar-me com isto ou não?

Subitamente, sinto a cabeça à roda. Vamos mesmo fazer isto? Vamos livrar-

nos do cadáver da professora Bennett e encobrir tudo? Não me parece o mais correto a fazer.

– Acho... – digo baixinho, voltando a pôr-me de pé. – Devía-mos chamar a polícia.

O Nathaniel também se levanta, seguindo-me, enquanto me apresso a atravessar a cozinha, tentando afastar-me o máximo possível do cadáver. Estou quase a regressar à sala de estar, quando ele me alcança e agarra no braço.

– Addie – diz, bruscamente.

Nem consigo olhar para ele. Porque *quer* sequer estar comigo depois do que eu fiz? Tenho de me entregar. Já matei duas pessoas. Sou um *perigo*.

– Addie. – Desta vez, o seu tom é mais suave. – Addie, por favor, olha para mim.

Relutantemente, viro-me. O Nathaniel olha-me fixamente, com um sulco profundo entre as sobrancelhas.

– Estou a fazer isto por ti – diz ele.

– Não tens de o fazer.

– Addie, tens de saber... – O seu aperto no meu braço afrouxa. – A Eve não era uma pessoa de bem. Não era boa pessoa. Ter-nos-ia destruído a ambos antes de nos permitir estar juntos. E ter-se-ia *rido* disso.

Treme-me o lábio inferior.

– Não sabes.

– Sei, sim – insiste ele. – De certeza que te provocou a seja o que for que fizeste... e agora vais passar o resto da vida na prisão por isso! Não posso deixar que isso aconteça.

Tenho um nó na garganta que me impede de falar.

Estendendo a mão, ele bate-me com o dedo no queixo, erguendo-me o rosto para o fitar.

– Eu jamais deixaria que ela te magoasse. Jamais deixaria que alguém te magoasse, Addie. Sabes disso, certo?

– Sei – consigo, finalmente, responder.

Ele inclina-se para mim e encosta os lábios aos meus. Pela primeira vez, não sinto qualquer formigueiro ou excitação quando ele me beija. Só uma sensação

negra e terrível no estômago.

– Não deixarei que te metam na prisão – diz ele, firmemente. – Podemos fazer com que isto desapareça, e depois podemos ficar juntos. Mas temos de lidar com isto da forma certa. Achas que consegues fazer isso, Addie?

– Sim – crocito.

– Linda menina. – Percorre-me a curva do maxilar com a ponta do dedo. – Minha doce Adeline. Vamos ser tão felizes juntos. Tenho tanta sorte em ter-te encontrado.

Mudamente, anuo.

– Lembra-te – diz ele. – Se e quando a polícia aparecer, nega tudo.

Farei tudo o que ele pedir. E, quando acabar, poderemos finalmente ficar juntos.

SEGUNDA PARTE

Nunca tinha matado ninguém. Nunca pensei que o faria. Não sou um maníaco homicida, mas os escritores sentem as emoções de forma muito mais forte do que a população em geral, pelo que sempre imaginei que, nas circunstâncias certas, pudesse ter em mim a capacidade de o fazer. A maior parte das vezes, os escritores cometem violências contra si mesmos – suicídios. Ernest Hemingway matou-se com um tiro, Virginia Woolf afogou-se, e David Foster Wallace enforcou-se, só para citar alguns exemplos notáveis.

Curiosamente, nunca contemplei o suicídio. Mesmo enquanto a Eve ameaçava o meu sustento, nunca tal ideia me passou pela cabeça. Não acredito na vida depois da morte. A minha convicção é que quando estamos mortos, estamos mortos. E não há nada depois da morte; nada a não ser um abismo após o qual não há retorno.

Imagino que morrer seja como estar no limiar desse abismo, sabendo que vamos cair a qualquer segundo. É o meu maior medo, a seguir às cobras.

Enquanto tirava a vida à minha mulher, vi-lhe esse medo nos olhos. Vi-a à beira do abismo, transida de medo de cair.

Só se pode culpar a si mesma.

E agora o seu cadáver está embrulhado num lençol na minha bagageira. Foi a Eve que comprou estes lençóis. Lembro-me de lhe dizer o quando detestava azul-marinho. Faria ela alguma ideia de que os lençóis acabariam por cobrir o seu cadáver? Duvido. O que mais me dá satisfação é o facto de ter os pés descalços.

A minha mulher tinha uma obsessão doentia por sapatos, por isso passar a eternidade descalça parece-me um castigo adequado pelos crimes que cometeu.

Se a polícia me mandasse encostar, a capa do lençol azul-marinho não duraria muito, mas, felizmente, tenho planos para o futuro próximo. Limpámos o sangue do chão da cozinha antes de sairmos de casa, e a Addie mostrou-se paranoica em garantir que não deixávamos nada para trás. *Sai, mancha maldita! Sai, digo eu!*, pensei para comigo, enquanto ela esfregava obsessivamente. Duvido que ela percebesse a referência a Shakespeare – já mal ensinam as suas obras às crianças. Podia tentar fazê-lo, mas já estou a dar Poe. Não podem esperar que seja eu a fazer tudo.

A Addie conduz o carro atrás de mim. O *Kia* da Eve. Nem sequer tem carta de condução, só uma licença de aprendizagem, mas temos de correr este risco. Temos de levar o carro da Eve para a estação dos comboios suburbanos. Usei o telemóvel dela para comprar um bilhete da *Amtrak* com saída por volta da meia-noite da South Station e chegada à Penn Station quatro horas depois. Sei que nada disto vai resistir ao escrutínio, mas será uma história adequada até mais informação vir à tona.

Mantenho a velocidade mesmo abaixo do limite. A Addie segue-me à distância de cerca de dois carros. Imagino-a a apertar o volante com as mãos na posição de nove e três horas, com o pé direito a alternar entre o travão e o acelerador. Mesmo agora, com o cadáver da minha mulher na bagageira do carro, sinto-me excitado ao pensar na Addie. É mesmo uma pena.

Se conseguirmos chegar à estação dos comboios suburbanos, estaremos safos.

Ou, pelo menos, eu estarei.

Como esperado, a estação está quase vazia. A Addie guia suavemente o *Kia* para um dos lugares de estacionamento ao ar livre. Mantenho-me totalmente fora do parque, para o caso de haver câmaras. Espero que ela saia do carro, e depois vejo-a correr para o meu *Accord*, apertando o casaco acolchoado contra o peito.

Por um momento, pondero deixá-la simplesmente aqui. Mas não. Vou precisar dela para a próxima parte.

As faces da Addie estão intensamente rosadas do frio, quando entra para o

lugar do passageiro. As suas pestanas tremulam ao olhar para mim, expectante, e, por um instante, domina-me uma profunda tristeza por esta ser a última vez que estaremos juntos. É tudo culpa da Eve. Porque não pôde deixar as coisas em paz? Sempre fui um marido perfeitamente satisfatório. Não era um bêbedo, como o pai da Addie. Não lhe gritava ou batia nem gastava as nossas poupanças no jogo. Na verdade, mereço uma medalha por ter aturado as suas neuroses durante tanto tempo.

Teve a audácia de ameaçar o meu sustento. A minha *carreira*. Tudo o que senti enquanto apertava os dedos à volta do seu pescoço foi uma profunda sensação de alívio.

– Muito bem – diz a Addie, em voz baixa. – Está feito.

Continua a achar que foi ela que matou a Eve. Se lhe dissesse que a Lua era feita de queijo verde, ela acreditava.

– Excelente – digo. – Agora, temos de nos livrar do cadáver.

O seu rosto redondo fica verde.

– Livrar do...

– Vamos enterrá-la – esclareço. – Como uma espécie de funeral.

– Oh! – A Addie olha para as mãos. – Está bem.

Não tenho um local exato em mente, mas conheço a zona em geral. Há um longo troço de estrada deserta que leva a um campo de abóboras a que costumava ir em criança. Porém, o campo de abóboras está coberto de vegetação, e estamos em novembro, pelo que quem for em busca de abóboras ficará desiludido. Julgo que consigo localizar a estrada, que servirá de sepultura à minha mulher, enquanto cai no abismo por toda a eternidade.

Estamos num campo de abóboras. Ou, pelo menos, costumava ser um campo de abóboras, há muitos anos, quando o Nathaniel era criança. O cartaz que anuncia abóboras disponíveis para colheita está infestado de ervas daninhas e coberto por uma boa camada de pó e sujidade. Não sei quando foi a última vez que alguém cá veio colher uma abóbora, mas terá sido há muitos, muitos anos.

O Nate estacionou o *Honda* a cerca de oitocentos metros, onde a estrada se tornava demasiado difícil para continuar a conduzir. Abriu a bagageira e deu-me duas pás para carregar; em seguida, içou o corpo da mulher para os braços. Passou os últimos quinze minutos a transportá-la, o que me faz perguntar se os cadáveres são mais pesados ou mais leves do que os corpos vivos.

Imagino que este campo possa ter contido, em tempos, montes de abóboras laranja roliças. As abóboras que agora restam estão esmagadas e a apodrecer – parcialmente comidas por animais. Um dos meus sapatos chia ao pisar as entranhas de uma das abóboras, fazendo-me estremecer. Quando chegar a casa, terei de arranjar uma forma de os limpar, pois neste momento estão cobertos de terra, abóbora viscosa e provavelmente algum do sangue da professora Bennett.

– Que tal aqui? – diz o Nathaniel, pontapeando um retalho de terra.

Devido ao inverno que se avizinha, o solo endureceu, mas parece ligeiramente mais mole neste sítio. Acho eu.

Sem esperar por uma resposta, o Nathaniel deposita o corpo da mulher no chão. Quando estende a mão, dou-lhe uma das duas pás. Crava a pá no solo e solta um ligeiro grunhido, e a terra cede. Após tirar três pazadas de terra, ergue

os olhos para mim.

– Estás à espera de quê? – pergunta. – Trouxe duas pás por alguma razão.

Olho para a pá na minha mão, hesitando. Não quero fazer isto. Não quero cavar a sepultura da minha professora de Matemática. Só quero ir para casa. Porque não fiquei simplesmente em casa esta noite? Podia estar confortável na minha cama, a ler um livro de poesia.

– Tenho frio – digo. Parece uma desculpa tão boa como qualquer outra.

– Cavar vai ajudar-te a aquecer. – Tira o gorro preto para demonstrar o quanto está quente. – Vá lá. Não quero passar aqui a noite inteira.

Fita-me como se não tivesse opção. Pego na pá e espeto-a na terra. Como seria de esperar, é como se estivesse a escavar uma rocha, e o solo mal cede. Mas o Nathaniel continua a observar-me, por isso volto a tentar. À segunda vez, sou mais bem-sucedida, e à terceira ainda mais. Ao tirar a terra e atirá-la para o lado, tenho o cuidado de evitar o corpo embrulhado no lençol azul-marinho.

– Ora aí está – diz ele. – Agora, vamos fazer isto depressa. Não queremos estar a escavar quando o sol nascer.

Não sei ao certo quando nasce o sol, mas mal passa da meia-noite. A ideia de passarmos as próximas seis ou sete horas a cavar é nada menos que horripilante. É quanto basta para acelerar o meu ritmo.

Passamos os noventa minutos seguintes, mais ou menos, a cavar sobretudo em silêncio. Uma vez ultrapassada a primeira camada de terra, torna-se muito mais fácil, e começamos a fazer bons progressos. Não tarda a termos um buraco na terra de cerca de dois metros de comprimento por sessenta centímetros de largura e sessenta centímetros de profundidade. Descemos os dois para o buraco, ao atingirmos a marca dos trinta centímetros. Parece um pouco que estamos a cavar a nossa própria sepultura.

O Nathaniel para e limpa o suor da testa. Apesar da temperatura gélida, tirámos ambos o casaco há cerca de uma hora.

– Muito bem – diz ele. – Deita-te.

Olho para ele como se tivesse enlouquecido.

– O quê?

– Temos de garantir que o buraco tem o tamanho certo – explica ele,

impaciente. – Por isso, tens de te deitar para podermos medi-lo. És mais ou menos do tamanho dela.

– Não quero fazer isso – digo, em voz ténue.

O Nathaniel atira a pá para o chão.

– Tenho de discutir contigo para te convencer a fazer tudo?

Há uma expressão sombria nos seus olhos que me é desconhecida. Pensava que o entendia melhor do que ninguém no mundo. Pensava que era a sua alma gémea. Mas começa a tornar-se claro para mim que há um lado do Nathaniel que não conheço.

– O que eram aquelas marcas vermelhas no pescoço dela? – pergunto-lhe, pela segunda vez, agora com mais urgência.

– O quê? – diz ele.

Uma rajada de vento silva ao passar-me pelos ouvidos e faz-me estremecer.

– Aquelas marcas vermelhas no pescoço dela. Tenho a certeza de que não estavam lá antes. Quase pareciam dedos...

O Nathaniel fita-me, com o corpo rígido.

– O que estás a dizer?

– Nada. Eu só...

– Estás a sugerir que sou responsável pelas marcas no pescoço dela? – pergunta ele, pestanejando.

Abro a boca, mas o único som que sai é um guincho ténue.

– Estás a sugerir que ela não estava morta quando saíste da cozinha? – prossegue ele, com a voz muito mais baixa. – E que acordou enquanto estavas no andar de cima e ameaçou arruinar-me? – Baixa ainda mais a voz, até ser quase um silvo. – Pelo que não tive escolha a não ser estrangulá-la até à morte... com as minhas próprias mãos?

Nem consigo respirar enquanto ele me fita, com os olhos castanhos, normalmente dóceis, muito escuros, ao ténue luar que ilumina o interior da sepultura. Olhamo-nos na névoa do campo gélido de abóboras pelo que parece uma eternidade e meia.

A forma como disse as palavras causa-me um arrepio horrível na espinha. *«Não tive escolha a não ser estrangulá-la até à morte com as minhas próprias mãos.»* Parece

tão real, como se o dissesse a sério.

E então ocorre-me outro pensamento terrível.

Se o Nathaniel tiver realmente matado a mulher, eu sou a única pessoa que sabe exatamente o que aconteceu esta noite. Conta que uma rapariga adolescente não diga tudo à polícia. Viemos para aqui juntos, no seu carro, e enviei uma mensagem à minha mãe há meia hora, a dizer que estava prestes a ir para a cama e que estava tudo bem. Ninguém sabe que estou aqui com ele.

Em muitos aspetos, matar-me agora mesmo seria o mais inteligente a fazer.

– Nate – sussurro. – Por favor...

Os seus olhos parecem buracos negros.

– Por favor, o quê?

Imagino-o a apertar os dedos sobre o pescoço da mulher, tirando-lhe o ar.

– Por favor, não...

Fraquejam-me os joelhos, e temo que possam ceder. Tenho medo de *respirar*. Na verdade, tenho ainda mais medo de fazer chichi nas calças. Mas então, quando não aguento nem mais um segundo, o Nate abana a cabeça e avança para a luz de um raio de luar, e os seus olhos voltam a parecer normais.

– Para de ser ridícula, Addie – diz ele. – Sabes que não fui eu que a matei. Foste *tu*.

Engulo em seco.

– Oh!

– Jesus, para de dar asas à imaginação.

– Desculpa – murmuro.

Enquanto o meu coração palpitante regressa lentamente a um ritmo normal, tento dizer a mim mesma que ele tem razão. Estou mesmo a imaginar coisas. O Nathaniel não ia estrangular a mulher até à morte. Seria *incapaz*.

Se o fizesse – se aquelas marcas de dedos lhe pertencessem –, de certeza que teria uma boa razão. Se o fizesse, seria para me proteger. Para *nos* proteger. Confio nele.

Ou acho que sim, pelo menos.

Olha para a terra, como que a contemplar o próximo passo. Não quero deitar-me na sepultura – não quero mesmo. Finalmente, encolhe um dos ombros.

– Tudo bem. De certeza que o buraco é grande que chegue.

Oh, graças a Deus!

– Ei, escuta – diz ele. – Acabei de me lembrar de que não tirei a mala dela da bagageira. Provavelmente, seria melhor se a deitássemos aqui com ela. Podemos desligar o telemóvel.

– Certo.

Olha para o relógio.

– Deixa-me ir buscá-la. Volto já.

– Vou contigo.

O Nathaniel olha para mim como se eu fosse estúpida.

– Addie, tens de continuar a cavar. Temos de fazer isto. Já te disse, volto já.

Não quero ficar sozinha neste cemitério de abóboras estúpido. Mas é óbvio pela expressão do Nathaniel que não me vai deixar acompanhá-lo. E tem uma certa razão. Tenho de continuar a cavar.

– Volta depressa – digo.

– Prometo que sim. – Lança-me um olhar longo. – Lembra-te, independentemente do que mais aconteça, nega tudo.

Com essas palavras de sabedoria, sai do buraco. Apanha o casaco do chão onde o abandonou e volta a enfiá-lo. Fico a vê-lo afastar-se, até o som das botas a esmagar as folhas desaparecer no vento.

Uma hora. Passou uma hora. Juntei mais trinta centímetros de profundidade à nossa campinha improvisada, mas o Nathaniel ainda não voltou. Nunca demoraria uma hora inteira a regressar ao carro e depois a voltar ao campo de abóboras.

Portanto, onde está ele?

– Nathaniel? – chamo.

Não quero começar a gritar o seu nome, mas preciso de o encontrar. Em primeiro lugar, é a minha boleia para casa. E, em segundo, onde raios se meteu? Não eram mais de quinze minutos de caminhada até ao carro.

Será possível que tenha entrado no carro e simplesmente partido?

Não, não é possível. O Nathaniel não me faria isso. Não se limitaria a abandonar-me.

Saio do buraco, com o joelho das minhas calças de ganga a esmagar uma abóbora apodrecida. Talvez o buraco seja grande o suficiente, mas não tenho a certeza. Presumi que o Nathaniel me diria.

– Nathaniel! – volto a chamar.

A minha voz ecoa pelos bosques.

Não obtenho resposta.

Quero procurá-lo, mas estou tão desorientada, que nem sei que direção seguir. Se deixar este sítio, não tenho a certeza se o consigo voltar a encontrar.

O corpo da Eve Bennett continua embrulhado naquele lençol azul-marinho. Se o Nathaniel não está aqui, tenho de a pôr lá dentro. Afinal, é por isso que estamos a fazer isto.

Agacho-me junto ao corpo. Não lhe quero tocar. Sei que é estúpido, que a *morte* não é contagiosa. Quando deixei o meu pai estendido ao fundo das escadas, também não lhe quis tocar. Foi o Hudson que verificou se ainda respirava.

Vá lá, Addie. Tens de fazer isto.

Respiro fundo e viro-a. O corpo continua muito mole, como uma boneca de trapos. Ouvi dizer que os cadáveres acabam por ficar rígidos, mas isso ainda não lhe aconteceu. Viro-a outras duas vezes até ficar à beira da campa que cavámos. Tem o tamanho perfeito. Por isso, empurro-a lá para dentro.

O corpo cai na sepultura com um forte baque. Ao cair, algo sai dos lençóis. Volto a descer à cova para ver o que é e fico horrorizada ao perceber que é a mala da professora Bennett.

Afinal, não a deixámos na bagageira.

Não percebo. O Nathaniel disse que a mala tinha ficado para trás, na bagageira, mas é óbvio que não ficou. Estaria enganado? Ou a mentir-me?

Tenho de o encontrar. Não posso continuar a fazer isto sozinha.

Largo a mala na sepultura. Não quero fazer mais nada sem encontrar o Nathaniel, mas não posso deixar o buraco assim. Não posso sair daqui e deixar uma sepultura aberta com um cadáver, muito menos se houver a possibilidade de não conseguir encontrar o caminho de volta para aqui.

Por isso, volto a sair da sepultura. Pego na pá e empurro o máximo de terra possível para dentro do buraco. Cubro o cadáver com uma boa camada de terra. Parece-me mais do que suficiente para manter os animais afastados, mas não deixa de ser possível que alguém o possa encontrar – isto é, se andasse alguém a vaguear por este sítio onde ninguém vem.

As folhas caíram das árvores recentemente, por isso estão pilhas por todo o lado. Em vez de me incomodar com a terra, uso a pá para atirar o máximo possível de folhas para dentro do buraco. Continuo até ficar completamente cheio.

Pronto. A cova está completamente invisível a trinta centímetros de distância.

Com isso tratado, volto a sair do campo de abóboras, seguindo o marco do letreiro da entrada. Tenho a certeza de que virámos à esquerda ao entrar no

campo, o que significa que, para regressar, devia virar à direita. Certo?

Caramba, oxalá fosse melhor a matemática.

Aos tropeções, sigo o caminho, cheio de pedras e folhas escorregadias. Lembro-me de que atravessámos uma clareira, mas não sei se estou no caminho certo. É perfeitamente possível que me esteja apenas a embrenhar mais nos bosques. Ao fim de alguns minutos, as minhas sapatilhas não passam de uma trapalhada ensopada e lamacenta.

– Nathaniel? – volto a chamar.

Não obtenho resposta. Por amor de Deus, onde está ele?

Estou a andar há cerca de vinte minutos, e continua a não haver sinal dele. Não o encontrei a vaguear, não vi o seu cadáver a ser devorado por esquilos – não está em lado nenhum. Começo a entrar em pânico, mas depois baixo os olhos e vejo algo familiar gravado na terra:

Marcas de pneus.

O carro esteve *aqui*. *Ele* esteve aqui. Conseguiu regressar ao carro, arrancar e partir. Mas porque haveria de fazer isso? Deve tê-lo feito por alguma razão, mas não consigo sequer imaginar qual terá sido. Ao menos, posso encontrar o caminho de volta.

Sigo as marcas de pneus por mais quilómetro e meio. São três da manhã. Ao chegar de novo à estrada principal, encontro-a completamente deserta. Não há sequer outro carro a que possa pedir boleia. Não que queira fazê-lo. Quando descobrirem que a professora Bennett desapareceu, não será bom se alguém disser que me viu aqui às três da manhã. Seria extremamente incriminatório.

Tiro o telemóvel do bolso. Pelo menos, já tenho rede outra vez. Mas o que posso fazer? Não posso propriamente chamar um *Uber* para casa a partir daqui nem posso, com certeza, ligar à minha mãe e explicar-lhe que estou no meio do nada e preciso de boleia para casa. É suposto já estar em casa, a dormir, na minha cama.

Abro o *Snapflash* e envio uma mensagem ao Nathaniel:

Eu: Onde estás? Tenho de ir para casa.

Olho para o ecrã, à espera de que ele responda e me explique porque me deixou no meio do nada. Mas não há resposta. O que quer que tenha feito, e

qualquer que tenha sido a razão para o fazer, não me responde. E não tenho o seu número de telemóvel.

O que significa que só há literalmente uma pessoa em todo o mundo a quem posso ligar neste momento.

O Hudson.

Já partilhamos um segredo terrível. O que é mais um?

Hesito, tentando decidir se o devo acordar às três da manhã. Odeio fazer-lhe isso, mas é sexta-feira à noite. Pode dormir até tarde amanhã.

Espero bem que não tenha o telemóvel em modo *não incomodar*.

Seleciono o seu nome dos meus contactos. Ainda está listado nos favoritos, apesar de já não lhe ligar há quase um ano. Pergunto-me se ainda estou na sua lista. Talvez me tenha bloqueado por completo. Talvez lhe esteja a ligar em vão.

De facto, o telemóvel toca, toca e toca, mas ninguém atende.

Fantástico.

Bem, e é basicamente isto. Não há mais ninguém a quem possa ligar. O Hudson era a minha única tábua de salvação, mas, por alguma razão, não atende. Terei de encontrar uma forma de regressar a casa sozinha.

Quando estou a sentar-me na estrada, prestes a desatar a chorar, o meu telemóvel começa a tocar. O Nathaniel! Sabia que não me ia falhar. Sabia que não me ia simplesmente abandonar aqui.

Mas então surpreendo-me. Não é o nome do Nathaniel que vejo no ecrã. É o do Hudson.

– Addie? – chama, soando cansado e confuso. – Tu... acabaste de me ligar?

– Sim. – Aperto o telemóvel com tanta força, que temo que possa quebrar. – Eu... preciso da tua ajuda.

– São três da manhã – salienta ele, inutilmente.

– Eu sei.

Solta um longo bocejo.

– Do que precisas às três da manhã?

– Preciso que me venhas buscar.

– Hã, os meus pais não me vão deixar levar o carro às três da manhã. E só tenho a licença, pelo que tecnicamente nem posso conduzir.

– Eu sei.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Onde estás?

Consulto o GPS. Se não o tivesse, não faria a menor ideia de onde estou. Recito-lhe a morada. Consigo perceber que está a introduzi-la no telemóvel e oiço-o a praguejar baixinho.

– Addie, vou demorar quase uma hora a chegar aí.

– Eu sei.

Sustenho a respiração, esperando para ver o que ele irá decidir. Eu e o Hudson já não somos amigos. A namorada dele parece desprezar-me. E, se for apanhado a escapulir-se de casa com o carro a meio da noite, ficará de castigo, tipo, para sempre. Tem cerca de um milhão de razões para recusar. E, no entanto...

– Estou a caminho – diz ele.

Chega em quarenta e oito minutos. Não deve ter vindo a acelerar, pois, se o mandassem encostar, é provável que lhe tirassem a licença. Mas, conhecendo o Hudson, veio o mais rápido que se atreveu. Quando vejo o seu carro degradado parar à minha frente, quase choro de alívio.

Ao entrar para o lugar do passageiro ao lado do Hudson, vejo o quanto parece cansado. O seu cabelo louro-claro está todo despenteado e tem remelas nos olhos. Não é de admirar, tendo em conta que o tirei da cama.

– Muito obrigada – digo-lhe eu. – Devo... devo-te uma. – Ele lança-me um olhar. – *Mais* uma – apresso-me a acrescentar.

Os seus olhos descem pelo meu corpo, das mãos sujas e cheias de bolhas às calças de ganga enlameadas e finalmente às sapatilhas cobertas de bocados de abóbora. Não comenta. Limita-se a voltar para a estrada e a recomeçar a conduzir.

Fazemos os minutos seguintes em silêncio. O rádio está ligado e, por ser tão tarde, quase não há anúncios. Apoio a cabeça no encosto, deixando a música inundar-me.

– Então – diz o Hudson. – O que foi isto?

– É... hã... uma longa história.

– Bem, vou passar a próxima hora a conduzir, por isso temos tempo.

Oxalá pudesse contar ao Hudson tudo o que aconteceu esta noite. Oxalá pudesse dizer-lhe, e ele entendesse e me dissesse exatamente o que fazer. Costumávamos ter esse tipo de amizade, em que ele faria absolutamente tudo

por mim. Mas depois fez mesmo absolutamente tudo por mim, e agora já nem sequer somos amigos.

– Tomei algumas decisões erradas – acabo por dizer.

– Certo...

Não posso dizer-lhe. Quero, mas não posso. Apesar de o Nathaniel me ter deixado aqui, não posso traí-lo.

Por isso, em vez de responder à sua pergunta, viro o rosto e olho pela janela. Não dizemos mais nada em toda a viagem. A dada altura, cerca de quinze minutos antes de chegarmos ao nosso destino, o telemóvel do Hudson vibra. Temo que os seus pais tenham descoberto que ele saiu e que esteja de castigo para toda a eternidade. Mas ele nem vê as mensagens. Estou ciente de como os seus olhos espreitam na minha direção nos sinais vermelhos, mas tento ignorá-lo. Para seu próprio bem, é melhor que não saiba. Se soubesse, de certeza que nunca mais me voltaria a falar. Para o resto das nossas vidas.

Ao chegarmos a minha casa, o Hudson vira-se para mim uma última vez. Os seus olhos azuis-claros parecem tristes.

– Ainda podes falar comigo, Addie, se precisares – diz ele.

Contenho um comentário sobre como é provável que a namorada não gostasse disso.

– Está bem.

Ele franze o sobrolho.

– A sério. Estou aqui para ti se precisares de mim. Desculpa ter sido um imbecil contigo o ano passado. O que aconteceu... mexeu-me mesmo com a cabeça durante algum tempo. Nem conseguia olhar para ti sem ver... bem, tu sabes.

Baixo a cabeça.

– Sim, eu sei.

– Mas... – Aperta as pernas sob as calças de ganga com os dedos longos. – Continuas a ser a minha melhor amiga, Addie.

Mais uma vez, sinto a compulsão de lhe contar tudo. Quero tanto fazê-lo. Mas ele ainda agora me perdoou, por isso não posso correr esse risco, ainda que preciso desesperadamente que me faça um outro favor.

– Preciso que faças uma outra coisa por mim – digo.

– Tudo.

Olho-o diretamente nos olhos.

– Não podes dizer a ninguém que me foste buscar esta noite.

Ele leva uma mão ao peito.

– Juro que não digo.

Espero que ainda sinta o mesmo quando chegarmos à escola na segunda-feira e descobrir que a professora Bennett desapareceu.

Quando o sol nasce no horizonte, fico momentaneamente surpreendido ao encontrar o espaço vazio ao meu lado na cama.

Apesar da minha falta de afeto recente pela minha esposa, a sua companhia era algo com que tinha aprendido a contar. Todas as manhãs, estava ao meu lado na cama – eu do lado esquerdo e ela do direito. A sua ausência é tão desconcertante, que, por um momento, tateio o seu lado da cama em busca da sua silhueta.

Quando a minha mão toca apenas os lençóis frios ao meu lado, sinto uma vaga de alívio.

A Eve foi-se.

Estava decidida a destruir a minha vida e, no decorrer de uma noite, consegui resolver esse problema. A Eve está morta, e ou a Addie a enterrou ou foi apanhada a tentar fazê-lo, depois de eu partir. As fotografias que a Eve tirou foram eliminadas e o telemóvel está enterrado no solo com ela.

Sou um homem livre.

Levanto-me da cama, espreguiçando-me voluptuosamente.

Se as coisas tivessem corrido de forma diferente ontem à noite, estaria a cambalear para fora de um quarto de motel, provavelmente agarrado às costas doridas. Quando a Addie me ligou, estava sentado num bar, com um copo de uísque, a contemplar o próximo passo. Não sabia que a chamada ia resolver todos os meus problemas.

Por curiosidade, pego no telemóvel, que está a carregar na mesa de cabeceira. Não me surpreende ver várias mensagens da Addie por volta das três da manhã.

Algumas são ligeiramente diferentes, mas vão todas dar ao mesmo:

Addie: Onde estás?

Pobre e miserável Addie. Presa no meio daquele campo de abóboras a meio da noite. Odiei fazer-lhe isso, na verdade. Não sou nenhum monstro. Espero que tenha chegado a casa bem, ainda que só me facilitasse a vida se ela tivesse encontrado um fim amargo ontem à noite, enquanto tentava apanhar boleia de um camionista. Olho para o telemóvel, perguntando-me se deveria arriscar enviar-lhe uma última mensagem.

Não, não posso. Não sei quem tem o telemóvel dela neste momento. Terei simplesmente de esperar que dê ouvidos às minhas palavras de sabedoria derradeiras.

«*Nega tudo.*»

Mesmo que não consiga conter-se – e não é propriamente improvável –, não há provas da minha ligação à Adeline Severson. A Eve era a única que sabia a verdade e não contou a ninguém. As fotografias foram eliminadas. E a Addie já provou ser desequilibrada. Já perseguiu um professor e fez com que fosse despedido, apesar de uma evidente falta de provas de qualquer transgressão da sua parte. Além disso, não tem amigos.

Dou por mim a assobiar, enquanto marchoo em direção à casa de banho. Tenho-a só para mim esta manhã – a Eve não está cá para gastar a água quente toda, deixando-me um duche tépido, na melhor das hipóteses. Devia ter posto fim ao casamento há séculos, apesar de ter razões para o manter. A Eve sabia um pouco mais a meu respeito do que me sentia confortável.

Depois de aliviar a bexiga, abro as cortinas do duche para pôr a água a correr. Mas, mesmo antes de baixar a mão para a torneira, paraliso.

Que raio?

Está um par de sapatos da Eve no duche.

Olho para os sapatos vermelhos pousados no fundo da banheira. Já encontrei sapatos da Eve em todos os cantos da casa, mas a banheira é uma novidade. Não posso imaginar porque haveria ela de os deixar ali.

Nitidamente, a minha mulher estava ainda mais desequilibrada do que deixava transparecer. Mais uma razão para ser bom ter-me finalmente livrado

dela.

A tentação de afogar os sapatos quase me domina, mas, no último instante, salvo-os da banheira. A julgar pelas contas do nosso cartão de crédito, os sapatos da Eve valem uma pequena fortuna. Posso arranjar uma forma de os vender no *eBay*. Até podem dar lucro.

Quando estou a tirar os sapatos da banheira, oiço um som atrás de mim. Viro-me para olhar para a porta fechada da casa de banho. É quase como se estivesse alguém do outro lado da porta. Mas isso é impossível. A Eve não está cá, e mais ninguém tem a chave.

Ainda assim, tenho a certeza de que ouvi algo. Parecia quase um matraquear.

Ajeito os *boxers* enquanto me dirijo à porta da casa de banho. Cautelosamente, abro-a e olho para o quarto principal. Como era de esperar, está vazio. Por um momento, vem-me à cabeça o meu poema favorito, «O Corvo», do famoso Edgar Allan Poe.

«Ecuridão e nada mais.»

Solto um suspiro e vou até ao roupeiro, atirando os sapatos da Eve para o interior. A noite de ontem foi stressante e dormi mal, pelo que não me devia surpreender que os meus ouvidos me estejam a pregar partidas.

Salto para o duche e deixo a água escaldante cair sobre a minha pele nua. Tenho um dia atarefado pela frente. Depois do pequeno-almoço, tenho uma pilha de trabalhos para corrigir. A seguir, talvez saia para almoçar qualquer coisa. Talvez faça uma paragem no supermercado.

Depois disso, vou chamar a polícia.

Não durmo. Nem um minuto. Em vez disso, fico acordada na cama, às voltas. Sempre que fecho os olhos, vejo o cadáver da professora Bennett no fundo daquela sepultura no velho campo de abóboras, com aquelas marcas vermelhas furiosas à volta do pescoço.

A minha mãe chega a casa às primeiras horas da madrugada. Silenciosamente, esgueira-se para o meu quarto para ver como estou, e eu mantenho os olhos bem fechados, fingindo dormir. Não posso lidar com ela neste momento. Assim que olhar para a minha cara, vai saber que se passa algo.

Fico na cama quase até à hora do almoço e então tenho de me levantar. Tenho de enfrentar o dia e possivelmente de me obrigar a comer qualquer coisa.

Passo as pernas pela lateral da cama e pego no telemóvel. Tenho uma mensagem do Hudson à minha espera:

Hudson: Estás bem?

Não, não estou mesmo nada bem, mas não me apetece lidar com as suas perguntas agora. Devo-lhe muito, mas não o consigo enfrentar, sobretudo porque, na segunda-feira de manhã, quando descobrir que a professora Bennett desapareceu, vai juntar dois mais dois.

O plano do Nathaniel parecia uma ideia razoável ontem à noite, mas agora, à luz do dia, não consigo imaginar como nos vamos safar com isto.

Abro a aplicação do *Snapflash*, na esperança de ver uma mensagem dele. Depois de tudo o que aconteceu ontem à noite, deve-me algum tipo de explicação, não é? Mas não está lá nada.

Escrevo eu uma mensagem:

Eu: O que aconteceu ontem à noite? Por favor, diz-me o que se passa.

Primo *Enviar*, mas, em vez de a mensagem seguir, surge um erro no ecrã:

A conta que está a contactar já não existe.

O quê?

Acho que vou vomitar. O Nathaniel apagou a conta. Como foi capaz de fazer isso?

Mas não devia entrar em pânico. Faz sentido ele querer apagar a conta. Na verdade, devia fazer o mesmo. Não pode haver qualquer sinal de que andávamos a ter um caso ou incriminar-nos-á a ambos.

Ainda assim, não me consigo obrigar a apagá-la, apesar de todas as mensagens já terem desaparecido, durando apenas sessenta segundos. Quero manter a conta para o caso de ele precisar de voltar a falar comigo.

Cambaleante, desço à cozinha, de pés descalços, e enfio pão na torradeira. Não tenho fome nenhuma, mas o meu corpo não parece concordar, pois o meu estômago rosna. Tenho a casa só para mim, enquanto a minha mãe dorme profundamente, exausta do turno da noite.

O Nathaniel sabe o que está a fazer. Não apagou a conta para me torturar. Fê-lo porque precisamos de cobrir o nosso rasto.

A professora Bennett está morta — não há nada que possamos fazer quanto a isso. Mas, se formos apanhados, podemos ir os dois para a prisão para o resto da vida. Tenho de me lembrar do que o Nathaniel me disse:

«*Nega tudo.*»

O carro descaracterizado da polícia estaciona em frente a minha casa às quatro da tarde.

Chamar a polícia foi uma jogada arriscada da minha parte. Chamar a polícia para comunicar o desaparecimento de alguém que matei e pedir-lhes para localizarem um corpo que eu mesmo enterrei... Bem, exige coragem.

Mas, ao mesmo tempo, é uma jogada calculada. Não posso fingir que a Eve esteve simplesmente em casa durante dias quando o seu carro está estacionado no parque na estação dos comboios suburbanos. A minha aposta mais segura é representar o papel do marido desnorteado. Felizmente, fiz vários cursos de representação que me servirão bem para desempenhar este papel.

Visto uma camisola e umas calças de ganga azuis gastas quando vou abrir a porta. Não quero dar a impressão de que me estou a esforçar demasiado. É imperioso mostrar exatamente a quantidade certa de preocupação.

Ao abrir a porta, descubro que a minha sorte me voltou a servir bem. A agente diante de mim é do sexo feminino. Os meus encantos saem-se sempre bem junto do sexo oposto.

– Senhor Bennett? – pergunta ela.

– Sim.

– Sou a detetive Sprague. – A detetive é baixa, mal me chega ao queixo, e tem de inclinar a cabeça para olhar para mim. Se soltasse o cabelo daquele puxo dolorosamente apertado e pusesse um pouco de maquilhagem, podia ser muito atraente, ainda que não seja de todo o meu género. – Recebi a informação de que a sua mulher está desaparecida, certo?

– Isso mesmo – confirmo.

– Posso entrar?

Um agente da polícia não pode entrar na propriedade de alguém sem o seu consentimento explícito, mas não tenho nada a esconder. Chego-me para o lado para deixar a detetive entrar em minha casa.

– Senhor Bennett – diz ela. – Gostaria só de clarificar a linha temporal. Diz que não vê a sua mulher desde ontem à noite, certo?

Aceno com a cabeça em confirmação.

– Sim. Andava a planear uma viagem surpresa para ir visitar os pais, que vivem em Nova Jérсия. Teve uma desavença com eles há vários anos e estava decidida a resolver a situação, mas não lhes quis dizer que ia a caminho porque tinha medo que lhe dissessem para não ir. Enfim, comprou um bilhete para um comboio noturno e tencionava chegar lá de manhã cedo. Mas passei o dia inteiro a ligar-lhe, e ela não atende. As chamadas vão diretas para o correio de voz. Também verifiquei com os pais dela, que dizem que nunca apareceu.

É certo que liguei várias vezes para o telemóvel da Eve e que fiz uma chamada rápida para os pais dela, só para a minha história bater certo. Ficaram estupefactos e um pouco cétricos quando lhes disse que a Eve estava a planear uma visita. Seja como for, não tardaram a desligar a chamada. Não são propriamente apaixonados por mim.

– Compreendo – diz a Sprague. – E disse que ela ia apanhar o comboio suburbano para a cidade?

Mais uma vez, anuo.

– Sim. O dinheiro tem sido escasso, por isso ela não queria ir de *Uber* até à cidade. Achou que seria melhor assim. Foi por isso que fui jantar fora, porque ela ia sair cedo para apanhar o comboio.

A detetive inclina a cabeça pensativamente.

– Sim, bem, é verdade que encontrámos o carro dela na estação dos comboios suburbanos, mas ela não estava lá. E comprou esses bilhetes da *Amtrak*, mas não parece ter apanhado o comboio. O bilhete não foi validado.

É aqui que as minhas capacidades de representação entram em cena. Cubro a boca com a mão.

– Está a brincar.

– Temo que não. E também não parece que tenha apanhado o comboio suburbano, tanto quanto consigo perceber.

Cambaleio para trás, acabando por estender o braço para me agarrar ao corrimão da escadaria.

– Oh, céus! Acha que foi atacada na estação dos comboios suburbanos?

– É uma possibilidade, sim.

– Nunca a devia ter deixado ir sozinha para a estação. – Falha-me a voz. – Ofereci-me para lhe dar boleia, mas ela disse-me que não era preciso. Nunca me queria incomodar, sabe?

Olho para o rosto da detetive para ver se está a acreditar nisto. A sua expressão é indecifrável.

– Tenho de perguntar, senhor Bennett – diz ela. – Onde esteve ontem à noite?

– Como disse, fui jantar a um bar, visto que a minha mulher não estava em casa. – De certeza que a empregada atraente confirmará que passei lá horas. Cheguei mesmo a namoriscar com ela, apesar de não ser o meu género. – Era tarde quando cheguei a casa, e a Eve já tinha partido.

– E como é a sua relação com a sua mulher? – interroga ela. – Têm tido discussões ou...

Solto uma risada.

– Discussões? Céus, não. Eu e a Eve temos o casamento mais feliz de entre todos os casais que conhecemos. Pode perguntar a qualquer dos nossos amigos. Na verdade... – Engulo em seco, fazendo a minha maçã de adão oscilar visivelmente. – Andamos a tentar ter um bebé.

O rosto da Sprague continua impassível. Posso ter tido aulas de representação, mas ela tem o rosto mais impenetrável que alguma vez vi. É difícil perceber se acredita que sou um marido preocupado ou se me está a adicionar à lista de suspeitos.

– E há alguém por aí que lhe pudesse querer fazer mal?

Hesito de propósito.

– Senhor Bennett? – insiste ela, arqueando as sobrancelhas.

– Não queria falar nisto – digo eu. – Vai acabar por descobrir, mais cedo ou

mais tarde. Há uma aluna da Eve que parece guardar-lhe rancor. Chama-se Adeline Severson.

– Compreendo. – Tira o que parece ser um pequeno *iPad* e rabisca algumas notas. – E o que aconteceu ao certo entre a sua mulher e a aluna?

Solto um suspiro.

– Tenho a certeza de que essa rapariga não pode estar por detrás de tudo isto, mas a verdade é que foi um pouco assustador. A Eve apanhou-a a copiar num teste e, apesar de ter acabado por lhe dar um castigo mínimo, parece que a Adeline nunca perdoou. Há duas noites, apanhámo-la a rondar à porta de nossa casa, apesar de o ter negado quando apresentámos as nossas suspeitas à diretora.

– Ahã...

– E há mais uma coisa. – Diriço-me à secretária que mantemos ao canto da sala de estar e abro a gaveta de cima. Puxo uma folha de caderno com rabiscos manuscritos. Levo-a à detetive. – Deixou isto à Eve na caixa de correio da escola.

Os olhos da Sprague percorrem o texto na página. À medida que lê, oiço-a inalar bruscamente.

– Isto é grave, senhor Bennett. Porque não levaram isto à polícia?

– A Adeline teve um ano difícil – explico eu. – O pai dela morreu há cerca de um ano. No ano passado, perseguiu outro professor e sofreu *bullying* da maioria dos outros alunos da escola. Não queríamos dificultar-lhe mais a vida, por isso tentámos lidar com isto no seio da escola.

A detetive Sprague toma nota de tudo isto. Até a vejo sublinhar qualquer coisa. Quando uma mulher é morta, o marido ou namorado – *eu* – é sempre o suspeito principal. A menos que se apresente outro responsável possível.

Eu estou a apresentar a Addie.

– Muito bem – diz a detetive, por fim. – Parece que vou fazer uma visita à menina Severson. Antes disso, importa-se que dê uma vista de olhos rápida por aqui?

– De todo. Esteja à vontade, por favor.

Não sei o que procura ao certo. Talvez o cadáver da minha mulher estendido no meio da sala de estar? Suponho que haja criminosos assim tão estúpidos.

A detetive Sprague passa rapidamente pela sala de estar. Em seguida, verifica a casa de banho, que não tem absolutamente nada de empolgante. Aponta então para a divisão onde estrangulei a minha mulher até à morte há menos de vinte e quatro horas.

– Ali é a cozinha?

– Sim, exatamente.

Abre a porta da cozinha, e, ao chegar ao centro da divisão, os seus olhos fixam-se em algo caído no chão. Ao aperceber-me do que ela está a ver, cai-me o coração aos pés.

É outro dos pares de sapatos da Eve. Mesmo no meio da nossa cozinha.

Estes sapatos são de uma cor azul vívida. Reconheço-os como um dos seus pares favoritos. As solas estão cobertas de terra.

Sinto-me absolutamente nauseado. O que fazem os sapatos da Eve no meio da cozinha? Os sapatos no duche eram estranhos, mas a minha mulher passa a vida a fazer coisas estranhas. Mas isto é diferente. Estive na cozinha de manhã, a preparar um pequeno-almoço continental. Se estes sapatos estivessem aqui, de certeza que os teria visto.

Certo?

– Estes sapatos são da sua mulher? – pergunta-me a Sprague.

– Sim – consigo responder.

Ela agacha-se junto aos sapatos, enquanto tento controlar o meu pânico.

– São sapatos caros – observa. – Surpreende-me que saísse com eles e os sujasse tanto.

– Eu... não sei o que dizer.

Sustenho a respiração, à espera de outra pergunta a que não posso responder, mas, felizmente, a detetive parece perder o interesse nos sapatos. Mostro-lhe o resto da casa, mas não consigo parar de pensar naqueles sapatos na cozinha. Mal me consigo concentrar no que se passa à minha frente. De cada vez que a detetive me faz uma pergunta, devo parecer alvoroçado e terrivelmente culpado.

Mas não posso evitar. Por que raio estão aqueles sapatos na minha cozinha?

Quando consigo finalmente pôr a detetive fora de casa, tranco a porta atrás dela e quase tropeço nos meus pés na pressa de regressar à cozinha. Ao chegar,

dou-me conta de que a porta das traseiras está ligeiramente entreaberta e de que entrou uma ave pela abertura. A ave – pequena e com penas pretas e brancas – debica furiosamente os saltos dos sapatos da Eve.

Olho para a cena diante de mim, assombrado. Já tinha deixado a porta das traseiras aberta, mas nunca tinha deparado com uma ave extraviada que conseguiu encontrar o caminho para a nossa cozinha. Vou buscar uma vassoura ao armário e enxoto a ave até ela me obedecer e voar de volta pela porta.

Agora que me livrei dela, agacho-me junto aos sapatos, tentando perceber porque haveria uma ave de ter o menor interesse nuns sapatos de camurça. Afinal, as aves não se interessam por terra. Querem comida.

É então que vejo algo.

Um pedaço de abóbora esmagada no salto do sapato.

As minhas pernas cedem e caio para trás com violência no chão da cozinha. Sinto a cabeça à roda e a visão em túnel. Podia ter tentado convencer-me de que os sapatos tinham estado ali o tempo todo, e eu simplesmente nunca tinha reparado. A detetive também colocou uma boa questão. A Eve era meticulosa no que tocava a manter os sapatos em perfeitas condições e jamais permitiria que ficassem tão enlameados. Mas talvez tivesse sido apanhada desprevenida por uma chuvada e não tivesse conseguido evitar. Podia ter tentado convencer-me de tudo isso.

Mas a abóbora... Como foi um pedaço de abóbora esmagada parar ao fundo do sapato da minha mulher?

Mesmo que a Eve tivesse sapatos calçados quando a enterrámos, e não tinha, é bastante óbvio que não ressuscitou dos mortos e voltou a pé para casa com um pedaço de abóbora enfiado no salto. Portanto, deve ter sido outra pessoa a plantar os sapatos no meio da minha cozinha para que eu os visse e entrasse em pânico.

Alguém que saiba o que acontece ontem à noite.

Poderá ter sido a Addie a fazer isto? Parece improvável que fosse capaz de tal coisa, mas é certo que a abandonei no meio do nada ontem à noite. Talvez esta seja a sua vingança infantil, ainda que não pareça o seu estilo. A Addie é uma adolescente impulsiva, mas parece-me absurdo que se tenha lembrado de se

esgueirar para minha casa e plantar um par de sapatos da Eve no chão da minha cozinha.

Há outra possibilidade.

Estou plenamente ciente de que, nos últimos anos, não fui capaz de satisfazer os apetites sexuais da minha mulher. Como é óbvio, passou-me pela cabeça o pensamento de que tivesse arranjado um amante para colmatar a lacuna. A velha Eve – aquela por quem me apaixonei – jamais contemplaria tal coisa, mas acredito que a mulher com quem casei seria capaz disso.

Por isso, se andava a ter um caso com outro homem, será possível que lhe possa ter feito confidências? E que ele tenha, de algum modo, descoberto o que lhe fizemos e que agora espere fazer justiça pelas próprias mãos?

Qualquer destas possibilidades me deixa incrivelmente inquieto.

Recolho os sapatos do chão e lavo os tacões com água quente no lava-loiça. Uma coisa é evidente: quem quer que tenha deixado estes sapatos na minha cozinha espera meter-me medo, mas está relutante em envolver a polícia. Se alguém tivesse informações incriminatórias sobre mim, aquela detetive ter-me-ia fechado um par de algemas nos pulsos antes de as mentiras me saírem dos lábios.

Não, tenho a certeza de que tenho a situação sob controlo. Desde que tenha cuidado, ninguém descobrirá o que fiz.

Quando a minha mãe me chama ao piso de baixo, noto um ligeiro tremor na sua voz.

Passei a maior parte da tarde deitada na cama, a olhar para o teto, demasiado paralisada para tentar fazer os trabalhos de casa para o fim de semana. A dada altura, ouvi a minha mãe sair do quarto e descer, mas mantive a minha porta fechada. Não a consigo enfrentar.

Desço as escadas, vagamente ciente de que a minha *T-shirt* tem uma mancha no bolso do peito e de que o meu cabelo parece um ninho de ratos. Paraliso a meio da escadaria ao ver uma mulher desconhecida de gabardina no meio da nossa sala de estar.

– Addie – diz a minha mãe. – Esta é a detetive Sprague. Gostaria de te fazer algumas perguntas.

Sabia que acabaria por ser interrogada pela polícia, visto ter estado com a professora Bennett no gabinete da diretora ainda ontem, mas não esperava que fosse tão cedo. Nem sei como descobriram tão depressa que ela estava desaparecida. Uma vez que é fim de semana, a única pessoa que pode ter comunicado o seu desaparecimento é...

O Nathaniel.

– Olá, Addie – diz a detetive, enquanto desço lentamente o resto das escadas. É baixa, mas os traços do seu rosto parecem esculpidos em pedra, e tem o cabelo apanhado num puxo apertado atrás da cabeça. Apesar de ser pequena, é assustadora. – Preciso de falar contigo por alguns minutos, se não te importares.

– E eu estarei aqui o tempo todo – acrescenta a minha mãe.

Olho de uma para a outra. Não vejo forma possível de dizer não, por isso anuo.

– Então, Addie... – Os olhos negros da detetive Sprague estudam-me o rosto. É o tipo de mulher que parece capaz de detetar as minhas mentiras ainda melhor do que a minha professora do 4.º ano. – A tua professora de Matemática, a Eve Bennett, desapareceu algures entre ontem à noite e hoje de manhã.

A minha garganta parece o Sara, que, por acaso, estudámos no mês passado.

– Oh! O que lhe aconteceu?

– Bem, não sabemos – responde a detetive, pacientemente. – Ao fazermos algumas investigações sobre o desaparecimento, descobrimos que tiveste alguns conflitos com a senhora Bennett.

Sinto a minha mãe a olhar para mim, alheia a esta reviravolta nos acontecimentos. Não sei muito bem o que dizer, muito menos diante dela.

«*Nega tudo.*»

– Hum – digo eu. – Estava a ter algumas dificuldades nas aulas, por isso não era fantástico, mas não éramos inimigas nem nada.

Os lábios da Sprague curvam-se ligeiramente.

– Não, não estava a sugerir que são inimigas. Mas é certo que ela disse à diretora que te apanhou a espiar à porta de casa dela há duas noites.

«*Nega tudo.*»

– Isso não é verdade. Não andava a espiá-la. Estive em casa a noite inteira.

– É verdade, detetive – diz a minha mãe. – Estive com ela na quinta-feira à noite. Não saiu.

– Não a perdeu de vista a noite toda, então?

A minha mãe hesita.

– Bem, tem dezasseis anos. Não sinto que tenha de estar de olho nela o tempo todo. A dada altura, foi para o quarto...

– É possível que possa ter saído, nesse caso?

A minha mãe lança-me um olhar, voltando-se depois de novo para a detetive.

– Suponho que é *possível*, sim.

– Além disso... – A Sprague leva a mão ao bolso da gabardina e extrai uma folha de caderno dobrada. Estende-ma. – Escreveste isto para a senhora

Bennett?

A minha mãe inclina-se por cima do meu ombro para ler o papel que ela me deu. Tremem-me os joelhos ao ler os rabiscos furiosos. Não. Oh, não!

Não pode ser.

«*Gostaria de te arrancar os olhos e de te encher as órbitas com carvões em brasa. Gostaria de te espetar uma caneta em cheio na garganta...*»

A minha mãe tapa a boca com a mão.

– Addie!

– Escreveste isto? – pressiona-me a detetive.

Não adianta mentir. A minha mãe conhece a minha letra, por isso sabe que fui eu que o escrevi.

– Sim – admito. – Mas não foi... quer dizer, escrevi-o, mas não foi para a professora Bennett.

As sobrancelhas da Sprague arqueiam-se repentinamente.

– Escreveste-o para quem?

– Não o escrevi para *ninguém* – digo eu. – Foi... foi um trabalho para a aula de Inglês.

Lembro-me de escrever esta carta, quando estava tão zangada com a Kenzie por me ter roubado as roupas do cacifo do ginásio. O Nathaniel disse-me para lhe escrever uma carta a expressar a minha raiva. Não queria dizer nenhuma destas coisas. Estava só a ser... dramática. Estava a tentar impressioná-lo.

– Um *trabalho*? – repete a minha mãe, incrédula.

A detetive Sprague não diz nada, mas vejo-lhe no rosto que está a pensar o mesmo.

– Sim, tipo... – Coço a parte de trás do cotovelo. – Era suposto escrever uma carta a alguém com quem estivesse zangada. Mas nunca a dei a ninguém. Não era uma carta a sério.

– Um trabalho. – A Sprague franze o sobrolho. – Quer dizer então que... os outros miúdos receberam a mesma tarefa? Se lhes perguntar, achas que se lembram?

– Não, foi só para mim.

A detetive lança-me um olhar estranho, mas não me faz mais perguntas sobre

isso. Não sei se é bom ou mau.

– Preciso de te perguntar, então, Addie – diz a detetive Sprague. – Onde estavas ontem à noite?

– Em casa – apresso-me eu a responder.

Ela olha para a minha mãe.

– E a senhora também estava cá?

As faces da minha mãe coram.

– Sou enfermeira e fiz um turno da noite ontem.

A ruga entre as suas sobrancelhas que aparece quando está preocupada comigo transformou-se numa brecha. Olhou muitas vezes assim para mim ao longo do último ano.

– Então... – A Sprague dirige-se agora à minha mãe. – Levou o seu carro para o trabalho?

– Sim – responde ela, franzindo o sobrolho, confusa.

– E têm algum outro veículo?

– Temos... – A minha mãe lança um olhar à porta que dá para a garagem. – O carro do meu falecido marido está na garagem. Mas ninguém o usa.

Diz que tem estado a guardar o carro do meu pai para mim, ainda que, na verdade, só não se quer livrar de nenhuma das suas coisas. Aposto que agora gostaria de se ter livrado dele.

– Portanto, tinhas acesso a um carro ontem à noite? – pergunta-me a Sprague. Antes que eu possa responder, a minha mãe intervém.

– Mas ela não tem carta de condução. Só tem uma licença de aprendizagem.

A detetive arqueia uma sobrancelha. Sabe melhor do que ninguém que a falta de carta de condução não impedirá um adolescente de se sentar ao volante.

– Mas o carro estava na garagem?

– Sim – responde a minha mãe, em voz ténue.

Não sei porque é que a detetive está a questionar este facto, ainda assim. Porque haveria de lhe interessar se tenho ou não acesso a um carro? Não usei o carro do meu pai ontem à noite. A única razão por que precisaria de um carro ontem à noite seria se...

Se estivesse a agir sozinha.

Uma sensação horrível de vertigem abate-se sobre mim. A detetive Sprague agiu como se tivesse simplesmente encontrado aquela carta, mas estou bastante certa de que a única forma de a poder ter obtido é se tivesse sido o Nathaniel a dar-lha. E, uma vez que a escola está fechada hoje, deve ter sido ele quem lhe disse que fui vista a rondar a sua casa.

E abandonou-me nos bosques.

Estará o Nathaniel a tramar-me para arcar com as consequências do homicídio da mulher? Tudo o que a detetive diz parece apontar para isso, mas eu conheço o Nathaniel. Jamais faria tal coisa. Tudo o que fez ontem à noite foi para me proteger – para evitar que eu fosse para a prisão.

Só que não consigo parar de pensar naquelas marcas vermelhas furiosas à volta da garganta da professora Bennett.

– Addie – diz a detetive Sprague, num tom surpreendentemente suave. – Fazes alguma ideia do que aconteceu à senhora Bennett ontem à noite?

Tanto a Sprague como a minha mãe estão a olhar para mim. Mudamente, abano a cabeça.

A Sprague solta um longo suspiro.

– Muito bem, Addie. É tudo, por agora. Mas podemos precisar que vás à esquadra mais tarde. Temos mais perguntas.

– A Addie jamais faria mal a alguém – intervém a minha mãe. – Ela não é assim.

A detetive esboça um sorriso seco, mas não diz nada. Sabe tão bem como eu que isso não é verdade.

Depois de a detetive Sprague sair de nossa casa, a minha mãe fica com ar de quem vai ter uma apoplexia. O seu rosto perde toda a cor, e estou bastante certa de que os seus últimos cabelos castanhos passaram a ser brancos.

– Addie – arqueja a minha mãe. – O que *foi* aquilo? O que *fizeste*?

«*Nega tudo.*»

Baixo os olhos, brincando com uma madeixa do meu cabelo desgrehado. Não me surpreenderia se o meu próprio cabelo ficasse branco antes de isto acabar.

– Não fiz nada. Estive aqui a noite inteira.

– Diz-me a verdade, Adeline.

A minha mãe consegue ler-me facilmente quando estou a mentir, por isso tento uma estratégia diferente.

– Olha, ela acha que levei o carro a algum lado, mas aposto que aquele carro na garagem nem pega. Não o usamos há tanto tempo, que aposto que a bateria já deu o berro.

A última vez que a minha mãe conduziu o carro foi há pelo menos dois meses, quando estava a pensar vendê-lo. Acabou por decidir guardá-lo para mim, apesar de a ideia de conduzir o carro daquele homem me fazer sentir doente.

– Talvez – diz ela, lentamente. Vira a cabeça para olhar outra vez para a porta da garagem. – Muito bem. Deixa-me verificar.

O meu coração dá um salto ao vê-la tirar as chaves do carro do sítio onde as guarda, na estante. Corro atrás dela enquanto marcha em direção à garagem. Não diz uma palavra ao destrancar a porta e entrar para o lugar do condutor.

Por um momento, atrapalha-se com a chave antes de a introduzir na ignição.

– Mãe – digo.

Dou-me conta de que estou a suster a respiração. Há tanto tempo que ela não conduz o carro do meu pai. Aposto que não vai pegar. Nesse caso, estarei sã, certo? Se não tinha um carro ontem à noite, não posso ter feito nada à professora Bennett.

Lentamente, ela roda a chave.

O motor ganha vida com tal estrondo, que tenho de dar um passo atrás. A garagem começa rapidamente a encher-se de gás de escape. Devia desligá-lo, na verdade, mas, em vez disso, fica apenas ali sentada, a olhar pelo para-brisas com os olhos vidrados, enquanto a garagem se enche de gases nocivos.

– Nem sabia que ia pegar – digo eu, suplicante.

Finalmente, ela estende a mão e desliga o motor. Tira a chave da ignição e sai do carro. Olha-me diretamente nos olhos.

– O que aconteceu ontem à noite, Adeline? Quero a verdade.

– Nada – digo, baixinho. – Não saí de casa.

– Fizeste alguma coisa à professora Bennett?

– Não, eu... seria incapaz...

O que quer que diga a seguir será uma perfeita mentira. Fiz coisas terríveis ao longo dos meus dezasseis anos. Empurrei o meu pai das escadas. Persegui o Art Tuttle. Dormi com o meu professor. Bati na professora Bennett com uma frigideira.

Mas não tenho a certeza se a matei.

– Por favor, diz-me a verdade, Addie. – A voz da minha mãe quebra. – Não te posso ajudar se não me disseres a verdade.

Pergunto-me o que aconteceria se lhe contasse tudo. Se lhe dissesse do meu caso com o Nathaniel. De como fui a casa dos Bennett ontem à noite e bati com uma frigideira na cabeça da Eve Bennett. O que faria ela se lhe dissesse tudo?

A verdade é que não tenho a certeza de querer saber.

Em última instância, reconheço que será a palavra do Nathaniel contra a minha. E que ele vai *negar tudo*.

Recebo outra chamada da detetive Sprague algumas horas depois, quando estou mesmo prestes a ir para a cama.

Até ao momento, não tiveram sorte a encontrar a Eve, o que não me surpreende muito. Confirmaram que não apanhou o comboio suburbano, o que também não é terrivelmente surpreendente. Todas estas vias devem conduzir à Addie.

– Além disso – acrescenta a detetive. – Falei com a Adeline Severson.

A Addie. Pergunto-me o que terá pensado quando a polícia lhe apareceu à porta. Ainda bem que não tem a menor credibilidade.

– Oh?

– Tenho quase a certeza de que teve algo que ver com o desaparecimento da sua mulher – diz-me a Sprague. – Vou voltar a falar com ela amanhã. E estou a tentar entrar em contacto com a diretora da sua escola.

– Ótimo – respondo.

A Higgins contará à detetive tudo o que a Addie fez no ano passado. Entre isso e a carta que lhe mostrei, parecerá extremamente instável. Quando acabarem por exumar o cadáver da Eve, todas as provas conduzirão a ela. Até tem impressões digitais espalhadas pelo carro da Eve.

Tenho apenas de me esforçar ao máximo por me distanciar dela. Estou bastante certo de que não falou a ninguém de nós. A Eve era a única que sabia. E já apaguei a conta no *Snapflash* que nos ligava.

Lamento, Addie. Um de nós tem de arcar com as consequências disto, e não posso ser eu.

– Volto a contactá-lo amanhã – promete a detetive Sprague.

– Agradeço – digo-lhe eu, ligando o charme. Não posso namoriscar abertamente, pois isso seria bastante inapropriado, mas quanto mais ela gostar de mim, menos desconfianças terá a meu respeito. – Tudo o que puder fazer para encontrar a minha mulher...

– Vamos descobrir o que lhe aconteceu – garante ela. – Mantenha-se firme, senhor Bennett.

– Nate – corrijo eu, com a voz embargada. Prefiro que me tratem por Nate, embora adorasse a forma como a Addie dizia *Nathaniel* naquele seu tom adulator.

Depois de desligarmos, escovo os dentes na casa de banho, trauteando a letra de *All Shook Up*, como sempre. Borrifo o rosto com um pouco de água, dispo a camisola interior e vou para a cama. E, quando estou mesmo a enfiar-me entre os lençóis, oiço algo.

O som de alguém a tocar à campainha no andar de baixo.

Será a detetive Sprague? Não, é improvável. Ainda há pouco tempo desligámos. Deve ser outra pessoa. Olho para o relógio – são quase onze horas. Quem estará à minha porta a esta hora?

Volto a enfiar a camisola interior pela cabeça e pego no roupão, por via das dúvidas. Desço as escadas, fazendo ranger cada degrau, à medida que os meus pés descalços estabelecem contacto. A nossa casa é tão velha, que praticamente cada azulejo e tábua do soalho formam um som único. Quando alguém atravessa a sala de estar, pode criar uma sinfonia.

Oiço novamente um som. Desta vez, um bater à porta. Não, é mais um *tamborilar*.

Deve ser uma visita a tamborilar à porta.

Se não estiver outra vez ninguém à porta, vou enlouquecer, raios.

Espreito primeiro pelo óculo. Cai-me o coração aos pés ao não ver ninguém. Mas isso não quer necessariamente dizer nada. Pode ter sido a entrega de uma encomenda.

Às onze da noite de um sábado.

Entreabro a porta, com o coração a palpitar dolorosamente no peito. Ao ver a caixa castanha da *Amazon*, o meu ritmo cardíaco abranda ligeiramente. Era só a

entrega de uma encomenda. *Só isso e nada mais.*

Recolho o pacote da entrada e levo-o para a mesa de centro. Não faço ideia do que seja, mas faço encomendas com relativa frequência. O último artigo que encomendei foi uma máquina de café nova, uma vez que a atual tem vindo a funcionar mal. Será bom poder voltar a beber uma chávena de café decente na minha própria casa. Rasgo a fita da caixa e...

Não é uma máquina de café. São uns sapatos de mulher.

São de um alarmante tom de vermelho, com uns longos saltos pontiagudos. A Eve deve tê-los encomendado antes de morrer. Pois claro que sim. A Eve estava sempre a encomendar sapatos. Ao contrário dos outros, porém, este par vai ser devolvido à *Amazon*. Começo a tirar os sapatos da caixa, mas, antes que os possa tirar por completo, paraliso. Deixo-os cair como se me tivessem queimado a mão, ao aperceber-me do que estou a ver.

As solas dos sapatos estão cobertas de terra.

Jesus Cristo.

Salto do sofá, sentindo todo o meu corpo a tremer. Volto a correr para a porta e abro-a tão depressa, que as dobradiças chamam em protesto. Olho para o jardim da frente, semicerrando os olhos em busca de quaisquer sinais de movimento. Mas não vejo nada. Nem sequer um esquilo.

Escuridão e nada mais.

– Sei que estás aí – grito, o mais alto que me atrevo. – *Não* me intimidas com isto.

Silêncio.

– Addie? – pergunto.

Responde-me uma rajada de vento que me gela até aos ossos. Aperto o roupão contra o peito.

– Eve? – sussurro.

Mais uma vez, não obtenho resposta.

Fecho a porta com força e encosto todo o meu peso a ela. A minha mulher morta *não* me anda a assombrar do além. Essa é a única coisa de que tenho a certeza. Nunca acreditei na vida depois da morte. Quando morremos, morremos.

Mas então quem deixou aqueles sapatos sujos à minha porta?

Ocorre-me que há uma outra pessoa que podia ter feito isto. Alguém além da Addie, do amante misterioso da Eve e do fantasma da minha mulher morta. Há outra pessoa que sabe o suficiente para me enterrar. Se for essa pessoa quem me anda a provocar, estou em graves apuros.

Não é de admirar que durma terrivelmente. Passo a noite às voltas na cama e, quando consigo, de facto, adormecer, sonho com uma Eve morta-viva a erguer-se do túmulo no campo de abóboras com um par de saltos agulha vermelhos nos pés, com os quais começa a espancar-me. Escusado será dizer que todas as memórias de infância que guardo daquele campo de abóboras foram destruídas eficientemente.

Por fim, arrasto-me para fora dos lençóis e preparo uma chávena de café instantâneo, visto que a máquina de café continua avariada e a nova nitidamente não chegou. Consigo engolir a maioria do café quando a campainha toca.

Se estiver outro pacote com uns sapatos sujos à minha porta, simplesmente não conseguirei aguentar.

Arrasto-me até à porta da frente e, desta vez, ao espreitar pelo óculo, vejo a detetive Sprague. Espero que tenha trazido boas notícias.

A detetive parece alarmada com o meu aspeto quando abro a porta. De certeza que parecia mais composto no dia anterior. Ontem, estava a representar o papel do marido preocupado e em desalinho. Hoje, é genuíno. Ainda nem consegui tomar duche nem vestir-me.

– Posso entrar, senhor Bennett? – pergunta ela.

Reprimo um bocejo. Ontem, pedi-lhe para me tratar por Nate, mas não tenho forças para a corrigir uma segunda vez.

– Sim, por favor.

Recuo para a deixar entrar na sala de estar. Pergunto-me se devia sugerir que nos sentássemos no sofá, mas não quero que ela se sinta demasiado confortável.

– Alguma notícia da Eve? – pergunto eu.

A Sprague abana a cabeça lentamente.

– Temo que não, mas falei com a Debra Higgins esta manhã.

Ótimo. De certeza que essa conversa consolidou a Addie como uma das principais suspeitas.

– Ah, sim?

A detetive inclina a cabeça para o lado, com uma expressão indecifrável no rosto.

– Porque é que não me disse que a Adeline Severson estava na sua turma de Inglês?

Os meus dedos param a meio de coçar a barba no meu maxilar.

– Perdão?

– Disse que a Adeline era aluna da Eve – lembra-me ela. – Mas nunca referiu que também era sua aluna.

– Isso importa? Era contra a Eve que ela guardava rancor.

– Sim, mas agiu como se mal a conhecesse. Não só estava na sua turma como também escrevia para a revista de poesia de cuja equipa é supervisor.

Não me agrada o laivo de suspeita que se infiltrou na sua voz. Tenho de cortar isto pela raiz e depressa.

– Lamento se lhe dei essa impressão. É certo que conheço a Addie. Sempre teve uma prestação adequada na minha disciplina.

– Só adequada?

Encolho um ombro.

– Era boa. Nunca tive problemas com ela.

É tal a intensidade com que a detetive Sprague me estuda o rosto que preciso de todo o meu autodomínio para não me retorcer.

– Senhor Bennett – diz ela. – Pode dizer-me se o senhor ou a sua esposa tiveram algum caso extraconjugal?

– Não – respondo, demasiado depressa. – De modo algum. Quer dizer, eu de certeza que não tive.

– Mas não tem a certeza quanto a ela?

– Eu, hã... – Puxo a gola do roupão. – Não creio que tenha tido, mas nunca se sabe.

Andaria a Eve a ter um caso? Terá falado ao amante da minha infidelidade? Estaria ele a vingar-se em seu nome?

– É possível, então – insiste a Sprague.

– Eu... não sei. – Esfrego os olhos com a palma das mãos. – Desculpe, detetive. Não dormi bem esta noite, de tão preocupado que estou com a Eve. É difícil pensar como deve ser neste momento.

Ela esboça-me um aceno compreensivo.

– Tudo bem, então. Posso dar-lhe algum espaço.

Quero prostrar-me de joelhos e agradecer a Deus por esta mulher estar de saída. Começo a sentir as têmporas a latejar e preciso de um duche quente e longo.

– Volto mais tarde – acrescenta a Sprague.

– Oh – digo, debilmente. – Sim. Está bem.

– Ou seria melhor para si ir antes à esquadra?

A ideia de entrar na esquadra da polícia faz-me sentir fisicamente doente.

– Vou estar em casa o dia inteiro. Pode passar por cá.

A detetive Sprague lança-me um último olhar, que reconheço. Desconfia de mim. O seu instinto diz-lhe que há mais nesta situação do que dei a entender, mas infelizmente não tem provas. E, sem elas, não há absolutamente nada que me possa fazer.

O deio a forma como a minha mãe insiste em olhar para mim. Tem vindo a olhar para mim assim desde que fui apanhada à porta do professor Tuttle. Na verdade, em boa justiça, tem vindo a olhar para mim assim desde que encontrou o meu pai numa pilha amarrotada ao fundo das nossas escadas. Não compreendia porque não estava eu mais triste por ele ter morrido. Alguns dias depois do funeral, disse-me: «*Pensava que tencionavas estudar em casa nessa noite. Não foi isso que me disseste?*»

Foi como se soubesse. Como se soubesse que tinha sido eu a empurrá-lo.

E agora sabe que tive algo que ver com o desaparecimento da Eve Bennett.

Para evitar o seu olhar, pego no casaco e vou dar um passeio. Parece que vai chover esta noite, mas por agora é só um chuvisco. Ponho o capuz para proteger o cabelo da humidade, mas as gotas minúsculas de chuva gelada não deixam de me atingir no rosto. É desconfortável, mas também sabe bem, se é que isso faz algum sentido.

Há alguns artigos na Internet sobre o desaparecimento da professora Bennett, mas ainda só dei uma pequena vista de olhos.

É difícil ler sobre o que aconteceu. Recebi algumas mensagens de miúdos que nunca antes tiveram o menor interesse em ser meus amigos, a tentar sacar-me informação. E mais uma mensagem do Hudson:

Hudson: Estás bem?

Não respondo a nenhuma delas.

Pergunto-me se o Hudson falou à polícia do que sabe. Prometeu que não diria nada a ninguém, mas isso foi antes de saber que podia ser cúmplice de um

crime grave. Não o culparia, sinceramente.

Quando estou a poucos quarteirões de minha casa, vejo um carro preto abrandar ao meu lado. Acelero um pouco o passo, baixando a cabeça, e o carro iguala o meu ritmo. Oh, meu Deus, o que foi agora?

O carro encosta ao passeio mesmo à minha frente. Quando o motor se desliga, por um momento, pergunto-me se devia fugir. E então a detetive Sprague sai do carro. Continuo a pensar que talvez devesse fugir.

– Addie! – chama ela.

Paro, porque acho que é que isso que temos de fazer quando um agente da polícia nos manda parar. Fico ali, à chuva miudinha, de mãos enfiadas nos bolsos, mas não digo nada.

A Sprague apressa-se a contornar a lateral do carro, de modo a ficar frente a frente comigo. Não sou propriamente alta, mas tem de inclinar a cabeça para olhar para mim.

– Addie – diz ela. – Gostaria de falar contigo.

– A minha mãe diz que não é suposto eu falar consigo se ela não estiver presente.

– Certo – assente a detetive. – É um bom conselho. Mas quero só falar contigo confidencialmente. É importante porque estou a tentar encontrar a Eve Bennett. Temo que algo de mau lhe tenha acontecido.

Não sei o que responder, por isso mantenho a boca fechada.

A detetive Sprague não tem capuz, por isso a chuva molha-lhe o cabelo preto. Não parece reparar nem importar-se. Os seus olhos castanho-escuros estão focados no meu rosto.

– Descobri que o Nathaniel Bennett era o teu professor de Inglês.

Parece uma pergunta inofensiva, por isso anuo.

– E também fazias parte da revista de poesia que ele dirige, certo?

Volto a assentir.

– Isto é confidencial, Addie, como disse. – Pestaneja, com as pestanas carregadas de gotas de água. – Passava-se algo entre ti e o Nathaniel Bennett?

«*Nega tudo.*» Mesmo que o Nathaniel me tenha traído, o que ainda não acredito que fosse capaz de fazer, reconheço que é melhor manter esta

informação em segredo, para bem de ambos.

– Não.

– De certeza que, se se passasse, ele te teria dito para guardar segredo a todo o custo – continua ela, como se eu não tivesse falado. – Compreendo porque te diria isso, mas tens de entender que não é do teu interesse. O que é do teu interesse é seres sincera comigo. Sei que poderia ser desconfortável dizer-me algo assim diante da tua mãe, razão pela qual quis falar contigo a sós.

– Não se passa nada entre mim e o professor Bennett – digo, baixinho.

– Mas, se se passasse, tens de perceber que não seria culpa tua – diz ela. – É ele o adulto, e teu *professor*. Iniciar qualquer tipo de relação sexual seria uma extrema falta de profissionalismo da parte dele. Não seria culpa tua, prometo.

Ela não compreende. Jamais poderia entender a ligação que eu e o Nathaniel temos. Somos almas gémeas. Não se estava a aproveitar de mim – eu queria-o tanto como ele ou talvez mais ainda. Disse-me que nenhum outro adulto ia compreender e tinha razão.

– Não se passa nada entre mim e o professor Bennett – repito, entredentes. – E, como disse, não é suposto a senhora falar comigo sem a presença da minha mãe.

A detetive Sprague lança-me um olhar desiludido e triste, em simultâneo. Por um momento, sinto-me mal, pois parece ser uma boa detetive. Parece dedicada ao seu trabalho e dá a impressão de que talvez se importe mesmo comigo. Mas, por outro lado, sei que só quer descobrir o que aconteceu à professora Bennett. O seu trabalho não é zelar pelos meus interesses. Dá a entender que o Nathaniel me estava a manipular, mas a realidade é que está a fazer o mesmo. Além disso, não há provas de que algo se tenha passado entre mim e ele.

– Tenho de te explicar isto, Addie – diz ela baixinho. – O Nathaniel Bennett está a pintar-te como uma perseguidora que agiu sozinha. Está a tentar fazer-nos crer que seguiste a Eve Bennett até à estação dos comboios e a mataste e te livraste do corpo. Se não te defenderes, essa é a única história que virá ao de cima.

Será verdade? Não acredito. Deve estar a mentir. Ele nunca me faria tal coisa.

Pois não?

A detetive Sprague vasculha o bolso da gabardina até encontrar um pequeno cartão retangular, que me estende.

– Tens aqui o meu cartão. Escrevi o meu número de telemóvel na parte de trás. Se quiseres falar comigo, liga-me em qualquer altura. A sério.

Aceito o cartão, mas não digo nada.

Ela lança-me um último olhar, regressa ao carro preto e arranca. Depois de desaparecer, olho para o cartão que me deu. Viro-o e vejo os algarismos do seu número de telemóvel escritos a tinta preta. Fico a olhar fixamente para os números, que se esbatem à medida que as gotas de chuva continuam a cair.

Acabo por ter de regressar a casa, pois a chuva ensopou as minhas calças de ganga e pisei uma poça enorme, pelo que agora um dos meus sapatos está encharcado.

A minha mãe está sentada no sofá da sala de estar, a fazer qualquer coisa ao telemóvel. Mal volto a entrar em casa, ergue bruscamente o olhar para mim.

– Onde foste?

– Fui só dar um passeio. – Descalço as sapatilhas ensopadas. – Não fui a nenhum sítio específico.

– Não foste a lado nenhum? – pergunta ela, arqueando as sobrancelhas.

– *Não*.

– Porque, se tiveres ido...

– *Não fui*. – Não lhe digo que a detetive Sprague me viu na rua. Nem lhe falo do cartão de visita que enfiei no bolso do casaco. – Foi só um passeio. A sério, mãe.

– Estou só preocupada. – Pousa o telemóvel e põe-se de pé para me encarar. Começou a parecer tão velha no último ano. Sempre achei que a minha mãe parecia mais jovem e bonita do que a maioria das mães, mas agora parece que podia ser minha avó. – Aquilo de que te acusam é muito grave. Tens de entender isso.

– Eu sei.

Os seus olhos marejam-se.

– Addie, por favor, diz-me. Não me vou zangar. Sabes o que aconteceu à senhora Bennett?

A compulsão de lhe contar tudo torna-se quase avassaladora. Lembro-me de que, quando era pequena, sentia que, se algo estivesse errado, a minha mãe podia dar-me um abraço e fazer com que tudo voltasse a ficar bem. Mas isso já não é possível. Parte de crescer é perceber que os nossos pais já não têm essa capacidade.

– Não, não sei.

«*Nega tudo.*»

Ela limpa os olhos com a parte de trás da mão.

– Estou do teu lado, mas não te posso ajudar se não souber o que aconteceu.

Abro a boca, mas não sei o que dizer. O que quer que pudesse ter dito, porém, é interrompido quando a campainha toca.

Oh, não! Aposto que é a detetive Sprague. Aposto que está aqui para me prender.

– Eu vou lá – digo.

Corro para a porta da frente e abro-a sem verificar quem está do lado de fora. Mas, ao ver quem é, fico de boca aberta. De todas as pessoas que imaginava que podiam estar à minha porta, esta é a última que esperava ver.

É a Kenzie Montgomery.

A Kenzie Montgomery.
Fantástico.

Não bastava ter a polícia a investigar-me por homicídio. Agora, a minha maior inimiga da escola apareceu-me à porta de casa, provavelmente para me atormentar. Este dia não para de melhorar.

A Kenzie está a usar um casaco branco que já vi antes, mas está encharcado pelo que se está a tornar uma chuva bastante pesada. Tem o cabelo louro colado ao couro cabeludo e as faces coradas. Acho que nunca a vi com tão mau aspeto.

– O que fazes aqui? – pergunto, num tom bastante irritado.

A Kenzie ergue a mão para afastar algumas madeixas encharcadas do rosto.

– Preciso de falar contigo. Posso entrar, por favor?

Parte de mim sente-se tentada a recusar. É a última pessoa com quem quero lidar neste momento, mas algo nos seus olhos azuis me impede de lhe fechar a porta na cara. Por isso, anuo e chego-me para o lado para a deixar entrar.

A Kenzie está ensopada. Forma-se uma pequena poça por baixo dela no nosso *hall* e sinto-me relutante em convidá-la a entrar mais em casa. A minha mãe dirige-se silenciosamente ao nosso armário da entrada e tira uma toalha, que traz à Kenzie.

– Sou a mãe da Addie – apresenta-se. – Em que posso ajudar-te?

A Kenzie olha de mim para a minha mãe, ergue a mão e rói a unha do polegar. Choca-me que tenha um hábito tão mau, mas reparo pela primeira vez que tem todas as unhas roídas até ao sabugo.

– Posso falar contigo a sós, Addie? – pede ela. – Por favor?

Olho para a minha mãe. Parece relutante em sair, mas acaba por aquiescer e subir as escadas. Há uma probabilidade de, para aí, cinquenta por cento de ficar a ouvir no cimo dos degraus, mas não há muito que possa fazer em relação a isso. De qualquer maneira, as paredes de nossa casa são finas.

Quando a minha mãe desaparece de vista, eu e a Kenzie vamos para a sala de estar e sentamo-nos no sofá. Eu ocupo uma ponta e ela a outra. Não confio na Kenzie. Infernizou-me a vida este semestre. Imagino que esteja aqui para se meter comigo novamente e não estou mesmo com disposição para isso.

– O que foi? – pergunto.

– Olha – começa a Kenzie, atirando algumas madeixas do cabelo molhado para trás do ombro. – Queria pedir-te desculpa por tudo o que te fiz este ano. Fui uma cabra e lamento.

Não era de todo isso que esperava ouvi-la dizer. Porque me está a pedir desculpa? E porquê agora?

E, no entanto, algo no seu rosto me parece sincero. Não tem o seu sorriso afetado habitual. Reparo que tem olheiras por baixo dos olhos bonitos e uma das unhas tão roída que uma gota de sangue lhe escorre da cutícula.

– Está bem... – Ainda não sei se confio nela, mas não lhe vou atirar o pedido de desculpa à cara. – Tudo bem.

– Além disso... – continua, baixando consideravelmente o tom de voz. Lança um olhar às escadas, assegurando-se de que a minha mãe não está a ouvir. – Queria só dizer-te que... eu sei.

O meu estômago dá uma ligeira cambalhota.

– Sabes o quê?

– Sei... de ti e do professor Bennett.

Oh, não! De todas as pessoas que podiam descobrir, ela é *a pior possível*. Se a Kenzie sabe, não tardará a que toda a escola saiba. E a polícia, claro. Será horrível. Só há uma coisa a fazer.

«*Nega tudo.*»

Retorço-me no sofá.

– Não há nada para saber.

– Há, sim. – Crava os olhos azuis em mim. – Andavas a dormir com ele.

Vejo-lhe nos olhos que tem a certeza. Não está a perguntar nem a sondar. *Sabe*. Deve ter-nos visto a esgueirarmo-nos juntos para a câmara escura ou... sei lá. Oh, meu Deus, isto é o pior de sempre. A pior pessoa possível descobriu a pior coisa que eu alguma vez fiz – bem, a segunda pior. Pergunto-me como descobriu.

– Vi o poema – diz ela.

É a última coisa que esperava que dissesse.

– O quê?

– Quando estávamos na cantina e deixaste cair o tabuleiro do almoço – lembra-me ela. É uma forma simpática de descrever o dia em que me atirou o almoço para o chão. – Vi aquele poema no teu caderno. Ele escreveu-o e deu-to. Tu sabes: «*A vida quase me passou ao largo, mas ela então, jovem e viva...*»

– Chega!

Ergo a mão para a fazer parar de falar, antes que arruíne o meu poema favorito para sempre. Nunca esquecerei os versos que o Nathaniel escreveu só para mim. Sei cada palavra de cor.

A vida quase me passou ao lado

Mas ela então jovem e viva

Com mãos suaves e faces rosadas

Mostrou-me o meu ser

Cortou-me a respiração

Com lábios de cereja

Devolveu-me a vida

Semicerrou os olhos à Kenzie.

– Como sabes que ele me escreveu esse poema?

– Porque... – responde ela, começando novamente a roer a unha. – Ele não o escreveu para ti.

– Escreveu, sim. Acredita.

– Não. – Abana a cabeça. – Escreveu-o para mim.

É como se todo o meu mundo tivesse acabado de desabar. O quê? O que se passa? De que está a Kenzie a falar?

– Escreveu-mo há dois anos – diz ela. – Eu... sei-o de cor.

Felizmente, não volta a recitar o poema, pois, nesse caso, teria de fugir da sala, agarrada aos ouvidos e a gritar.

– Não compreendo – digo. – Porque te escreveu ele um poema?

– Porque eu e o Nate andamos a dormir juntos desde o meu ano de caloirá.

Não. *Não*. Não é possível. Inventou isto só para me torturar.

Recuso-me a crer.

– Estava no clube do jornal da escola – explica ela. – Um dia, ficámos os dois até tarde, enquanto ele me ajudava com um artigo que eu estava a escrever e... começámos a falar. – Inspira fundo, tremulamente. – O meu irmão tinha cancro, na altura. Bem, ainda tem, mas está em remissão. Leucemia. Estava a fazer quimioterapia e passava a vida doente. Parecia que já ninguém na minha família sabia sequer que eu existia. Sei que soa egoísta, mas...

Lembro-me do frasco de comprimidos que encontrei no armário dos medicamentos da Kenzie, receitados para o irmão. *Para as náuseas*. Não fazia ideia de que tinha leucemia. Devem ter guardado segredo.

– O Nate foi tão simpático para mim – murmura ela. – Prestou-me tanta atenção, como os meus pais já não prestavam. E é tão... quer dizer, não conseguia parar de pensar nele. Por isso, quando me beijou...

Isto não faz sentido. O Nathaniel disse-me que nunca tinha sido infiel à mulher. Além disso, se esteve com a Kenzie desde que ela era caloirá, isso

significa que ela tinha catorze anos na altura. O Nathaniel seria incapaz de...

– Disse-me que eu era a alma gémea dele. – Solta uma risada insana. – E eu acreditei totalmente. Estava estupidamente apaixonada por ele. Teria feito tudo por ele. E então, quando aconteceu aquilo tudo entre ti e o professor Tuttle, ele disse que tínhamos de ir com calma. Que não se podia continuar a encontrar comigo, porque havia demasiado escrutínio. – Rói a unha novamente. – Por isso é que estava tão zangada contigo este ano. O Nate mal me falava, e eu sentia que a culpa era tua. Só agora vejo o quanto fui parva. Desculpa pela forma como te tratei.

– Mas, então, e o Hudson? – pergunto, de repente. – Pensava que namoravas com ele.

Ela abana a cabeça.

– Não, eu e o Hudson somos só amigos, mais nada. Ele é muito simpático e foi muito amável para mim, enquanto estive com dificuldades durante este ano, mas não se passou nada entre nós. Andava demasiado obcecada pelo Nate.

É verdade que nunca vi o Hudson e a Kenzie aos beijos. Pareciam passar muito tempo juntos, mas nunca os vi aos amassos no corredor, como outros casais.

– E depois vi o poema no teu caderno. – Esfrega o nariz ligeiramente rosado. – Percebi que ele também to devia ter dado. Senti-me apenas... tão *estúpida*. Percebi que passou o tempo todo a brincar comigo. Aposto que te disse as mesmas coisas que me dizia a mim.

Não sei o que dizer. Pensava que o Nathaniel era o homem mais espantoso que alguma vez conheci ou viria a conhecer. Agora, começo a perguntar-me se não terei percebido tudo mal.

– Não sei o que aconteceu à professora Bennett – diz ela. – Mas vou contar à polícia tudo o que aconteceu entre mim e o Nate. Espero que venhas comigo para o podermos fazer juntas.

Abano a cabeça. A Kenzie tem muitas provas, e, sim, o que ele fez parece grave, mas é a minha *inimiga*. Passou o ano inteiro a atormentar-me. Como posso acreditar nela?

– Tinha apenas *catorze* anos, Addie. – Treme-lhe o lábio inferior. – Sinto-me

tão estúpida por ter acreditado em tudo o que ele me dizia e deixado que me fizesse tudo aquilo. Lixou-me tanto. Só quero evitar que o faça a mais alguém. – Funga sonoramente. – Por favor, vem comigo.

A sua voz trémula quebra a minha determinação. Nunca a vi senão com uma atitude perfeitamente imperturbável. Torço as mãos.

– Provavelmente, nem vão acreditar em nós. Não tenho provas nenhuma. Só falávamos por *Snapflash*, por isso as mensagens desapareceram todas.

– Eu e o Nate também falávamos por *Snapflash* – diz ela. – Mas fiz capturas de ecrã.

– Fizeste?

Acena com a cabeça.

– Na altura, fi-lo porque me queria lembrar do que ele me dizia. Mas está tudo lá. Todas as mentiras que ele me contou.

Leva a mão à mala que tem pendurada ao ombro e tira o telemóvel. Abre uma foto no ecrã, e é então que vejo.

«*És a minha alma gémea.*»

As mesmas palavras que me escreveu. Dirigidas à Kenzie.

Sinto-me demasiado doente para continuar a ler. Empurro o telemóvel de novo para ela e viro-lhe as costas, pestanejando para conter as lágrimas. Será tudo isto real? Pode o Nathaniel ter dito à Kenzie exatamente as mesmas palavras que me dirigiu a mim? Tem de ser algum tipo de partida.

Só que, ao olhar para o rosto da Kenzie, sei que não é.

Ela estende os braços e toma-me a mão nas suas.

– Por favor, Addie. Por favor, vem comigo. Não quero ser a única.

Levo a mão ao bolso das calças de ganga, para onde transferei o cartão que a detetive Sprague me deu há pouco. Tiro-o para olhar para o número rabiscado na parte de trás. A tinta está ligeiramente esbatida pela chuva, mas ainda consigo ler cada algarismo.

– Está bem – aquiesço. – Eu vou.

Estou absolutamente apavorada. Quando chegámos à esquadra, guiaram-nos a uma sala minúscula que me causou uma sensação arrepiante de claustrofobia na parte de trás do pescoço. A iluminação é assustadoramente sombria, e as duas cadeiras de plástico parecem desconfortáveis, facto que se confirma ao sentarmo-nos. Se estivesse aqui sozinha, estaria aterrorizada.

Mas não estou sozinha. Estou com a Kenzie.

Não disse à minha mãe o que ia fazer. Teria insistido em contratar um advogado e em fazer disto toda uma *situação*, mas sei que iria perder a coragem. Por isso, disse-lhe que ia dar um passeio com a Kenzie, mas, em vez disso, viemos para aqui.

Mas agora acho que talvez tenha cometido um erro. Devia ter esperado por um advogado. Ou talvez simplesmente não ter dito nada. A Kenzie parecia tão segura de si, mas não é como se fosse a minha melhor amiga. Passou o ano inteiro a atormentar-me! E agora, por alguma razão, decidi confiar nela...

A Kenzie brinca obsessivamente com uma madeixa do cabelo louro. Puxa-o com tanta força, que me deixa tensa, e vejo-a franzir o sobrolho aos sedosos fios louros como se estivesse zangada com eles.

– O meu cabelo parece palha – queixa-se ela.

Olho para ela, incrédula. A Kenzie tem o cabelo mais sedoso e perfeito que alguma vez vi. Além disso, porque está preocupada com o raio do cabelo quando estamos numa *esquadra*?

– O teu cabelo é lindo.

Ela revira-me os olhos e continua a fazer caretas às madeixas.

Estou a dar em doida à espera de que a detetive Sprague fale connosco. Talvez tenha sido simpática comigo quando me viu na rua, mas pode ter sido tudo falso. O que tenho para lhe dizer é grave. É verdade que a Kenzie teve um caso com o Nathaniel, mas o que eu fiz é muito pior. Ajudei-o a enterrar um cadáver e não tenho bem a certeza de qual de nós a matou.

Parece passar uma eternidade, mas, na realidade, a detetive Sprague demora cerca de vinte minutos a entrar na sala. Ainda tem o cabelo apanhado naquele puxo, mas foi afrouxando ao longo do dia, pelo que o seu rosto parece mais suave. Espero que esteja mesmo do meu lado. Espero não passar o resto da vida na prisão.

Olho para a Kenzie, que continua a brincar com o cabelo. Muito relutantemente, enfia as madeixas atrás da orelha e ergue o olhar para a detetive.

– Olá, Addie – diz a Sprague. Depois, vira-se para a Kenzie e lança-lhe um olhar curioso. – És a Kenzie Montgomery?

A Kenzie assente.

– Eu... Eu e a Addie precisamos de falar consigo sobre o Nathaniel Bennett.

A Sprague não parece particularmente surpreendida. Senta-se numa das cadeiras de plástico à nossa frente e entrelaça os dedos.

– Quando quiserem – declara.

Eu e a Kenzie trocamos olhares. Não combinámos de antemão quem falaria primeiro. Não quero ser a primeira. Presumi que seria a Kenzie a fazê-lo, visto que foi *ela* que teve a ideia de vir aqui.

– Kenzie? – incita a Sprague.

A Kenzie lança-me um olhar, com pânico nos olhos, olhando depois de novo para a detetive.

– Oh. Bem, nós... nós só...

– É sobre o senhor Bennett?

A Kenzie assente, mudamente.

O tom da Sprague suaviza-se.

– Sobre a vossa relação com o senhor Bennett?

A Kenzie baixa a cabeça, anuindo lentamente. A detetive mantém-se em

silêncio, à espera de que ela continue, mas a Kenzie parece demasiado transtornada para dizer mais uma palavra. Apesar de a ideia de vir aqui ter sido sua, não parece conseguir continuar. Aperta os joelhos com as unhas roídas, enquanto os seus olhos se enchem de lágrimas.

Sempre achei que a Kenzie parecia muito madura, mas neste momento parece tão *nova*. Como uma menina. Tinha apenas catorze anos quando o Nathaniel dormiu com ela. *Catorze*. E o Nathaniel... tem quase quarenta! É um *adulto*. É nosso *professor*. Fiquei magoada ao perceber que o Nathaniel me tinha mentido, mas é a primeira vez que tudo me atinge.

O que ele nos fez foi verdadeiramente horrível. *Impensável*.

Tem de pagar. Eu e a Kenzie somos as únicas que podemos garantir que ele tem o que merece.

– Detetive Sprague – digo, de repente. – A verdade é que eu e o professor Bennett andámos o ano inteiro a dormir juntos. Ele... disse-me para não dizer a ninguém.

A detetive Sprague abana a cabeça, de olhos em chamas. Parece querer tirar a arma que tem no cinto e enterrar umas quantas balas no Nathaniel Bennett. Não estava a mentir quanto a querer ajudar-me. Não é possível que esteja a fingir a expressão que tem nos olhos.

– Aquele sacana.

Estendo a mão para a da Kenzie, e ela dá-ma. Vamos fazer isto juntas. Vamos dizer a verdade. Não importa em que tipo de apuros me meto. Estou farta de mentir por aquele homem. Merece tudo o que lhe está prestes a acontecer.

– Addie – diz a detetive. – Conta-me o que aconteceu à Eve Bennett.

E eu conto. Conto-lhe tudo.

Passei as duas últimas horas a conduzir à chuva. Estava a enlouquecer em casa, temendo o regresso da detetive Sprague para me interrogar e o que poderia dizer, por isso tive de sair. Andei às voltas pela cidade, a ouvir música clássica e a deixar a mente vaguear. A dada altura, passei pela Simon's Shoes, que costumava ser a sapataria favorita da Eve, e, por um momento, abateu-se uma vaga de tristeza sobre mim.

Costumava amá-la. A sério que sim.

Está escuro quando regresso a casa. Estaciono na garagem, uma vez que está a chover, e entro em casa por lá. Quando estou a chegar à sala de estar, o telemóvel toca dentro do bolso. Ao tirá-lo, vejo o número que a Sprague utilizou para me telefonar esta manhã a piscar no ecrã.

Não quero atender. Não quero receber mais atualizações da mulher que acredita que assassinei a minha esposa. Tenho a certeza disso. Mas, se não atender a chamada, sei que virá cá a casa. Por isso, atendo.

– Estou? – digo.

– Senhor Bennett? – A sua voz ecoa ligeiramente, como se estivesse em alta-voz. – Onde está, senhor Bennett?

– Estou em casa.

– Está? Porque ainda agora aí estivemos e não abriu a porta.

Estiveram aqui? Ainda bem que não me encontraram.

– Sim, desculpe. Fui dar uma volta. É difícil ficar sentado em casa, à espera de notícias.

– Senhor Bennett, precisamos de falar consigo o mais rápido possível – diz

ela. – Vou mandar o carro-patrolha voltar aí para o ir buscar.

– Um carro-patrolha? – Sinto a boca seca. – Porque é que vai enviar um carro-patrolha? Vai prender-me?

– Não, de momento, não.

«*De momento, não.*»

Não parece promissor. Oíço uma nota de dureza na sua voz que não detetei ontem. Recebeu informação nova. Pergunto-me se a Addie quebrou e lhe falou da nossa relação. Pior ainda, e se a Kenzie foi à polícia?

Isso seria catastrófico. A Kenzie só tinha catorze anos quando a nossa relação começou. Se for à polícia, estou em graves apuros – o tipo de apuros que me deixarão a usar um macacão laranja por uns bons tempos; mesmo quando sair da prisão, não poderei viver a uma determinada distância de nenhum parque infantil. É assim tão grave.

Em abono da justiça, a Kenzie não parecia ter catorze anos. Era extremamente bonita. Mais bonita do que noventa e nove por cento das mulheres adultas neste mundo. A maioria das pessoas não entende como é ter tantas jovens bonitas a atirarem-se a nós todos os anos. Não sou de pedra.

– Senhor Bennett? – diz a Sprague. – Está aí?

– Eu... sim – respondo, com a voz embargada. – Estou aqui.

– Ótimo. Deixe-se estar. Terei um carro-patrolha aí dentro de poucos minutos.

A chamada cai, e eu fico a olhar para o telemóvel com uma sensação crescente de pavor no peito. É quase como se estivesse a asfixiar. Preciso de água. Preciso de água antes que sufoque.

Corro para a cozinha para ir buscar um copo de água. Corro para o lava-loiça, tiro um copo de um dos armários e encho-o de água tépida. Bebo-o e depois fico parado, ainda a arquejar. E é então que vejo algo, no meio da minha cozinha, no mesmo local onde encontrei os sapatos da Eve ontem.

É uma abóbora. Uma abóbora do Dia das Bruxas, para ser mais específico.

No entanto, o Dia das Bruxas já passou, e, por isso, a abóbora começou a apodrecer. A carne apodrecida fez com que as feições se distorcessem. O que costumava ser um grande sorriso transformou-se num esgar maléfico.

E então, ao dar um passo em frente, a abóbora mexe-se.

Que raio?

Parece mover-se com ainda mais violência, e, passado um segundo, uma ave negra sai disparada do topo. É... um corvo? Sobressalto-me, recuando contra a bancada, enquanto o animal bate as asas, tentando escapar da cozinha. Após algumas tentativas falhadas, pousa em cima da abóbora por um momento, a olhar fixamente para mim.

Nunca mais.

Agarro o cabelo com as pontas dos dedos. Quem me está a fazer isto? Quem anda a falar à detetive sobre mim? Porque está tudo isto a acontecer?

Não é a Addie. Não acredito que ela me fizesse isto, e também não creio que seja a Kenzie. A verdade é que só há uma pessoa que julgo ser capaz disto.

Tenho de sair daqui.

Vou a conduzir demasiado depressa.
Se for parado pela polícia, será tudo em vão. Terei problemas com a Sprague por ter saído de casa quando ela me mandou ficar onde estava. Mas, por outro lado, já estou em apuros com a Sprague. Se for à esquadra, o mais provável é que nunca mais volte a sair.

Continua a chover, e o meu *Honda* só tem tração dianteira, pelo que preciso de abrandar e ter mais cuidado. A Eve dizia sempre para comprar um carro com tração às quatro rodas, mas fui teimoso. Apesar de toda a situação – apesar do que me pode acontecer se a polícia me apanhar –, não quero morrer num acidente de carro. A morte é pior do que a prisão.

Antes, andava a conduzir sem rumo, a vaguear pelas ruas, disposto a ir para qualquer lugar menos para casa, mas, desta vez, sei exatamente para onde vou. Vou voltar àquele campo de abóboras.

É arriscado, mas tenho de o fazer. Tenho de provar a mim mesmo que a minha mulher está mesmo morta e enterrada entre as abóboras apodrecidas. Se chegar àquele campo e encontrar a sua sepultura intacta e o seu corpo a apodrecer na terra, só pode querer dizer que a sua alma voltou para me assombrar.

Porque mais ninguém a não ser a Eve poria um corvo na minha cozinha.

Demoro mais de uma hora, porque está a chover e porque – contrariamente à madrugada de sábado – há algum trânsito. Enquanto faço a viagem, o meu telemóvel toca várias vezes. De certeza que é a detetive Sprague, mas deixo as chamadas irem para o correio de voz.

Finalmente, chego à estreita estrada que conduz ao campo de abóboras. Ao

contrário de no sábado de manhã, quando a estrada estava seca e a esboroar, a chuva humedeceu a terra, fazendo os meus pneus deslizarem na lama fresca. Ainda assim, avanço o máximo que consigo.

Depois disso, tenho de fazer o resto do caminho a pé.

Lembrei-me ao menos de trazer umas botas e de vestir um casaco impermeável. Enfio o gorro e puxo o capuz para cima, ao sair do carro. Escorrego de imediato, mas consigo equilibrar-me antes de cair.

Os meus dedos formigam de antecipação. Nunca devia ter deixado a Addie aqui sozinha. Devia tê-la ajudado a acabar de enterrar o corpo da Eve. Pensava que ela podia tratar de tudo sozinha, mas percebo que cometi um erro terrível.

A Eve estava morta. Vi com os meus próprios olhos como a vida se esvaía de dentro dela. Não lhe senti pulsação no pescoço. Não respirava.

Pelo menos, acho que não. Não sou propriamente um médico.

Por entre a chuva, semicerro os olhos até conseguir ver o letreiro do campo de abóboras, coberto de ervas daninhas e também de lama e chuva. As minhas botas afundam-se a cada passo que dou, e pareço demorar meia hora a percorrer a curta distância até ao campo. Quando finalmente chego lá, a minha respiração é pesada, mas não posso parar. Estou demasiado perto.

Sei exatamente onde a enterrámos. Atravesso o campo, pisando abóboras podres que se assemelham demasiado à que está na minha cozinha. Escolhi o espaço mesmo ao lado do velho galinheiro. Aproximo-me, esperando ver um monte de terra irregular. Mas não é isso que vejo.

Vejo um buraco na terra, de cerca de dois metros por sessenta centímetros.

Sinto o coração a palpitar. Não quero morrer de ataque cardíaco neste campo de abóboras no meio de nenhures. Dirijo-me à cova que cavámos há duas noites e inclino-me para a frente, semicerrando os olhos à escuridão. Espero ver o lençol azul-marinho com que cobri o corpo da minha mulher, mas talvez tenha sido roído por animais. Talvez veja, ao invés, o seu cadáver parcialmente decomposto no fundo deste buraco. Mas não vejo nada disso.

A sepultura está vazia.

Caio de joelhos, afundando-me na lama, enquanto sinto lágrimas a picar-me os olhos. Fora o som da chuva torrencial, o cemitério de abóboras está

completamente silencioso. Nada quebra o silêncio. A única palavra proferida é o meu próprio sussurro:

– *Eve...*

Enquanto espero que um eco murmure a palavra de volta, algo bate contra a parte de trás da minha cabeça. Fica tudo negro.

TERCEIRA PARTE

Se nunca foram enterrados vivos, não é algo que recomende. Chama-se tafofobia ao medo de se ser enterrado vivo. Nos tempos bíblicos, as pessoas eram embrulhadas em sudários e os seus corpos depositados em grutas, para que alguém os verificasse, ao fim de alguns dias, para terem a certeza de que estavam realmente mortos. Até George Washington pediu para só ser enterrado dois dias após a sua morte. No passado, durante epidemias, foram desenvolvidos caixões de segurança, que incluíam um dispositivo (como um cordão ligado a um sino) para os alegados falecidos poderem sinalizar ao mundo exterior que ainda estavam vivos.

Tal dispositivo não me teria sido útil, pois as pessoas que me tentaram assassinar foram as mesmas que me enterraram e abandonaram no meio de nenhures, na esperança de nunca ser encontrada. Ver-me sepultada debaixo da terra foi das piores experiências que tive em toda a minha vida.

Mas não é pior do que o que está prestes a acontecer ao meu marido.

DUAS NOITES ANTES

Onde estou?

Está tudo escuro. A última coisa de que me lembro é dos dedos do Nate enrolados à volta do meu pescoço, a apertar. Primeiro, estava a estrangular-me e depois desmaiei.

Mal me consigo mexer. O meu corpo parece estar embrulhado em algo – num

lençol ou cobertor – que me mantém imóvel. Também há uma camada de mais qualquer coisa por cima disso. Algo frio e pesado.

Nesse momento, oiço o som de uma pá a escavar a terra.

Sinto a cabeça a latejar. Sinto que tenho facas na garganta quanto tento engolir. Estou deitada sobre algo frio, irregular e muito desconfortável. É difícil concentrar-me no que está a acontecer à minha volta. A pá raspa novamente contra o solo e, desta vez, é acompanhada por algo a atingir-me na perna. Fecho os olhos contra o negrume, tentando pôr os pensamentos em ordem.

Acho que...

Oh, meu Deus, estão a tentar enterrar-me.

Se for verdade, não sei o que fazer a seguir. Podia gritar ou tentar libertar-me deste lençol, mas, tendo em conta que o meu marido já me estrangulou uma vez e que a Addie me deu com uma frigideira na cabeça, não lhes quero dar uma terceira hipótese. Duvido que sobreviva uma terceira vez.

Mas não posso deixar que me enterrem viva.

Enquanto contemplo as minhas opções, oiço uma jovem voz feminina acima de mim.

– Nathaniel? – chama ela.

Faz-se um longo silêncio, sem nenhum barulho de escavar nem terra a cair em cima de mim. Volta a chamar pelo meu marido, mas não oiço a voz do Nate.

Oiço um rumorejar e vejo a sombra de algo mais escuro por cima de mim. Parece estar prestes a cair-me em cima, por isso preparo-me para sentir um impacto forte. Em vez disso, cai em cima de mim algo leve. Folhas?

O pouco luar que ainda me estava visível é obscurecido quando me arrastam mais folhas para cima. Mas mantenho-me imóvel. Não me mexo. Não grito.

– Nathaniel! – chama ela, uma última vez.

A sua voz soa mais distante, tal como os seus passos.

Respiro superficialmente, só para confirmar que ainda consigo fazê-lo. Apesar de ter sido enterrada, não estou num caixão, presa debaixo da terra. Limitaram-se a embrulhar-me numa espécie de lençol e deitaram apenas uma camada fina de terra por cima de mim, seguida, penso eu, de algumas folhas. O lençol evita que inale terra. Pelo menos, não vou sufocar aqui em baixo.

A única coisa que me poderá matar é se eles descobrirem que ainda estou viva.

Por isso, por mais doloroso que seja, espero, a tremer na terra, com um monte de folhas empapadas como cobertor. Espero até o som dos passos ter desaparecido por completo e espero mais uma hora depois disso – ou aquilo que julgo ser uma hora, já que é difícil saber que horas são quando estamos enterrados no nosso próprio túmulo.

Assim que me parece passar tempo suficiente, decido tentar sair daqui.

Não é propriamente fácil. Apesar de não estar sepultada a sete palmos de terra, a camada de terra e as folhas têm um certo peso. Como se não bastasse, estou embrulhada no lençol como uma múmia – o que significa que estou completamente imobilizada. Além disso, sinto a cabeça a latejar. Dói-me o corpo todo.

As minhas primeiras tentativas não têm grande sucesso. Tento sentar-me, soltar o lençol, mas só consigo frustrar-me. Começo a entrar em pânico. E se não conseguir sair?

Começo a hiperventilar. Não há muito ar fresco aqui em baixo, e não consigo respirar fundo, como quero. As pontas dos meus dedos começam a formigar. Estou presa. Nunca vou sair daqui. E se morrer mesmo aqui em baixo?

Não. *Não*. Isso é impossível. Não estou de mãos atadas. Posso libertar-me. *Vou* libertar-me.

Afinal, é a única maneira de garantir que o meu marido paga pelo que me tentou fazer.

À segunda vez, saio-me melhor. Encontro um dos cantos do lençol e começo a libertar-me. Ao sentir a terra nas mãos, sei que me consegui soltar. Mas tenho de ter cuidado, para não inalar um monte de terra e sufocar.

Levo quase mais uma hora, mas acabo por conseguir sair da minha própria sepultura.

Mal a minha cabeça rompe a superfície, sorvo uma grande lufada de ar fresco. Pensava que ia morrer ali em baixo. Está um frio de rachar, mas nem quero saber. Não quero saber de nada a não ser de já não estar enterrada viva. Foi a experiência mais aterradora que alguma vez tive.

Enquanto me tento levantar, olho para o que me rodeia. Que sítio é este?

Parece uma espécie de cemitério, mas para abóboras em vez de seres humanos. Como raio vou regressar à civilização?

Nesse momento, vejo algo caído no lençol de onde acabo de escapar.

Oh, meu Deus, é a minha *mala*.

Enterraram-na aqui comigo. Apanho-a do chão e vasculho o interior. Arquejo de alegria ao encontrar o meu telemóvel lá dentro. Está desligado, mas o ecrã ilumina-se quando primo o botão lateral. Infelizmente, não há rede. Mas, se continuar a andar, de certeza que chegarei a um lugar onde consiga apanhar um ou dois traços.

Vou voltar para casa. Depois, vou fazer o Nate pagar por isto.

Enterraram-me sem sapatos. Se tivesse tirado aqueles poucos segundos para calçar as sapatilhas antes de confrontar a Addie na cozinha, esta viagem de regresso à estrada seria muito mais fácil. Ao invés, abro cuidadosamente caminho através do solo irregular, com ramos a apunhalar-me as solas dos pés. Como se não bastasse, estou gelada. Trouxe o lençol comigo e fiz um xaile improvisado com ele para me tentar manter quente. Mas as temperaturas devem estar negativas.

Ao fim de cerca de meia hora a caminhar, chego ao que parece ser uma pequena estrada. Volto a tirar o telemóvel de dentro da mala – aleluia, tenho rede. Um traço. É um milagre.

Começo a ligar para o 112, mas depois detenho-me.

Podia chamar a polícia e mandar o meu marido para a prisão pelo que me fez. Mas é possível que arranje um advogado e saia sob fiança poucos dias depois. Encaremos os factos, se incluírem mulheres no júri, é provável que saia só com uma reprimenda. Surpreendia-me se for sequer a julgamento. O Nate tem um talento para se desenvencilhar das coisas.

Não, tenho de me assegurar de que paga por tudo o que fez.

Por isso, envio antes uma mensagem à única pessoa de que me consigo lembrar que talvez esteja disposta a vir-me buscar a meio da noite.

O Jay demora vinte minutos a responder à minha mensagem no *Snapflash*. Vinte minutos que passo a tremer à beira da estrada, perguntando-me se o som da notificação será suficiente para o acordar – tenho o seu número, mas é demasiado arriscado ligar-lhe. Quando estou mesmo a pensar em desistir e ligar

para a polícia, o seu nome surge no ecrã do meu telemóvel. Quase nunca me liga. Imagino-o escondido na casa de banho de casa para que *ela* não o oiça e para não acordar o bebé.

– Eve? – diz ele. – O que se passa?

– Preciso que me venhas buscar – respondo. – Eu... desculpa. Sei que é cedo.

– O meu relógio diz que são quase cinco da manhã.

– Onde estás?

Ele vem buscar-me. Graças a Deus.

Espero por ele à beira da estrada, a tremer debaixo do lençol. Espero não apanhar uma pneumonia. Quando finalmente vejo o seu carro encostar à berma da estrada, desato a chorar. Escorrem-me lágrimas pelas faces ao sentar-me no carro, ao seu lado. Parece alarmado com o meu aspeto.

– Eve – diz ele. – Onde estão os teus sapatos?

A pergunta só me faz chorar ainda mais.

Contudo, o Jay não me obriga a explicar. Limita-se apenas a conduzir e viajamos juntos em silêncio enquanto eu choro baixinho. Ao regressarmos a Caseham, começo a dizer-lhe para não ir para minha casa, mas então reparo que vai numa direção diferente. Alguns minutos depois, entra no parque de estacionamento da Simon's Shoes.

– Anda – diz ele. – Vamos arranjar-te uns sapatos.

Sigo-o para fora do carro, sentindo o piso do parque de estacionamento frio contra as solas dos meus pés. Ele tira-me o lençol, ainda embrulhado à minha volta como um xaile, e dá-me o seu casaco, apesar de não estarmos longe da entrada da loja. Pega-me na mão, e dirigimo-nos juntos à porta da sapataria. Tira a chave do bolso e destranca-a.

– Leva o que quiseres – diz-me ele.

Escolho um par de botas de neve pretas horrendas, diferentes de tudo o que tenho no roupeiro, mas que estão em saldos. Começo a mexer na mala, à procura da carteira. Naturalmente, tenho de pagar em dinheiro...

– Não te preocupes com isso – diz o Jay.

– Mas...

– Disse para não te preocupares. A sério.

Não discuto mais com ele. Calço as botas de neve pretas, que, apesar de serem feias, me aquecem imediatamente os pés. Mantenho o casaco do Jay vestido e deixo-me cair num dos bancos. Ele senta-se ao meu lado, sem dizer nada. Está a ser muito paciente. Em breve, o sol irá nascer.

– O Nate... ele... – Escolho as palavras cuidadosamente. Não quero que ele saiba que a Addie também esteve envolvida. Nada de bom pode resultar disso. De qualquer maneira, isto é entre mim e o meu marido. – Ele tentou matar-me.

O Jay olha para mim, com o rosto petrificado de horror.

– Tentou enterrar-me – digo. – Mas não estava morta. Esperei que ele partisse e voltei para a estrada.

– Eve – murmura ele.

Estremeço, apesar de ter o seu casaco vestido.

– Quero que ele pague por isto.

– Vamos chamar a polícia agora mesmo.

– Não – digo, com firmeza. – Quero fazer isto à minha maneira. Quero garantir que ele paga por tudo o que fez.

O Jay franze as sobrancelhas. Vejo a cicatriz recortada na linha do seu cabelo.

– Certo...

– Sabes... sabes de algum sítio onde possa ficar por alguns dias?

– Temos uma sala de ferramentas – responde ele, pensativo. – Fica nas traseiras. Nunca ninguém a usa. Posso pôr lá um saco-cama. Não será confortável, mas é quente que chegue com a porta fechada.

– Perfeito – digo. – E há mais algumas coisas em que preciso que me ajudes.

Ele fita-me com absoluta devoção no olhar.

– Faço tudo o que quiseses.

E faz mesmo.

Foi o Jay quem bateu com uma pedra na cabeça do Nate e o deixou sem sentidos.

Queria ser eu a fazê-lo, mas, logicamente, fazia mais sentido que fosse o Jay. É mais alto do que o Nate e provavelmente também é mais forte. Se fosse eu a fazê-lo, podia não ficar inconsciente. Não podia correr esse risco. Não depois do que fiz para garantir que ele acabava neste preciso lugar.

Eu e o Jay passámos os últimos dois dias a atormentar o meu marido. Foi um risco, mas valeu a pena. Sabia que, depois de ver aquele corvo na cozinha, ele se convenceria de que eu ainda estava viva e acabaria por vir aqui parar. Mais ninguém além de mim o atormentaria dessa forma.

«O Corvo» é o poema favorito de todos os tempos do Nate. Sei-o demasiado bem.

O Nate está inconsciente no chão. O seu rosto atraente está apagado. Quero tirar a pedra ao Jay e bater-lhe outra vez com ela, mas preciso que ele acorde. Isto está longe de acabar. Não tardará a recuperar os sentidos, por isso temos de agir depressa. O Jay leva a mão ao bolso do casaco e tira um rolo de fita adesiva. Estende-mo.

– Queres fazer as honras? – pergunta.

Quero, pois. Ato os pulsos do meu marido à sua frente e, em seguida, prendo-lhe também os tornozelos. Quando estou a acabar de o amarrar, ele geme no chão lamacento. Os seus olhos entreabrem-se lentamente.

– Está a acordar – digo eu ao Jay. – Atira-o para o buraco.

O Nate podia não estar acordado antes, mas sem dúvida que atirá-lo para

aquela poça rasa de água gelada o desperta. As suas pálpebras abrem-se com um tremular, e ele fita-me, pestanejando contra as gotas de chuva. O Jay mantém-se cuidadosamente longe de vista.

– Eve? – crocita o Nate.

Não digo nada. Dou-lhe um momento para assimilar a situação, o facto de estar deitado numa campá rasa, numa poça de água lamacenta, de pulsos e tornozelos amarrados. Vejo o pânico toldar-lhe o rosto.

– Eve – arqueja ele. – O que estás a fazer? O que se passa?

Olho para o meu marido. Quando estava junto a ele no dia do nosso casamento – o dia mais feliz da minha vida –, nunca imaginei que pudesse odiá-lo tanto como odeio neste momento.

– Tentaste matar-me. Enterraste-me nesse buraco.

– Eu... – O Nate abana-se, lutando para manter o rosto acima da água lamacenta da cova. – Lamento, Eve. Cometi um erro terrível. Foi por isso que voltei.

– Não foi por isso que voltaste. Voltaste para garantir que eu estava mesmo morta.

Vejo-o engolir em seco, fazendo a sua maçã de adão oscilar.

– Está bem, pronto. Tens razão. O que fiz foi terrível. Sou uma pessoa terrível.

– Volta a pestanejar para tirar a água dos olhos. – Mas tu não és. Não és assim. Eu *conheço-te*.

– Não conheces, não. – Solto uma risada. – Não me conheces há anos. E de certeza que não me amas.

– Admito que tivemos os nossos problemas...

– Ah, tivemos? – Volto a rir-me.

O Nate debate-se para se sentar, tentando manter a cabeça acima da poça superficial que se formou no fundo da sepultura.

– Por favor, Eve. Tu não és assim. Não queres fazer isto. Não vai resolver os teus problemas.

– Sim, porque tu sabes tudo sobre os meus problemas, não sabes? Tendo em conta que és a causa de todos eles.

– Está bem, é justo. – Parte da água lamacenta entra-lhe para a boca ao falar, e

ele faz um esgar e cospe-a. – Tira-me só daqui. Podemos falar sobre isto. Faço tudo o que quiseres.

– Não – digo, baixinho. – Isso não vai acontecer.

– Eve! – O pânico no seu rosto intensifica-se. Começa a debater-se contra as amarras. – Percebes que me vou afogar aqui dentro, certo? Por favor, para com este disparate! Faço tudo o que quiseres. Deixo de ensinar, saio da cidade. Tudo o que quiseres, está bem?

– Não te preocupes – digo-lhe eu. – Não vou deixar que te afogues.

Por um momento, os seus ombros relaxam, e ele para de se debater contra a fita adesiva.

– Certo. Obrigado. Sei que não o farias.

Pego na pá pousada no chão ao meu lado.

– Vou enterrar-te antes disso.

Dito isto, recolho uma pazada de terra e atiro-lha para cima.

– Eve! – grita ele. – Jesus Cristo, qual é o teu problema? Enlouqueceste?

Recolho mais terra e atiro-a para o buraco.

– Eve! – Tem o rosto vermelho-vivo. – Eve, querida, lamento tanto por tudo! Eu amo-te! Tens de saber! Não me podes fazer uma coisa destas!

Deixo cair mais uma pazada de terra no buraco.

– Eve! – arqueja ele. – Não me faças isto! Eve! *Eve!*

O Nate debate-se na sepultura, tentando libertar-se. Mas não vai conseguir. Amarrei-o demasiado bem. Estou prestes a deitar mais terra lá para dentro, quando o Jay me agarra no braço. Puxa-me para trás, para onde o meu marido não nos possa ouvir.

– Eve – diz ele. – Vais matá-lo.

Ergo o queixo.

– Eu sei.

O Jay lança um olhar à cova, onde o meu marido grita a plenos pulmões. Mais ninguém o consegue ouvir a não ser nós.

– Ele tem razão. Matá-lo não vai resolver os teus problemas.

– Ficarias surpreendido.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – pergunta ele, franzindo as

sobrancelhas.

– Nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

Por um momento, o Jay fica a olhar para mim. Depois, pega na outra pá e regressa à sepultura comigo. Quando recolho mais terra e a atiro para dentro do buraco, ele faz o mesmo.

– Eve! – grita o Nate. – Por amor de Deus, Eve, não faças isto! Não podes fazer isto!

Posso e farei. Atiro mais duas pazadas de terra para dentro do buraco.

– Vais ser presa. Sabes disso, certo? Vais passar o resto da tua vida a apodrecer na prisão, sua cabra maluca!

Mais duas pazadas de terra. Uma atinge-o no rosto, e ele começa a soluçar.

– Por favor, Eve. – O seu olho esquerdo está toldado por lama enquanto me fita. – Por favor, não faças isto, Evie. Imploro-te. Por favor...

O Nate disse-me em tempos que achava que a morte é como estar no limiar de um abismo ou uma treta pretensiosa do género. Tinha mais pavor da morte do que de qualquer outra coisa no mundo. Não sei se acredito na vida depois da morte, mas estou certa de que o meu marido vai passar o resto da sua a arder no inferno.

Alterna entre implorar-nos que paremos e gritar ameaças até a lama lhe cobrir por completo o rosto. Pouco depois, fica silencioso. Continuamos a atirar terra até o buraco ficar completamente cheio. Enquanto dou os últimos retoques na campa do meu marido nos bosques, recito para comigo o poema que ele me escreveu há muitos anos, quando tinha quinze anos e ele era o meu professor de Inglês, acabado de sair da universidade, a jurar que eu era a sua alma gémea:

A vida quase me passou ao lado

Mas ela então jovem e viva

Com mãos suaves e faces rosadas

Mostrou-me o meu ser

Cortou-me a respiração

Com lábios de cereja

Devolveu-me a vida

Epílogo

ADDIE

SEIS MESES DEPOIS

Quando chego ao parque de estacionamento da escola, o Hudson está encostado ao carro, a conversar com alguns dos colegas do futebol, apesar de a época já ter terminado. Assisti a todos os jogos, e o Hudson arrasou. Merece o título de lançador estrela. Vai conseguir uma bolsa para uma universidade excelente – vão todas lutar por ele.

Ao ver-me, o Hudson ergue a mão num cumprimento.

– Addie! – chama, como se eu não o tivesse visto de imediato.

Faço o resto do caminho a correr, com um sorriso palerma plasmado no rosto. Tenho vindo a sorrir bem mais nos últimos tempos. Desde que recuperei o meu melhor amigo, o mundo parece muito mais luminoso. Continuo a não ser a rainha da popularidade, mas não importa. O Hudson é a única pessoa de quem alguma vez precisei.

Este ano foi de loucos.

Depois de eu e a Kenzie termos falado com a detetive Sprague, ela tentou enviar um agente para ir buscar o Nathaniel, mas ele fugiu. Suponho que sabia que estava em graves apuros e decidiu que era melhor desaparecer do que ser rotulado como predador sexual.

Podiam tê-lo procurado com mais afinco, mas, de repente, a professora Bennett apareceu, a contar uma história sobre ter decidido apanhar um autocarro para um sítio qualquer, pois precisava de se afastar por alguns dias. Disse que pagou em dinheiro e não fazia ideia de que andava toda a gente à sua procura. A Sprague tinha registado o que lhe contei sobre o que eu e o

Nathaniel lhe fizemos, mas ela recusou-se a confirmá-la. Como não estava, de facto, morta nem enterrada, a polícia não pôde fazer nada.

Claro que tanto a professora Bennett como eu sabemos a verdade. E ambas sabemos que, se eu a tivesse coberto com terra e não com folhas, tudo podia ter corrido de forma muito diferente.

Seja como for, ela nunca regressou à Escola Secundária de Caseham. Pediu a demissão quando o escândalo do marido veio à tona, e depois saiu da cidade. Acabámos com um professor substituto o resto do semestre. Oxalá tivesse sido o professor Tuttle, mas ouvi rumores de que arranjou emprego noutra escola secundária numa terra próxima. Têm sorte em tê-lo.

Quanto ao professor Bennett, parece que eu e a Kenzie não éramos as únicas «almas gémeas» que ele tinha entre as suas alunas. Às vezes, pensar nisso deixa-me doente. Sinto-me tão estúpida.

Estou grata por poder falar com a Kenzie sobre isso. Tornámo--nos amigas íntimas este ano. Passámos horas a falar sobre o Nathaniel. Faz-me sentir-me melhor que uma rapariga tão inteligente, bonita e popular como a Kenzie Montgomery tenha sido iludida da mesma forma que eu. Diz que falar comigo também a faz sentir-se melhor com toda a situação.

Além disso, começámos as duas a andar no psicólogo. Tudo ajuda.

– Já não era sem tempo – brinca o Hudson, ao ver-me chegar ao seu carro. – O que estavas a fazer lá dentro?

Tinha-me atrasado porque eu e a Lotus estivemos a dar os últimos retoques na revista de poesia, que temos vindo a preparar sozinhas desde que o Nathaniel fugiu. Mas não lhe digo nada. Quero que seja uma surpresa.

– Desculpa! Estou aqui agora, ao menos.

Um dos colegas do Hudson da equipa de futebol ri-se.

– A tua miúda tem-te mesmo na mão. Quanto tempo te faz esperar por ela, afinal?

O Hudson também se ri e não corrige o amigo que me referiu como «a sua miúda». Pergunto-me por que motivo não o faz, sobretudo porque, às vezes, ao fazermos o trajeto entre o carro e a escola todas as manhãs, ele estende o braço e pega-me na mão. Pelo menos, não namora com a Kenzie. Estou bastante certa

de que andava com uma rapariga no início do ano, mas já não anda.

– Vais andando, então? – pergunta um dos rapazes ao Hudson, enquanto ele me abre a porta. É desnecessário fazê-lo, mas é querido.

– Ahã – responde o Hudson. – Eu e a Addie vamos beber um batido, antes de eu ir para o trabalho. Vemo-nos depois, Walsh?

– Até depois, Jay – diz-lhe o outro miúdo.

Quando o Hudson se senta no lugar do condutor, faço uma observação.

– Tenho de perguntar. Porque é que todos os teus colegas do futebol te tratam por Jay?

– Bem, sabes que nos tratamos todos uns aos outros pelos apelidos – explica ele. – Mas *Jankowski*? É um palavrão. Por isso, tratam-me apenas por Jay como diminutivo. Eu até gosto.

Até podia gostar, mas, para mim, ele será sempre o Hudson.

– Muito bem, é melhor irmos – diz ele. – O meu turno na sapataria começa às cinco, por isso só temos uma hora para os batidos.

O Hudson trabalha mesmo mais do que ninguém. Além da escola, trabalha na Simon's Shoes vários dias por semana e ainda passa a vida a tomar conta do irmão de um ano. Mas, mesmo com tanta coisa na sua vida, arranja sempre tempo para mim.

Entramos no parque de estacionamento junto ao restaurante com os melhores batidos da cidade. Pergunto-me se iremos partilhar um só batido. Se o fizermos, o que significa? Gosto do Hudson. Muito. Se é a minha alma gémea? Não sei. Acho que uma pergunta um pouco estúpida.

Logo depois de estacionar, o telemóvel do Hudson vibra, e ele tira-o do bolso. Ao ler a mensagem, um sorriso aflora-lhe aos lábios.

– O que foi? – pergunto.

Volta a enfiar o telemóvel no bolso.

– Nada. Só uma velha amiga minha.

– Amiga íntima?

O seu sorriso torna-se acanhado, enquanto esfrega a cicatriz na testa, que fez quando éramos miúdos estúpidos e rastejámos por baixo da vedação que rodeia a sua casa.

– Pode-se dizer que sim. Ela, hã... gostava muito de sapatos e costumava passar a vida na sapataria e... hã, sim.

A pele clara do Hudson fica de uma rosa intenso, o que me faz pensar que a amiga da sapataria era muito mais do que uma mera cliente. Por alguma razão, ele não quer admitir. Claro que só me faz interrogar ainda mais sobre quem é. Pergunto-me se ele se apaixonou por ela como eu me começo a apaixonar por ele.

– Enfim – diz ele. – Passou por um... digamos... período difícil por algum tempo e estava bastante abalada, mas está muito melhor agora. Há já algum tempo que a conheço, mas, pela primeira vez na vida, parece feliz, o que é bom, sabes? Quero que seja feliz. Ela merece.

Sem dúvida que era uma amiga íntima – vejo-lho escrito no rosto. Pergunto-me se será a namorada que ele tinha no início do ano, mas tenho medo de perguntar. Seja como for, não tenho nada que ver com isso. Ele já não está com ela.

Saímos do carro, e o Hudson procura a minha mão. Entrelaça os dedos nos meus, e, quando me sorri, eu sorrio-lhe de volta. Enquanto nos dirigimos ao restaurante juntos, decido que vou pedir um batido de baunilha com montes de *chantilly* por cima e uma cereja no topo. Mereço um mimo.

GUIA PARA GRUPOS DE LEITURA

1. Como é que o prólogo prepara o mistério do romance? Enquanto lia, quem achou que estava a enterrar o cadáver? Tinha razão?
2. Como é que a Eve retrata a relação com o marido? São felizes juntos?
3. O que julgam as pessoas que aconteceu entre a Addie e o professor Tuttle e como é que isso arruína a reputação da Addie? O que aconteceu realmente entre eles?
4. A Eve e a Addie podem ser consideradas narradoras pouco fiáveis. Porquê? Dê alguns exemplos de alturas em que podem não ter estado a contar a história toda.
5. Este livro passa-se maioritariamente numa escola secundária. Como é retratado o ambiente escolar? Compare as suas experiências da escola com as da Addie.
6. Ao longo da narrativa, vemos que a Eve lida com os problemas no casamento através da compra de sapatos. Porque utiliza ela os sapatos como escape? Discuta o papel importante que os sapatos desempenham no final do livro.
7. O que é que a Addie e o Hudson fazem ao pai da Addie e como é que isso afeta a sua amizade? Estava à espera dessa reviravolta? Porquê ou porque não?
8. O que acontece entre a Addie e o professor Bennett? Como se sentiu em relação a isso? Como teria reagido se fosse a Eve?
9. O que fazem a Addie e o Nate à Eve e porquê? Estava à espera disso?
- 1
0. A história é contada da perspetiva de várias personagens. O que acrescenta isso ao mistério? Há alguma perspetiva que tenha gostado mais de ler?
- 1
1. A história termina com uma reviravolta chocante. Estava à espera dela? Se não, o que achava que ia acontecer?

AGRADECIMENTOS

Quando estava a escrever *A Professora*, perguntei à minha filha adolescente: «Achas que me podias escrever um poema que um adolescente achasse que é muito profundo, mas que é, na verdade, dolorosamente mau?»

Em resposta, ela sentou-se ao meu lado, tirou-me o portátil do colo e disse: «Dá-me dois minutos.» Vi-a então a criar *o melhor mau poema que alguma vez tinha visto*. Fiquei estarecida. «É tão perfeito», disse-lhe eu, antes de, obviamente, alterar um monte de coisas.

Com a publicação de *A Professora* no horizonte, lembrei-lhe desse poema que me escreveu. Disse-lhe o quanto o adorava e que lhe ia dar crédito por ele nos agradecimentos. Ela respondeu: «Ugh, *por favor*, não.»

Hum. Talvez não devesse ter contado esta história.

Seja como for, ela não vai ler este livro, porque *preferia morrer*. Um dia, quando for adulta, terá isto para recordar e fazer sentir-se ligeiramente envergonhada e/ou nostálgica.

Obrigada também a Jenna Jankowski (o Hudson não foi de todo batizado em sua honra, mas só prova que algumas coisas estão verdadeiramente destinadas), pelos comentários incríveis e pela ajuda a moldar este livro na história em que se tornou, bem como a toda a equipa da Sourcebooks, pelo trabalho incrível.

Obrigada à minha mãe, que é sempre a primeira a ler os meus livros e nunca entende a reviravolta no final. Obrigada às minhas leitoras beta, Pam, Kate e Emily. Obrigada a Daniel e Val, pela ajuda na revisão! E um enorme obrigada à minha agente, Christina Hogrebe, e à equipa da JRA pelo apoio!

Por último, mas sem dúvida não menos importante, obrigada, obrigada, obrigada a todos os meus leitores! Estou verdadeiramente grata a todos os leitores que apoiaram a minha viagem. Espero que os meus livros vos tenham dado pelo menos um bocadinho da alegria que me deu ver tantas pessoas a lê-los!

Table of Contents

1. [Prólogo](#)
2. [1](#)
 1. [Eve](#)
3. [2](#)
 1. [Addie](#)
4. [3](#)
 1. [Eve](#)
5. [4](#)
 1. [Addie](#)
6. [5](#)
 1. [Eve](#)
7. [6](#)
 1. [Addie](#)
8. [7](#)
 1. [Eve](#)
9. [8](#)
 1. [Addie](#)
10. [9](#)
 1. [Eve](#)
11. [10](#)
 1. [Addie](#)
12. [11](#)
 1. [Eve](#)
13. [12](#)
 1. [Addie](#)
14. [13](#)
 1. [Eve](#)
15. [14](#)
 1. [Addie](#)
16. [15](#)
 1. [Addie](#)
17. [16](#)
 1. [Eve](#)
18. [17](#)
 1. [Eve](#)
19. [18](#)
 1. [Addie](#)
20. [19](#)
 1. [Eve](#)
21. [20](#)
 1. [Addie](#)
22. [21](#)

1. [Eve](#)
23. [22](#)
1. [Addie](#)
24. [23](#)
1. [Addie](#)
25. [24](#)
1. [Eve](#)
26. [25](#)
1. [Addie](#)
27. [26](#)
1. [Eve](#)
28. [27](#)
1. [Addie](#)
29. [28](#)
1. [Addie](#)
30. [29](#)
1. [Addie](#)
31. [30](#)
1. [Eve](#)
32. [31](#)
1. [Addie](#)
33. [32](#)
1. [Addie](#)
34. [33](#)
1. [Eve](#)
35. [34](#)
1. [Addie](#)
36. [35](#)
1. [Addie](#)
37. [36](#)
1. [Eve](#)
38. [37](#)
1. [Addie](#)
39. [38](#)
1. [Addie](#)
40. [39](#)
1. [Eve](#)
41. [40](#)
1. [Addie](#)
42. [41](#)
1. [Addie](#)
43. [42](#)
1. [Addie](#)
44. [43](#)
1. [Eve](#)
45. [44](#)
1. [Eve](#)
46. [45](#)

1. [Addie](#)
47. [46](#)
1. [Addie](#)
48. [47](#)
1. [Eve](#)
49. [48](#)
1. [Eve](#)
50. [49](#)
1. [Eve](#)
51. [50](#)
1. [Eve](#)
52. [51](#)
1. [Addie](#)
53. [52](#)
1. [Addie](#)
54. [53](#)
1. [Eve](#)
55. [54](#)
1. [Eve](#)
56. [55](#)
1. [Addie](#)
57. [56](#)
1. [Addie](#)
58. [57](#)
1. [Eve](#)
59. [58](#)
1. [Addie](#)
60. [59](#)
1. [Nate](#)
61. [60](#)
1. [Addie](#)
62. [61](#)
1. [Addie](#)
63. [62](#)
1. [Addie](#)
64. [63](#)
1. [Nate](#)
65. [64](#)
1. [Addie](#)
66. [65](#)
1. [Nate](#)
67. [66](#)
1. [Nate](#)
68. [67](#)
1. [Addie](#)
69. [68](#)
1. [Addie](#)
70. [69](#)

1. [Nate](#)
71. [70](#)
1. [Nate](#)
72. [71](#)
1. [Addie](#)
73. [72](#)
1. [Addie](#)
74. [73](#)
1. [Addie](#)
75. [74](#)
1. [Addie](#)
76. [75](#)
1. [Addie](#)
77. [76](#)
1. [Nate](#)
78. [77](#)
1. [Nate](#)
79. [78](#)
1. [Eve](#)
80. [79](#)
1. [Eve](#)
81. [80](#)
1. [Eve](#)
82. [Epílogo](#)
1. [Addie](#)
83. [Guia para Grupos de Leitura](#)
84. [Agradecimentos](#)

Page List

1. [5](#)
2. [7](#)
3. [9](#)
4. [10](#)
5. [11](#)
6. [13](#)
7. [15](#)
8. [16](#)
9. [17](#)
10. [18](#)
11. [19](#)
12. [20](#)
13. [21](#)
14. [22](#)
15. [23](#)
16. [24](#)

17. [25](#)
18. [26](#)
19. [27](#)
20. [28](#)
21. [29](#)
22. [30](#)
23. [31](#)
24. [32](#)
25. [33](#)
26. [34](#)
27. [35](#)
28. [36](#)
29. [37](#)
30. [38](#)
31. [39](#)
32. [40](#)
33. [41](#)
34. [42](#)
35. [43](#)
36. [44](#)
37. [45](#)
38. [46](#)
39. [47](#)
40. [48](#)
41. [49](#)
42. [50](#)
43. [51](#)
44. [52](#)
45. [53](#)
46. [54](#)
47. [55](#)
48. [56](#)
49. [57](#)
50. [58](#)
51. [59](#)
52. [60](#)
53. [61](#)
54. [62](#)
55. [63](#)
56. [64](#)
57. [65](#)
58. [66](#)
59. [67](#)
60. [68](#)
61. [69](#)
62. [70](#)
63. [71](#)
64. [72](#)

65. [73](#)
66. [74](#)
67. [75](#)
68. [76](#)
69. [77](#)
70. [78](#)
71. [79](#)
72. [80](#)
73. [81](#)
74. [82](#)
75. [83](#)
76. [84](#)
77. [85](#)
78. [86](#)
79. [87](#)
80. [88](#)
81. [89](#)
82. [90](#)
83. [91](#)
84. [92](#)
85. [93](#)
86. [94](#)
87. [95](#)
88. [96](#)
89. [97](#)
90. [98](#)
91. [99](#)
92. [100](#)
93. [101](#)
94. [102](#)
95. [103](#)
96. [104](#)
97. [105](#)
98. [106](#)
99. [107](#)
100. [108](#)
101. [109](#)
102. [110](#)
103. [111](#)
104. [112](#)
105. [113](#)
106. [114](#)
107. [115](#)
108. [116](#)
109. [117](#)
110. [118](#)
111. [119](#)
112. [120](#)

113. [121](#)
114. [122](#)
115. [123](#)
116. [124](#)
117. [125](#)
118. [126](#)
119. [127](#)
120. [128](#)
121. [129](#)
122. [130](#)
123. [131](#)
124. [132](#)
125. [133](#)
126. [134](#)
127. [135](#)
128. [136](#)
129. [137](#)
130. [138](#)
131. [139](#)
132. [140](#)
133. [141](#)
134. [142](#)
135. [143](#)
136. [144](#)
137. [145](#)
138. [146](#)
139. [147](#)
140. [148](#)
141. [149](#)
142. [150](#)
143. [151](#)
144. [152](#)
145. [153](#)
146. [154](#)
147. [155](#)
148. [156](#)
149. [157](#)
150. [158](#)
151. [159](#)
152. [160](#)
153. [161](#)
154. [162](#)
155. [163](#)
156. [164](#)
157. [165](#)
158. [166](#)
159. [167](#)
160. [168](#)

161. [169](#)
162. [170](#)
163. [171](#)
164. [172](#)
165. [173](#)
166. [174](#)
167. [175](#)
168. [176](#)
169. [177](#)
170. [178](#)
171. [179](#)
172. [180](#)
173. [181](#)
174. [182](#)
175. [183](#)
176. [184](#)
177. [185](#)
178. [186](#)
179. [187](#)
180. [188](#)
181. [189](#)
182. [190](#)
183. [191](#)
184. [192](#)
185. [193](#)
186. [194](#)
187. [195](#)
188. [196](#)
189. [197](#)
190. [198](#)
191. [199](#)
192. [200](#)
193. [201](#)
194. [202](#)
195. [203](#)
196. [204](#)
197. [205](#)
198. [206](#)
199. [207](#)
200. [208](#)
201. [209](#)
202. [210](#)
203. [211](#)
204. [212](#)
205. [213](#)
206. [214](#)
207. [215](#)
208. [216](#)

209. [217](#)
210. [218](#)
211. [219](#)
212. [220](#)
213. [221](#)
214. [222](#)
215. [223](#)
216. [224](#)
217. [225](#)
218. [226](#)
219. [227](#)
220. [228](#)
221. [229](#)
222. [230](#)
223. [231](#)
224. [232](#)
225. [233](#)
226. [234](#)
227. [235](#)
228. [236](#)
229. [237](#)
230. [238](#)
231. [239](#)
232. [240](#)
233. [241](#)
234. [242](#)
235. [243](#)
236. [244](#)
237. [245](#)
238. [246](#)
239. [247](#)
240. [248](#)
241. [249](#)
242. [250](#)
243. [251](#)
244. [252](#)
245. [253](#)
246. [254](#)
247. [255](#)
248. [256](#)
249. [257](#)
250. [259](#)
251. [260](#)
252. [261](#)
253. [262](#)
254. [263](#)
255. [264](#)
256. [265](#)

257. [266](#)
258. [267](#)
259. [268](#)
260. [269](#)
261. [270](#)
262. [271](#)
263. [272](#)
264. [273](#)
265. [274](#)
266. [275](#)
267. [276](#)
268. [277](#)
269. [278](#)
270. [279](#)
271. [280](#)
272. [281](#)
273. [282](#)
274. [283](#)
275. [284](#)
276. [285](#)
277. [286](#)
278. [287](#)
279. [288](#)
280. [289](#)
281. [290](#)
282. [291](#)
283. [292](#)
284. [293](#)
285. [294](#)
286. [295](#)
287. [296](#)
288. [297](#)
289. [298](#)
290. [299](#)
291. [300](#)
292. [301](#)
293. [302](#)
294. [303](#)
295. [304](#)
296. [305](#)
297. [306](#)
298. [307](#)
299. [308](#)
300. [309](#)
301. [310](#)
302. [311](#)
303. [312](#)
304. [313](#)

305. [314](#)
306. [315](#)
307. [316](#)
308. [317](#)
309. [318](#)
310. [319](#)
311. [320](#)
312. [321](#)
313. [322](#)
314. [323](#)
315. [324](#)
316. [325](#)
317. [326](#)
318. [327](#)
319. [329](#)
320. [331](#)
321. [332](#)
322. [333](#)
323. [334](#)
324. [335](#)
325. [336](#)
326. [337](#)
327. [338](#)
328. [339](#)
329. [340](#)
330. [341](#)
331. [342](#)
332. [343](#)
333. [344](#)
334. [345](#)
335. [346](#)
336. [347](#)
337. [348](#)
338. [349](#)
339. [350](#)
340. [351](#)
341. [352](#)

Cover of A Professora by Freida McFadden